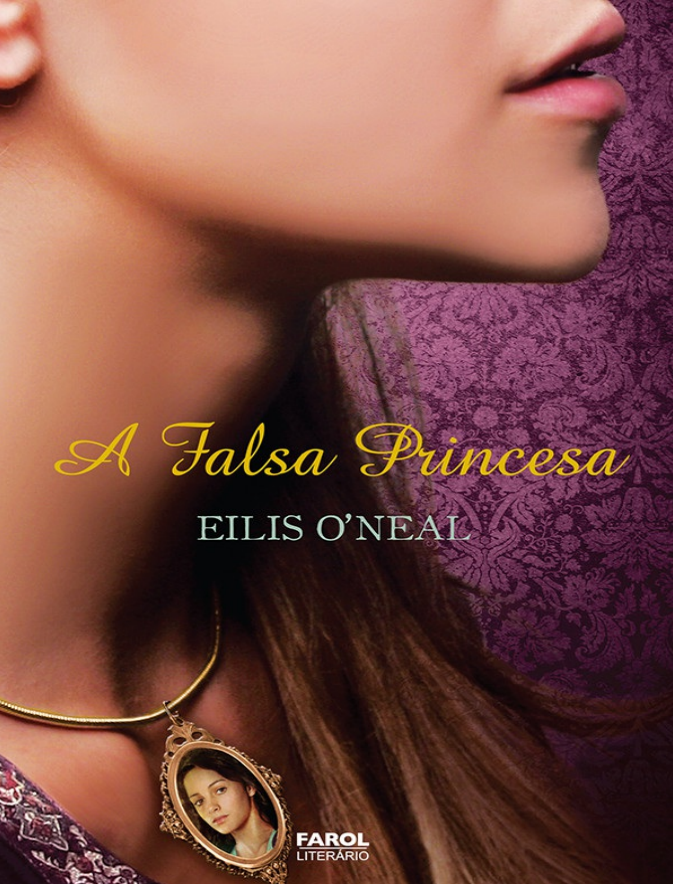




A Falsa Princesa

EILIS O'NEAL

FAROL
LITERÁRIO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





A Falsa Princesa

Eilis O'Neal



A Falsa Princesa

FAROL
LITERÁRIO

Copyright © 2011 do texto: Eilis O'Neal.

Copyright © 2011 da capa: A. Castanheira

Copyright © 2013 da edição brasileira: Farol Literário

Publicado originalmente em 2011 pela Egmont USA, 443 Park Avenue South,
Suite 806, New York, NY 10016. Todos os direitos reservados.

DIRETOR EDITORIAL: Raul Maia Junior

EDITORA: Eliana Gagliotti

ASSISTENTE EDITORIAL: Jessika Mascarenhas

TRADUÇÃO: Débora Isidoro

PREPARAÇÃO: Paula Fazzio

REVISÃO: Carmen Costa / Simone Zac

DIAGRAMAÇÃO: Claudio Tito Braghini Junior

PRODUÇÃO DIGITAL: Estúdio Editores.com

**Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do acordo da língua
portuguesa.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O'Neal, Eilis

A falsa princesa [livro eletrônico] / Eilis O'Neal; tradução [de] Débora Isidoro. –
São Paulo: Farol Literário, 2013.

ISBN 978-85-8277-030-6

1. Ficção - Inglesa. 2. Príncipes e princesas - Ficção. 3. Identidade (conceito filosófico) - ficção juvenil. 4. Magia - ficção. 5. Conspirações - ficção. I. Isidoro, Débora, trad. II. Título.

O59f CDD 823

1ª edição • Maio • 2013

Farol Literário

Uma empresa do grupo DCL – Difusão Cultural do Livro

Rua Manoel Pinto de Carvalho, 80 – Bairro Limão

02712-120 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3932-5223

www.editoradcl.com.br

Dedicatória

Eu não pude escolher apenas um.

À minha mãe,
e todos os dias no jardim.

Ao meu pai,
Que me abriu as portas para o mundo.

E para Matt,
que, assim como Kiernan, sempre soube primeiro.

Capítulo Um

No dia em que eles vieram me contar, eu estava em um dos jardins com Kiernan, tentando decifrar um mapa de trezentos anos da área do palácio. Estávamos sentados em um banco de pedra, com o delicado rolo de tecido aberto entre nós. Em vez de olhar para os jardins, porém, estávamos de frente para a muralha cinza que separava o trecho mais ao norte da propriedade das ruas de Vivaskari.

— Não pode estar lá — ele disse. — Veja, Nalia.

Ergui os olhos do mapa para ver o que o dedo de Kiernan apontava, o trecho de muralha na nossa frente. Quando conseguiu atrair minha atenção, ele pulou do banco e caminhou para o muro. Bateu com o punho nele, depois se encolheu de um jeito cômico. Eu revirei os olhos.

— Está vendo? — ele falou. — Não há nada aqui. Tem certeza, oh, princesa sábia e teimosa, está lendo o mapa corretamente?

Suspirei frustrada. Ele tinha razão. Hávamos examinado aquele trecho da muralha por mais de uma hora, procurando rachaduras ou recortes que pudessem indicar a existência de uma porta secreta, mas não encontramos nada.

— Estamos onde o mapa diz que deveríamos estar. Pelo menos onde a parte que consigo ler diz que deveríamos estar. — Passei uma das mãos pelos cabelos, soltando algumas mechas de cor castanho-escuro que caíram sobre minha nuca. — São aqueles sinais ao longo da base. Já olhei e olhei, mas não consigo encontrar nada que se aproxime deles. Não são de nenhuma linguagem moderna que eu conheça, ou mesmo de um idioma antigo. — O que era irritante, já que eu conhecia bem quatro idiomas modernos, tinha conhecimentos superficiais de outros seis, e sabia o suficiente sobre cinco línguas antigas para reconhecê-las, pelo menos. Mas aquelas... runas, e eu não conseguia pensar em palavra melhor para descrever os rabiscos, eram completamente desconcertantes. Não que eu houvesse perguntado sobre elas a alguém, nem

mesmo aos bibliotecários que deveriam ser os guardiões do mapa. Era um mistério que Kiernan e eu descobrimos, e estávamos decididos a encontrar as respostas sozinhos.

— Podem significar qualquer coisa — continuei. — Podem dizer “Faça o contrário de tudo que acabou de ler”. Afinal, a localização da Porta do Rei Kelman é secreta, supostamente.

Estávamos tentando encontrar a Porta do Rei Kelman desde a nevasca do último inverno, quando toda a cidade havia ficado presa dentro de casa por dias. Eu teria gostado de me sentar diante de uma lareira em uma das salas do palácio com um bom livro, mas Kiernan se irritava quando era impedido de sair. E como eu era sua melhor amiga, a maior parte de sua ilimitada energia havia caído sobre mim.

Então, passamos boa parte dos quatro dias da nevasca explorando o palácio, que, com mais de seiscentos anos de idade, tinha lugares interessantes em quantidade suficiente para nos manter ocupados durante quarenta dias. Kiernan gostava mais da sala de armas, onde podia examinar as que haviam sido usadas por reis e rainhas já mortos, e onde encontramos um pequeno recesso escondido na parede atrás do escudo de meu tataravô. Dentro do recesso havia uma pequena adaga, cujo tamanho não ultrapassava o da minha mão do pulso à ponta do dedo. Era simples e, como não podíamos imaginar que alguém a havia perdido durante os últimos cem anos, Kiernan ficou com ela.

Foi na biblioteca, porém, que fizemos nossa descoberta mais excitante. Após dois dias de exploração, senti uma necessidade forte, quase opressiva, de ler alguma coisa, qualquer coisa, e decidi passar pelo menos uma hora na biblioteca do palácio. Kiernan, apesar de sua grande capacidade de aprendizado e leitura, tinha pouca paciência para ficar sentado lendo. Mesmo assim, ele me acompanhou, protestando o tempo todo. Quando disse que ele não precisava ir, Kiernan apenas deu de ombros e me seguiu do mesmo jeito. Mas isso não foi estranho. Éramos melhores amigos; fazíamos tudo juntos. Ele me arrastou para situações nas quais eu nunca teria pensado em me envolver de outra forma, me tirou da concha de timidez e reserva, e eu garantia que ele lesse um livro de vez em quando.

Eu queria dar uma olhada em um livro sobre a história da magia thorvaldiana. O volume que eu queria, que cobria um período de tempo de aproximadamente quinhentos anos, mas continha teorias mágicas agora consideradas ultrapassadas, estava em uma prateleira em uma sala pequenina no fundo da biblioteca, jogado no meio de uma coleção de pergaminhos e mapas embolorados. Embora eu não tivesse nenhum poder mágico — nenhum membro da família real havia dominado a magia nos últimos quatrocentos anos —, sempre me senti fascinada pelo assunto da mesma maneira. Não que eu tivesse todo tempo que gostaria de ter para dedicar a ele; havia sempre assuntos mais prementes que uma princesa precisava estudar. Mas eu lia o que podia, mesmo quando não entendia parte do material.

Eu estava sentada à mesa embaixo de uma janela, tentando entender algumas frases mais misteriosas, quando ouvi um estrondo, olhei para cima e vi uma nuvem de poeira se projetar da pequena sala onde havia encontrado o livro. Olhei em volta, certa de que um bibliotecário iria correndo investigar, mas ninguém apareceu. Então, corri até a sala e vi Kiernan em pé no meio de uma pilha de livros e pergaminhos.

— Eu só estava olhando — ele protestou antes que eu pudesse dizer alguma coisa. — Eles caíram sozinhos!

Apontei para a pilha com cara de reprovação.

— Ajude-me a arrumar essa bagunça antes que Torvoll chegue aqui.

Torvoll era o chefe dos bibliotecários do palácio, homem de ideias muito específicas sobre como tratar os livros, mesmo os que ninguém havia tocado em anos.

Trabalhamos depressa, atentos à porta, e faltavam apenas três itens para guardar quando eu parei. Um dos pergaminhos se abriu ao cair, porque o barbante ressecado que o mantinha fechado se partiu com o impacto no chão, e alguma coisa nele atraiu meu olhar. Quando olhei mais de perto, tive que engolir uma exclamação de espanto.

— Guarde esses aí — ordenei.

Kiernan, que segurava os últimos dois livros, os empurrou sobre a prateleira.

— O que é isso?

— Direi em um minuto — resmunguei. Minhas pernas tremiam com a descoberta, e eu esperava ser capaz de sair da biblioteca sem cair ou tropeçar em alguma coisa. — Venha depressa. — Então pus o mapa, que era desenhado em um pedaço de tecido, em vez de papel, embaixo do braço e saí apressada da saleta.

— Não vai guardar aquilo ali? — Kiernan perguntou quando passamos pela mesa onde eu estivera lendo, e onde o livro permanecia aberto, mas ficou em silêncio quando o olhei carrancuda.

Paramos atrás de uma prateleira perto da entrada para deixar passar um bibliotecário, e depois saímos da sala.

Os olhos de Kiernan me seguiam; diferentemente de mim, ele quase nem precisava se concentrar em andar sem chamar atenção, experiente depois de tantas travessuras. Finalmente, depois que percorremos três corredores, ele falou de um jeito engraçado:

— Ouvi dizer que nem as princesas podiam tirar livros da biblioteca sem a permissão de Torvoll.

— *Vai mesmo* me incomodar por eu ter quebrado regras? — perguntei. Meu coração batia depressa, tanto com a excitação da descoberta, quanto com a audácia das minhas atitudes. Mas ele estava certo; eu nunca havia feito nada parecido. Era sempre Kiernan quem me metia em confusão. Eu era uma menina boa, quieta e seguidora das regras. A princesa perfeita, não fosse por minha desajeitada e, às vezes, dolorosa timidez.

Kiernan sorriu com os olhos brilhantes.

— Então, o que é isso?

Não consegui conter o sorriso que também surgiu no meu rosto.

— Acho que é um mapa da Porta do Rei Kelman.

E assim havia começado a procura. O Rei Kelman, como expliquei a Kiernan, governara durante um período tumultuado da história de Thorvaldor, uma era em que abundavam as tramas para derrubar seu governante. Então, ele orientara seu melhor mago para criar uma porta magicamente escondida nas muralhas externas do palácio, de forma que ele pudesse escapar se fosse atacado. De acordo com a escrita cifrada do mago, porém, a paz havia chegado logo após a construção da porta, que nunca fora usada. Mesmo assim, Kelman seguira sendo um homem desconfiado, e contou a poucas pessoas sobre essa passagem. Depois de sua morte, a localização da porta fora esquecida.

Agora aquele mapa, também esquecido por séculos no meio de pilhas de material indesejado na biblioteca, me dava uma dor de cabeça. Fechei os olhos contra a claridade do sol.

— É um segredo realmente bom — murmurei. — Não é de estranhar que Kelman não tenha se oposto a um de seus magos desenhar um mapa da porta, se é que ele havia tomado conhecimento disso. Ninguém conseguia ler o mapa, então, que mal podia haver nele?

— Talvez seja um código. Ou uma linguagem mágica — Kiernan sugeriu ao arrancar uma folha de grama nova e girá-la entre os dedos. Ele se apoiou relaxado ao tronco de uma grande árvore que nos dava sombra, os cabelos de um louro-escuro caindo sobre seu rosto, a imagem da nobreza ociosa.

— Talvez — admiti.

Kiernan inflou as bochechas com ar.

— *E tem certeza* de que estamos no lugar certo? Porque só tem uma rua da cidade do outro lado dessa muralha. De que adianta criar uma rota mágica de fuga se, depois de passar por ela, você ainda vai estar dentro da cidade?

— Bem, a cidade era menor quando Kelman era rei. Havia uma floresta aberta do outro lado da muralha. Mas houve um grande esforço expansionista durante o reinado de...

Eu teria continuado, mas não tive tempo para explicar mais nada, porque o som de passos sobre as pedrinhas de uma das alamedas do jardim chamou minha atenção.

Olhando por cima do ombro, vi Cornalus, o mordomo, caminhando pelo jardim em nossa direção. Cornalus era um homem idoso, com cabelos grisalhos e aparados na altura dos ombros, seguindo um estilo antiquado. Ele havia servido meu avô e meu pai como mordomo. Sempre fora muito generoso comigo, e uma de minhas memórias mais antigas era de Cornalus piscando para mim e me dando um doce discretamente durante uma cerimônia muito chata.

— Bom dia, alteza — ele disse com tom formal quando nos alcançou.

Sorri para ele. Era um sorriso contido, com os lábios próximos um do outro, não porque eu não gostasse dele, mas porque havia poucas pessoas, além de Kiernan, que conseguiam tirar de mim um sorriso largo na boca.

— Bom dia, Cornalus. — Enquanto falava, fui empurrando o mapa até escondê-lo atrás de mim, de forma que ele não visse o que era. Afinal, aquele era o nosso segredo, meu e de Kiernan.

— Seus pais solicitam sua presença no Salão de Thorvaldor — ele avisou. — E pedem que se apresente imediatamente.

Franzi o cenho e baixei os olhos. O sol era quente sobre meus ombros, eu lembraria mais tarde, e o banco de pedra era duro embaixo de mim. Um inseto listrado rastejava pela grama, parando confuso ao descobrir seu caminho bloqueado por meu pé esquerdo.

Era estranho, pensei, que meus pais quisessem me ver no Salão de Thorvaldor antes do meio-dia, e estranho que mandassem Cornalus me buscar. Normalmente, meus pais eram tão ocupados que eu passava vários dias sem vê-los, e era raro que mandassem me chamar no meio do dia. Esse era um horário

que reservavam para o trabalho de governar Thorvaldor, não para conversar com a única filha.

Quando ergui meus olhos, percebi que Kiernan e Cornalus me observavam. Então sorri, um sorriso meio tenso dessa vez, e me levantei. Olhei rapidamente para Kiernan e ele se aproximou do banco, pegou o mapa e o enrolou com movimentos casuais.

— Não sei quanto tempo passarei com meus pais — eu disse a ele. — Mas irei encontrá-lo quando a conversa acabar.

Kiernan deu de ombros e sorriu.

— Não se preocupe comigo — disse, depois se afastou, e uma melodia assobiada ficou flutuando no ar atrás de mim. Ele não teria problemas para se divertir na minha ausência, eu sabia, fosse por duas horas ou dois dias. Com seu sorriso pronto e sua sagacidade, o filho do Conde de Rithia era um favorito do palácio. Qualquer que fosse a diversão, ele estava sempre animado para participar e pronto para rir de si mesmo se não fosse bem-sucedido, e nem as inúmeras travessuras e brincadeiras feriam sua reputação. Muitos residentes do palácio, eu sabia, consideravam sua maior façanha o fato de conseguir me fazer relaxar em sua presença, eu, a princesa reclusa.

Segui Cornalus pelo jardim, obrigando-me a acompanhar seus passos lentos. Diante de nós erguia-se o palácio. As janelas e os andares superiores brilhavam ao sol da manhã. A moradia da família real thorvaldiana não havia mudado muito ao longo dos séculos, com a adição relutante de uma ala aqui ou uma torre ali. A ausência de mudanças sempre havia me confortado e, ao mesmo tempo, perturbado. Por um lado era bom pensar que meus ancestrais dormiram naquele mesmo quarto em que eu dormia; por outro, um deles não podia ter encontrado um jeito de tornar minha sala de estar um pouco mais quente no inverno? Mesmo assim, era um grande edifício, um de que eu raramente me cansava, e era minha casa.

— Temos tempo para eu parar nos meus aposentos? — perguntei quando entramos. Meu cabelo devia dar a impressão de que pássaros haviam feito um

ninho nele, já que eram necessários só alguns poucos minutos de vento para embarcá-lo, e eu havia passado a manhã toda lá fora.

Cornalus hesitou.

— Eles disseram que queriam vê-la o mais depressa possível, alteza.

Mordi a parte interna da bochecha, depois assenti.

— Tudo bem. — Mais um momento, e voltei a andar atrás de Cornalus, passando as mãos pelo cabelo quando ele não estava olhando. Sem um espelho, não podia saber se havia melhorado ou piorado a situação; minha esperança era que os cabelos estivessem sem volume, em vez de formar uma espécie de nuvem em torno da minha cabeça.

— Espere, por favor — pedi com voz suave quando chegamos à grande porta de carvalho que se abria para o Salão de Thorvaldor. Respirei fundo, alisei a frente do vestido com as mãos, ajeitei sobre meu quadril estreito o cinto feito com elos de prata, e arrumei o cabelo pela última vez. O Salão de Thorvaldor era a sala de estado, onde aconteciam as coroações, as audiências públicas e todo tipo de situação oficial. Era grande o bastante para abrigar centenas de pessoas no piso principal, e ainda havia os corredores suspensos. Se meus pais queriam me ver ali, o assunto devia ser importante. Um diplomata de Farvasee ou Wenth que chegara inesperadamente com um filho ou uma filha, talvez, um jovem que precisava de entretenimento, ou aquela questão da rixa entre duas casas nobres que discutiam de quem eram os direitos sobre várias minas no norte. Mais do que nunca, queria ter tido tempo para parar e me fazer apresentável.

Soprei o ar que estivera retendo. Não importava. Eu não podia fazer nada com relação à minha aparência agora, então teria apenas que tomar cuidado para não tropeçar enquanto caminhava pelo piso liso e percorria a longa distância até os dois tronos no fundo do Salão. Acenei com a cabeça para os dois guardas em pé dos dois lados da porta, e eles a abriram para revelar o Salão.

O Salão de Thorvaldor era longo, com teto elevado e janelas altas. Diferente do Grande Salão, onde aconteciam os banquetes, ou do Salão das Lareiras, onde os moradores do palácio podiam ler ou ouvir as últimas canções

ou poesias, o Salão de Thorvaldor raramente era aquecido. Colunas brancas separadas por espaços criavam um corredor largo que se estendia pelo piso de mármore até uma plataforma, onde havia dois grandes tronos. Sem esperar, ergui o queixo e caminhei na direção deles. Ouvi a porta ser fechada atrás de mim com um baque, e depois os passos lentos de Cornalus me seguindo.

O arrepio na nuca começou assim que a porta foi fechada. No fundo do Salão, meus pais estavam sentados em seus tronos, usando as coroas de Estado. Havia mais duas pessoas ao pé da plataforma. E não havia mais ninguém no Salão.

Engoli em seco. Estava acontecendo alguma coisa.

Reconheci as outras pessoas quando me aproximei da plataforma. O homem mais velho era Neomar Ostralus, diretor da faculdade de magia em Vivaskari e conselheiro-chefe de meu pai para assuntos mágicos. Sua aparência era exatamente aquela que se esperava para um dos magos mais poderosos do país, com sua barba grisalha, olhos escuros e penetrantes e movimentos altivos. Ao lado dele, alta e ereta, com os cabelos escuros e brilhantes presos no alto da cabeça como uma coroa, estava Melaina Harandron. Melaina era considerada a provável sucessora de Neomar, tanto na diretoria da faculdade quanto no posto de conselheira de meu pai. Ela também era da nobreza, a Baronesa de Saremarch, e era muito bonita. Ambos usavam vestes negras, indicadores de mestres de magia.

Nunca tive muito contato com nenhum deles, embora Melaina passasse uma parte do ano no palácio e Neomar o visitasse quase todos os dias. Neomar estava sempre ocupado como diretor da faculdade e conselheiro de meu pai, o que o tornava lacônico ao tratar com quase todo mundo. Eu sempre tinha a sensação de que estava tomando muito de seu tempo quando conversava com ele, como se, mesmo sendo eu a princesa, não fosse importante o bastante para ele. E Melaina tinha um jeito de olhar para mim que me fazia pensar que era capaz de enxergar dentro da minha cabeça, um olhar penetrante e fixo que me deixava um pouco nervosa. Ela era adorável, seus gestos graciosos, enganosamente lânguidos, e isso me fazia sentir ainda mais desajeitada em sua presença. De qualquer maneira, eles eram pessoas importantes, o que

intensificou o arrepio que eu sentia na nuca.

Ao passar por eles, cumprimentei os dois com movimentos de cabeça e, pelo canto do olho, vi Cornalus ir se juntar aos magos, mas dirigi toda minha atenção a meus pais.

— Altezas — disse com tom formal quando parei alguns passos antes da plataforma. Depois: — Mãe, Pai.

— Nalia — falou minha mãe. Ela não sorria, e julguei ter detectado alguma coisa em sua voz, como se estivesse presa na garganta, mas foi tão rápido que não pude ter certeza. — Temos algo para lhe dizer.

Ela olhou para meu pai, um movimento tão firme que me causou estranheza. Minha mãe era suave e um pouco insinuante, nada tinha de rápida ou dura. Meu pai abaixou a cabeça, como se estivesse se preparando para alguma coisa, e quando ergueu os olhos ele exibia o rosto do Rei, forte, firme e frio.

— Você sabe — ele começou — que, quando um filho ou filha da casa real nasce, o oráculo em Isidros anuncia uma profecia para esse bebê.

Assenti devagar. É claro que eu sabia, todo mundo sabia. O oráculo em Isidros era o canal de previsões do Deus Sem Nome. Pessoas de toda Thorvaldor e de outros lugares procuravam o oráculo em busca de orientação: às vezes, se o Deus decretasse, recebiam uma resposta. Mas para um filho da família real o Deus Sem Nome sempre enviava uma profecia antes do nascimento do bebê. Às vezes era específica, anunciando como a criança morreria ou falando de um triunfo de guerra em particular, mas, normalmente, era tudo muito genérico, de forma que o significado era discutido durante anos.

— Pode nos dizer a profecia feita para você?

Movi a cabeça numa resposta afirmativa novamente; conhecia as palavras de cor.

— Ela vai governar bem e por muito tempo. Guerra, fome ou praga não a atingirão.

Meu pai sorriu, mas era um sorriso fraco, sem nenhum conforto.

— Uma boa profecia — ele disse. — Mas falsa.

— O quê? — Minha profecia era falsa. Era isso que tinham para dizer quando mandaram me chamar?

Agora eu conseguia detectar um leve tremor na voz dele, mas meu pai continuou sem interrupções:

— Antes do nascimento, quando a Rainha ainda estava bem o bastante para viajar, fomos ao oráculo, e lá ouvimos a profecia do Deus. Mas não era a profecia que você acabou de recitar. A verdadeira profecia era sangrenta.

Meu coração disparou no peito, batia tão forte que eu quase não conseguia ouvir meu pai em meio ao zumbido em meus ouvidos.

— De acordo com o oráculo, existia uma possibilidade de a princesa morrer assassinada antes de seu décimo sexto aniversário. Não era uma certeza, mas a possibilidade era grande, tanto que, ao procurar a previsão, tudo que o oráculo viu foi sangue e a princesa morta neste salão.

Mas eu tenho dezesseis anos, pensei, atordoada, embora não conseguisse falar. Era isso que eles queriam me dizer, que agora eu estava segura?

Meu pai continuou, e ele falava cada vez mais depressa.

— Havia sido uma... concepção difícil, e um parto ainda mais complicado. Os médicos nos disseram que era improvável que a Rainha tivesse outro filho. A princesa era a única herdeira. Tínhamos que mantê-la segura a qualquer preço. Então criamos um plano.

Queria esfregar as mãos na cabeça, mas consegui mantê-las abaixadas. Por que ele falava desse jeito? *A princesa*. Como se eu não estivesse ali. E se agora eu estava segura, por que ele parecia tão sombrio?

— Depois do parto, pusemos nosso plano em prática. Poucas pessoas viram o bebê, e um recém-nascido é sempre muito parecido com outro.

Ele fez uma pausa, os olhos fixos nos meus. Quando falou novamente soava cansado, como um homem ao fim de uma longa jornada.

— Escondemos a princesa, de forma que ela permanecesse segura até depois do décimo sexto aniversário. E a substituímos por outro bebê, uma princesa falsa. Você.

Eu balancei. O Salão de Thorvaldor girou; a luz das janelas tornou-se dura e cintilante, me ofuscando. Apertei os olhos contra a claridade repentina e, então, o ambiente pareceu se modificar, sua forma conhecida mudou até eu não ter mais certeza de que o conhecia.

— O quê? — arquejei. Minha garganta estava tão fechada que o ar que passava por ela não era suficiente, eu não conseguia respirar. — Como? Eu não... eu não...

A Rainha escondera o rosto entre as mãos, e o Rei pousou uma das mãos sobre seu ombro.

— Não podíamos simplesmente mandar a princesa para longe, porque, se assim fosse, o mal previsto simplesmente a encontraria. Tínhamos que fazer parecer que ela estava aqui, morando no palácio. Foi feito um encantamento — ele explicou —, para fazer você parecer a princesa a quaisquer olhos, mágicos ou não. Você foi escolhida porque parecia provável que ficaria parecida com ela quando crescesse. Mas o encantamento deu a você o sinal de nascença que era dela, e um glamour que faria qualquer mago bisbilhoteiro acreditar que seu sangue era real. Nossa filha. Era magia forte, criada pelos mais fortes magos que viviam naquele tempo. Mas agora é hora de removê-la.

Neomar deu um passo à frente com a mão erguida. Ele não falou comigo quando aproximou a mão aberta de minha testa, seus olhos negros e intensos fixos no meu rosto.

Eu queria dizer para ele parar, mas Neomar já resmungava alguma coisa. Um encantamento, percebi, e era difícil, porque gotas de suor se formavam em sua testa enrugada.

Uma névoa dourada surgiu à minha volta, prejudicando a visão. Tentei dizer *não*, mas a palavra não se formava. A névoa dourada se iluminou de repente, e alguma coisa dentro de mim, algo que eu nem sabia que estava ali, caiu como um manto que escorrega para o chão. Então a névoa dourada desapareceu, e Neomar recuou um passo, as mãos apertando o peito.

Tremendo, estendi o braço esquerdo e o virei, voltando a palma aberta para cima.

Eu tinha a marca de nascença desde que podia lembrar. Três pequenos pontos avermelhados formando quase um triângulo na parte interna do braço, logo abaixo da dobra do cotovelo. Diante dos meus olhos, as marcas foram se apagando lentamente, até restar apenas a pele imaculada.

— É um truque — falei, mas a voz soou fraca.

— Sim, era — disse o Rei. — Mas um truque para enganar o mundo. E para isso ele precisava enganar você também. — Seu rosto suavizou por um momento, e senti a urgência de correr para ele, como fazia na infância. Mas em seguida sua expressão se fechou, tornou-se o rosto do Rei, não do meu pai.

— Quem sabia? — perguntei em voz baixa.

— Pouca gente, o mínimo possível. — Ele apontou os dois magos. Neomar ainda respirava arfante, Melaina segurava seu braço preocupada, mas ele ergueu os olhos ao ouvir as palavras do Rei. — Procuramos Neomar, mas o plano foi criado por Melaina. Ela já era talentosa naquela época. Eles e Flavian, chefe dos bibliotecários da faculdade e grande mago, criaram o encantamento e o lançaram. Um deles renovava o encantamento em intervalos de alguns anos, quando este enfraquecia, e depois removia sua lembrança dessa renovação. Desde que Flavian morreu, há sete anos, Neomar e Melaina são os únicos que sabem. Eram, até agora. Cornalus só descobriu hoje.

— E a... — parei, incapaz de concluir a frase, dizer o nome que pensava ser meu.

O Rei parecia saber o que eu ia dizer.

— Nalia foi criada em um convento longe daqui. Melaina a levou para lá alguns dias depois do nascimento. Ela sempre acreditou que era órfã, mas com um patrono nobre. As irmãs do convento não sabiam da verdade. Ela recebeu uma educação de nobre, foi ensinada como uma princesa teria sido. E foi informada de que um dia viria para a corte, como desejava seu patrono. Era mais seguro que ela não soubesse.

— Você a tem visto? Vai visitá-la?

O Rei fechou os olhos.

— Não. Melaina e Neomar foram vê-la algumas vezes. De anos em anos, um deles ia ao convento disfarçado de mágico, e assim renovava o encantamento nela e depois apagava sua memória. Mas não vemos nossa filha desde que ela nasceu.

Nossa filha, eu pensei. E ele a chamara de Nalia.

Sentia-me cansada, mais cansada do que jamais estivera em toda minha vida, tanto que era difícil manter a cabeça erguida e ainda mais difícil formular a próxima pergunta.

— Quem sou eu? Se não sou ela, então quem eu sou?

— Melaina a encontrou. Ela usou a vidência por um dia, procurando o bebê certo. Seu pai era tecelão na cidade. Nós o chamamos aqui e contamos nosso plano. Ele nos entregou você de bom grado, e depois Neomar alterou sua memória, fazendo-o acreditar que o bebê havia morrido. — Ao ouvir meu gemido chorado, ele continuou com uma atitude meio defensiva: — Foi mais seguro assim. Quanto menos gente soubesse...

— E minha mãe? — A pergunta soou baixa. — Ela também abriu mão de mim?

O Rei balançou a cabeça.

— Ele não mencionou a esposa.

Apertei entre as mãos a saia do meu vestido. Era demais, muita coisa para compreender.

— Ele ainda está vivo?

Mais uma vez, a tristeza passou como um *flash* pelo rosto do Rei.

— Não. Ele morreu há alguns anos na casa da irmã em Treb.

A luz que entrava pelas janelas me oprimia, tão clara e brilhante quanto diamantes. *Estou sozinha*, pensei, olhando em volta pelo Salão. *Tudo isso, toda a minha vida, tudo havia sido um sonho. E estava chegando ao fim.*

— Qual é meu nome? — perguntei.

Pela primeira vez, a Rainha se moveu e levantou a cabeça para olhar para mim.

— Sinda — ela falou com voz fraca. — Ele disse que seu nome era Sinda.

— Sinda — sussurrei. Esperei a palavra fazer algum sentido, preencher o espaço que ficou vazio quando a névoa dourada se dissipou.

Mas o nome apenas desapareceu, não preencheu nada, perdeu-se no amplo Salão de Thorvaldor.

Capítulo Dois

Estava diante da janela do quarto que não era mais meu. Lá embaixo, duas damas da Rainha andavam por um dos jardins formais, seus três filhos correndo de um lado para o outro pelas alamedas. Uma das damas parou para falar com um homem jovem que usava as vestes verdes de um mago noviço — talvez um nobre, um aluno da faculdade que estava ali visitando os pais. Ainda era agradável lá fora, eu sabia. Se encostasse a mão à vidraça da janela, sentia o calor passando pelo vidro. Mas ali dentro eu sentia frio, tanto frio que acreditava que poderia quebrar, se me movesse depressa demais.

Havia acontecido uma reunião com todos os conselheiros do Rei e todos os nobres do alto escalão presentes no palácio. Eu havia permanecido ao lado do Rei enquanto ele explicava a verdadeira profecia para as pessoas reunidas no Salão. Estendera o braço para mostrar que a marca de nascença havia desaparecido, e me ouvira dizer que não era a princesa em meio a exclamações abafadas de choque. Depois, eu havia sido dispensada. Quando saía do Salão, eu ouvira o Rei dizer que Nalia chegaria naquela tarde.

Havia doído; aquilo me surpreendera. Durante aquela hora que havia levado para reunir o conselho e os nobres no Salão para a revelação, eu havia pensado que não podia sentir mais dor do que já estava sentindo. Meu peito estava apertado, como se fosse espremido entre duas mãos gigantescas, e meus olhos ardiam com as lágrimas que eu tentava conter. De repente nada podia me fazer sentir pior, mais perdida e sozinha, do que eu já me sentia. Mas havia doído ainda mais ficar em pé diante daquela gente e ouvir o homem que eu pensara ser meu pai me tirar o nome.

Lá fora, a mulher que falava com o mago de vestes verdes riu. Eu não conseguia ouvir, mas podia imaginar como sua voz soava leve e despreocupada. A dor que eu havia sentido no Salão diminuía para um torpor silencioso, e agora era como se eu me movesse pelo mundo envolta em lã grossa. Pensei que nunca mais ficaria em pé naquele lugar. Nunca caminharia pelos jardins, nem comeria

à mesa com Kiernan, nem dormiria em minha cama.

Eu tinha que ir embora. Meu pai — não, o Rei, eu lembrei — havia explicado que não devia haver nenhuma confusão quando Nalia chegasse. Então, tenho que ir. Minha tia ainda vivia em Treb, e eu podia ir morar com ela. Seria rápido e preciso, como amputar um membro, porque assim a ferida cicatrizaria mais depressa, ele havia dito.

Alguém bateu na porta e eu me assustei, e o sobressalto me fez bater uma das mãos no parapeito da janela.

— Entre — falei quando consegui destrancar os dentes, e um momento depois duas criadas que eu quase nem reconheci entraram no quarto.

— Viemos ajudá-la com a bagagem, milady — disse uma delas.

Era a mais velha da dupla, com cabelos pretos entremeados por fios brancos, e ela falava com objetividade. A segunda, mais jovem, me encarava com os olhos bem abertos. Normalmente, minhas próprias amas teriam me ajudado com os preparativos para a jornada. Mas agora nada era normal, e elas provavelmente se preparavam para a chegada da verdadeira Nalia.

— Não sou lady de ninguém — respondi. — Não mais.

A primeira mulher assentiu, mas vi passar por seu rosto uma expressão preocupada.

— Como quiser, senhorita. — Ela olhou de maneira significativa para a mulher mais jovem, e as duas começaram a trabalhar, recolhendo algumas de minhas roupas mais simples e guardando em um baú.

Minha mão ainda doía muito, eu percebi enquanto as observava, e usei a outra para massageá-la. *Nunca fui muito como uma princesa*, pensei. Sempre fui muito tímida, muito desajeitada, muito desprovida de verniz social. Mais confortável na biblioteca do que em um banquete, muito propensa a tropeçar ao descer uma escada ou bater com a canela ao me levantar de uma cadeira. Meu cabelo está sempre desarrumado, meus olhos e meus dedos estão sempre

cobertos de tinta. *Uma verdadeira princesa não seria assim. Eu devia saber. Devia ter imaginado.*

Elas levaram um tempo surpreendentemente pequeno para embalar todas as coisas que eu poderia levar. Quando terminaram, as mulheres pegaram o baú, acenaram para mim com a cabeça e saíram. Como elas não haviam indicado que eu devia segui-las, fiquei onde estava, olhando pela janela. Depois de um tempo ouvi novamente batidas na porta. Quando fui abrir, me surpreendi ao ver Cornalus do outro lado.

— É hora de ir — ele anunciou simplesmente. Apoiava-se a uma bengala alta, mas não a usava quando havia ido me buscar no jardim naquela manhã.

Eu assenti, dei uma última olhada em meu quarto e saí para o corredor.

Sabia que os boatos viajavam depressa no palácio, mas não havia percebido com que velocidade. Antes era Kiernan quem deixava o rastro de rumores, não eu. Mas, aparentemente, não havia ninguém que não soubesse que eu não era mais a princesa. Todos os pares de olhos se voltavam na minha direção quando eu me aproximava, e quando eu passava os cochichos começavam. Isso fazia meu rosto queimar, mas ergui o queixo, rangi os dentes e segui em frente com Cornalus.

Só hesitei quando passamos por uma janela de onde era possível ver a grande entrada do palácio. Quando passamos por ali, olhei para fora para ver pela última vez a grande calçada de pedra que se estendia desde a entrada, além dos portões, até a escada larga na porta do palácio. Ao pé da escada, o Rei e a Rainha esperavam. Vi uma elegante carruagem puxada por quatro cavalos brancos se aproximando. O condutor parou os animais, e depois um laçao se aproximou para abrir a porta da carruagem.

Dela saiu uma menina. A recém-chegada usava um vestido vermelho, e os cabelos escuros caíam soltos sobre suas costas. Ela se movia com suavidade e graça, como um cervo saindo da floresta. A jovem parou por um momento, o Rei e a Rainha caminharam em sua direção com as mãos estendidas. Ela se virou para oferecer as mãos a eles, e pude ver seu rosto rapidamente.

Ela é parecida comigo, pensei. Então, Nalia sorriu de alguma coisa que a Rainha disse. Era um sorriso fácil, um sorriso frequente, um sorriso que aparecia simplesmente porque sorrir a fazia feliz. Na janela, comprimi os lábios e cobri a boca com a mão num gesto instintivo.

Não. Eu sou parecida com ela.

Do lado de fora, o Rei e a Rainha conduziram Nalia para as portas do palácio, onde desapareceram. A carruagem partiu, deixando vazio o espaço onde antes estivera a família. A dor em meu peito voltou a pulsar devagar, mas com intensidade crescente, se espalhando do peito por todo meu corpo. Só quando Cornalus tocou meu braço com delicadeza eu me movi.

Minha carruagem esperava por mim no estábulo do palácio. Era um veículo simples, limpo e prático, muito diferente da carruagem dourada que trouxera a princesa do convento onde ela havia morado até então. O baú com meus pertences havia sido acomodado na parte de trás.

— Milady — disse Cornalus, e apesar do zumbido em meus ouvidos eu podia ouvir o tremor na voz dele. — Sinto muito, muito mesmo. Eu não sabia, e aconteceu tudo muito rápido para um homem velho como eu. Queria... — Ele engoliu o ar. — Fui orientado a lhe dar isto — disse, entregando-me uma bolsinha de veludo que tilintou quanto a peguei. — E isto é para sua tia. — Uma carta escrita em papel grosso e selada com o sinete do Rei; eu a peguei também.

— A Rainha me pediu para lhe dizer... — Ele parecia estar procurando as palavras certas, e seus olhos transbordavam piedade. — Ela vai rezar por você para o Deus Sem Nome. Todos os dias.

Imaginei por um momento a Rainha ajoelhada diante do pequeno altar em seus aposentos, como tantas vezes a vira. Mas a imagem foi imediatamente substituída por outra, a Rainha recebendo Nalia na escada do palácio, e não consegui responder por causa do nó que fechou repentinamente minha garganta.

Ele balançou a cabeça com vigor.

— Tenho uma neta da sua idade. Ela nunca esteve na corte, mas você

sempre me lembrou dela. Se soubesse, teria tentado poupar você desse sofrimento — falou. — De algum jeito...

Um pequeno gesto de conforto, e parte de mim queria se agarrar a ele com toda força, mas era muito pouco, e muito tarde. Apenas virei o rosto, pois não queria que Cornalus visse minha reação.

Eu devia estar chorando, pensei enquanto olhava para o palácio. O vento ganhou força, batendo as saias contra minhas pernas e soprando cabelo nos meus olhos. Nuvens se aglomeravam no céu, encobrendo a luz radiante do sol.

Fiquei ali por um longo momento, esperando, embora não soubesse o que esperava. Romper em lágrimas, talvez, ou despertar do horrível pesadelo que me perseguia. Mas eu não acordava e minhas faces continuavam secas, só uma menina à sombra de um imenso palácio.

Não havia mais nada a fazer. Assenti para Cornalus e aceitei sua mão para subir na carruagem.

— Leve-a a Treb — Ouvi Cornalus dizer ao condutor enquanto me arranjava no assento com cautela. — A tia dela é tintureira lá. — Houve uma breve pausa, depois: — Mantenha-a segura.

O motorista estalou as rédeas e a carruagem arrancou. Aproximando o máximo possível meu rosto da janela de vidro, preparei-me para olhar pela última vez para minha casa. E foi então que ouvi uma voz conhecida gritando:

— Nalia! Nalia!

Kiernan apareceu ao lado do estábulo correndo para a carruagem, balançando os braços para fazê-la parar. Mas os cavalos já haviam começado o trote, e nem mesmo com suas longas pernas Kiernan conseguiu alcançá-los. Eu o vi parar cambaleando, respirando com dificuldade, as mãos apoiadas sobre os joelhos.

— Nalia — ele chamou pela última vez, mas a carruagem não parou.

Levantei a mão para bater na divisória e pedir ao condutor para parar, mas, um instante antes de minha mão tocar no vidro, eu a deixei cair. Ele havia chamado Nalia, a menina que pensava ser a princesa.

Nunca fui Nalia. Eles apenas me chamavam pelo nome dela.

Deixei-me cair contra o encosto, pesada e cansada. A carruagem passou pela muralha externa do palácio para Vivaskari, e só então eu comecei a chorar.

Era noite alta quando chegamos a Treb e, com os olhos acostumados às luzes da cidade de Vivaskari, eu mal conseguia enxergar minha nova casa quando a carruagem entrou no pequeno vilarejo.

Havia parado de chorar pouco depois de sair do palácio. Desde que era uma menininha, nunca fui muito chorona. Uma princesa, eu pensava, precisava ter compostura. De fato, eu duvidava que alguém além de Kiernan houvesse me visto chorar desde os sete anos de idade.

Meu estômago se comprimiu quando lembrei como havia visto Kiernan pela última vez, as mãos dele apoiadas nos joelhos, o rosto vermelho pelo esforço da corrida. Depois bani da cabeça esse pensamento, sentindo a garganta fechada.

Havia tentado rezar quando parei de chorar, mas meus pensamentos insistiam em se desviar do Deus Sem Nome e voltar a Kiernan, ou àqueles que um dia foram meus pais, ou simplesmente para uma espécie de vazio, um nada.

Finalmente, porém, a carruagem parou, e quando meus pensamentos confusos foram interrompidos, ouvi o condutor dizer:

— Aqui é Treb?

— Sim. — A voz vinha do lado direito da carruagem, e eu escorreguei pelo banco para chegar mais perto da janela. O dono da voz era um homem velho com um cachimbo na boca, apoiado à parede do que deveria ser uma oficina de ferrador.

— Estamos procurando a casa da tintureira. Pode nos dizer onde fica?

O homem inclinou a cabeça para indicar que devíamos seguir em frente.

— Como eu disse ao mensageiro hoje à tarde. A casa Azaway fica à esquerda, tem um canteiro de flores na frente. — Ele deu uma baforada no cachimbo, depois acrescentou: — É meio estranho tanta gente elegante procurando Varil no mesmo dia.

O condutor jogou uma moeda para o homem, que estendeu a mão com agilidade surpreendente para pegá-la. Quando a carruagem voltou a se mover, eu me recostei no banco com o coração disparado. Varil... Esse devia ser o nome de... minha tia. Era estranho pensar que eu tinha uma tia, porque o Rei e a Rainha não tinham irmãos vivos. Ela devia estar me esperando; o velho mencionara um mensageiro, que podia ter chegado a Treb muito antes da carruagem.

Eu quase nem tive tempo para passar a mão nervosa pelo cabelo antes de a carruagem parar novamente, dessa vez diante de uma pequena casa. Ouvi o laçao descer da parte de trás do veículo, depois o vi percorrer a alameda curta que atravessava o jardim plantado na frente da casa. Ele só havia dado alguns passos, porém, quando a porta do chalé se abriu e uma mulher apareceu com uma lamparina na mão. O laçao parou, aparentemente surpreso, depois correu de volta à carruagem. Meu coração bateu ainda mais depressa, se é que isso era possível, quando ele estendeu a mão para a maçaneta da porta.

— Sua Alteza... — ele parou, e seu rosto ficou tão vermelho que pude ver o rubor na penumbra. — Quero dizer, milady, chegamos.

— Obrigada — falei ao descer da carruagem. O peso da escuridão parecia me oprimir, e embora parte de mim quisesse correr para a luz do chalé, outra parte também queria correr o mais depressa possível na outra direção. Mas respirei fundo e imaginei-me caminhando pelo Salão — não o de Thorvaldor, porque isso era doloroso demais, mas pelo Grande Salão, com todos os olhos voltados para mim. Isso me ajudou a levantar a cabeça e pôr um pé diante do outro lentamente, percorrer a alameda até o chalé.

Minha tia era uma mulher alta, magra e de ossos angulosos. Seus cabelos eram castanho-claros com mechas grisalhas, e o nariz era comprido e fino. Eu

não via muito de mim nela. Nós nos estudamos por um momento, depois ela exalou um sopro de ar pelo nariz.

— Você é parecida com ela — disse. — Sua mãe.

Mentalmente, vi a Rainha, que era toda suavidade e graça, enquanto eu sempre havia sido pequena e morena.

Como se pudesse ler meus pensamentos, minha tia comprimiu os lábios.

— Estou falando de sua verdadeira mãe — disse com tom seco; sua voz me fez lembrar juncos batendo uns contra os outros.

— Espero... — Umedeci os lábios com a língua. — Espero não ter causado um grande inconveniente. Parece que é minha única parenta viva, e eles não conseguiram pensar em outro lugar para onde me mandar.

Minha tia olhou para mim por um longo instante, depois disse com tom ríspido para o laçao:

— Traga as coisas dela, se houver alguma coisa. — Depois, para mim: — Bem, você também, é melhor entrar.

Ela se virou, a luz da lanterna foi repentinamente escondida por seu corpo, e eu a segui, desejando qualquer centelha de luz que pudesse encontrar para banir a escuridão.

Acordei na manhã seguinte sabendo exatamente onde estava. Não tive nenhum momento de confusão, nem por um segundo pensei estar ainda em minha cama no palácio. Antes mesmo de abrir os olhos, eu sabia o que havia acontecido e onde eu estava. O que não sabia era quem eu era.

Sinda, pensei na escuridão de olhos fechados. Soava duro dentro de minha cabeça, sem a fluidez do meu... do nome da princesa. Mas agora esse era meu nome, o único que eu tinha, lembrei antes de ranger os dentes e abrir os olhos.

Estava deitada em uma cama estreita, sobre um colchão desbotado recheado com palha, embaixo de um cobertor tingido de um vermelho brilhante.

Além da cama, o quarto pequeno continha apenas uma banquetela velha sobre a qual havia uma bacia rasa com água. O baú com as minhas coisas estava em um canto e, em cima dele, eu vi o vestido que havia tirado na noite anterior. Longas faixas de luz penetravam pelas frestas da pequena janela fechada. Eu me levantei esfregando os olhos e caminhei cambaleante até meu baú. O vestido que havia usado no dia anterior não estava sujo, por isso o vesti sobre a camisola. Era um dos vestidos mais simples que eu tinha, mas raramente me vestia sem a ajuda de pelo menos uma de minhas amas, e levei algum tempo para ajeitá-lo como era correto. Felizmente, os sapatos só requisitavam que eu enfiasse os pés neles, não tinham fivelas ou laços, e não tive dificuldade para calçá-los. Ergui os ombros, sem saber se me sentia orgulhosa ou frustrada com minha capacidade de vestir as próprias roupas, e foi então que notei mais alguma coisa sobre o baú.

Era a bolsinha que Cornalus me dera no dia anterior, ao lado da carta para minha tia; eu não havia examinado seu conteúdo nem uma vez na jornada de Vivaskari a Treb. Agora, deixando a carta sobre a cama, peguei a bolsa e a pesei em minha mão antes de puxar os cordões que a mantinham fechada e abri-la.

Ouro. Uma pequena pilha de moedas de ouro cintilava dentro da bolsa.

De repente meu peito ficou apertado, como se as mãos fantasmagóricas de ontem agora apertassem com força minha barriga. Olhei para as moedas por mais um instante enquanto tentava lembrar como respirar, antes de abrir meu baú e jogar a bolsinha no canto mais profundo. Fechei a tampa com força e dei as costas para o baú, envolvendo minha cintura com os braços.

Emoções conflitantes me invadiam, e eu não sabia o que sentir. Raiva por eles terem considerado adequado me pagar por “serviços” prestados à coroa. Humilhação por eles terem decidido que dezesseis anos da minha vida valiam tão pouco. Porque o dinheiro que enchia a bolsa não era muito. O suficiente para impressionar uma mulher comum, talvez, mas eu já havia sido uma princesa, e acreditava saber até quando aquele dinheiro poderia durar. Teria sido o suficiente para me manter durante um ano, se minha tia não me houvesse acolhido, o suficiente para garantir a comida, mas não o bastante para eu causar problemas, se quisesse.

Foi esse pensamento que clareou minhas ideias. Eu conhecia os problemas que um pretendente à coroa podia causar. Thorvaldor quase havia sido devastada pela guerra quatro gerações atrás, quando um filho do Rei decidira que era melhor candidato ao trono do que a irmã mais velha. Se aqueles que um dia haviam sido meus pais sentiram a necessidade de proteger sua verdadeira filha certificando-se de que eu não tivesse recursos para começar uma rebelião, eu entendia. Talvez tivesse feito a mesma coisa, se ainda vivesse no palácio. Doía, sim, mas talvez o propósito fosse apenas proteger Nalia do perigo, não magoar Sinda. Sim. Eu me forcei a respirar com calma. Era isso que eu ia pensar.

Tive um momento de dúvida, não sabia se devia dar o dinheiro a minha tia. Afinal, ela me acolhera, quando podia ter me rejeitado. E pelo que eu vira de Treb na noite passada, até mesmo essa modesta quantia seria um presente generoso. Mas alguma coisa me impediu de ir até o baú e pegar a bolsa de moedas. Ainda tinha a carta do Rei, e não sabia o que ela dizia. Talvez fosse um presente para ela, alguma coisa para compensá-la pelo inconveniente de terem deixado em sua porta uma parenta desconhecida e inesperada na noite passada. Olhei para o baú, torcendo as mãos antes de pegar a carta e abrir a porta do quarto.

Mesmo atordoada como estava na noite anterior, eu havia notado que a casa tinha três pequenos cômodos — um aposento central, ocupado basicamente pela cozinha e por uma lareira, e mais dois quartos. Tia Varil não estava na cozinha, e o quarto em que eu não havia dormido estava fechado. Não tive coragem de espiar lá dentro. Kiernan teria olhado, é claro.

Não. Balancei a cabeça, me envolvendo com os braços. Não ia pensar em Kiernan.

Então fiquei ali parada, sem saber o que fazer, e lá estava quando a porta se abriu e tia Varil entrou, os braços verdes até a altura dos cotovelos.

— Estava trabalhando lá nos fundos — ela disse como forma de cumprimento. Minha tia se aproximou da lareira, onde havia uma grande vasilha com água, e mergulhou os braços nela, esfregando-os furiosamente. Porém, quando os tirou da água, eu não tive certeza de que a cor havia desaparecido.

Ela me estudou por um momento, os olhos atentos examinando tudo que havia entre meus sapatos e meu rosto. Baixei os olhos com o rosto queimando, e me lembrei da carta em minha mão.

— Isto é para você — consegui falar, e entreguei a carta.

Tia Varil a pegou com a mão esverdeada e rompeu o lacre. Ela continuou em pé enquanto lia, depois jogou o papel sobre a mesa.

— Sabe o que diz? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— O Rei me concede o direito de ir à Floresta Real por cinco dias de cada ano, para procurar plantas às quais talvez eu não tenha acesso. Suponho que seja uma recompensa por eu ter aceitado você.

Fiquei ainda mais vermelha e me obriguei a encará-la. Um gesto de gratidão, ou um presente para amenizar a culpa, como o dinheiro que me haviam dado? Pagamento pelo fardo que haviam jogado em seu colo? Isso me fez desejar encolher de vergonha. Mesmo assim, tentaria ver o lado bom da situação, como havia feito com meu “presente”. Afinal, a Floresta Real, que ficava ao norte de Vivaskari, era reservada apenas para a família real. Ninguém mais podia caçar animais ou colher plantas ali.

— É muita bondade deles, não?

Tia Varil bufou.

— Seria, se eu tivesse recursos para ir à capital um dia por ano, pelo menos. Mas não tenho. Ou se pensasse que lá crescem plantas que não crescem aqui. O que não penso. — Ela deu de ombros com um suspiro. — Não importa, não espero que reis saibam muito sobre o que ajudaria gente como eu. Nem eles se importam muito.

Eu queria protestar, dizer que o Rei e a Rainha se importavam, mas as palavras não vinham, só a imagem dos soberanos mandando embora a própria filha bebê e aceitando outra, uma plebeia para, talvez, morrer no lugar dela. Isso,

e uma sensação persistente e desconfortável de que talvez, em algum nível, minha tia estivesse certa.

— Deve estar com fome — ela falou de repente, e compreendi que o assunto do presente havia sido encerrado. — Não é nada como o que costumava comer, mas tem pão e queijo em cima da mesa.

Ela estava certa; não era o que eu costumava comer. Mas sorri cautelosa — meu rosto não lembrava como completar o movimento — e assenti.

— Obrigada. Estou com fome.

Havia duas cadeiras perto da pequena mesa, e nós nos acomodamos nelas. Comecei a comer, e tia Varil me olhava como alguém que observasse um animal estranho capturado recentemente.

— Bom, precisamos ver se alguém tem uma cama para emprestar — ela falou. — Talvez Alva Mastrom. A filha dela se casou e mudou recentemente para Greenwater com o marido.

Assustada, olhei involuntariamente para a porta do outro quarto, que presumira ser o de tia Varil. Só então notei o cobertor dobrado sobre uma cadeira ao lado da lareira. Senti o calor dominando meu rosto e soube que devia estar vermelha de novo. Havia dormido na cama de tia Varil na noite passada, percebi constrangida, e ela dormira no chão.

— Vai ficar apertado lá dentro com duas camas, mas não creio que caibamos as duas em uma só — ela continuou. — Mas podemos encontrar uma maior, é claro. E algumas roupas, botas. Não vai conseguir fazer muita coisa com isso aí.

Olhei para baixo, para o tecido azul do meu vestido. Momentos antes eu havia pensado que ele era simples, mas agora, comparando-o ao que minha tia usava, percebi que ele devia parecer extravagante.

Tia Varil ainda olhava para mim com grande intensidade.

— O que nos remete à questão: o que sabe fazer?

Mastiguei o pedaço de queijo em minha boca, tentando pensar.

— Sei falar quatro idiomas — disse devagar. — Sei bordar e pintar.

Conheço bem a história e os costumes thorvaldianos, e também matemática e teorias de guerra. Meus tutores dizem que tenho boa caligrafia... — Parei. Havia outras coisas, mas duvidava que as complexidades dos cumprimentos Wenthi ou uma dúzia de estilos de dança farvaseeana fossem muito úteis ali. — Estou disposta a aprender — falei finalmente. — Eu não... não sei tingir ou cozinhar, mas posso aprender.

— Vai ter que aprender — tia Varil disse sem alegria. — O verão se aproxima, e essa é a época mais movimentada do ano para mim, porque é quando tudo cresce. Tenho que colher material suficiente para me manter ocupada no inverno. Você é velha para ser aprendiz, mas não há nada a fazer sobre isso. Vai ter que ganhar seu sustento. Não posso alimentar alguém que não trabalha.

— Eu disse que vou fazer o melhor possível — anunciei um pouco tensa.

— Muito bem. Então, vamos até a casa de Alva ver se a filha dela deixou algumas roupas.

O vilarejo era tão pequeno e humilde quanto havia parecido da janela da carruagem na noite anterior. Uma única rua de terra cortava o centro da cidade e continuava até encontrar a estrada para Vivaskari. Treb devia ter cerca de vinte casas, uma hospedaria com dois quartos que eram alugados para viajantes de passagem por ali, um pequeno templo para o Deus Sem Nome, uma lojinha que vendia as poucas coisas que não eram feitas pelos habitantes do vilarejo ou compradas de vendedores ambulantes. Sobre a loja havia um apartamento maior que muitas daquelas casas, e deduzi que os proprietários moravam lá. Algumas fazendas podiam ser vistas ao longe, com a floresta como cenário de fundo, mas todas as casinhas do vilarejo tinham seus jardins ou cercados para cabras ou porcos.

Como tia Varil, as pessoas de Treb pareciam estar acordadas havia horas. Eu ouvia o ruído das batidas de metal contra metal dentro da casa do ferreiro, e

em muitos jardins havia mulheres limpando o mato ou cuidando das plantas. Várias crianças apareceram correndo na nossa frente quando saímos do jardim que contornava a frente e as laterais da casa. Três delas teriam passado sem sequer olhar para nós, mas uma, uma menina pequena e loira com o rosto sujo, reduziu a velocidade para acenar para tia Varil. Quando ela me viu, porém, parou tão de repente que um de seus amigos bateu em suas costas.

A menina olhou para nós, depois, de repente, virou e correu pela rua com os outros atrás dela.

— Mamãe! — ela gritava. — Mamãe! Tem uma menina na casa da senhora Azaway!

Tia Varil franziu o cenho.

— Bem, é isso — ela falou. — Ao meio-dia todo o vilarejo vai saber que você está aqui. — Ela deixou escapar um suspiro pesado.

— Isso é ruim? — perguntei hesitante.

Ela me olhou por cima de seu grande nariz.

— É falatório — disse finalmente. — Não gosto de falatório. Já houve muita fofoca depois que seu pai fugiu... — Ela se interrompeu e balançou a cabeça, como se estivesse se censurando.

Eu não consegui me conter.

— Depois que meu pai o quê? — Senti uma coisa estranha dentro de mim, uma vontade de saber alguma coisa, qualquer coisa, sobre o homem que desistira de mim. Ao mesmo tempo, eu não queria ter nada a ver com ele, como se evitando esse conhecimento eu pudesse continuar sendo eu mesma, quem havia sido, por mais algum tempo.

— Não importa — disse tia Varil com a voz tensa. Ela comprimiu os lábios e seguiu pela rua, tão rápida que tive que correr para acompanhá-la. Enquanto andávamos, eu sentia olhares fixos em mim, pessoas que paravam para me olhar. Cochichos nos seguiam quando passávamos, fazendo meu rosto ficar

quente, mas Varil mantinha o queixo erguido e ignorava tudo. Pelo menos esse gesto eu reconhecia.

A casa de Alva ficava depois do chalé de tia Varil. Tia Varil não se deu o trabalho de bater na porta, entrando e se dirigindo confiante a uma pequena horta, onde uma mulher atacava o solo com uma enxada.

— Bom dia, Alva — falou tia Varil.

A mulher parou e se apoiou à enxada.

— Bom dia, Varil. O que a traz... — Ela se calou quando me viu, seus olhos apertados estudando meu vestido. — Quem é essa? — perguntou.

— Minha sobrinha.

Alva umedeceu os lábios.

— Ardin contou que uma bela carruagem passou por aqui ontem à noite procurando sua casa. Achei que ele havia bebido canecas demais no Hollyhock. Mas aqui está ela, e nós nunca soubemos nem que você tinha uma sobrinha.

Tia Varil parecia ainda mais severa que de costume quando disse:

— É uma longa história, e a fofoca corre depressa. Tenho certeza de que a ouvirá em breve. Mas, por enquanto, a menina veio... da capital. Estamos procurando uma cama extra, e algumas outras coisas. Ela não está habituada à vida no campo, e suas roupas... — Mais uma breve pausa. — Pensei que sua filha podia ter deixado alguma coisa quando se casou. Acho que elas têm o mesmo tamanho.

Os olhos de Alva me analisaram outra vez, agora com uma expressão calculista.

— Pode ser. E a família do marido de Saree, bem, eles são donos de uma alfaiataria em Greenwater. Deram para ela quatro vestidos novos como presente de casamento, então, sim, ela deixou algumas coisas velhas quando foi embora. Estava pensando em cortá-las para a menina de Neda, mas se precisa delas... —

E parou, como se estivesse incomodada. Depois olhou para mim. — É claro, não é nada parecido com o que você está vestindo agora. É tudo simples, se entende o que quero dizer.

Eu não tinha certeza de que entendia, mas assenti da mesma maneira. Minhas roupas pareciam ser tão diferentes que faziam parar as crianças na rua; eu não me incomodaria se Alva me desse um saco de batatas para vestir, desde que parassem de olhar para mim.

Os vestidos eram tão simples quanto ela dissera — um deles era azul e desbotado, o outro parecia ter sido verde algum dia. Havia sido muito remendados, era evidente. Mas não chamavam atenção, e isso era tudo com que eu me importava quando escolhi o vestido azul e o vesti. Deixamos a casa de Alva com um pedaço do meu passado pendurado em meu braço, e quando chegamos em casa eu dobrei o antigo vestido e o guardei no baú com minhas coisas.

Enquanto alisava o tecido, senti o pânico crescendo dentro de mim, minha garganta tão apertada que eu tinha que me esforçar muito para engolir. Quando fechasse o baú, seria real. Eu seria Sinda Azaway, de todas as maneiras que os olhos poderiam ver. Mas o que eu sabia sobre ser Sinda, exceto que ela vivia em um pequeno vilarejo remoto e usava vestidos que haviam sido de outra garota?

Minha mão pairou sobre a tampa do baú, e notei que ela tremia. Por um momento insano, pensei em fugir, de forma que fechar aquela tampa tivesse outro significado — o início de alguma coisa, em vez de ser o fim. Mas para onde eu iria, e o que faria quando chegasse lá?

Fechei os olhos, algumas lágrimas escorreram por minhas faces, e eu cerrei a tampa às cegas.

Eu sabia que poderia ficar em Treb com a tia Varil. Tentaria construir uma vida ali. Afinal, de que adiantaria fugir, quando o que eu realmente queria era fugir de mim mesma?

Capítulo Três

Assim começou minha vida em Treb, uma vida que, em muitos aspectos, eu estava completamente despreparada para viver.

Os primeiros dias passaram confusos enquanto eu me esforçava para abrir caminho através da névoa de exaustão e choque que me envolvia sempre, desde que eu acordava até a hora em que ia dormir. Eu me levantava de manhã da cama estreita que conseguimos encontrar e enfiar no quarto ao lado da de tia Varil, depois comia com ela um desjejum simples. Então, dependendo do clima e da disposição de minha tia, íamos à floresta procurar plantas, limpávamos o jardim, ou nos dedicávamos ao trabalho de tingimento atrás da casa. Eu temia qualquer tarefa que ela escolhia para nós, porque os métodos de ensino de tia Varil tornavam o aprendizado quase impossível.

— Tem agrimônia nesta parte da floresta — ela podia dizer. — Encha esse cesto com as folhas e caules. Flores amarelas, folhas de borda serrilhada. Não tem como não ver. Quando terminar, estarei perto daquele lago — acrescentava antes de se afastar, me deixando com o cesto e confusa, olhando em volta.

Logo aprendi que não adiantava pedir a ela para encontrar uma das plantas e me mostrar antes de se afastar. Isso só produzia um suspiro profundo e um vigoroso movimento negativo com a cabeça, como se eu fosse a criatura mais burra que ela já havia visto. Então, eu perambulava pela floresta com o cesto na mão, olhando com ansiedade por cima do ombro a cada estalo de um galho ou farfalhar de folhas. As poucas vezes que consegui encontrar a planta que ela queria não foi porque ela me ensinou, mas porque lembrei de conversas que tive com os jardineiros no palácio.

No entanto, procurar plantas na floresta às vezes parecia um presente, comparado ao processo de tingimento. Na floresta, pelo menos, eu ficava sozinha, o que achava preferível nos primeiros dias de meu exílio. Era infinitamente pior sentar sob o olhar vigilante de tia Varil e ouvi-la revelar os

segredos da criação de cores fortes, limpas. Para desânimo de minha tia e, devo admitir, meu também, eu não demonstrava ter muita aptidão para o tingimento. Lembrava com facilidade a quantidade de mordente que devia usar com casca de salgueiro negro ou as etapas para transformar tasneira no líquido amarelo intenso usado para tingir, mas não sabia determinar quando os ingredientes haviam ficado em infusão por tempo suficiente, ou se a cor parecia firme na lã. Antes aprendia rapidamente quase tudo que meus tutores decidiam me ensinar, e essa nova limitação me frustrava. E também fazia tia Varil suspirar com frequência ainda maior.

À noite voltávamos para casa para jantar. Depois da refeição, tia Varil me ensinava uma das inúmeras tarefas que mantinham uma casa funcionando quando essa casa não tinha centenas de empregados. Minhas mãos, já descascadas e manchadas pelos banhos de tingimento, logo começaram a doer e ficaram cobertas de bolhas. Aprendi a costurar, além de bordar, a cortar lenha e levá-la da pilha atrás da casa para a lareira, a arear panelas e potes, manter o fogo queimando regularmente no fogão, arranjar os fardos de lã no pequeno depósito ao lado da sala principal, e muito mais coisas, com tia Varil me fazendo trabalhar até a exaustão todas as noites. O fato de ela fazer tanto quanto eu (e ainda mais) não me fazia sentir melhor. Todas as noites eu caía na cama — que conseguimos com alguma dificuldade com o primo de Alva — e dormia profundamente até a manhã seguinte, quando o barulho dos animais selvagens me acordava.

Em alguns aspectos, porém, talvez essa rotina tenebrosa fosse melhor do que o oposto, porque, se meu corpo doía e minha cabeça girava com o esforço de lembrar como preparar um ensopado, ou um mingau, pelo menos eu tinha pouco tempo para pensar na vida que não tinha mais. Era estranho como podia focar os pensamentos nas tarefas corriqueiras que realizava, de forma que sempre que começava a me perder nas lembranças de Kiernan ou do Rei e da Rainha, conseguia me obrigar a dedicar toda minha atenção à panela ou ao machado em minha mão. Porém, por mais que eu me esforçasse, nunca conseguia preencher completamente o vazio dentro de mim. Às vezes me pegava tocando a área limpa na parte interna de meu braço, logo abaixo da dobra do cotovelo, onde antes estivera a marca de nascença. Queria saber se

Nalia também estudava aquela marca, se o sinal havia aparecido nela quando desaparecera em mim, ou se os magos o haviam mantido nela mesmo enquanto estivera disfarçada. Queria saber se algum dia deixaria de sentir falta dele, da minha vida.

Poderia ter sido mais fácil aceitar essa nova situação se eu tivesse algum laço com minha tia. Logo percebi que tia Varil não era uma mulher afetuosa. Ela cumprimentava os outros moradores do vilarejo com cortesia e oferecia ajuda quando era solicitada, mas não tinha amigos, e nunca ia à hospedaria para sentar-se no salão e conversar, como faziam muitos outros. Mantinha-se distante, satisfeita com a própria companhia e tolerando a minha.

Nos primeiros dias, tive esperança de que, quando se acostumasse comigo, ela pudesse gostar de mim. Eu sabia que não era Kiernan, de quem era quase impossível não gostar, mas pensava que, com o tempo, ela poderia sentir algum afeto por mim, depois de se habituar à minha presença em sua vida. Mas uma semana se foi, depois outra, e outra, e nada mudava. Ela não era cruel, mas também não era bondosa. Às vezes, quando nos sentávamos na sala à noite, eu a surpreendia olhando para mim com uma expressão contrariada, como se eu fosse alguma coisa deixada em sua porta, algo de que ela gostaria de poder se livrar. Em muitos aspectos, acho que eu era exatamente isso. Não tinha ilusão de ser realmente útil para ela — minha habilidade para tingir, cozinhar e limpar era medíocre, na melhor das hipóteses. Mesmo assim, eu sabia que era educada, quieta e, de maneira geral, inofensiva, então, por algum tempo, continuei alimentando a esperança de que um dia ela pudesse me considerar agradável.

Mas só quando perguntei a ela sobre meus pais eu entendi que a aparente antipatia por mim ia muito além da minha culinária desastrosa ou da minha tendência para quebrar pratos quando tentava lavá-los. Estávamos dentro de casa, pendurando plantas para secar nas vigas do cômodo que ela usava como depósito. Quando levantei os braços para pendurar um ramo de folhas aromáticas, notei um entalhe na madeira da viga: o desenho de um gato encolhido, com a cauda enrolada em torno do corpo.

— Você fez isto aqui? — perguntei apontando.

Ela estava de costas para mim, mas pude perceber sua tensão. Minha tia não respondeu, dedicando-se a ajeitar alguns novelos de lã azul-clara nas prateleiras.

— O gato? — acrescentei, mas em voz baixa, tanto que quase nem consegui ouvir o “to” no fim da palavra.

— Foi seu pai — tia Varil respondeu de um jeito meio entrecortado. — Este era nosso quarto quando éramos crianças. Nossos pais dormiam no outro.

Não consegui impedir uma inspiração mais intensa quando ouvi a resposta. Ela não havia falado sobre meu pai desde que cheguei, nem uma vez. Não contara histórias da infância deles, nem havia oferecido explicações sobre por que ele podia ter desistido de mim. E, até agora, eu não tivera coragem de perguntar.

— Como ele era?

Mais uma vez, notei a tensão em seus ombros, mas ela não se virou.

— Ele era... quieto. Sério. Desde os seis anos de idade ele sabia que queria ser tecelão. E queria sempre acreditar no melhor sobre as pessoas. — A voz dela ganhou uma nota sombria. — Por isso me preocupei quando ele saiu de casa para ser aprendiz em Vivaskari. Seu pai era muito confiante, e tive medo de que ele fosse prejudicado por isso.

Minha boca estava seca. Alguma coisa dentro de mim não queria que eu formulasse a pergunta seguinte, mas não pude evitar.

— E minha mãe? Você a conheceu?

Dessa vez tia Varil virou-se. Ela girou tão depressa que tive que me esforçar para não dar um passo para trás. Seu rosto endureceu, os olhos se estreitaram.

— Foi sua mãe que o arruinou.

— O quê? — Lembrei as palavras do Rei. *Ele não mencionou uma esposa.*

Tia Varil sorriu, mas sua expressão era amarga, cheia de velhos desejos e mágoas.

— Ele a conheceu na cidade. Ela estava passando, e entrou na loja dele por engano. Seu nome era Ilania. Eles se casaram na cidade quase imediatamente, e mais tarde ele a trouxe para uma visita.

Tia Varil fez uma pausa, mas não olhou para mim, manteve os olhos fixos em alguma coisa do passado, algo que só ela podia ver.

— Ela era muito bonita. Tinha cabelos escuros que caíam por suas costas em ondas soltas. Ela se recusava a prendê-los. Você é parecida com seu pai — ela acrescentou depois de um momento —, exceto por ela também ser pequena, e você tem o nariz dela, e a cor dos cabelos. Eu notei assim que você chegou. Mas ela era... encantadora. Estava sempre em movimento, sempre falando, sempre procurando a próxima coisa que a faria rir. Ele era completamente apaixonado por ela. Não conseguia tirar os olhos de cima dela. Você nasceu dois anos mais tarde, na cidade. Eles vieram me visitar logo depois de descobrirem que ela estava grávida. Achei que ela parecia inquieta, como se quisesse estar em outro lugar, diferente de uma mulher que em breve teria um bebê. Mas seu pai estava tão feliz que não falei nada disso a ele. Apenas a observei, e estranhei. E cinco dias depois de você nascer, ela partiu. Deixou um bilhete avisando que não voltaria, que não o queria mais.

Engoli em seco, mas não consegui pensar em nada para dizer. O rosto de tia Varil era como pedra, tão duro e frio que pensei que não pareceria carne, se o tocasse.

— Isso o destruiu. Ele nunca mais foi o mesmo. Fechou a loja na cidade depois de um ano e veio para cá. Ele morreu quando houve uma epidemia, e a última coisa que disse foi o nome dela. — Tia Varil suspirou. — Esse é outro aspecto no qual você é parecida com ele. Os dois são um pouco... conformistas. Fazem o que outras pessoas querem sem lutar.

Isso me pegou de surpresa.

— O que quer dizer? — consegui perguntar.

Tia Varil apontou para o norte, na direção de Vivaskari.

— Você partiu sem dar um pio. Não reclamou nem quando a puseram naquela carruagem e mandaram embora. Ele a deixou ir, nem tentou encontrá-la ou trazê-la de volta. Desistiu, veio para cá e aceitou a morte.

Era como se gelo se formasse sob minha pele; e um pedaço especialmente grande instalou-se em meu coração. Por um bom tempo, não consegui falar, e quando consegui, minha voz era só um resmungo.

— Ele pensou que eu estivesse morta, não foi? Eles me disseram que alteraram sua memória para ele não se lembrar de ter desistido de mim.

Tia Varil assentiu.

— Foi isso que ele me disse. E eu pensei que podia ser melhor assim. Pelo menos ele não teria nada que o fizesse se lembrar dela todos os dias. Mas não fez diferença. Ele nunca parou de pensar nela, mesmo sem você. Foi o sofrimento que o enfraqueceu; ele nem se incomodou quando adoeceu.

O gelo era mais frio, mais duro, e me ouvi dizer com voz neutra, sem entonação:

— Por isso você me odeia, então. É por causa dela.

Pela primeira vez uma ruga se formou entre os olhos de minha tia, quebrando a pedra que havia endurecido seu rosto. Ela me olhou pensativa, mordendo um canto da boca, depois disse:

— Não odeio você, Sinda. Só não sei o que fazer com você. Olhe para si mesma. Dezesseis anos, tão velha que alguém devia estar cortejando você. Mas que homem ia querer alguém sem habilidades para levar para casa? Não é sua culpa, eu sei, mas você não sabe nada do que é útil aqui. E estou acostumada a viver sozinha. Nunca contei com uma sobrinha.

Abri a boca para dizer que estava tentando, mas tia Varil já havia passado por mim para sair. Não a segui. Naquela noite fomos silenciosamente polidas

uma com a outra, e não falamos mais sobre meus pais.

Entretanto, outra coisa que ela havia dito me incomodava tanto quanto a descrição de meus pais. Eu havia desistido depressa demais? Havia me deixado expulsar de minha vida, quando podia ter lutado para manter parte dela? Não era da minha natureza argumentar, eu sempre evitara confrontos. Mas devia ter reagido, exigido alguma coisa pelos dezesseis anos dados à coroa?

Não, disse a mim mesma. Quando o Rei disse que você tinha que ir embora, você foi embora. Eu não era uma princesa, não era nem mesmo uma nobre; não tinha nenhum poder. Não podia ter feito nada para mudar o que aconteceu.

Repeti tudo isso para mim mesma, mas uma parte de mim parecia balançar a cabeça sem acreditar.

Com a distância entre mim e minha tia, eu deveria ter procurado a companhia de outras pessoas em Treb. Mas também não encontrava consolo ali. Com todas as lições de tia Varil, sobrava pouco tempo para mim e, certamente, não sobrava o suficiente para eu gastar andando pelo vilarejo em busca de amigos. Além do mais, as três garotas da minha idade também eram muito ocupadas; duas já estavam comprometidas e iam se casar, uma com um rapaz de Treb e a outra com um carpinteiro em Hathings. Porém, não era isso que me impedia de fazer mais do que acenar com a cabeça quando passava por elas na rua.

Aquelas garotas conheciam a história. Ela chegara somente dois dias depois de mim, trazida por um vendedor ambulante que estava em Vivaskari quando a verdadeira princesa retornara. O Rei e a Rainha haviam despachado proclamas para todas as grandes cidades, e as menores receberam a notícia por intermédio de mensageiros, como havia acontecido com Treb. O romance do relato, a princesa escondida sem suspeitar de sua verdadeira identidade, havia incendiado o país. Em muitos lugares, eu imaginava, não se falava sobre outra coisa — Nalia, a verdadeira Nalia. Em Treb, porém, eles tinham outra coisa a

considerar, um detalhe quase esquecido em outros lugares. Eu: a falsa princesa.

Se eu fosse outro tipo de garota, talvez pudesse ter feito amigos por causa disso. Se eu me dispusesse a falar sobre o sofrimento de ter sido abandonada, ou se fosse arrogante o bastante para anunciar meu orgulho por ter prestado um serviço à coroa, podia ter conquistado a simpatia de muita gente. Mas eu era como sempre havia sido, quieta e reservada, preocupada com a possibilidade de tropeçar em meus pés se havia alguém olhando para mim. As poucas almas que encontravam coragem para falar comigo sobre o assunto recebiam apenas um sorriso tenso e um movimento negativo de cabeça.

— Prefiro não falar sobre isso — eu dizia.

Podia sempre ver a decepção em seus olhos, a reprovação, como se eu tivesse obrigação de responder a suas perguntas. Mas era tudo muito novo, muito doloroso dentro de mim, e até essa breve resposta me deixava trêmula quando eu me afastava.

Só duas coisas rompiam o padrão dos meus dias em Treb. A primeira era... Eu não sabia o que era. Alguma coisa sem nome. Nada que eu pudesse tocar, ou apontar e dizer: “Ah, é isso que está me incomodando”. Era só uma sensação, um sentimento que surgiu algumas semanas depois que ali cheguei.

Começou com uma espécie de aperto no peito, como quando você precisa chorar e não se permite. No início eu ignorei; não parecia estranho ter esse tipo de sensação, não depois do que havia acontecido. Mas depois de um tempo isso mudou, cresceu e se modificou até eu começar a me sentir realmente esquisita, como se houvesse alguma coisa quente e em ebulição dentro de mim, querendo sair. Mãos e braços pareciam formigar, ou ferver, ou pulsar, embora nada disso acontecesse. Às vezes, sem aviso, eu tinha uma necessidade quase irresistível de fazer... alguma coisa. Mas nunca sabia o que era, e depois de alguns momentos desconfortáveis o sentimento desaparecia.

Não disse nada a ninguém. Não havia ninguém para contar, além de tia Varil. Então, à noite, quando eu não tinha mais nada em que pensar, me preocupava sozinha com a possibilidade de estar ficando louca. O que mais

poderia me fazer sentir como se tivesse fogo nas veias, um fogo que queria sair pelas mãos, ou pela boca, ou pelos olhos? Duvidava muito de que tia Varil ficaria satisfeita me ouvindo falar sobre essas sensações. Ter uma sobrinha até então desconhecida e jogada em sua casa era uma coisa, mas uma sobrinha até então desconhecida e louca era completamente diferente. Assim, eu me preocupava, isso servia como uma boa distração para minha infelicidade, e não falava nada.

Mas a segunda distração era bem diferente. Ela apareceu um dia quando eu andava pela rua de terra que era a principal do vilarejo, carregando um cesto de urtiga nos braços. Tia Varil e eu havíamos ido procurar as urtigas na sebe que acompanhava a estrada rumo ao sul. Pela primeira vez eu havia conseguido encher meu cesto primeiro, e ela me dera permissão para ir para casa e começar a infusão para o tingimento.

Era um dia claro, tão quente que os cabelos que escapavam da trança colavam em minha nuca. Eu sentia o vestido molhado nas costas, e meus braços ardiam nas áreas que não eram cobertas pelas luvas que tia Varil me dera. Apoiando o cesto sobre o quadril, parei para esperar uma das crianças do vilarejo conduzir várias cabras para o outro lado da rua, para dentro de um cercado. Duas das garotas da minha idade — Calla e Renata — estavam do lado de fora da casa de Calla, suas cabeças bem próximas. Tentei me tornar pequena e invisível, como se fosse possível me misturar ao ambiente à minha volta como um pequeno pardal. Elas nunca me trataram de maneira rude, mas havia sempre muitos cochichos toda vez que eu passava por aquelas duas, e eu tinha esperança de que não me vissem. Porém, quando voltei a andar, a ponta de minha bota chutou uma pedra saliente no chão. Eu tropecei, e as urtigas voaram de dentro do cesto quando caí sobre um joelho. Ouvi as risadas do outro lado da rua.

Com o rosto vermelho, tentei recuperar o máximo de tufos de urtiga o mais depressa possível, mas eles haviam voado em todas as direções. Mantendo a cabeça baixa, com os ouvidos zumbindo de vergonha, virei-me para olhar para trás e vi um rapaz abaixado, segurando um ramo de urtiga.

— Acho que isto é seu — ele falou com um sorriso lento.

— Cuidado — eu disse quando peguei as folhas. — Elas... isso provoca

ardor.

— Não é tão ruim — o rapaz respondeu enquanto jogava outro ramo no cesto. Ele não falou mais nada enquanto recolhemos as plantas e as devolvemos à cesta, mas sorria para mim sempre que eu olhava em sua direção. Eu tinha que admitir que, mesmo comparado a todas as pessoas que eu via na corte, esse rapaz era muito bonito. Cabelos negros emolduravam brilhantes olhos azuis, e eu via a perfeição dos dentes sempre que ele sorria para mim. Percebi vagamente que as risadas do outro lado da rua haviam cessado.

Quando terminamos de recolher as folhas, ele me ofereceu a mão para levantar. Uma leve irritação já podia ser vista em seus dedos e na palma.

— Foi um tombo feio — ele disse. — Está machucada?

Neguei com a cabeça, repentinamente consciente de quanto estava suja e suada.

— Meu corpo está acostumado com minha falta de jeito — falei acanhada. — Não me machuco com facilidade.

— Sou Tyr Varanday. Meu pai é dono da loja — ele se apresentou, apontando para um único armazém em Treb. — Fui visitar alguns amigos na cidade. Voltei hoje.

— Eu sou... Sinda Azaway — respondi, gaguejando um pouco ao dizer meu nome. Normalmente teria corado ainda mais, mas ele me olhava com uma expressão tão amistosa que, em vez disso, correspondi ao sorriso. — Vim morar com minha tia Varil.

— Isso explica a urtiga, então — ele comentou rindo. — Mas eu não sabia que a senhora Azaway tinha uma sobrinha.

— Ela não sabia — expliquei. — Meu pai morreu sem contar a ela sobre mim, e eu... eu vivi na cidade até recentemente.

Os olhos dele analisaram meu rosto, e vi que registravam alguma coisa. Se ele estivesse na cidade, teria ouvido os boatos sobre a falsa princesa e para onde

ela fora. Talvez tivesse ouvido até meu nome verdadeiro. Mas ele apenas balançou a cabeça e estendeu a mão, apontando a rua principal.

— Se você vivia na cidade, isso deve ser um choque, então. Somos um pouco... rústicos por aqui.

O alívio me invadiu. Pela primeira vez, ali estava alguém que não me atormentava sobre o passado, não esperava ouvir histórias sobre como havia sido ser uma princesa.

— Não é tão ruim — respondi, mas Tyr deu risada.

— Acho que está mentindo — ele falou com tom leve. — Treb não tem muito para oferecer a alguém que saiba como é o mundo. Tenho tentado convencer meu pai a alugar um ponto em Vivaskari e abrir uma loja lá, mas ele não vê as coisas do meu jeito.

Depois de olhar para o meu cesto, ele continuou: — As plantas estão murchando. E se conheço a senhora Azaway, ela não vai ficar feliz se o sol arruiná-las. — Uma pausa breve, e o rapaz ficou sério, como se estivesse nervoso. — Acha que ela me deixaria ir visitar você? Eu sei que disse que Treb é um buraco, mas você pode conhecer a cidade da melhor maneira possível. Eu posso acompanhá-la.

— Seria ótimo — falei.

Os olhos dele pareciam brilhar à luz do sol.

— Então, vejo você em breve — disse o jovem, antes de se virar e, assobiando, caminhar na direção da loja do pai.

No dia seguinte, quando eu tirava meu prato da mesa depois do jantar, alguém bateu na porta do chalé. Tia Varil, que comia sem pressa minha tentativa de ensopado, olhou para mim e inclinou a cabeça para a porta. Corri até lá, tentando não morder o lábio com ansiedade.

— Olá, senhorita Azaway — Tyr cumprimentou-me assim que abri a porta. A voz dele lembrava mel morno.

— Quem é, Sinda? — Tia Varil gritou, mas, antes que eu pudesse responder, ela já havia empurrado a cadeira e se levantado para atravessar a sala a caminho da porta. Pensei ter ouvido uma pausa em seus passos, uma breve hesitação, mas em seguida ela surgiu ao meu lado, olhando para Tyr com os lábios comprimidos.

— Olá, Tyr — disse minha tia. — Já avisei sua mãe que aquela lã amarela só vai ficar pronta daqui a três dias.

Eu sabia que costumava me encolher um pouco quando tia Varil me olhava com aquela intensidade, mas Tyr balançou a cabeça sem nenhuma dificuldade.

— Não vim a mando de minha mãe, senhora Azaway. Conheci sua sobrinha ontem, e pensei que ela poderia gostar de dar um passeio pela cidade comigo.

Tia Varil bufou.

— Ela já viu tudo que há para ver no vilarejo, Tyr.

Meu coração, que até então batia acelerado no peito, despencou de repente até o estômago. Eu me agarrava com tanto empenho à ideia de talvez — finalmente — ter um amigo em Treb, que não havia percebido quanto contava com isso.

Tia Varil olhava de Tyr para mim e de volta. Eu sabia que devia ter nos olhos uma expressão de súplica, que a dor surda do desejo devia ser visível em todas as linhas de meu corpo, porque ela suspirou e disse:

— Tudo bem. Mas só na cidade, Tyr. Não vá além dela, não quero que as pessoas comentem.

— É claro que não — Tyr respondeu com um sorriso. Depois estendeu um braço, apontando para a luz do fim do dia. — Senhorita Azaway.

Ainda estava claro, apesar do ar mais frio. As árvores e casas projetavam sombras longas pela estrada, tornando tudo suave e pálido. No fim da estrada eu

vi Ardin, o ferreiro, do lado de fora de sua oficina, o cachimbo na boca, mas, exceto por ele, estávamos sós. Não falamos até estarmos duas casas distantes da de minha tia. Então, sem aviso, Tyr soltou um sopro de ar.

— Sempre achei que sua tia era dura, mas ela é sempre tão severa com você?

O calor me invadiu como água penetrando pelas frestas de uma parede de pedras, enchendo-me com alguma coisa parecida com esperança. Mesmo assim, tentei manter o rosto inexpressivo quando disse:

— Ela é muito... bem, severa é a palavra certa, suponho. — Alguns passos depois, acrescentei em voz baixa: — Ela não gosta muito de mim.

Tyr parou tão de repente que tropecei no nada. Estendendo um braço, ele me segurou pelos ombros. Por um momento ficamos assim, as mãos dele em mim, e eu senti alguma coisa correr por minhas costas, subir e descer pela espinha. *Pare com isso, pensei. Ele só está sendo educado.*

— Cuidado — Tyr disse com uma risadinha. — Sabe, estou começando a pensar que você é um risco para si mesma.

A sensação nebulosa, o arrepio suave nos ossos, desapareceu. Eu sabia que minha expressão devia ter mudado, porque o meio sorriso preguiçoso de Tyr foi substituído por um ar de preocupação, e de repente ele abaixou as mãos.

— Obrigada — falei de um jeito tenso.

Ele balançou a cabeça.

— Não foi nada. Eu disse alguma coisa errada?

Mordi a parte interna da bochecha, sem saber o que devia dizer. Como Tyr podia saber que Kiernan sempre me provocara com essas mesmas palavras? Como eu poderia explicar como o rosto de Kiernan parecia substituir o de Tyr e que, naquele breve instante, eu sentira tanta falta de meu amigo que meu estômago havia doído? Ou que, por razões que eu não entendia, me sentia

estranhamente culpada pelo calor que experimentei quando Tyr me tocou?

Mas Kiernan e eu não éramos assim, pensei confusa. Éramos só... amigos, mesmo que essa amizade fosse tão antiga que nenhum de nós conseguisse lembrar um tempo em que ela não existia. Mesmo que fôssemos tão próximos que às vezes podíamos terminar as frases um do outro, ou contar uma piada um instante antes de o outro contá-la. Mesmo que, cada vez que eu pensava em viver minha vida sem ele, fosse como caminhar na escuridão sem lanterna e sem nenhuma chance de encontrar a luz outra vez.

Aquele nó no meu estômago apertou novamente, e percebi que Tyr me encarava.

— Sinto muito — ele disse de olhos bem abertos. — Não precisamos falar sobre isso, se não quiser. Eu só fiquei... surpreso. — Um sorriso hesitante. — Você me parece bem agradável.

Com um grande esforço, afastei os pensamentos sobre Kiernan. Eles não me fariam nenhum bem ali, e eu não ia afugentar esse amigo em potencial — meu primeiro amigo em potencial em Treb. Seria feliz, faria amizade com Tyr nem que isso me matasse.

— É que... — Parei, tentando lembrar sobre o que estávamos falando. Ah, sim. Tia Varil. Comecei a andar novamente, seguindo na direção da fronteira da cidade, e Tyr me acompanhou. — Tia Varil não gostava de minha mãe. Ela abandonou meu pai logo depois que eu nasci. Isso partiu o coração dele, e minha tia diz que meu pai nunca mais foi o mesmo. Ela acredita que ele ficou tão triste que se deixou morrer quando adoeceu com uma febre. — Engoli em seco. — Por isso ele desistiu de mim quando o Rei e a Rainha pediram a ele que me entregasse. Porque não queria se lembrar dela. A memória de meu pai foi modificada, eles o fizeram pensar que eu morri, e foi isso que ele contou a tia Varil. Ela não sabia a verdade até pouco antes de eu ser mandada para cá. Sobre tudo, acredito que ela queria que eu não estivesse aqui. Sou uma lembrança de minha mãe, do que ela fez com meu pai, e não creio que ela possa me perdoar por isso.

Havíamos passado pela casa do ferreiro. Diante de nós havia agora somente os campos semeados que, lentamente, iam cedendo espaço para a floresta. Tyr parou novamente, embora eu não tivesse tropeçado dessa vez. Virando-se para me encarar, ele disse:

— Bem, se é assim que ela se sente, Varil Azaway é mais fria do que pensei que fosse. Acho que seria quase impossível não se encantar com você.

Eu bufei.

— Você se surpreenderia. Nunca fui popular, nem mesmo quando... — Parei, mas me forcei a concluir. — Na corte. Todos pensavam que eu era estranha. Muito quieta, muito séria. Tinha apenas um bom amigo lá. Kiernan Dulchessy. — Lá estava outra vez. Não importava para onde eu olhasse, todos os meus pensamentos pareciam levar de volta a Kiernan.

Tyr inflou o peito de um jeito cômico, balançando a cabeça e fazendo os cabelos pretos e brilhantes dançarem em torno do rosto.

— Bem, não sei nada sobre esse Kiernan, mas só posso dizer que vou me esforçar para me igualar a ele. Assim, não vai ser tão estranho estar aqui.

Seu rosto suavizou-se e ele estendeu a mão para segurar a minha. Novamente, pequenos raios de luz percorreram meu corpo, mas me esforcei para não demonstrar nada. — Quero ser seu amigo, Sinda — ele disse sério. — Quero muito.

Seu rosto era tão bonito na escuridão crescente que senti o calor se espalhando por minhas faces. Meu coração disparou, mas por razões inteiramente distintas.

— Fico feliz, Tyr — respondi. — Muito feliz.

Capítulo Quatro

No entanto, nem todo mundo estava feliz como Tyr e eu. Quando voltei do nosso passeio naquela noite, mais tarde, encontrei tia Varil sentada na sala, com uma lamparina do lado e uma pilha de roupas para serem remendadas sobre a mesa diante dela, e a agulha ainda em sua mão. Ela me viu fechar a porta, seus olhos brilhantes e atentos como os de um falcão.

Nós nos olhamos por um minuto, e depois falei com cuidado:

— Se não precisa de mim para nada, acho que vou para a cama.

A escuridão agora era completa lá fora, e o tremular do fogo na lareira fazia as sombras dançarem pela sala. A boca de tia Varil se moveu como se ela sugasse o sumo de uma fruta azeda, e então ela disse:

— Tyr Varanday é problema.

Eu me sentia leve e animada, feliz pela primeira vez em semanas, mas minha alegria acabou com um golpe certeiro.

— A mãe dele nunca gostou de morar aqui. Ela é de Vivaskari e acredita ser boa demais para uma cidade como esta. E enche a cabeça dele de ideias. E aqueles parentes que ela tem na cidade dão ainda mais ideias quando ele está lá. Dizem que ele é melhor que as outras pessoas, que merece coisas às quais elas não têm direito. Ele gosta de fazer tudo à sua maneira, de forçar situações.

Boa parte do calor gerado por Tyr já havia desaparecido, mas ainda restava uma centelha teimosa.

— O fato de serem de Vivaskari não significa que essas pessoas trarão problemas — respondi.

Tia Varil fungou, depois exalou ruidosamente.

— Eu não disse que trariam. Mas julgar-se melhor do que os outros sempre traz problemas. E Tyr Varanday acha que é melhor... sempre achou.

Isso é o que ela pensa sobre mim, compreendi. Acha que me considero melhor que os outros. Uma menina comum com ares de princesa. Bem, eu estava tentando me livrar disso, aprender a ser uma pessoa normal. Estava me esforçando, mas era difícil desfazer dezesseis anos pensando ser alguém, alguma coisa diferente.

— Isso o deixa inquieto — minha tia continuou — e essa inquietação levou a...

E de repente eu estava furiosa, cansada de ouvi-la, e levantei a mão.

— Chega — disparei. — Ele quer ser meu amigo. É a única pessoa nesta cidade que se importou em tentar me conhecer, em vez de cochichar sobre mim pelas costas ou me dizer que não sou boa o bastante. — Tia Varil abriu a boca, uma linha longa e profunda surgiu entre seus olhos, mas eu concluí: — Vou para a cama. Boa noite, tia.

Saí da sala fervendo de indignação. Essa era só mais uma maneira de demonstrar quanto ela me desaprovava? Um jeito de garantir que minha vida ali fosse tão sem graça e fria quanto a dela? Joguei-me sobre a cama estreita, espremida entre a janela e a cama de tia Varil. Por alguma razão, tinha uma urgência quase incontrolável de abrir o baú e pegar um dos meus vestidos. Não abria a arca havia semanas, desde que chegara ali não vestia nada que não fossem as roupas que a filha de Alva deixara para trás. Mas agora desejava desesperadamente segurar alguma coisa de um tempo em que eu havia sido feliz, quando tinha um amigo, quando sabia quem eu era.

A urgência me atormentava, mas rangi os dentes e fechei os olhos com tanta força que minhas pálpebras doíam. Não. Era inútil me agarrar ao passado. O rosto de Kiernan dançou diante de meus olhos, mas, deliberadamente, eu o substituí pelo de Tyr. Agarrando uma parte do cobertor sobre o qual estava deitada, apertei-o entre os dedos. Isso era o que eu tinha agora. Só isso.

E tinha que me contentar.

Depois desse episódio, tia Varil não disse mais nada sobre minha amizade com Tyr. Ela me deixava sair para ir caminhar com ele, nos deixava sentar no jardim, e até, nas noites chuvosas, o deixava entrar e montava um tabuleiro de xadrez para jogarmos. Era educada com ele, mas eu sabia, pela posição de sua boca, que não estava mais feliz com a situação do que estivera no início.

Eu, por outro lado, estava mais feliz do que jamais estivera desde minha chegada a Treb. Talvez não fosse uma grande comparação, considerando a solidão que eu enfrentava antes, mas era um progresso, pelo menos. Uma semana passou, depois duas, e eu via Tyr quase todos os dias. Cumpria minhas tarefas depressa para poder me apresentar a tia Varil no fim do dia com os romãs de lã tingidos, as camisas remendadas da melhor maneira possível, o jardim limpo de ervas daninhas, e assim obter permissão para ir ver meu amigo.

Nossas atividades variavam. Às vezes simplesmente nos sentávamos do lado de fora da casa de tia Varil ou no jardim atrás da loja dos pais dele e conversávamos. Ele me contava sobre os parentes que tinha na cidade, e sobre as diversas peças e apresentações musicais a que assistia quando ia visitá-los. Eu já tinha visto algumas trupes de que ele falava, e apesar de sentir saudades de casa quando ele as mencionava, descobri que conseguia falar sobre elas sem muita infelicidade. Tyr tinha um tabuleiro de xadrez, e nossas partidas eram tão longas que às vezes tínhamos que interrompê-las por causa da hora. Mostrei a ele o pequeno lago que havia encontrado no bosque atrás do nosso chalé, onde, ao anoitecer, quase sempre era possível ver cervos indo beber água. Subíamos e descíamos a rua principal de Treb, e, às vezes, nos sentávamos no Hollyhock para beber uma caneca de cidra do ano anterior. De vez em quando, alguns jovens da nossa idade, meninos e meninas, tentavam juntar-se a nós, mas Tyr sempre conseguia afastá-los sem dar a impressão de que era insociável. Às vezes eu queria que ele não fosse tão hábil nisso; teria sido bom conhecê-los, e eu era tímida demais para me aproximar por mim mesma. Mas, de maneira geral, eu estava simplesmente feliz por ter um amigo, um pouco de alegria.

Pensei em contar a Tyr sobre a estranha sensação dentro de mim, o sentimento de que alguma coisa presa tentava sair. A impressão havia piorado com o tempo, até que, em alguns momentos, eu tinha a impressão de poder ver calor radiando de minha pele. Quando Tyr me olhava com aqueles olhos claros e sorria, eu acreditava que ele poderia entender.

Mas hesitei, evitando sobrecarregar o tempo que passávamos juntos com temores sobre alguma coisa que podia ou não ser real. O que quer que fosse esse sentimento, ele não parecia me prejudicar, exceto por causar preocupação, e, por isso, não falei nada.

Tentei não pensar no que tia Varil havia dito sobre ele. Ela nunca me impedia de sair com Tyr, mas seu olhar zangado sempre me fazia parar para pensar quando eu pedia permissão para sair. Era essa expressão que voltava à minha cabeça sempre que Tyr fazia uma piada debochando de algum aspecto de Treb, ou quando ele tentava convencer Tabithan a baixar o preço de nossas cidras no Hollyhock. Era esse olhar que me atormentava sempre que Calla assumia aquele ar especialmente magoado quando o via comigo, um olhar que parecia falar de alguma coisa arrancada dela sem aviso prévio. Mas, normalmente, eu conseguia superar esses lampejos de inquietação, porque no instante seguinte Tyr olhava para mim com um sorriso tão amigável que eu pensava que, com certeza, imaginara o tom arrogante em sua voz.

Eu tentava não pensar em Kiernan. Tentava não comparar seu jeito fácil e jovial com o sorriso acetinado e a suavidade inabalável de Tyr. Tentava não desejar, às vezes, que fosse Kiernan sentado na minha frente à mesa. Forçava-me a não imaginar como ele conquistaria todos, de Ardin, o taciturno ferreiro, a Tabithan, o alegre taverneiro de faces rosadas, com seu encanto. Cantava baixinho ou tentava rever os passos necessários para preparar tanásia para o tingimento sempre que começava a pensar nas piadas que ele teria feito sobre os animais do vilarejo ou as conversas que ele teria sobre tia Varil. Dizia a mim mesma que não sentia falta dele.

Então chegou o dia em que Tyr me beijou, e todo o resto desapareceu de minha cabeça.

Estávamos na floresta quando aconteceu. Eu não devia levar Tyr comigo quando ia colher plantas para tia Varil, mas ele me vira entrando na floresta naquela tarde e me seguira. Cheguei a pensar em dizer a ele que devia ir embora, caso tia Varil fosse me procurar, mas quando comecei a sugerir que ele me deixasse sozinha, surgiu em seu rosto uma expressão tão triste que desisti.

— Bem, vai ter que trabalhar, então — falei rindo. — Pode me ajudar a procurar ulmeiro.

A planta espumante enchia meu cesto quando as sombras da floresta se tornaram mais longas. Voltamos andando sem pressa para o vilarejo. Eu sabia que tia Varil devia estar estranhando minha ausência, talvez até me esperando para jantar, mas não conseguia ir mais depressa. Quando chegamos ao limite do bosque, porém, eu me virei para Tyr com um suspiro.

— É melhor não sair da floresta comigo — disse. — Tia Varil não ia gostar, se nos visse. Ela pode pensar que estávamos fazendo algo que não devíamos.

Tyr me olhava de um jeito estranho, com olhos sonolentos.

— É mesmo? — ele perguntou. — Bem, se ela se preocupa tanto com isso, talvez devêssemos dar uma razão para ela se preocupar.

E com um movimento fácil, ele se inclinou para a frente e me beijou.

Nunca havia sido beijada antes. Como uma princesa, simplesmente não fazia parte da minha experiência. Sabia que algumas garotas na corte, e muitos rapazes, haviam beijado ou sido beijados. Kiernan costumava me contar histórias sobre beijos que havia roubado ou tentado roubar em cantos escuros de vários cômodos do palácio. Mas ninguém nunca havia sequer tentado me beijar, nem mesmo o atrevido filho do arquiduque de Wenthí, aquele cuja mão sempre havia descido um pouco mais do que era conveniente quando dançávamos.

Então, embora eu tivesse pelo menos uma ideia teórica sobre como deveria ser um beijo, não tinha nenhum conhecimento prático. No último segundo antes de os lábios dele tocarem os meus, vi que seus olhos estavam fechados, e me apressei em fechar os meus também. Os lábios dele se moviam

com cuidado e suavidade, e eu os sentia quentes, macios e agradáveis. Ele recuou por um momento, e pensei se, talvez, eu não havia feito tudo errado, mas em seguida ele me beijou de novo, passando um braço em torno da minha cintura e me puxando para mais perto. O cesto ainda estava apoiado sobre um lado do quadril, por isso apoiei a mão cautelosamente sobre seu braço. Sentia alguma coisa doce em sua boca, talvez a lembrança do sabor dos pequenos morangos que havíamos encontrado e comido mais cedo.

O beijo se prolongou pelo que pareceu ser um longo tempo, até eu me sentir tonta de olhos fechados. Dei um passo para trás, e o ar frio da noite ocupou o espaço antes inexistente entre nossos corpos.

— Tudo bem? — Tyr perguntou. Ele me olhava com um brilho intenso nos olhos, e seu rosto parecia um pouco febril.

Francamente, eu não tinha certeza. Pensamentos variados disputavam minha atenção. Como eu gostava de Tyr, gostava de como meu estômago se comprimia quando eu o via se aproximar. Como, apesar de nunca ter sido beijada, eu havia imaginado alguma coisa diferente, menos simplesmente agradável e mais... arrebatadora. Como eu temia que, se deixasse Tyr me beijar novamente, ou se não deixasse, poderia perder o único amigo que tinha em Treb. Como, por um único instante, o rosto de Kiernan passou diante dos meus olhos, sua expressão tensa com alguma coisa parecida com decepção.

Senti todas essas coisas ao mesmo tempo, por isso não sabia o que dizer. Mas assenti, um pouco hesitante, e quando seu rosto corou de satisfação, eu soube que havia dado a resposta certa.

— Acho que posso ver sua tia em pé na frente do chalé — ele disse. — Você vai, e eu espero aqui até vocês entrarem. — Tyr me segurou pelo braço. — Amanhã vou à cidade para o casamento de meu primo. Ficarei fora por três dias, mas virei vê-la assim que voltar. Vou sentir saudade.

— Vou sentir saudade — repeti. Depois me virei com o coração disparado, e corri para fora da floresta e para onde tia Varil esperava por mim.

Os dias seguintes passaram depressa. Tia Varil chamava minha atenção o

tempo todo para o trabalho com a lã, e quase atravesssei a rua principal da cidade na frente de uma carroça cheia de galinhas.

Mas não estava sonhando com Tyr, não como sabia que as meninas sonhavam com os garotos de quem gostavam. Não, eu me preocupava com ele, e comigo. O que significava ter com ele esse tipo de relacionamento? Era isso que eu queria? As pessoas iam falar, como tia Varil acreditava que fariam? E isso era importante? E se arruinasse nossa amizade?

Por que, por que eu pensei em Kiernan no momento em que Tyr me beijou?

Pensamentos como esses giravam dentro de minha cabeça, me distraindo de tal forma que logo eu tinha hematomas espalhados pelas pernas. Depois de quebrar três pratos em dois dias, tia Varil perdeu a paciência comigo e me proibiu de ajudar com o jantar até eu ser capaz de trabalhar nisso sem causar problemas. Nada disso ajudava a melhorar minha disposição, que se tornava mais sombria e carregada de ansiedade a cada dia.

No terceiro dia depois do beijo eu estava no quintal atrás da casa tentando desesperadamente salvar uma cuba de tinta roxa. Tia Varil procurava casca de salgueiro na floresta e me deixara cuidando da infusão para tingimento.

— Já me ajudou bastante — ela disse ao se afastar, levando o cesto apoiado sobre o quadril. — Agora é hora de aprender a cuidar disso sozinha.

Tudo havia corrido bem até que, por alguma razão inexplicável, a água passou de um violeta-pálido para um marrom-escuro, lamacento. Eu estava apavorada, tentando desesperadamente lembrar um jeito de corrigir o problema e, ao mesmo tempo, imaginando se poderia ser rápida o bastante para encontrar tia Varil antes de a tinta ficar irrecuperável. Finalmente, decidi remover as plantas da água mais cedo e, confusa, enfiei as mãos diretamente na infusão de tingimento, em vez de usar a peneira. Estava pegando as folhas que flutuavam na superfície e jogando no chão, quando ouvi batidas fortes na porta da casa e uma voz:

— Olá? Tem alguém aí?

Parei com os braços mergulhados na tintura até os cotovelos. Conhecia tão bem aquela voz que poderia ser a minha.

— Olá? — A pessoa havia desistido de esperar alguém abrir a porta e se aproximava.

Levantei sobressaltada, espalhando água marrom pelo ar e sobre mim mesma, e me virei a tempo de ver Kiernan surgir contornando a casa pela lateral.

Ele vestia uma bela túnica azul e calça escura de montar. Os cabelos loiro-escuros haviam sido empurrados para trás do rosto e emaranhados pelo vento. Ele parecia hesitante ao espiar além da parede do chalé, mas, ao me ver, seu rosto se iluminou de tal forma que pensei que poderia pegar fogo. Em seguida ele correu, suas pernas longas percorrendo com poucos passos a distância entre nós. E me envolveu em um abraço tão forte quanto o sorriso em seu rosto, e me girou no ar sem se importar com a tinta em meus braços ou a água que escorria pela frente do meu vestido. Ele ria em meu ouvido, e senti um sorriso se desenhar em meu rosto.

Era como respirar outra vez depois de quase se afogar, como beber água depois de rastejar através de um deserto. Todas as preocupações que me haviam assolado desapareceram, e eu me sentia relaxada e realmente viva pela primeira vez desde que entrara na carruagem ao lado do estábulo e deixara para trás o palácio. Ele era meu melhor amigo, e havia ido me procurar.

Finalmente, ele me pôs no chão e me segurou pelos ombros, afastando-me um pouco para olhar para mim.

— Deus do céu, senti sua falta, Nalia — suspirou.

E meu coração, que havia subido ao céu, que estivera tão leve e dançara como uma folha voando ao vento, de repente mergulhou no meu estômago.

Kiernan percebeu seu erro imediatamente.

— Desculpe. Desculpe, eu... esqueci. Quando vi você, simplesmente

esqueci. Sinda. Agora é Sinda, certo?

Devagar, com a cabeça tão pesada que eu a sentia como uma pedra sobre os ombros, assenti. Olhei para baixo, para longe, para qualquer lugar, menos para Kiernan. Notei que meus braços estavam completamente cobertos pela cor marrom e opaca da tinta arruinada, dando a impressão de que eu estivera brincando na lama. A frente do meu vestido — não, do vestido da filha de Alva — estava escura com a água que eu derrubara nele, mas isso não disfarçava o quanto era velho o tecido desbotado e fino. Um inseto passou voando e eu o espantei com a mão, passando o polegar pela face. Senti a umidade e compreendi que, provavelmente, havia deixado uma mancha marrom no rosto.

E de algum jeito, toda a alegria que havia sido contida dentro de mim por tanto tempo, sem motivos para sair, a alegria que havia borbulhado até a superfície quando vi Kiernan, transformou-se em algo azedo e sombrio. Eu estava envergonhada da minha aparência e do que fazia, e de como havia estragado tudo. De repente o odiei por me ver desse jeito, por ter vindo e me lembrado de quem eu não era mais. E soube que, assim que abrisse a boca, o que quer que saísse dela seria horrível, cruel e cortante. Sabia até que devia me conter, que me arrependeria mais tarde, mas naquele momento, com o rosto queimando, eu não me importava.

— O que faz aqui, Kiernan? — perguntei sem me alterar.

Os olhos dele revelaram por um instante surpresa com o meu tom de voz.

— Vim ver você. Sei que faz tempo, que demorei muito, mas... — Duas cores surgiram em sua face, como se ele não quisesse continuar, mas se forçasse. — Mas houve todo tipo de cerimônias e ocasiões para recebê-la. Todos foram chamados à corte. Eles se certificaram da presença até da Baronesa de Mossfeld — acrescentou com uma gargalhada e um olhar esperançoso em minha direção. A propriedade de Mossfeld ficava no extremo norte de Thorvaldor, e a mulher que a comandava era tão excêntrica que não era vista na corte desde a coroação do Rei. Kiernan e eu tínhamos passado muitas horas deitados na grama dos jardins do palácio, tentando imaginar como ela era, exatamente, e o que fazia confinada àquela terra pantanosa e encharcada de

Mossfeld.

Mas não sorri, e vi Kiernan engolir em seco antes de continuar.

— Enfim, eu não podia sair de lá. Meu pai disse que seria um insulto a... a Nalia, se eu me ausentasse para procurar você enquanto eles ainda estivessem dando as boas-vindas a ela. Ontem ele finalmente me deu permissão para deixar a corte, e comecei a jornada hoje de manhã.

— Entendo. Mas por quê? — perguntei. Havia em minha voz um tom que eu não reconhecia, cortante e perigoso como a lâmina de uma espada. Eu cortaria Kiernan, sim, mas também me cortaria segurando essa lâmina.

Não me importava.

— Isto — falei, estendendo o braço para mostrar o chalé e a bacia de tingimento — não é exatamente o que você conhece e com que está habituado. — Ele olhou para onde eu apontava, piscando confuso. Eu balancei a cabeça. — Não. Você é só diversão, brincadeiras e piadas.

Ele empalideceu, magoado, e eu quase desmoronei. Não era verdade; Kiernan era mais que isso, e nós dois sabíamos. Mesmo assim, eu não parei.

— Não há muitas mulheres bonitas para beijar aqui, Kiernan, ou jogos para jogar, ou brincadeiras para fazer. Não há peças às quais assistir, nem salões musicais aonde ir. Não há nem mesmo bibliotecas das quais você possa fugir. — Eu ri, e a risada soou alta, estridente, irreconhecível aos meus ouvidos. — Oh, não se preocupe. Não é só você. Olhe em volta. Não há nada aqui com que alguém em sã consciência queira se relacionar.

— Tem você — ele falou em voz baixa. — Vim aqui procurar você. Teria ido a qualquer lugar — ele acrescentou mais veemente. — Ao distrito Two Copper em Vivaskari ou aos pântanos de Mossfeld, ou ao inferno congelado do Deus Sem Nome. Você é minha amiga. Vim procurar você.

Em parte, eu queria agarrar o braço dele e implorar para que me perdoasse pelas coisas que disse. Em parte, queria fechar os olhos e fingir que

estávamos nos jardins do palácio, que nada havia mudado. Outra parte de mim queria sentar-se no chão com ele e conversar até meus lábios ficarem entorpecidos, contar sobre minha vida ali. Os cervos no lago, minha confusão com relação a Tyr, a tensão no relacionamento com tia Varil, o medo daquela sensação bizarra que me atormentava desde que ali chegara, a de que havia alguma coisa presa dentro de mim.

Parte de mim queria tudo isso. Mas o restante de mim sentia muita vergonha por ter sido pega desprevenida, toda suja, molhada e pobre. Eu era orgulhosa demais para retirar o que havia dito.

— Não sou mais Nalia — falei, e usei uma voz tão fria que Kiernan recuou balançando sobre os calcanhares. Segurando a saia com as mãos, eu a mostrei e sacudi. — Olhe para mim, Kiernan. Olhe bem. Isto é o que sou agora. A sobrinha de uma tintureira em uma cidadezinha remota, alguém que não tem as próprias roupas. Limpo a casa, preparo o jantar e tinjo coisas. E nem sou boa nisso.

— Não importa — ele grunhiu. Seus olhos brilhavam e os punhos estavam cerrados, e o rosto empalideceu com o fervor das palavras. — Não faria diferença, para mim, se você fosse uma princesa, uma vendedora de peixe ou uma cigana itinerante. Não é por isso que sou seu amigo.

Isso quase, quase me abalou. Mas eu já havia ido longe demais. E me ouvi insistindo.

— Você era amigo de Nalia. Pois bem, a verdadeira Nalia está no palácio. Talvez seu pai esteja certo. Devia fazer amizade com ela.

Kiernan balançou a cabeça com tanta força que deve ter doído.

— Não, Sinda, escute...

Foi ouvi-lo falar meu nome, o nome que eu não queria, que me fez desabar.

— Pare com isso — sibilei. — Você veio, me viu. Cumpriu seu dever. É inútil, Kiernan. Vá embora.

Depois disso, eu me virei com as costas tão eretas quanto as de tia Varil. Sentia as lágrimas quentes se formando em meus olhos, mas não conseguia me forçar a encará-lo. Houve um longo silêncio, depois ele disse:

— Trouxe uma coisa para você. O mapa do Rei Kelman. Você... você o deixou comigo naquele dia. Achei que podia, bem, conseguir trabalhar nele. Decifrá-lo.

— E que biblioteca eu usaria? — perguntei com amargura. — Que livros pesquisaria para encontrar as respostas para um enigma com o qual ninguém se importou em trezentos anos?

— Pensei que ia gostar — ele falou.

Nunca antes ouvi Kiernan falar desse jeito desanimado, derrotado.

— Bem, pensou errado — insisti, mantendo-me de costas para ele. — Tenho amigos aqui, Kiernan. Eles me mantêm ocupada. Não preciso da sua piedade ou dos seus presentes.

Outra pausa prolongada. Civilizações inteiras poderiam ter sido erguidas e destruídas nessa pausa. Em seguida, ele falou com toda a cortesia austera do filho de um conde:

— Vou embora, então. Lamento se a importunei. Adeus, Sinda.

Eu estava realmente chorando agora, lágrimas gordas que corriam por meu rosto enquanto eu rangia os dentes com força, tanto que minha mandíbula doía. Se abrisse a boca, eu teria chorado alto, por isso não disse nada. Um momento depois, ouvi o som do galope de um cavalo deixando Treb em alta velocidade.

Só então me virei. E vi, sobre o toco de árvore onde às vezes me sentava enquanto mexia o banho de tingimento, um rolo de tecido antigo amarrado com uma fita azul. Com dedos trêmulos, desamarrei o nó e alisei o tecido delicadamente para revelar um mapa do terreno do palácio. Com que cuidado ele devia tê-lo transportado para que chegasse ali ileso?

Eu gemia, percebi, um lamento baixinho como o de um animal ferido. Soltei o mapa; ele caiu sobre o toco, e a fita embaixo dele ficou pendurada. Depois me deixei cair no chão e abracei os joelhos.

Eu o havia magoado de propósito, ferido nossa amizade em sua essência com minhas palavras. Sabia o que estava fazendo e, orgulhosa, havia feito assim mesmo.

Apoiei a testa em meus joelhos e soluzei mais forte. Nunca mais o veria. Havia afastado de mim meu único amigo verdadeiro, meu melhor companheiro no mundo.

— Por favor — sussurrei. — Por favor, volte.

Não havia ninguém ali para me ouvir.

Capítulo Cinco

Muito tempo depois, eu me forcei a levantar do chão. Estava tremendo como se não comesse havia dois dias, meu rosto inchado e dolorido de tanto chorar. A noite caía, e tia Varil ainda não voltara. Eu devia ir ver se ainda podia fazer alguma coisa para salvar a tinta, ou entrar e preparar o jantar. Olhei para a bacia de água por um momento, depois me afastei sem tocá-la. Pensei mais um pouco e voltei para pegar o mapa do Rei Kelman.

Quando entrei, fui diretamente para o quarto, abri meu baú e deixei o mapa do Rei Kelman em cima, onde não seria amassado por minhas coisas. O baú não tinha fechadura. Eu me preocupei com isso por um momento, mas depois decidi que não havia ninguém em Treb que soubesse quanto o mapa era valioso, e então fechei a tampa com delicadeza. Ainda havia água na bacia ao lado de minha cama; eu a usara para lavar o rosto naquela manhã. Mergulhei as mãos nela, lavei o rosto e esfreguei os braços sem muito empenho, mas não removi muita tinta. Tirei o vestido sujo e o deixei ao pé da cama antes de vestir o outro que tinha.

Estava agitada, percebi, me movendo tão rápido quanto podia para não ter que pensar no que havia feito. De fato, o único pensamento que me permitia era: Tyr. Eu encontraria Tyr. Ele devia voltar hoje à noite, e eu iria procurá-lo. Agora ele era meu amigo, meu único amigo, o único com quem eu devia ir buscar conforto. Não tinha importância se meu coração parecia chamar outro nome em batidas lentas e dolorosas, não tinha importância que eu soubesse, bem lá no fundo, que encontrar Tyr jamais poderia curar a dor que eu sentia. Bani os pensamentos e, quando finalmente fiquei apresentável, saí de casa e segui pela rua para a loja da família de Tyr.

Poucas pessoas andavam por Treb naquela noite. O dia seguinte era a data dedicada ao Deus Sem Nome, e muita gente estava preparando a refeição que a família comeria quando voltasse da visita ao templo do Deus. Então, não havia ninguém para me ver quando bati na porta principal e, sem obter resposta,

contornei o prédio para a entrada dos fundos, por onde era possível entrar nos aposentos da família em cima da loja.

Quando contornei o prédio, porém, parei, ouvindo a voz que vinha do pequeno jardim onde a mãe de Tyr mantinha as plantas que tia Varil chamava de “bobagens decorativas”. Esperei e ouvi até reconhecer a voz de Tyr, e também as de Renthen e Jorry, dois outros rapazes do vilarejo que tinham a nossa idade. Mas ainda hesitei. Não conhecia muito bem Renthen ou Jorry, e não queria discutir meus problemas na frente deles.

Havia quase decidido voltar para casa quando ouvi meu nome.

— ... finalmente chegando lá — disse Tyr.

— O que, com Sinda? — Esse era Renthen ou Jorry. Quem quer que fosse, alguma coisa no tom de voz me fez prender a respiração.

— Naturalmente. Eu não disse que não ia demorar.

Um dos outros bufou.

— Eu acho que já está demorando muito.

A voz de Tyr era debochada.

— Não seja idiota. Ela é como um rato. Não podia assustá-la. Mas agora... — Ele riu, e não era seu riso habitual. — Agora eu a tenho. Deviam ter visto quando a beijei. Tão suave, tão entregue. Não vai demorar.

Meu coração batia tão depressa e tão alto que me perguntei como eles não ouviam.

— Não interessa, Tyr. Não sei se alguma coisa compensa beijar alguém como ela. Tão... magra e morena. E os seios nem enchem a boca.

Escutei um barulho abafado, como se Tyr houvesse empurrado o garoto que havia falado.

— Já disse para não ser idiota. Que importância tem isso, se vou poder

dizer que me deitei com a menina que era a princesa?

Eu não conseguia respirar. O ar entrava na minha boca, mas eu não conseguia levá-lo aos pulmões, e de repente minhas pernas ficaram fracas demais para me sustentar. Senti que eu cambaleava e me apoiei à parede, estendendo a mão para me agarrar a alguma coisa que me impedisse de cair. Uma trepadeira carregada de flores roxas descia pela lateral do edifício, e foi em torno dela que meus dedos se fecharam.

Tenho amigos, me ouvi dizer a Kiernan. Mas não tinha. Tudo que Tyr queria era poder contar que havia conquistado uma princesa. Vi mentalmente o rosto de Tyr, e o de Kiernan, magoado e chocado enquanto eu despejava sobre ele minhas palavras venenosas. Eu havia sido estúpida. Agora não tinha ninguém. Ninguém mesmo.

A trepadeira que eu segurava se desfez em poeira preta em minha mão.

A planta se sustentou por um momento, uma rede de fina cinza negra, depois começou a cair como neve. Olhei para cima, chocada e horrorizada, antes de ouvir um barulho como de alguma coisa fritando sobre o fogo. Quando olhei para baixo, a grama em torno de meus pés se tornara marrom e seca. O ar que me envolvia parecia se mover e retorcer, repentinamente aquecido. E de repente a sensação, aquela coisa que estivera presa em meu peito durante semanas, se soltou. Ela se rompeu dentro de mim, me cercando em anéis como os de uma serpente enquanto se dissipava para a noite e sibilava. *Sim*.

Magia. O que eu sentia esse tempo todo era magia, magia que eu nem sabia que tinha.

Corri. Voltei correndo para a casa de tia Varil, sem me importar em saber se Tyr me ouvira ou se mais alguém me vira. Corri movendo os braços e sentindo as pernas tremer enquanto me transportavam, meus cabelos se soltando da trança. Só quando cheguei ao chalé e me escondi atrás dele eu parei, ofegante, para pensar.

Eu havia feito aquilo. De algum jeito, matara a planta, transformando-a de

algo vivo em cinzas de um instante para o outro. Eu queimara a grama sobre a qual pisava. A única maneira de fazer essas coisas era pela magia. Mas eu não tinha magia, ninguém na família real tinha. Todos sabiam que não existia um Rei ou uma Rainha dotados de magia havia séculos. De fato, todos que se casavam com representantes da coroa eram severamente testados para a existência de magia. Era justo, servia para impedir que a família real tivesse que carregar o peso da magia, além da coroa; servia para impedir que nos tornássemos ditadores, em vez de governantes sábios.

Pus uma das mãos sobre o peito e a outra na parede do chalé, percebendo meu erro repentinamente. Eu não fazia parte desse grupo, não mais. Não era da realeza, por isso podia haver magia na minha família, afinal. Mas por que eu nunca soubera disso antes? Por que nada assim havia acontecido antes?

Minha mente começou a girar imediatamente, tentando encontrar uma resposta, mas eu a forcei a trabalhar devagar. Não. Por mais tentador que fosse recorrer ao reino acadêmico, ponderar as razões pelas quais a magia teve que ficar escondida durante todos esses anos, havia outra questão que eu tinha que formular primeiro.

Tia Varil andava pela sala quando eu entrei. Ela parou e bateu um pé ao me ver.

— Sinda! — exclamou. — Onde você esteve? A tinta estava arruinada e você desapareceu. Não é...

— De onde veio isso? — interrompi. Sentia-me em carne viva, esfolada até o osso. Primeiro a visita desastrosa de Kiernan, depois a traição de Tyr, e agora isso. Era demais; eu estava tensa como a corda de um arco pronta para disparar a flecha. Nesse momento não me sentia acanhada ou quieta. Sentia-me apenas furiosa e doente na alma.

— De onde veio o quê?

— A magia.

Os olhos de tia Varil se abriram e a mão dela tocou a base da garganta.

Não em choque, mas como alguém que acabava de receber notícias que eram esperadas havia muito tempo, e temidas.

— Você sabia — eu disse, embora não quisesse acreditar nisso. — Sabia que podia acontecer, sabia o que eu estava sentindo, e não me preveniu.

— Eu não sabia. Você não me contou. E eu esperava... — Pela primeira vez desde que a conheci, ela parecia perdida, insegura. — Tinha esperança de que pudesse escapar. Esperava que não houvesse herdado nada disso.

— Bem, acabei de matar uma planta simplesmente tocando nela — contei. — Então, parece que não escapei.

A porta continuava aberta, e eu a fechei com um estrondo. Minhas pernas ainda tremiam, mas eu não queria me sentar.

— De onde veio isso? Meu pai ou minha mãe?

Os olhos de tia Varil baixaram para o chão quando ela resmungou:

— Sua mãe.

Minha mãe, aquela que me abandonara, que fizera meu pai sofrer tanto que ele desistira de mim. Eu tinha uma pequena esperança de que fosse meu pai. Pelo menos então minha tia saberia alguma coisa sobre magia. Mas eu estava sozinha nisso.

Olhei para o teto e minha garganta se fechou. Sozinha. Sempre sozinha. Não importava o que eu fizesse, estava fadada a terminar sozinha, sem ninguém a quem recorrer em busca de conforto. E por quê? Por causa de uma profecia que nada tinha a ver comigo, porque havia nascido no momento certo e era filha de um homem infeliz demais para desejar cuidar de mim. Só por isso, eu nunca...

— Sinda!

A voz cortante de tia Varil me arrancou da teia de sentimentos que me envolvia. Só então percebi o vento correndo pela casa, batendo a saia e os

cabelos de tia Varil, os meus cabelos, os ramos de ervas espalhados sobre a mesa.

Mais magia. Mas eu não sabia como controlá-la, como detê-la. Fiquei quieta, quase sem respirar pelo choque, e aos poucos a opressão da magia em meu peito diminuiu mais uma vez, enquanto ela transbordava de mim. Pouco a pouco, o vento perdeu força, e quando ele desapareceu por completo, eu me deixei cair sobre a cadeira mais próxima.

Deus Sem Nome, eu era um perigo para mim mesma e todos que me cercavam. Bastava olhar o que fiz em alguns momentos de mágoa e raiva. Na próxima vez que perdesse a cabeça, eu poria fogo na casa por acidente? Pensar nisso me fez engolir em seco. E se eu fizesse isso agora? Parecia improvável; eu me sentia esgotada como se houvesse corrido até Vivaskari e voltado. Mas não tinha ninguém que pudesse me dizer exatamente o que esperar, ninguém que pudesse ajudar a me controlar.

Tia Varil pigarreou.

— Como eu dizia, Ilania, sua mãe, tinha o mesmo poder. Principalmente, pelo que pude ver, ela iludia as pessoas, as enredava para induzi-las a fazer o que ela queria. Essa é uma das razões pelas quais eu... não gostava dela. Sempre pensei que Ilania havia usado magia com seu pai, para fazê-lo se apaixonar por ela.

Mantive os olhos baixos.

— Ela era treinada?

Senti, em vez de ver, que tia Varil deu de ombros.

— Não pela faculdade em Vivaskari. Ela dizia ter estudado com um mago de Farvasse durante suas viagens. Dizia que ele tinha menos cerimônia que as pessoas daqui.

O que era verdade, pelo que eu sabia sobre as práticas de magia farvaseanas. Lá eles não tinham faculdade; em vez disso, os que tinham aptidão

para a magia simplesmente encontravam um mago que os tomasse como aprendiz. Os magos em Vivaskari sempre haviam torcido o nariz para essa ideia, alegando que a abordagem carecia de disciplina e que por isso não havia nenhum mago farfarseano realmente famoso nos últimos dois séculos. De qualquer forma, nada disso me ajudava.

— Devia ter me contado — comentei cansada. — Eu... agora sou perigosa. Matei uma trepadeira inteira. Ela simplesmente se transformou em cinzas na minha mão. Quase comecei uma tempestade de vento aqui sem querer. Se tivesse me contado... — Parei insegura. E daí? Eu ainda não teria ninguém a quem recorrer. Não havia nem uma bruxa em Treb. — Você devia ter me contado.

— Não gosto de magia — respondeu tia Varil.

Olhei para ela. Nunca ouvira ninguém dizer isso. Você não gosta ou deixa de gostar de magia. Era como dizer que não gosta do ar; é uma coisa que está ali, uma coisa sobre a qual não se pode fazer nada. Algumas pessoas tinham, outras não; como cabelo vermelho ou miopia.

— Não gosto disso. Não gosto de magia desde que sua mãe apareceu. Por isso não lhe disse nada. Acho que esperava que, se não contasse, ela ficaria afastada.

Um sorriso retorcido e sem humor distendeu minha boca.

— Bem, ela está aqui. — Levantei-me devagar. Não sabia o que fazer, mas sabia que não podia pensar em mais nada esta noite. — Vou dormir. Amanhã cedo pensarei no que fazer, presumindo que não ateie fogo à cama enquanto estiver sonhando.

Tia Varil nem assentiu. Ela apenas me observou enquanto, com a magia vibrando sob minha pele, fui para o quarto, deitei-me na cama e adormeci.

Na manhã seguinte, acordei sabendo o que devia fazer. Eu havia ficado confusa na noite anterior, mas quando despertei tudo parecia... não claro, mas mais nítido. Muitas coisas haviam ocorrido em uma única noite, e elas se

atropelavam me deixando quase sem espaço para respirar. Agora havia cercas à minha volta, uma cerca de arbustos espinhosos que me arranhariam se eu seguisse pelo caminho errado, e só uma via parecia estar livre deles.

Tia Varil já havia saído da cama, ou talvez nem houvesse dormido nela na noite anterior. Eu havia me deitado sem tirar o vestido. Agora, quando me levantei, fui diretamente ao baú no canto do quarto. Fiquei com um nó na garganta quando vi o mapa do Rei Kelman sobre as coisas lá dentro, mas eu o peguei com dedos ligeiramente trêmulos. No fundo do baú, encontrei o que procurava: um vestido verde-escuro que trouxera comigo do palácio e os sapatos baixos e delicados que combinavam com ele. Quando os tirei da arca, meus dedos tocaram a bolsinha de ouro escondida em um canto. Uma onda de culpa me invadiu. Talvez devesse ter dado o ouro à minha tia quando cheguei, ou talvez devesse oferecê-lo agora. Em seguida balancei a cabeça e dobrei um dos outros vestidos de forma que cobrisse a bolsa. Não, eu ia precisar do ouro para o que pretendia fazer.

Em pouco tempo estava vestida, mas ainda permanecia no quarto, escovando os cabelos e lavando o rosto mesmo depois de ver que ambos estavam apresentáveis. Afinal, saber o que você tem que fazer e fazer são duas coisas diferentes. Mas finalmente me forcei a parar, ergui os ombros e fui procurar tia Varil.

Eu a encontrei lá fora, atrás da casa. Havia uma grande bacia de água diante dela, e também vários cestos de plantas e uma pilha de novelos de lã, mas, aparentemente, ela não havia tocado neles desde que os pusera ali. Estava olhando para a floresta, e só se virou quando pigarreei alto.

— Sinda — ela falou sem me encarar. Sua voz era como um chiado, e não consegui descobrir se ela havia dormido. — Estive pensando sobre o que você disse ontem à noite e acho que tem razão. Não foi uma decisão justa simplesmente esperar que você não tivesse nenhuma magia. — Ela falava daquele jeito entrecortado e peculiar, sem indicar pelo tom de voz se aquilo era ou não um pedido de desculpas. — Há uma mulher em Widevale, uma curandeira. Comprei alguns remédios dela quando seu pai adoeceu. Os remédios não funcionaram como eu esperava, mas tive a impressão de que deram a ele

algum alívio. Se eu for procurá-la, talvez ela aceite treinar você. — Removendo partículas invisíveis do vestido, ela se levantou com firmeza. — Tem uma carroça que vai para lá amanhã e...

Ela continuou falando enquanto se levantava, mas parou de repente ao olhar para mim. Seus olhos examinaram desde os sapatos delicados em meus pés até meus cabelos, que eu havia trançado e torcido em torno da cabeça. Com a língua entre os dentes, ela engoliu em esforço visível pelo movimento em sua garganta.

— Mas você não vai ficar, não é?

Eu havia preparado um discurso, uma longa explicação que eu havia pensado que seria necessária quando a confrontasse. Agora não sabia o que dizer, estava ali procurando as palavras. Então, apenas assenti.

— Vai voltar para a cidade? — Mais um movimento afirmativo com a cabeça. — Hoje, se puder? — De novo. — Presumo que tenha dinheiro para pagar a passagem, caso uma carruagem passe por aqui?

Só então recuperei a fala.

— Sinto muito. Eles me deram o dinheiro quando sai de lá. Pelos “serviços prestados à coroa”. Devia ter dado o dinheiro a você, eu sei, mas pensei... — Abri os braços e dei de ombros. — Pensei que poderia precisar dele.

Tia Varil moveu a cabeça, mas não consegui determinar se o movimento era afirmativo ou não.

— É compreensível. E o dinheiro é seu. Afinal, eu não passei a vida toda esperando para ser morta no lugar de outra pessoa.

Empalideci com a franqueza da resposta, mesmo sabendo que o que ela dizia era verdade.

— Mas você me acolheu.

Ela encolheu os ombros magros.

— Só porque você não tinha outro lugar para ir. E porque sabia que meu irmão ia querer que fosse assim. — Ela se sentou sobre o toco de árvore onde Kiernan havia deixado o mapa no dia anterior. — Não fui afetuosa com você, Sinda. Não a confortei, nem tentei tornar sua adaptação mais fácil, nem fui simpática com seus amigos.

— Ele não era meu amigo, na verdade — respondi depressa, e meu rosto ficou vermelho.

Tia Varil piscou, e por um momento achei que poderia me perguntar sobre o assunto, mas ela apenas continuou:

— Sinto muito se dificultei as coisas para você. Só posso dizer que não a esperava. Estava acostumada com a vida como ela era, e me resenti com a invasão. Mesmo assim, errei com você duas vezes. Não a acolhi como devia, mesmo sabendo que precisava de ajuda, e deixei você descobrir sozinha sua magia, em vez de preveni-la para a possibilidade de ela existir. Lamento por isso.

Eu não sabia o que dizer. Havia muita distância entre nós, tanto que eu pensava que nunca seria capaz de atravessá-la para alcançá-la. Mas ela era minha única parenta viva, e senti um poço escuro dentro de mim, um enorme vazio em um espaço que devia estar preenchido. Se as coisas fossem diferentes, se *nós* fôssemos diferentes...

— Obrigada — respondi finalmente. — Eu também sinto muito por não ter conseguido me adaptar aqui.

Tia Varil bufou.

— Não seja boba. Aqui não é seu lugar. Nunca foi. Eles a estragaram para uma vida comum, e a culpa não é sua. Não há nada que possa fazer quanto a isso. — Ela suspirou, como alguém que se ajeita na cama pela primeira vez em semanas. — Vai ficar melhor em Vivaskari. Mas o que vai fazer lá?

Balancei a cabeça.

— Não sei. Acho que vou procurar a faculdade dos magos e descobrir o

que é preciso fazer para ser aceita. Se não me aceitarem, bem... — O medo que eu tentava sufocar formou um nó em minha garganta, me impedindo de falar por um momento. — Vou pensar em alguma coisa. Conheço a cidade; lá me sentirei mais confortável.

Os olhos de tia Varil estavam escuros quando ela olhou para mim. Talvez fosse a magia descoberta em mim recentemente, ou ela pensava nisso com tanto empenho que qualquer um poderia ter visto o pensamento estampado em seu rosto, mas consegui ouvir as palavras que ela não disse. Desviei os olhos para o norte, para Vivaskari.

Talvez não exista nenhum lugar onde eu possa me sentir em casa. É possível que eu fique para sempre vagando entre dois mundos, sem encontrar consolo em nenhum deles.

Um dia depois, eu estava de volta a Vivaskari.

Enquanto a carruagem de aluguel sacudia pelo distrito de South Gate, eu não conseguia deixar de virar a cabeça para olhar para cima, para as muralhas da cidade se estendendo para o alto. Felizmente, meus companheiros de viagem — uma mulher muito magra de um vilarejo ao sul de Treb e seu marido igualmente magro — também olhavam pelas janelas e não perceberam minha reação típica de alguém mais rústico. Consegui me conter e evitar outras demonstrações enquanto atravessávamos South Gate para Flower Basket, onde marido e esposa desembarcaram, e seguimos para o distrito de Guildhall, mas não consegui evitar as batidas aceleradas de meu coração. *Casa, casa, casa*, ele parecia cantar. Por sorte, parecia que só emoções negativas provocavam a ativação da magia dentro de mim, porque o ar não se moveu nem esquentou enquanto meu coração disparava. Mas eu ainda podia senti-la, agora que sabia que ela estava ali. A magia era como um pequeno sol dentro de mim, mas um sol com... consciência. Ele queria sair; de algum jeito, eu sabia disso. Só precisava mantê-lo preso pelo tempo necessário para aprender como usá-lo.

O condutor me deixou na frente do Cat's Paw, uma hospedaria em Guildhall, um lugar onde, ele disse, deixaria a própria filha, se tivesse uma. Eu sabia pouco sobre as acomodações na cidade, exceto por várias tavernas muito

caras no distrito de Sapphire, aonde Kiernan às vezes ia com os garotos do palácio. Eu sabia que não podia pagar o preço de nenhuma delas, e esperava que a Cat's Paw fosse limpa e relativamente barata, como havia garantido o condutor da carruagem.

Ela era, e logo me instalei em um quarto com uma janela com vista para o edifício do Scribe Guild. O único momento mais delicado da transação ocorreu quando a proprietária me olhou com seu ar duro de matrona e perguntou: — Quantos anos você tem?

— Dezoito — menti, tentando não piscar. Ela havia comprimido os lábios com desconfiança, mas, finalmente, assentira e aceitara uma das minhas moedas. Pelo jeito como arregalou os olhos, deduzi que a maioria de seus clientes não pagava a estadia com ouro, e prometi a mim mesma que esconderia a bolsinha com moedas de ouro e as trocaria por prata e cobre o mais depressa possível.

A noite havia caído quando me acomodei no quarto com a bandeja do jantar. Não queria descer para fazer a refeição. Embora eu raramente houvesse percorrido os distritos superiores de Vivaskari, ainda temia que alguém pudesse me reconhecer como a falsa princesa. Depois da falsidade de Tyr, na qual eu não conseguia pensar sem sentir meu estômago protestar, estava inclinada a tratar quase todo mundo com desconfiança.

Esses sentimentos se estendiam, estranhamente, a mim também. Havia mudado novamente, deixado de ser a pessoa que pensava que era. E não confiava nessa nova pessoa, nesse ser cheio de magia. Mantivera as mãos cerradas sobre o colo durante todo o trajeto de carruagem rumo à cidade, temendo liberar um poder que não conseguisse controlar.

Agora, toda minha esperança residia em frequentar a faculdade dos magos. Com certeza, eles veriam que sou um perigo para mim mesma e para aqueles que me cercam, e me aceitariam. E se isso não os convencesse, eu poderia pagar com a bolsa de ouro escondida no fundo do meu baú.

Tive a impressão de que muito tempo passou até eu conseguir acalmar

meus pensamentos conflitantes, mas finalmente adormeci naquela noite. No dia seguinte, disse a mim mesma, enquanto meus olhos fechavam, que eu começaria a colocar a minha vida em ordem.

Capítulo Seis

— *Sinto muito*, mas realmente não posso fazer nada.

O Iniciado de túnica azul olhou para mim com as pálpebras pesadas, depois baixou os olhos e arrumou deliberadamente vários papéis sobre a mesa à sua frente. Um momento mais tarde, ele ergueu os olhos outra vez e pareceu surpreso por me encontrar ainda sentada ali.

Eu não havia me movido porque estava em choque. Naquela manhã, eu me vestira com todo o cuidado possível, escolhendo o melhor dos vestidos que me deixaram levar do palácio: era vermelho com longas mangas de sino. Havia trançado cuidadosamente os cabelos em torno da cabeça e depois os cobrira com um véu escuro. Não para impedir que o vento soltasse as mechas em torno do rosto, mas como uma tentativa de me disfarçar. Depois saíra da The Cat's Paw para ir à faculdade dos magos e pedira para falar com alguém sobre me matricular.

Agora eu puxava o véu com nervosismo enquanto dizia:

— Tem certeza? Quero dizer, sou um pouco velha, mas só descobri minha magia recentemente. Transformei uma planta em cinzas e queimei toda a grama...

— Você já disse — interrompeu o Iniciado com sua voz arrastada —, senhorita...

— Azaway — repeti.

— No entanto, senhorita Azaway, temos uma política rígida e muito antiga sobre a admissão de alunos na faculdade. Como não é de origem nobre, precisa realmente pagar a taxa anual para ser aceita. E, como já me disse, não tem esse dinheiro. — Ele fez uma pausa como se esperasse que eu o corrigisse. Quando me mantive calada, o Iniciado deu de ombros. — Sendo assim, deve entender

que não há nada que eu possa fazer.

Senti o peito apertado, como se faixas de ferro o espremessem.

— Mas deve haver um jeito, certamente. Tenho algum dinheiro. Não é o suficiente para um ano inteiro, mas pode ficar com tudo. E eu posso... posso trabalhar... — Olhei em volta procurando mais alguma coisa para dizer. — Prometo pagar a anuidade mais tarde.

Dessa vez ele riu.

— Realmente, não podemos fazer tais promessas para todas as pessoas que aparecem aqui. Temos magos em número suficiente para fazer todo o trabalho da faculdade, e criados para cuidar do restante. Quanto a pagar a anuidade posteriormente, você pode chegar à graduação que condiz com sua capacidade... — Seu tom deixava claro que ele duvidava de que eu chegasse a passar de Noviça, e depois desapareceria.

— Eu não faria isso. Por favor, preciso aprender como controlar a magia.

O Iniciado cravou em mim um olhar frio e disse com tom firme e gelado:

— Então, sugiro que vá a Wenth ou Farvasee. Soube que eles não são seletivos como nós com seus alunos. Bom dia.

— Por favor, tem mais alguém com quem eu possa falar?

— Não tem. Estou muito ocupado, então, vou ter que pedir para você ir embora.

Trêmula, assenti para ele e abri a porta para o corredor, e quase tropecei em três noviços ao sair. Uma das meninas fungou ao passar por mim, mas eu não dei atenção. Andava às cegas, tentando lembrar o caminho que eu havia percorrido para chegar ao gabinete do Iniciado, minha mente parecia estar congelada. Depois de um tempo, cheguei ao grande pátio que servia de entrada para a faculdade. Uma fonte no centro da área lança jatos de água para o alto, e essa água cai em uma pia grande e clara. Ela era feita da mesma pedra branca de muitos edifícios e torres da faculdade, e tinha uma borda grossa em toda sua

volta. Pessoas comuns e magos em vestes verdes, azuis, roxas e até alguns poucos vestidos de preto conversavam por ali, ou atravessavam o pátio a caminho de um dos muitos prédios que o cercavam, mas não havia ninguém sentado na beirada da fonte. Sentindo como se minhas pernas não pudessem mais me sustentar, eu me sentei na borda e deixei uma das mãos tocar a água fria. Para meu alívio, ninguém falou comigo nem pareceu me notar.

O que eu ia fazer agora? Apesar de ter dito a tia Varil que pensaria em alguma coisa se a faculdade de magia me recusasse, nunca acreditara realmente que eles não fossem me aceitar. Tudo tinha parecido muito simples algumas noites atrás. Afinal, eu tinha magia, e precisava aprender como controlá-la. Havia sido um alívio perceber que existia um lugar para onde eu poderia ir, algum lugar onde talvez eu me ajustasse. Nos poucos dias desde que minha magia aparecera, eu havia começado a pensar na faculdade como uma espécie de paraíso seguro, o lugar onde eu deveria estar agora que não era a princesa.

Não contava com as regras e normas que comandavam a admissão de magos. Como eu nunca havia percebido que só aqueles de origem nobre podiam estudar gratuitamente na faculdade? Como não sabia que todos os outros tinham que pagar uma anuidade exorbitante, um valor muito maior do que aquele que eu tinha na bolsa dentro do meu baú? Parecia errado que a coroa nunca houvesse pensado em fazer a faculdade aceitar os que não fossem nobres ou ricos.

Pense, eu disse a mim mesma. *Pense! Deve haver alguma coisa que você possa fazer, mais alguém com quem possa conversar.* Mas sem nada a que eu pudesse me agarrar, os pensamentos desapareciam quando eu lembrava a frieza indolente do Iniciado. Era a isso que tia Varil se referia quando dissera que eu desistia com muita facilidade? Havia alguma coisa que eu podia fazer, alguma atitude que podia tomar, mas que eu era tímida demais para considerar? Não conseguia pensar em nada, mas talvez isso só significasse que eu realmente era tão passiva quanto ela dissera.

Eu olhava pelo pátio para nada em especial, quando de repente um movimento rápido atraindo meu olhar. Uma mulher vestida com as roupas pretas de Mestre caminhava para a fonte com passos vigorosos. Mesmo em meu estado

atual, eu empalideci e senti a náusea subir até minha garganta quando reconheci Melaina Harandron. Na última vez que a vi ela estava com Neomar, observando tranquilamente enquanto ele desfazia o encantamento que lançara sobre mim para me fazer parecer Nalia.

Ela me reconheceria se me visse. Eu sabia de sua existência desde a infância, apesar de só conhecê-la de longe. E não queria ser reconhecida. Talvez não me importasse se estivesse sentada na beirada da fonte com a certeza de que logo ocuparia meu lugar na faculdade, segura de que tinha um lugar na vida. Mas agora, com as coisas como estavam, eu me incomodava muito. Não queria ser vista como a pessoa solitária e fracassada que estava a caminho de me tornar.

O véu que eu usara para cobrir meu cabelo já pendia torto por causa do nervosismo com que eu o puxara no gabinete do Iniciado. Eu o deixei cair para a frente para obscurecer meu perfil e abaixei a cabeça quando ela passou. Mesmo assim, não consegui evitar e ergui os olhos para observá-la, o coração batendo disparado enquanto esperava que ela me reconhecesse.

Mas nada aconteceu. Seus olhos passaram por mim e seguiram em frente como se eu fosse parte da fonte. Ela levantou a mão para cumprimentar alguém do outro lado do pátio, depois seguiu seu caminho.

Eu devia me sentir aliviada, mas, de alguma maneira, isso só me fez sentir pior.

Era o mesmo problema: Melaina não ter me notado e a recusa casual da faculdade. Sem um título de nobreza ou dinheiro para compensar sua falta, eu não era nada. Não tinha posição nem chance de conseguir uma. Havia pensado que a faculdade de magia me permitiria conquistar um lugar no mundo, independentemente da situação em que havia nascido. Mas agora, sentada no pátio, sem ser notada por ninguém, percebi que nunca havia escutado um mago thorvaldiano com o acento de alguém que nasceu nas classes inferiores, nunca ouvira falar em um aluno com bolsa de estudo. Simplesmente, nunca havia pensado nisso antes, como as pessoas à minha volta não pensavam nisso agora. Mas com certeza isso era loucura, deixar alguém com magia indomada nas mãos, só porque essa pessoa não era nobre nem rica? O Rei e a Rainha de certo

teriam visto que era errado e ordenado que a faculdade mudasse suas regras?

Não, sussurrou uma voz fraca dentro da minha cabeça. Por que eles se importariam se um homem pobre prejudica a si mesmo ou a sua família com magia que não sabe controlar? Afinal, eles se dispuseram a deixar a filha de um tecelão ser morta para que a verdadeira princesa vivesse. E ficaram muito felizes em mandá-la embora quando não precisavam mais dela.

O pensamento me invadiu e despertou as velhas mágoas. E, nesse exato momento, a fonte começou a ferver.

A água borbulhava e se agitava em torno de meus dedos, se espalhando em ondas para os dois lados da fonte. Assustada e chocada, puxei o braço com tanta força que caí da beirada da fonte e aterrissei com um baque no chão de pedra do pátio. Havia um zumbido em meus ouvidos e raios corriam por meus músculos. Eu ia me machucar — era a terceira vez em três dias que havia usado magia acidentalmente — provavelmente me mataria antes de conseguir encontrar um mago farvasseano que aceitasse me treinar...

— Ei, isso foi impressionante, sim, impressionante.

As palavras penetraram meus pensamentos confusos, e eu levantei a cabeça para ver alguém em pé perto de mim.

A pessoa ria para mim.

— Francamente, não devia passar mais tempo do que o necessário sentada na terra. Não suporto sujeira ou pessoas sujas. Bagunça, sim, e pessoas desorganizadas, mas nunca sujeira. A menos que eu esteja procurando plantas, e nesse caso é inevitável.

Perplexa, eu me levantei do chão e olhei para a mulher na minha frente, tentando limpar a parte de trás do vestido de maneira discreta.

Ela era uma mulher magra, talvez meia cabeça mais baixa que eu, com emaranhados cabelos castanhos e brancos que davam a impressão de que ela havia tentado prendê-los naquela manhã sem muito sucesso. Metade se

equilibrava como um ninho de pássaro no topo da cabeça, enquanto o restante caía sobre as costas. Ela era mais velha que tia Varil, talvez uns dez anos, e rugas marcavam sua testa e contornavam os olhos. Olhos que eram de um espantoso tom de verde, afiados como agulhas de pinheiro.

Ela me olhava como se eu fosse um pergaminho escrito com uma caligrafia estranha que ela precisava ler de qualquer jeito.

— Mas — continuou — você fez de propósito?

Por um momento pensei que ela estava perguntando se eu havia caído de propósito e abri a boca para protestar, mas, antes que eu pudesse falar, ela acrescentou:

— Se foi de propósito, foi um uso espantoso do princípio de Syrendal. Muito impressionante. É claro, se não foi de propósito, e como não está usando a túnica, posso dizer, com algum grau de certeza, que não é membro da faculdade, isso significa que há dentro de você muita magia em estado bruto, sem treinamento, e é muito perigoso ficar ao seu lado.

Eu sabia que a encarava boquiaberta, mas não podia evitar. Era como se estivesse no meio de um bando de pardais, sendo atacada por asas, bicos e piados ao mesmo tempo.

— Também não está usando a túnica — foi tudo que consegui pensar em dizer. No lugar da túnica, ela usava um vestido preto com uma saia dividida, como se houvesse ido cavalgar.

A mulher balançou a cabeça tão depressa que imaginei se não teria doído, e depois exalou ruidosamente.

— Aquelas vestes, não consigo suportá-las. São muito compridas... atrapalham. Mas sobre o truque que acabou de fazer... Realmente planejava usar a fonte para preparar chá?

Engoli em seco.

— Não. Descobri recentemente que tenho o dom da magia, e eu... eu vim

ver se a faculdade me aceitava. — Senti meus ombros caírem um pouco. — Mas não me aceitaram, não sou nobre e não tenho dinheiro suficiente.

Sem avisar, a mulher segurou meu pulso. Havia uma força surpreendente em sua mão magra, e depois de abrir minha mão ela a cobriu com a dela. Quando ela olhou nos meus olhos, alguma coisa quente percorreu meu interior, como um gato se esgueirando para um raio de sol. Então ela soltou minha mão, e uma expressão fechada surgiu em seu rosto.

— Ordens idiotas. Se disse a Neomar uma vez... bem, vou ter que cuidar disso de novo, não que vá adiantar muito — resmungou para si mesma. Depois balançou a cabeça e bateu o pé. — Posso garantir, minha querida, que a magia está explodindo dentro de você. Na verdade, não entendo como pode ter demorado tanto para ela aflorar. É claro, se fosse uma criança desnutrida, ou muito, muito doente, isso poderia tê-la reprimido um pouco, mas... Não importa, o que interessa é que agora a tem, e ela não pode mais esperar para sair de dentro de você. Qual é seu nome?

A súbita pergunta me fez hesitar.

— Fale, fale. Sabe qual é o seu nome, não sabe?

De vez em quando, pensei com pesar.

— Sinda — respondi. — Sinda Azaway.

Provavelmente, muitas pessoas não sabiam, ou, se já haviam escutado o nome da falsa princesa, não se lembravam dele. Mas a mulher na minha frente estreitou os olhos, aparentemente pensativa.

— Sinda — ela repetiu, desviando o olhar. — Onde foi que eu ouvi... Ah.

Olhando para mim, ela bateu no queixo com a ponta do dedo. — Eu a vi uma vez quando você era pequena. Fui ao palácio pedir permissão para colher algumas orquídeas de sangue dos jardins para um dos meus experimentos. Nenhum outro lugar nesta parte de Thorvaldor tem a planta, é muito difícil de cultivar... Você estava brincando com um menino, acho. Você me disse onde

estava a orquídea no jardim.

Ela olhou para o prédio de onde eu havia saído e balançou a cabeça mais uma vez — Não me importo muito com as regras deles, nunca me importei — disse de repente. — Então, eu vou lhe ensinar.

— Você vai me ensinar o quê? — perguntei.

— Magia — ela disparou. — A menos que eu esteja enganada e você seja tão lenta quanto aparentou ser agora. Talvez não pareça, mas sou um Mestre, se isso tem algum significado para você. Significa alguma coisa para todo mundo, quando as pessoas se dão ao trabalho de lembrar, e provavelmente deva dizer algo para você também. Mas não vai ser de graça. Preciso de uma escriba. Suponho que tenha aprendido a escrever com boa caligrafia no palácio?

Eu respondi movendo a cabeça para cima e para baixo.

— E vai ter que saber pesquisar também.

— Sei fazer as duas coisas — respondi atordoada.

— Ótimo. Estou muito ocupada com meus experimentos, por isso não vou ter muito tempo para você, mas vai ser melhor do que deixá-la morrer pela magia. Sou Philantha, a propósito. Não moro na faculdade. Minha família tem uma casa em Goldhorn há anos, e descobri que não há nada pior do que viver com um bando de magos.

Philantha balançou a cabeça de novo como uma ave e, de repente, começou a se afastar caminhando pelo pátio. Eu me levantei, sem conseguir entender completamente o que acabara de acontecer.

Porém, não tive muito tempo para ficar refletindo sobre o turbilhão que acabara de me envolver.

— Você não vem, Sinda Azaway? — ela chamou impaciente por cima de um ombro.

Dessa vez eu não hesitei.

— Sim — respondi, e me apressei em segui-la.

E foi assim que me vi morando em Vivaskari pela segunda vez. Como pagamento pelo trabalho de escriba — e, na verdade, assistente de pesquisa, bibliotecária assistente e ajudante para tudo que Philantha quisesse num dado momento — eu recebia moradia, aulas de magia, e um salário de duas moedas de prata por semana. Não era o que um escriba de verdade teria recebido, mas a maioria dos escribas também não tinha aulas de magia. Além do mais, eu nunca havia ganhado meu próprio dinheiro, e até aquelas duas moedas de prata me faziam sentir quase inebriada com a riqueza conquistada honestamente.

A casa de Philantha ficava no distrito de Goldhorn, localizado ao lado das muralhas do palácio e do distrito de Sapphire, e era a província dos ricos mercadores e daqueles que ganharam dinheiro recentemente, mas não tinham títulos de nobreza. Não era tão grande quanto Sapphire, mas era consideravelmente mais digno que Guildhall ou South Gate.

A casa tinha três andares. O primeiro era onde Philantha se reunia com amigos e com vários magos dispostos a tolerar suas excentricidades. Ela não era, eu descobri, muito respeitada na faculdade, mas havia pelo menos um punhado de magos que não a desprezavam, e às vezes eles iam conversar com ela sobre magia. O segundo andar era reservado para seus trabalhos, e abrigava seu estúdio e várias salas de experimentação. O terceiro andar era onde vivia sua equipe, inclusive eu. Meu quarto não era grande, mas era maior que o dormitório apertado que eu dividia com tia Varil, e era meu. Além de mim, Philantha empregava uma cozinheira, um mordomo, um cavaleiro para cuidar de seus dois cavalos, e duas criadas. No entanto, eu era a única na casa que tinha o dom da magia, além de Philantha.

Minha primeira aula aconteceu dois dias depois de minha chegada. Eu estava sentada na biblioteca, debruçada sobre um velho pergaminho que detalhava numa caligrafia pequena e fina os usos das ervas thorvaldianas comuns na magia. Eu devia copiar as informações em um novo diário, mas o processo não era fácil. A letra era pequena demais, e a linguagem era arcaica, o que já me fazia sentir uma dor de cabeça crescente quando a porta da sala foi aberta atrás de mim.

Assustada, eu pulei e quase amassei o pergaminho com o cotovelo, o que certamente o teria feito desmanchar parcialmente. Mal tive tempo para recuperar-me, e Philantha já estava em pé na minha frente.

— Pensei em mandar Briath, mas depois pensei que, quando conseguisse chamá-la ao meu estúdio, e todas as criadas têm pavor dele, e dissesse a ela o que preciso, teria sido mais fácil cuidar disso eu mesma.

Ela parou na expectativa e esperou, e percebi que eu devia dar algum tipo de resposta.

— Você pensou em mandar Briath para... — comecei hesitante.

— Chamar você — Philantha respondeu como se fosse óbvio.

— Ah! — Empurrei a cadeira para trás com um ruído alto e me levantei o mais depressa que pude. — Precisa de mim?

— Pensei que poderíamos começar as aulas. Mas seria melhor começar no meu estúdio. Eu não ia gostar se você pusesse fogo nos livros aqui, mesmo que metade deles esteja embolorada demais para ser lida.

Com isso, ela se virou e saiu da biblioteca sem olhar para trás para se certificar de que eu a seguia.

O estúdio de Philantha ficava no mesmo andar da biblioteca, algumas portas adiante. Quando entramos, eu parei. Com tanta coisa para olhar, eu corria o risco de tropeçar em meus pés se tentasse andar e inspecionar o ambiente ao mesmo tempo.

Aquele já havia sido o quarto do dono da casa, disso eu tinha certeza. Philantha devia dormir em outro lugar, porém, porque não havia espaço agora nem para a menor das camas. Livros cobriam mesas e banquetas, e havia também tubos de vidro, pilões de tamanhos variados e recipientes de fundo largo. Plantas secas pendiam do teto, um tear com um trabalho ainda por concluir ocupava um canto, e o que pareciam ser ferramentas para forjar prata foram abandonadas sobre uma mesa, cercadas de colares prontos e em pedaços.

Apoiado à parede ao norte havia um grande espelho, mas era impossível se ver nele por causa dos vários símbolos pintados em vermelho sobre sua superfície. Duas portas abertas revelavam uma pequena varanda que devia ficar sobre o jardim cercado por muretas atrás da casa. Na varanda havia muitos vasos de ervas e flores. O aposento tinha um cheiro estranho de especiarias, mas também um leve cheiro de fumaça, como se coisas fossem queimadas ali regularmente.

— Entre, entre — Philantha falou de trás de uma das mesas. Ela empurrou vários livros de cima de uma banqueta e gesticulou me convidando a sentar. — Agora — disse, depois que me acomodei nervosa —, o que sabe sobre magia?

— Só que a tenho — respondi sem pensar. — Além disso, sei apenas o que todo mundo sabe. — Não era verdade, não inteiramente, porque eu havia passado muito tempo lendo sobre magia no palácio, mas não queria dar a Philantha uma impressão errada do meu conhecimento.

— Muito bem, suponho que seja uma boa hora para uma palestra. Fiz muitas quando vivia na faculdade, mas isso foi há mais tempo do que eu gostaria de admitir. Porém, por onde começar, por onde começar? — Ela soprou o ar para o alto, empurrando os cabelos que caíam sobre sua testa, depois disse: — Magia é um talento, como saber cantar ou aprender idiomas rapidamente. Algumas pessoas têm esse talento, outras não. E algumas pessoas têm mais talento que outras, da mesma forma que alguns cantores são melhores que outros.

Talvez por ver essa ocasião como uma palestra, Philantha havia abandonado seu habitual jeito esbaforido de falar. Até aquele momento sua explicação era clara, e eu suspirei aliviada.

— No entanto, a analogia acaba aqui, porque magia, diferentemente da habilidade de cantar, tem um tipo de... consciência. Você vai descobrir que nem todos concordam comigo nesse aspecto, mas eu tenho certeza absoluta disso. Fiz vários estudos sobre o assunto quando lecionava na faculdade, e creio que muitos magos, especialmente os mais poderosos, experimentam um sentimento similar quando têm acesso a sua magia. Eles têm a sensação de que a magia quer ser usada, como se ela precisasse ser usada.

Ela fez uma pausa, e eu lembrei os sentimentos que havia tido durante semanas, como se alguma coisa quisesse sair de mim. E disse:

— O que acontece se a magia não é usada?

Philantha cruzou os braços sobre o peito com uma expressão fechada.

— A magia vai encontrar um caminho para sair à força. Principalmente quando o mago estiver sob fortes emoções, e normalmente de um jeito bem primitivo. Você pode atear fogo a alguma coisa, por exemplo. A magia quer ser usada, e se você não a utiliza voluntariamente, ela a obriga a usá-la. Daí minha sensação de que ela é... diferente de outros talentos.

Eu não sabia que tipo de sentimentos os outros magos da faculdade tinham com relação a sua magia, mas as ideias de Philantha faziam sentido para mim. E confirmavam meus receios de que, se eu não houvesse saído da casa de tia Varil, teria me tornado alguém perigosa rapidamente.

— Mas essa é uma conversa para outro dia. Em essência, magia é apenas a habilidade de se apoderar de sua vontade de usá-la no mundo à sua volta. Você quer que alguma coisa aconteça, e se essa vontade é forte o bastante, e você tem poder suficiente, isso acontece. Você pode usar coisas — ela continuou com um gesto para mostrar o estúdio — como poções, ervas ou pias de vidência, para ajudar a focar sua energia. — Ela me olhou com impaciência. — Sabe o que é uma pia de vidência, não sabe?

Assenti depressa, tentando não dar a impressão de que era completamente confusa, mas ela já continuava:

— É uma espécie de bacia bem rasa, um prato, quase, mas que contenha água. Você olha dentro dessa pia e, se tiver talento, enxerga coisas que serão, foram ou podem ser. Magia de toque não está entre aquelas que pratico com mais frequência. Mas os princípios são os mesmos, quer o mago esteja ou não usando algum acessório. Com relação a toda a magia, no final tudo se resume a se você tem ou não o poder e a experiência para fazer o que você quer fazer.

Ela parou e olhou em volta com aqueles movimentos rápidos de cabeça,

movimentos como os de uma ave, antes de encontrar o que procurava. Uma taça de prata sobre uma mesa próxima. Ela a pegou e pôs no chão na frente da minha banquetta. Havia água até a metade da taça.

— Muito bem, é mais fácil fazer coisas que são naturais. Bem, isso é exatamente verdade. É mais fácil, é claro, lançar um encantamento sobre si mesma. Você se conhece por dentro e por fora, mesmo que não saiba disso. São as outras pessoas que tornam isso mais difícil, porque você não as conhece, não como se conhece. Mas, ainda assim, mesmo com você mesma, é mais fácil fazer coisas que sejam naturais. Coisas que, nas circunstâncias certas, podem acontecer por elas mesmas.

— Então, seria difícil transformar a água em pássaro, porque, por conta própria, água nunca vai se transformar em pássaro. Mas a água vai congelar, se estiver suficientemente fria. — Ela apontou um dedo para a taça. — O certo seria começar com um encantamento sobre você mesma. Fazer você mudar a cor do seu cabelo ou falar em um idioma que não conhece. Mas acho que está pronta para um desafio, então experimente isso. Tente congelar a água. Olhe para ela, e deseje que ela congele.

Parte de mim queria protestar, dizer que eu não estava pronta, que não sabia o que estava fazendo. Lembrei como a planta se transformara em cinzas na minha mão e fiquei assustada. Mas outra parte sentia uma descarga de excitação, de coragem. Isso era algo que podia pertencer somente a mim, algo que não me faria lembrar minha vida antiga.

Olhei fixamente para a taça. *Congele*, pensei. *Congele*. Mas nada acontecia. Olhei para Philantha, mas ela apenas olhou para mim sem falar nada. Cravei os olhos na taça outra vez. Como pensar a palavra não estava ajudando, eu teria que experimentar outra coisa. Mas o quê? Philantha não havia sido específica sobre como eu deveria aplicar a magia. Olhava para a taça com firmeza, e nada acontecia.

Senti a frustração enrijecendo meus ombros. Lá fora, o vento balançava as plantas na varanda, e percebi que estava abafado dentro do estúdio. O fogo na lareira queimava alto demais para o fim de primavera, e algumas mechas de

cabelo que escaparam da minha trança grudavam na nuca. Involuntariamente, meus pensamentos se voltaram para o frio, para a ideia do vento gelado em minha pele. Pensei em como as fontes nos jardins do palácio congelavam no inverno, pensei no gelo liso sob meus dedos, nos pingentes que se formavam nas estátuas no centro dos canteiros, pendendo como coberturas irregulares. Uma vez Kiernan quebrara um deles para mim, e lembrei como o gelo queimara a palma da minha mão.

Meus olhos, que haviam perambulado, cravaram-se na taça. Com os pensamentos de inverno, neve e gelo dominando minha mente, concentrei-me na taça. Houve um pequeno estalo, o ruído de alguma coisa dura batendo em metal. Quando abaixei a mão, repentinamente exausta, vi que a taça estava recoberta de pequenos cristais de gelo.

Sorrindo, Philantha pegou um pedaço de pano e, envolvendo a mão com ele, pegou a taça.

— Completamente congelada — anunciou. — Acho que não há uma gota de água em estado líquido aqui, o que é melhor do que eu fiz na primeira vez. Sobrou um pouco de água na borda, sabe? — Ela deixou a taça sobre a mesa, depois continuou com tom profissional outra vez. — E agora você sabe qual é a sensação de controlar sua magia. Mantenha isso em mente. Não quero que incendeie minhas coisas num momento de irritação. Agora, se não estiver muito cansada, vamos falar sobre outros tipos de transformações.

Capítulo Sete

Eu saí do estúdio naquele dia me sentindo eufórica, mas se havia pensado que o resto das minhas lições seria fácil como a primeira tinha sido, eu estava enganada. Para começar, elas tiravam mais de mim do que eu esperava que tirassem; cada encantamento, até os menores, esgotavam minha energia. Philantha havia dito que eu ficaria mais forte na medida em que treinasse e experimentasse encantamentos mais difíceis, da mesma forma que os braços de uma pessoa se fortalecem com o levantamento de pesos cada vez mais pesados.

— Tudo tem um preço — ela disse com alegria. — A magia é como todo o resto, você precisa investir alguma coisa para ver um resultado. Nesse caso, é um pouco da sua energia que vai para cada encantamento. Mas, conforme você melhora, a energia despendida é cada vez menor. Tudo que isso significa... Bem, talvez não tudo, mas muito do que isso significa é que você precisa praticar mais.

E eu praticava. Congelava e descongelava água, acendia o fogo olhando para a lareira, e invocava o vento para fazer flutuar penas pelo estúdio. Preparava poções de clarividência, fiz uma tentativa desanimadora de prever o futuro, e fazia longas caminhadas com Philantha pelo campo em torno de Vivaskari para colher ervas e plantas para seus experimentos. E não era só estudo prático. Ela me fazia ler, e às vezes copiar longas passagens de livros e pergaminhos de magia. Sua biblioteca era cheia desses livros, e também de livros sobre a história da magia em Thorvaldor e nos países que o cercavam. Ela também me deu livros sobre as runas usadas por magos nos velhos tempos. Elas haviam caído em desuso nos últimos cem anos, Philantha me contou, mas um mago devia saber ler as runas, porque muitos textos mais antigos as empregavam.

Eu acho que teria sido mais fácil se tivesse uma professora mais convencional. Mas as aulas de Philantha, como tudo mais nela, eram aleatórias e frequentemente desconectadas, e assim nós íamos de encantamentos de transformação a encantamentos de fortalecimento do controle da mente, e

voltávamos sem planejamento ou motivo. Uma vez focada em um tópico ela era clara e precisa, mas sua tendência para mudar de assunto sem aviso me deixava sempre três passos atrás dela.

Também seria mais fácil se eu fosse melhor com magia.

Era estranho. Com relação ao aprendizado, havia poucas coisas que eu não compreendia depressa e com facilidade. Tingir, sim, mas poucas coisas além disso. Porém, depois daquele primeiro triunfo ao congelar a taça, cada pequeno progresso que fiz foi com muito esforço. Encantamentos produziam efeitos negativos ou simplesmente não funcionavam. E, para meu crescente desânimo, a magia continuava escapando de mim sempre que eu me descontrolava, como naquele dia na frente da casa de Tyr e na fonte da faculdade.

— Seria realmente mais fácil — Philantha disse um dia depois de eu quebrar acidentalmente o pé de uma mesa do estúdio — se você tivesse *menos* magia, sabe?

— Menos magia? — perguntei incrédula. — Mal consigo fazer encantamentos agora.

— Mas o problema em você não é a quantidade de magia — Philantha corrigiu. — É como eu disse na faculdade; você está explodindo de tanta magia. Tanto que ela está tentando sair toda de uma vez sempre que você faz um encantamento, e às vezes decide sair por conta própria, mesmo sem você a ter invocado. Raras vezes vi tanta magia, de fato. E por ser tão abundante você a está sufocando na tentativa de controlá-la. — Ela balançou a cabeça olhando para mim. — Estou surpresa, realmente, por ela não ter se mostrado antes. É comum que magos com esse seu potencial comecem a perceber sua magia na infância. Só posso imaginar que foi aquele encantamento que usaram para fazer todo mundo pensar que você era a princesa. Um encantamento muito astuto e muito forte. Impediu sua magia de aparecer, e a sufocou de tal forma que ela só apareceu algum tempo depois da remoção do encantamento. Foi uma façanha e tanto, francamente, porque é muita magia.

Era assustador me sentir tão sem controle de alguma coisa potencialmente

mortal dentro de mim. Para compensar esse medo, comecei a tentar não só controlar minha magia, mas dominá-la com mão de ferro. Gradualmente, as coisas pararam de explodir com tanta frequência. O que era bom, mas eu mantinha um controle tão restrito sobre minha magia que, com grande frequência, meus encantamentos simplesmente não davam certo.

— Você precisa trabalhar *com* a magia — Philantha repetia com tanta frequência que eu ia para a cama com o refrão ecoando dentro da cabeça. — Está se esforçando muito para controlá-la. Deixe-a fluir através de você. Finja que é o leito de um rio. Não represe a água, mas também não a deixe inundar as margens. Confie na magia e confie em você. Relaxe um pouco, Sinda.

Era frustrante imaginar se algum dia teria alguma competência. Estava acostumada a aprender depressa; queria ser boa. Exigia mais de mim mesma do que Philantha, mesmo sabendo que ainda me continha de algum jeito importante, evitando liberar minha magia e ver o que acontecia. Essa pressão constante me fazia ficar nervosa sempre que começávamos uma aula, e me deixava agitada por horas depois dela.

E apesar de tudo isso, também me sentia mais tranquila do que jamais havia me sentido no palácio. Agora eu tinha uma identidade. Era alguém dentro da casa de Philantha. Os comerciantes e as famílias em torno da casa sabiam que eu era escriba de Philantha, e não pareciam me condenar por isso. E mesmo que ninguém além de Philantha, seus criados e eu soubéssemos, eu era uma maga em desenvolvimento. Pela primeira vez desde que deixara o palácio, me sentia quase inteira. Era boa como escriba, e se ainda não era boa com a magia, Philantha me garantiu que um dia eu seria.

Não tinha todas as minhas partes intactas, mas as que se quebraram incomodavam menos do que haviam incomodado em Treb, as arestas eram aparadas aos poucos, de forma que já não me cortavam mais com tanta frequência.

Com o passar das semanas, porém, notei uma peça do meu novo eu em desenvolvimento que não se encaixava. No início tentei ignorá-la. Porém, os dias iam passando e, em vez de melhorar nas aulas, eu piorava mais e mais. Em

algumas tardes Philantha tinha que chamar minha atenção para eu me concentrar. Acidentalmente, deixei marcas e queimei a capa de um livro que eu copiava na biblioteca, provoqueei uma tempestade de vento no meu quarto que quase soprou minha cama pela janela. Com o tempo, não conseguia mais dormir à noite, ficava acordada e infeliz sob as cobertas quentes.

Eu conhecia o motivo, embora tentasse ignorá-lo. Mas era como tentar ignorar um ferimento que não parava de sangrar, como tentar ignorar um coração partido. Mesmo aliviada por ter encontrado um lugar com Philantha, o mundo começava a parecer sem graça e sem vida, sem cores e som. Teimosa, insisti durante semanas dizendo a mim mesma que era feliz, mas, no final, tive que admitir a verdade. Por mais confortável que eu estivesse na casa de Philantha, por mais que eu aprendesse magia, nada disso teria importância até eu consertar a situação com Kiernan.

Finalmente, três semanas depois da minha chegada à cidade, certa tarde fui procurar Philantha. Fiquei surpresa, porém, e quase fui embora quando a encontrei em sua oficina de trabalho com Neomar Ostralus, o diretor da faculdade de magia e aquele que no passado havia colaborado para lançar sobre mim um encantamento que me fez parecer a princesa.

— Desculpe — falei quando entrei na sala e os vi sentados e próximos, debruçados sobre um velho pergaminho. Philantha levantou a cabeça e sorriu, mas Neomar reagiu carrancudo à interrupção.

— Eu não sabia...

— Que alguém tão ilustre pudesse vir me visitar? — Philantha terminou.

— Não — falei balançando a cabeça. — Não sabia que estava ocupada. — É claro, eu também não sabia sobre a visita ilustre. Até então, minha experiência com Philantha havia me ensinado que a maioria dos magos na faculdade a considerava pouco útil, com seu jeito estranho e seu desprezo geral pela convenção.

Ela apontou um dedo para mim.

— É inútil negar. Normalmente, eu mesma me surpreendo quando ele se digna a me procurar, mas *começamos* na faculdade no mesmo ano, e nem mesmo o prestígio dele nos impediu de sermos amigos. Ele chegou há pouco para pedir minha opinião sobre esse encantamento que encontraram nos arquivos, algo que não era visto há, não sei, duzentos anos, e é claro que é mais fácil encontrar-me aqui do que na faculdade.

Neomar havia erguido os olhos escuros do pergaminho e me encarava. Eu não conseguia lembrar a última vez que o vira, e meu estômago se retorceu. Mas consegui produzir um sorriso tenso.

— Milorde — falei.

— Senhorita Azaway — ele respondeu igualmente rígido. Uma ruga surgiu entre seus olhos e ele engoliu em seco, puxando de um jeito nervoso o colarinho de sua túnica preta. Talvez também lembrasse nosso último encontro.

Eu esperava que continuasse falando, mas ele só me olhava com uma expressão irritada, por isso me virei para Philantha.

— Tenho... assuntos que preciso resolver — falei, e, apesar de seus olhos penetrantes se iluminarem com interesse, Philantha apenas assentiu. — Na cidade. Se tem algum horário em que não vá precisar de mim...

— Pode tirar folga amanhã — ela disse. — Um amigo meu, um mago Wenthi, virá me visitar, por isso não vou poder dar sua aula. Só peço que copie as anotações que fiz ontem. Derrubei chá nelas, e essa cópia será, para você, uma oportunidade de praticar encantamentos de remoção de manchas, caso não consiga entender as palavras, e com a quantidade de chá que caiu sobre os papéis, tenho certeza de que não as entenderá, tente apenas não fazer desaparecer as palavras em vez das manchas de chá.

Respondi movendo a cabeça para cima e para baixo, depois me despedi de Neomar com um breve aceno de cabeça, e saí da sala. Quando eu estava saindo, porém, ouvi Neomar comentar aborrecido:

— Não sabia que estava lecionando para ela, Philantha. Isso não é nada

ortodoxo.

— Bem, você mesmo podia estar lecionando para ela, não fossem aquelas regras arcaicas da sua faculdade — Philantha respondeu irritada. — Já disse uma vez, já disse cem vezes... E ela tem talento, muito talento, mesmo que agora ele seja errático. E não olhe para mim desse jeito. Nada do que disser vai me dissuadir.

Neomar deixou escapar um longo suspiro que pude ouvir do corredor.

— Então, ao menos me mantenha informado sobre o progresso da menina — ele disse. — Pode ser importante... para a coroa, quero dizer.

Eu ouvia a conversa, e percebi que, por serem magos, eles poderiam notar minha presença. Afastei-me apressada, me perguntando por que Neomar achava que era importante saber sobre os avanços que eu fazia com minha magia. Talvez o Rei e a Rainha temessem que eu estivesse tentando recuperar o poder que havia perdido. Mas eu não estava, lembrei-me, e se Neomar observasse, ele perceberia. Além do mais, eu tinha assuntos mais importantes com que me preocupar, por isso tirei isso da cabeça.

No dia seguinte, levantei-me e fui para a biblioteca imediatamente, sem nem passar pela cozinha para tomar o desjejum. Meu estômago dançava uma quadrilha dentro de mim, e pensei que, se comesse alguma coisa, devolveria a refeição em pouco tempo. Tive que tentar quatro vezes até fazer desaparecer as manchas de chá dos papéis de Philantha, e na metade do trabalho eu derrubei tanta tinta na minha cópia, que tive que começar tudo de novo. Quando terminei, perto do meio-dia, eu tremia visivelmente, como notei quando peguei uma folha limpa de papel para deixar um bilhete.

Estou na cidade. Por favor, me encontre em Goldhorn Gardens hoje à tarde.

Parei, a caneta pairando perigosamente perto do papel. Havia muita coisa que eu queria escrever, caso ele se recusasse a ir me ver, mas, no último momento, minha coragem sumiu, e eu apenas concluí com: *Sua amiga, S.*

Dobrei o papel, pinguei cera sobre a abertura e a selei com o sinete de

Philantha, depois escrevi *Kiernan Dulchessy* do lado de fora. Olhei para as palavras por um momento e, com a boca seca, peguei o bilhete e saí da biblioteca.

Durante todo o trajeto até o palácio, pensei que poderia vomitar a qualquer momento, apesar de não ter tomado café da manhã nem almoçado. E se Kiernan não estivesse lá, ou se estivesse ocupado demais para ir me encontrar? Pior, e se ele simplesmente não quisesse ir me ver? Eu havia falado coisas horríveis para ele em Treb, coisas que algumas pessoas poderiam considerar imperdoáveis.

Mas precisava dele, vivia sem ele havia quase uma estação inteira, agora. Tinha tentado substituí-lo em Treb. Talvez tenha conseguido me enganar naquele momento, mas agora, pensando em tudo isso, percebia que havia tido que trabalhar duro para me convencer de que gostava de Tyr como gostava de Kiernan. Em Vivaskari, eu havia tentado não pensar nele, havia treinado meus olhos para não olhar para o norte, para a colina sobre a qual ficava o palácio. Nenhuma tática funcionara, e eu odiava a ideia de passar mais um dia sequer me sentindo vazia como me sentia sem ele. Mesmo assim, enquanto caminhava para o palácio, tremi ainda mais intensamente quando pensei na possibilidade de ele se afastar de mim, me mandar embora.

Não. Interrompi os pensamentos com um movimento vigoroso de cabeça. Eu tinha que tentar — ele era meu melhor amigo, e eu tinha que tentar.

As muralhas do palácio se estendiam pela parte mais alta de Goldhorn sem nenhuma interrupção, por isso tive que ir a Sapphire para chegar ao portão. As pessoas que andavam pelas ruas ali poderiam me reconhecer se olhassem para mim com atenção, por isso abaixava a cabeça sempre que alguém passava, mas percebi que esse comportamento suspeito poderia atrair para mim outros tipos de atenção. Depois disso, forcei-me a manter a cabeça erguida, mas olhava para a frente e nunca fazia contato visual, o tempo todo desejando já ter aprendido os encantamentos que alterariam minha aparência. Não que eu pudesse tê-los realizado com sucesso em meu estado; provavelmente, teria passado o resto da vida como um homem barbado. Mesmo sem os encantamentos, porém, cheguei

ao palácio sem incidentes. Dois guardas vestidos com o vermelho intenso da família real vigiavam os portões.

Não reconheci nenhum deles, por isso compus uma expressão pacífica e passei pela entrada.

— Seu assunto? — o guarda do lado direito perguntou com voz entediada.

— Trago uma mensagem para o filho do Conde de Rithia — respondi. — Da casa da Mestra de Magia Philantha Sovrit. — Era verdade; eu agora fazia parte da casa. — Mas... não preciso entregar a mensagem pessoalmente.

O guarda assentiu e estalou os dedos para a porta, para a guarita logo além do portão.

— Selic — chamou.

Um jovem pajem saiu correndo da guarita, os cabelos loiros balançando sobre a testa. — Leve a mensagem dessa mulher para Kiernan Dulchessy. Você provavelmente o encontrará em seus aposentos. Hoje em dia ele raramente sai de lá antes do anoitecer.

O pajem assentiu e estendeu a mão pedindo a mensagem. Minha garganta estava fechada quando a coloquei na mão dele. Depois o rapaz se afastou, correu para o palácio. Sorri para os guardas sem entusiasmo, balancei a cabeça num agradecimento silencioso, e voltei para o distrito de Goldhorn.

Os Goldhorn eram jardins públicos mantidos por doações dos moradores do distrito que esperavam um dia superar os jardins de Sapphire. O lugar não estava cheio, porque era meio-dia e a temperatura subia. Quando entrei nos jardins, olhei em volta procurando um lugar para sentar, algum lugar de onde eu pudesse ver Kiernan chegando antes que ele me visse. Havia um banco bem na frente de um alto salgueiro-chorão, um lugar que parecia ser bom, e eu me sentei para esperar. E esperei, e esperei.

Continuava sentada. O sol descia devagar pelo céu enquanto eu aguardava; às vezes uma nuvem o encobria, mas, na maior parte do tempo, ele seguia sua

jornada implacável para o oeste, seu brilho refletido na água de um lago próximo e ferindo meus olhos. Meu traseiro estava adormecido pelo contato prolongado com o banco de pedra, mas eu havia tolerado muitos anos de longas cerimônias oficiais nas quais tinha que permanecer sentada, e praticamente nem me movia para ficar mais confortável. No início, pensei em Kiernan e no que o guarda havia dito. Kiernan nunca havia sido de ficar trancado em seus aposentos; ele apreciava conversa e companhia. Talvez estivesse doente. Talvez houvesse arranjado uma amante e ficasse acordado até tarde com ela. As duas possibilidades faziam meu estômago protestar. Mas até as preocupações desapareceram, substituídas por uma sensação crescente de torpor enquanto eu continuava ali sentada por mais e mais tempo sem vê-lo chegar.

Na noite anterior, havia resolvido esperar até o anoitecer, mas agora isso parecia uma façanha digna de uma canção. Talvez devesse levantar e caminhar um pouco. Talvez Kiernan tivesse chegado, mas esperava em outra parte do jardim, e se eu não o encontrasse depressa, ele iria embora. Sim, decidi, eu iria procurá-lo. Mas quando apoiei as mãos no banco para me levantar, eu o vi.

Ele andava devagar, olhando para a direita e para a esquerda e, às vezes, para trás. Uma bela túnica verde que eu sabia que havia sido presente dos pais em seu último aniversário cobria a calça marrom de malha. Os cabelos escuros e molhados, como se tivessem acabado de ser lavados, estavam penteados para trás, mas já começavam a ondular levemente em torno das orelhas.

Foi então que ele me viu naquela posição ridícula, meio encolhida dando impulso para me levantar. Ele começou a andar na minha direção, mas hesitou, e a hesitação quase partiu meu coração ao meio. Antes de saber o que estava fazendo, eu já havia me levantado do banco e caminhava na direção dele pela grama.

Eu ofegava quando o alcancei, mais de nervosismo do que pelo esforço de percorrer a curta distância. Nós nos olhamos em silêncio, depois eu falei apressada:

— Sinto muito. Deus Sem Nome, eu sinto muito, Kiernan. Eu...

Não consegui falar mais nada, porque ele me envolveu num abraço feroz que tirou meus pés do chão. Todo ar foi espremido para fora de meu corpo, e meu rosto era pressionado contra seu ombro. Para meu desânimo, eu até funguei um pouco no ombro dele. Ficamos assim por um longo momento, abraçados, antes de a propriedade se impor em meus pensamentos.

— Você não deve ser visto abraçando garotas comuns na rua — murmurei.

— Que o Rei e a Rainha vejam. Não me importo — ele sussurrou determinado sobre minha cabeça.

Mas eu recuei um passo, e ele me soltou relutante.

— Bem, eu me importo. — Tentei rir, mas a risada soou trêmula. — Um de nós ainda tem uma reputação a manter, afinal.

Kiernan parecia pronto para discutir, por isso balancei a cabeça.

— Vim para me desculpar, não para brigar novamente. Então, você me desculpa?

Dessa vez Kiernan sorriu.

— Só se você também me desculpar. Tenho estado doente desde aquele dia. Fui muito estúpido aparecendo daquele jeito. Devia ter avisado que iria. Eu pedi para ter a cabeça arrancada a dentadas. — Ele levantou uma sobrancelha. — Mesmo assim, tenho que admitir que você mordeu mais forte do que eu pensava ser possível.

Corei até a raiz dos cabelos.

— Sinto muito — respondi. — Eu sabia que não devia dizer aquelas coisas, sabia quando ainda as estava dizendo. Não conseguia parar. Mas não falei com sinceridade.

— Eu também peço desculpas por ter aparecido de surpresa como fiz.

Amigos? — ele perguntou.

— Sim — falei, e deixei escapar um grande suspiro.

Sorrimos um para o outro — sorrisos ingênuos, felizes — e depois começamos a andar lentamente por uma das trilhas de cascalho, passando por trechos onde árvores faziam sombra e por vários canteiros mais formais de flores e arbustos. Eu me sentia... solta, como uma corda que havia sido presa em um nó e finalmente desamarrada. Sorria tanto que meu rosto doía, e meus pés queriam saltitar, em vez de andar.

— Então, está aqui? — Kiernan perguntou finalmente. — Na cidade, quero dizer. Mas fale com cuidado! — ele preveniu. — Vai destruir meus sonhos do passado, de hoje à tarde, se disser que não.

— Não precisa se preocupar — falei. — Estou morando na cidade.

— Abandonou sua tia? — Kiernan assumiu uma expressão preocupada. — Ou ela também está aqui?

— Não, ela continua em Treb. Fui eu que saí.

Kiernan pensou um pouco antes de dizer com cuidado:

— E os amigos que fez lá?

Um grande e conhecido punho apertou meu peito quando eu disse:

— Só havia um amigo, na verdade. E ele era... falso. — Kiernan não perguntou nada, mas eu continuei: — Ele só fingia ser meu amigo. O que realmente queria era... isto é... ele queria dizer que havia... comigo...

Eu gaguejava e corava, mas Kiernan parecia ter me entendido. Seus olhos ficaram mais estreitos quando ele perguntou devagar:

— Bem, e ele conseguiu?

— Não! — Parei e bati o pé. — Quem acha que sou? Não perdi a cabeça quando perdi o título. — Kiernan teve o bom senso de parecer constrangido, e eu

continuei em voz baixa: — Mas quem iria saber? Deixei que ele me beijasse, e estava solitária. Talvez tivesse acontecido, se eu me sentisse solitária o bastante...

O rosto de Kiernan perdeu a cor, e sua mandíbula estava tão comprimida que parecia ser de pedra.

— Ele beijou você? Um pedaço de nada como aquele?

— Duvido que eu tenha sido a única que foi beijada nos últimos meses — falei com falsa leveza. Não queria mais falar sobre Tyr, não quando finalmente estava com Kiernan outra vez. — Você estava interessado em Lady Vivia quando parti. Tenho certeza de que já consegui beijá-la.

O truque funcionou. Kiernan começou a contar uma história sobre um banquete, um cachorro solto, e como teve de passar um braço em torno de Lady Vivia para confortá-la, e nós dois rimos. E se um dos lados forçava a risada, nenhum de nós disse nada. Depois andamos mais um pouco em silêncio, e Kiernan falou:

— Então, onde mora agora?

Comecei a responder, e então percebi que também tinha uma história para contar.

— Sou escriba de Philantha Sovrit — falei devagar. — Moro na casa dela.

— Philantha? — Kiernan soou chocado. — A bruxa maluca?

Enchi o peito como um gato zangado.

— Ela não é maluca?! É Mestra, e é apenas... diferente. Ela faz todo tipo de experimentos e novos encantamentos. Só não gosta da faculdade, mais nada.

Kiernan levantou as mãos numa rendição debochada.

— Desculpe, desculpe! Por favor — disse se curvando —, não quis ofender a senhorita Sinda, não quero que ela me ataque com a magia que certamente aprendeu com a autêntica Philantha. — Ele sorriu para mim ao erguer a cabeça,

mas eu não disse nada. Aos poucos, o sorriso murchou e desapareceu. — O que é?

— Eu... Eu, bem, veja. — Estendi uma das mãos e semicerrei os olhos para concentrar-me. Sentia o suor em meus braços. *Por favor*, pensei. *Deus Sem Nome, não me deixe falhar diante dele*. Devagar, formou-se uma pequena centelha e, depois dela, uma bola de luz branco-azulada que, fraca, pairava sobre minha mão. Olhei dela para Kiernan e vi que ele estava boquiaberto.

— Não é um encantamento difícil — falei, e, enquanto eu falava, a luz desapareceu. — E está vendo? Não sou boa nisso. Não precisa ficar com essa cara.

Mas Kiernan continuou olhando para o lugar onde a luz estivera até eu abaixar a mão.

— Como fez isso? — ele perguntou espantado. — Você não tem magia, ninguém na sua família... — A compreensão iluminou seus olhos. — Sua verdadeira família. Eles eram... magos?

Dei de ombros, e agora me sentia envergonhada.

— Minha mãe, sim, não meu pai. E não creio que ela fosse uma maga, apenas... acho que tinha algum poder. Ela estava sempre mudando de lugar, duvido que tivesse frequentado a faculdade, mesmo que tivesse o dinheiro ou o título para isso. — Passei uma das mãos pelos cabelos para prender uma mecha errante atrás da orelha. — Tentei entrar na faculdade de magia, mas eles não me aceitaram. Philantha me encontrou lá, e se ofereceu para me dar aulas como parte do pagamento pelo meu trabalho de escriba. Ela diz que o encantamento lançado sobre mim para me fazer parecer a princesa deve ter... sufocado a magia, impedido que ela se manifestasse. E que foi preciso um tempo depois da remoção do encantamento para ela se reafirmar. Mas a verdade é que sou imprestável. Philantha diz que há muita magia em mim, que não a usei desde cedo, e agora ela tenta sair toda de uma vez. Às vezes, coisas acontecem sem que eu queira quando fico nervosa. Ou, às vezes, não consigo fazer nem encantamentos sem importância. É meio... perigoso, acho.

Eu temia que ele mudasse de opinião sobre mim quando soubesse dos meus novos poderes. Kiernan poderia se imaginar assado vivo acidentalmente se eu me zangasse com ele, e isso o faria correr e voltar para o palácio.

Eu não devia ter me preocupado. A língua de Kiernan aparecia entre os dentes. Já vi aquela expressão centenas de vezes, normalmente antes de uma brincadeira que causaria problemas para ele, ou para nós dois.

— Magia — ele murmurou. — Você, uma maga. E perigosa. — Seus olhos me estudaram e pararam em meu rosto. — Tem ideia de quanto isso pode ser divertido?

Assim que recuperei Kiernan, comecei a pensar que, talvez, finalmente estivesse começando a reconstruir minha vida. Podia não ser a vida que um dia pensei que teria, mas não era ruim. Fazia o trabalho que Philantha pedia: copiar livros e pergaminhos danificados, traduzir suas anotações sobre experimentos em registros legíveis, visitar lojas de Vivaskari procurando ingredientes que não eram encontrados no campo em torno da cidade, e ajudá-la com as experiências. Ela era tão dispersa que, por muitos dias, não se dava ao trabalho de pensar antecipadamente qual seria minha próxima tarefa, e então eu ficava sozinha estudando magia. Não que isso fizesse muita diferença. Eu ainda me esforçava para controlar minha magia, e às vezes perdia a esperança de aprender o suficiente para me considerar uma verdadeira maga.

Porém, tive um sucesso raro com um encantamento de mensagem. Levei dois dias para acertar, mas, no final, consegui conjurar uma pequena bola de luz verde que, depois de eu falar para ela, podia transmitir uma mensagem breve a quem eu quisesse. Era mais prático e mais rápido que cartas, e com isso eu podia informar Kiernan imediatamente sempre que tinha uma noite livre.

— O que está dizendo aí? — perguntei em nosso quarto encontro. Estávamos sentados à mesa em uma taverna em Guildhall, um lugar que Kiernan aparentemente frequentava havia alguns anos, e aonde ia sempre que se cansava dos lugares mais requintados em Sapphire. Eu estivera em poucas tavernas, e não podia deixar de olhar disfarçadamente para cada pessoa que passava pela porta. Sentia-me ousada simplesmente por estar ali, embora

tentasse me mostrar indiferente à experiência.

— O que estou dizendo onde? — Kiernan perguntou. Suas pernas longas estavam estendidas diante dele e um braço pendia do encosto da cadeira. Se você não olhasse com muita atenção, poderia confundi-lo com o filho de um próspero trabalhador aproveitando a noite na cidade.

Olhei para ele com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Seus pais. A corte. Todo mundo. Você desapareceu, do ponto de vista deles, por quatro noites em um período de uma semana e meia. Deve ter dado alguma justificativa.

— Disse a eles que conheci a filha de um pescador e que ela está se fazendo de difícil — ele respondeu sem se alterar. — Conteí que minhas investidas até agora foram recebidas com descaso, com peixes atirados contra mim, redes jogadas de cima dos telhados, coisas horríveis, e que preciso dedicar mais tempo à tentativa de arrebatá-la.

Bati com as unhas na lateral da caneca, e a ruga se aprofundou em minha testa.

— Não, você não disse nada disso. — Soou mais como uma pergunta, embora não fosse essa minha intenção. Eu não acreditava que ele teria dito essas coisas a alguém, mas, com Kiernan, nunca se sabe.

Kiernan bebeu um gole demorado de sua caneca de cerveja e a deixou sobre a mesa. Quando passou a mão sobre a boca, vi que tentava esconder um sorriso.

— Não, não disse — Kiernan respondeu finalmente. — Não disse nada a eles. Você esquece, minha cara Sinda, que estou a cinco meses de completar dezoito anos. Meus pais parecem acreditar que preciso, como diz meu pai, “superar toda essa necessidade de viver sem compromissos” antes de me assentar como um adulto. Eles têm me deixado realmente à vontade.

— Como se antes não fosse assim — resmunguei.

Ele deu de ombros.

— Nos últimos dias eles têm estado satisfeitos por eu ter feito alguma coisa além de ficar nos meus aposentos e de cara feia. Foi isso que fiz enquanto você estava longe.

— Pensei que houvesse beijado Lady Vivia enquanto eu estava longe.

Kiernan se inclinou sobre a mesa e piscou para mim.

— Sim, mas só uma vez, infelizmente. — Ele mudou de posição, como se fosse se recostar, mas depois continuou com mais seriedade. — A verdade é que fiquei miserável quando você foi embora. E mais ainda depois da nossa, ah, conversa em Treb. Meus pais ameaçaram me levar para nossa propriedade em Rithia, para ver se o ar puro poderia me tirar daquela letargia. Foi então que beijei Lady Vivia. Achei que um escândalo provaria que eu ainda era eu mesmo, e serviria para convencê-los a me deixar ficar na corte. Tinha aquela ideia de que você poderia ir me procurar, poderia precisar de mim, mesmo depois do que havia acontecido, e queria que me encontrasse.

O calor se espalhou dentro de mim, doce e dourado como mel. Engoli em seco sem saber o que dizer.

— Seus pobres pais devem ter ficado confusos — comentei finalmente. — Você nunca ficou doente em toda sua vida.

— Oh, eles sabiam qual era o motivo. Apenas pensaram... — E parou, o rosto modificado por um sorriso cujo brilho era falso. — Quer outra bebida? Vou pedir mais cerveja, posso pedir para você também, se quiser.

Aceitei com um movimento de cabeça, e fiquei vendo ele se afastar por entre as mesas indo em direção ao balcão. Lá ele se debruçou sobre a superfície, conversando com a garçonete que providenciava duas canecas cheias. Pouco depois ele voltou com as bebidas.

— Aquela garota, Ani, ela disse que tem uma trupe de malabaristas na hospedaria em Flower Basket. Eles vão se apresentar amanhã no mercado, pouco

antes do fim da tarde. Se Philantha não precisar de você, talvez possamos ir vê-los.

— Como seus pais reagiram, Kiernan?

— Como assim, minha flor? — Havia em seu rosto uma expressão confusa, mas eu sabia que era falsa.

— Quando parti. Você disse que eles sabiam por que estava abalado, mas eles achavam... — Parei e levantei as sobrancelhas com grande expectativa.

Kiernan suspirou e empurrou uma caneca para mim.

— Eles tinham esperanças de que eu me tornasse amigo dela. E esquecesse você.

O calor perdia força, substituído pelo início de um congelamento.

— Com Nalia.

— Sim.

Peguei minha caneca e derrubei um pouco do líquido sobre a mesa quando a levantei. Não estava certa de que queria saber a resposta, mas não conseguia me conter.

— E você? Fez amizade com ela?

Kiernan parecia dividido. Ele olhou para a caneca, depois sorveu um gole tão grande que engasgou. Com os olhos lacrimejando, disse:

— Mais ou menos. Ela é... ela é simpática, Sinda. Foi criada naquele convento, mas nem dá para perceber, ela não é esnobe ou fria. É simpática. E meu pai queria ter certeza de que eu não... não a desprezaria. Ele disse que todos sabiam quanto eu era seu amigo, e que seria prejudicial à nossa família se eu desse a impressão de não gostar da princesa. Então, sempre que ela convidava um grupo de filhos de nobres para jogos no salão ou para um passeio, eu comparecia. E ela sabia sobre você, e sobre mim. E às vezes me fazia perguntas.

Meu rosto parecia inchar, como quando eu segurava o choro.

— Que perguntas?

Ele balançou a cabeça e deu de ombros.

— Coisas que você fazia. Como você era. — Ele sorriu para mim, mas era um sorriso fraco. — Omiti os detalhes sobre você ser bonitinha, mas não conseguir andar sem se machucar.

Tentando manter a atmosfera leve, mostrei a língua para ele, mas foi um gesto indeciso.

— No início me senti desleal com você. Não queria gostar dela. Mas depois pensei, bem, que vocês duas estavam no mesmo barco. E esperava que alguém a estivesse tratando com bondade, por isso pensei que devia ser agradável com ela.

— Ah, sim — respondi azeda. — De repente ela é a princesa, de repente eu não sou ninguém, e estamos no mesmo barco.

— Bem, estão — ele insistiu com mais segurança do que eu teria esperado. — Nenhuma das duas pediu para isso acontecer. Ela estava bem perdida no início. Todo mundo tentando conquistar sua preferência; ninguém conversando realmente com ela. A princesa precisava de um amigo.

Eu queria bater nele, ou me encolher na cama com as cobertas em cima da cabeça, mas apenas baixei os olhos. Muito envergonhada, percebi que estava com ciúmes. Ciúmes de Kiernan gostar de Nalia, de encontrar nela, mesmo que de um jeito muito limitado, uma substituta para mim. Havia sido isso que Kiernan sentira quando eu atirara em seu rosto minha amizade com Tyr em Treb, aquela mistura de calor e frio ao mesmo tempo? Mas eu tentara ser cruel, e ele não. Apesar de doer, eu tinha que admitir que era diferente. Mesmo assim, isso não me impediu de dizer com certa contrariedade:

— Preferia estar com ela agora? Pode ir, se quiser. Tenho certeza de que está acontecendo alguma coisa no palácio, algo mais interessante do que estar aqui.

— Uma peça, na verdade — ele disse. — Tem uma trupe de atores de Farvasee hospedada no palácio. Esta noite eles apresentam uma nova comédia. Deve ser muito boa.

Eu senti minha testa franzindo enquanto mantinha os olhos fixos em meu colo.

— Deus Sem Nome, você às vezes é uma vaca estúpida.

Levantei a cabeça de repente.

— Como ousa... — gaguejei, mas Kiernan balançava a cabeça e ria.

— Não entende? Prefiro estar aqui a assistir à peça dos farvasseanos.

A sinceridade na voz dele me fez perceber quanto eu devia parecer petulante.

— Desculpe — murmurei.

— Tudo bem — ele disse com tranquilidade. — Esperava que me perguntasse sobre ela. Achei que perguntaria antes. — Bebemos em silêncio por um tempo, antes de ele acrescentar: — Porém, acho que ela imagina que você está aqui. Outro dia a princesa fez um comentário que me fez pensar nisso.

Engoli em seco, sem querer demonstrar quanto isso me assustava.

— Ela vai contar a alguém? — perguntei. — Eu não... não quero que ninguém saiba onde estou, que estou aqui. Não sei por quê.

— Acho que não. Porém, não me surpreenderia se ela fosse procurá-la. Acho que tem perguntas a fazer.

Esse era um problema que eu nem havia considerado. Não sabia como me sentia sobre conversar com Nalia, e não tinha certeza de que estava pronta para descobrir. Mas já havia arruinado boa parte da noite, por isso disse apenas:

— Bem, vamos deixar para pensar nisso quando acontecer. Agora, conte mais sobre os malabaristas.

Capítulo Oito

Mas não era tão simples assim. No meu encontro seguinte com Kiernan, nós discutimos sobre isso.

— Ela deduziu — Kiernan me contou.

Estávamos sentados no jardim atrás da casa de Philantha, vendo a água na pequena fonte cair na pia embaixo dela. Era um espaço pequeno — só os nobres tinham espaços para grandes jardins na cidade. Cercado por um muro alto de pedra, o jardim continha a fonte em uma calçada circular, com várias ervas e flores crescendo perto dos muros. A varanda sobre o espaço vibrava com mais vida, mas o lugar ainda era agradável. Eu estava reclinada, com as costas apoiadas à pedra morna da beirada da pia, e me levantei tão depressa que bati dolorosamente o ombro direito. Com os olhos lacrimejando, falei:

— O que o faz pensar isso?

— Ela disse que sabia que eu me encontrava com você. E disse que quer conhecê-la. O que poderia ser mais claro?

Massageei o ombro. Pensei em pedir para Kiernan olhar se o ferimento sangrava, mas, em vez disso, apenas rangi os dentes.

— O quê? Ela esperava que você a trouxesse para me encontrar?

Kiernan estava sentado sobre um banco e arrastou os pés no chão, depois disse:

— Acho que sim.

Senti o rosto quente, embora a espinha parecesse ter se transformado em um pingente de gelo. Não queria conhecer Nalia, não queria chegar mais perto dela do que estava agora. Não me importava se ela era a princesa, se tinha o direito de me pedir para dançar com um bode na frente de toda a população do

distrito de Goldhorn, se quisesse. Eu só sabia que não queria ver a menina cuja vida eu havia vivido até aquela primavera. Seria preferível voltar a Treb engatinhando embaixo de um temporal e sem um manto.

Mas...

Eu havia sido ela. Uma parte de mim queria olhar para ela, ver a coisa verdadeira, a coisa que eu devia ter sido. Queria ver o que ela estava fazendo com a vida que tinha sido minha. E isso me assustava, porque eu sabia o que ia encontrar. Havia visto naquele breve momento quando ela desembarcara da carruagem para cumprimentar o Rei e a Rainha.

Ela era uma princesa. A verdadeira princesa com sua elegância, seus movimentos graciosos e sua risada afetuosa. Algo que eu, desajeitada e pequena como era, jamais havia sido. Vê-la me forçaria a reconhecer tudo isso, mais do que reconhecia agora. E eu tinha medo.

— Bem — falei, levantando-me com as mãos na cintura —, vai ter que dizer a ela que minha resposta é não. Isso não é possível.

Ele cruzou os braços, e uma expressão teimosa surgiu em seu rosto.

— Você sabe que não posso fazer isso, Sinda. Ela é a princesa. Um dia será a Rainha. Se ela pedir, vou ter que atender.

— Você não fazia o que pedia com muita frequência! — respondi.

— Não estamos falando sobre pegar o último pedaço de bolo! Você sabe que terei que trazê-la, se ela pedir.

Eu sabia, mas não queria ouvir.

— Muito bem! Então, faça o que Nalia quer. Traga-a aqui. Mas não se surpreenda se eu não abrir a porta!

Com isso, eu o deixei no jardim e bati a porta da casa depois de entrar. Pela janela, vi Kiernan dar alguns passos na direção da porta, depois parar. Lentamente, ele se virou e saiu pela porta do jardim, aquela que se abria para

uma viela que levava à rua principal.

— O que ele fez?

Virei-me assustada. Estava tão imersa em meus próprios pensamentos que não havia notado Philantha parada na porta de uma das salas de estar.

— Como assim?

— Bem, de acordo com minha experiência, normalmente é o homem que causa a maioria dos problemas nos relacionamentos românticos — ela disse. — Então, naturalmente, presumo que seu jovem tenha feito ou falado alguma coisa que a fez entrar aqui como um furacão. Estou certa?

Balancei a cabeça tão violentamente que a trança presa em torno de minha cabeça ameaçou cair.

— Não temos um... relacionamento romântico. Ele é apenas meu amigo.

Phlantha fez um barulho que era muito parecido com uma risada.

— É mesmo? — ela perguntou. — E por isso ele está com você quase todas as noites.

— Como eu disse, somos *amigos*. E não nos vimos durante um bom tempo.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Talvez eu não me importe com isso, ou não me importava, pelo menos, até pouco tempo atrás, mas ouço as fofocas da corte quando vou à faculdade. Os alunos nobres comentam, sabe? E uma das histórias é sobre como o Conde de Rithia e sua esposa estão se esforçando para encontrar possíveis noivas para o filho.

Senti uma repentina vertigem sem nenhum motivo, e uma onda de calor tão perturbadora quanto o ciúme que eu havia experimentado na hospedaria me inundou.

— Noivas? — repeti.

— Meninas, jovens mulheres, perspectivas de casamento. É estranho como tudo começou de repente. Logo depois do retorno da princesa. Como se antes eles tivessem esperanças de outro enlace, mas de repente essa possibilidade deixasse de existir.

— Eu? — perguntei. — As pessoas pensam que os pais de Kiernan queriam que ele casasse comigo? Isso é... ridículo. Princesas não se casam com condes. Um duque, talvez, mas nunca um conde, a menos que ele seja estrangeiro e traga uma grande aliança. Além do mais, somos apenas...

— Amigos — Philantha concluiu. — Eu sei. Isso é o que você está sempre repetindo. — Ela olhou para mim antes de dizer: — Eles não têm tido muita sorte, porém, pelo que ouvi das fofocas. O rapaz é educado com todas que são apresentadas, mas é só isso. Mas não interessa, já que você não o ama.

Encarei Philantha sentindo meu rosto e meu peito cheios com aquela onda de calor.

— Ele a deixou zangada, não?

— Sim, bem, eu disse... Sim, nós discutimos. Ele diz que Na... — a princesa — quer me ver. E eu respondi que ele não podia trazê-la para me encontrar. Ele disse que, se a princesa pedisse, não poderia dizer não. Mas já evitou situações mais difíceis que essa. Ele poderia encontrar um jeito de sair dessa também, se quisesse.

— Então, talvez ele não queira — Philantha respondeu antes de subir a escada e desaparecer.

Tive muito tempo para pensar sobre as palavras de Philantha, porque não vi Kiernan nos três dias seguintes. Foi nosso período de afastamento mais longo desde que voltei à cidade, e apesar da raiva que sentia dele, isso me perturbava muito. Errei mais do que de costume com os encantamentos, derrubei tinta, e tropeçava com tanta frequência que Philantha ameaçou chamar ela mesma Kiernan à sua casa e transformá-lo em um pardal, se não fizessemos as pazes.

Seus olhos brilharam perigosamente quando ela fez essa ameaça, e só isso foi suficiente para dizimar um pouco da minha confusão mental. Mas compensei passando meu tempo livre debruçada nas janelas, olhando na direção do palácio. Pensava em mandar uma das minhas mensagens para ele pelo menos cinco vezes por dia. Porém, cada vez que levantava a mão para conjurar a bolinha de luz brilhante, eu desistia. Queria ver Kiernan, mas ainda não estava preparada para perdoá-lo. Quanto à outra afirmação de Philantha, obviamente era bobagem. Éramos amigos, como sempre havíamos sido.

Mesmo assim, por que parecia que toda vez que eu percebia estava brigando com Kiernan? Antes nós raramente discutíamos, e quando isso acontecia era sobre alguma coisa importante. *Talvez*, sugeriu uma parte sediciosa de mim, *você não tivesse fibra suficiente antes. Era tímida demais para discutir com alguém, mesmo que fosse ele.* Ou eu estava me transformando em uma pessoa irritável, ferina, uma espécie de arbusto espinhoso ambulante. Ou ainda, apesar dos protestos contra o que disse Philantha, alguma coisa estava mudando entre mim e Kiernan, seguindo por um caminho cujo fim eu ainda não podia ver.

No terceiro dia, consegui prejudicar de tal forma o encantamento de localização que Philantha me ensinava que, em vez de encontrar a agulha que ela havia posto em sua mesa, arranquei dela todas as gavetas e as joguei contra a parede.

— Não está se concentrando — ela disse, apontando para as gavetas e as devolvendo aos seus lugares. — Precisa visualizar apenas a agulha, mais nada.

— Eu sei, eu sei — resmunguei quando me deixei cair sobre uma banqueta. — Eu só... — Estivera pensando em Kiernan, me perguntando se ele conversava com Nalia nesse momento. Era aquela hora da tarde em que os nobres se refugiavam no interior fresco do palácio antes do jantar. Eu me sentia esgotada, cansada e irritada como um gato molhado, e também sentia algo mais. Alguma coisa me fazia pensar em ciúmes, embora eu quisesse negar. — Vou melhorar — falei.

— Não, acho que meu estúdio já foi muito bagunçado para um dia, ou talvez até para cinco — Philantha respondeu balançando a cabeça. — Há um

boticário, um homem muito alto e estranho no distrito da Magia. Ele prometeu que traria para mim algumas sementes de figo de sangue de Farvasse. A encomenda já deve ter chegado. Quero este pote cheio de sementes, ou o máximo que ele puder fornecer.

Philantha empurrou para o lado um crânio de coelho e uma paleta de pintura, e encontrou um pote quadrado e vazio que me entregou com um punhado de moedas.

Assenti e comecei a me dirigir à saída.

— Sinto muito — falei por cima do ombro quando cheguei à porta.

— Lembre-se do que eu disse sobre o pardal — Philantha bufou.

Era um dia cinzento, com nuvens baixas tocando os telhados dos edifícios. O palácio, eu notei ao olhar involuntariamente para sua colina, era encoberto pela névoa. Olhei para a neblina por um momento, depois balancei a cabeça e me afastei da casa. Havia dado apenas dez passos, mas o cadarço do meu sapato desamarrou, forçando-me a parar para amarrá-lo.

Só então notei o homem.

Ele era magro, com cabelos castanhos comuns e um rosto comprimido e de aparência meio flácida, vestindo calça marrom e túnica simples. Ninguém para quem se pensaria em olhar. Ele polia o corrimão de metal da escada da casa em frente a de Philantha e segurava um pano escurecido pelo produto para polimento. Eu nunca o teria notado, não fosse o movimento violento que ele fez enquanto eu amarrava o sapato. O homem parou, eu parei, e ele continuou imóvel até eu levantar e seguir em frente.

Não seja tola, disse a mim mesma. *É só uma coincidência*. Mas não consegui banir o arrepio que persistia em minha nuca, e olhei para trás depois de virar em duas esquinas.

O homem estava me seguindo. Ele andava meio quarteirão atrás de mim, sem olhar diretamente em minha direção. Sua aparência era como a de qualquer

homem comum contratado para um dia de trabalho na casa de um dos mercadores, alguém que voltava para casa ou se dirigia ao local do próximo serviço. Mas ele fazia todas as curvas que eu fazia, e nunca se afastava mais do que meio quarteirão.

Agora meu coração batia disparado, mas eu não sabia o que fazer. Devia voltar à casa de Philantha? Mas ela podia não acreditar em mim, depois do meu comportamento estranho nos últimos dias. Devia chamar um guarda da cidade? Não, um guarda certamente não acreditaria em mim, porque eu tinha certeza de que o homem desapareceria antes que eu terminasse de encher os pulmões de ar. Uma parte traiçoeira de mim queria que eu estalasse os dedos, conjurasse uma bola mensageira e a mandasse diretamente para Kiernan, mas nem apavorada como estava eu me senti capaz disso.

No fim, decidi continuar andando em direção ao boticário. Haveria pessoas nas ruas; o homem não teria como me raptar, se era esse seu plano. E por que seria? Quem ia querer me raptar, ou mesmo me seguir? Eu não era ninguém importante, não agora.

A loja do boticário ficava em uma rua perto da faculdade, um lugar onde havia várias outras lojas frequentadas por magos. O proprietário, que realmente era alto o bastante para eu ter que esticar o pescoço para encará-lo, encheu meu pote e pegou o dinheiro sem falar muito. Eu agradei, e parei para olhar pela janela antes de sair. Não vi o homem, o que me fez pensar que eu podia mesmo ter imaginado coisas.

Você tem sido tola, pensei. Controle-se e vá para casa.

Porém, quando saí da loja, esqueci-me de olhar para os dois lados da rua para ver se o homem estava lá, porque fui imediatamente tomada pela mais estranha sensação. Era como se eu fosse uma marionete e alguém puxasse os cordões, virando minha cabeça na direção que queria. Não pude deixar de olhar para a esquerda. Por um momento, não vi nada além da rua quieta, e depois uma figura saiu da sombra de um edifício próximo. Não era o homem que estivera, ou não estivera, me seguindo. Essa pessoa vestia um longo manto marrom, e alguma coisa nele me lembrava das vestes usadas em um convento ou

monastério. Uma lembrança despertou em minha mente, mas, antes que eu pudesse recuperá-la, a pessoa empurrou para trás o capuz, e eu quase derrubei o pote com as sementes.

Não éramos parecidas, não realmente. A semelhança era suficiente para sermos primas, talvez, mas nunca gêmeas, ou mesmo irmãs. Nalia era mais alta que eu, e tinha membros mais longos. Seus cabelos eram como madeira polida, enquanto os meus eram da cor de um chá forte. Os traços dela eram mais precisos, seu nariz era mais fino, as sobrancelhas eram mais arqueadas, e os lábios eram cheios e rosados. A semelhança existia, mas era como olhar para um reflexo meu na água, com cada característica alterada pelas ondas.

Olhamos uma para a outra por um bom tempo, depois eu disse:

— Vamos chamar atenção se continuarmos aqui. E imagino que somente Kiernan sabe onde você está, então, não quer que isso aconteça.

Um leve rubor tingiu seu rosto.

— Vamos caminhar um pouco, então? — ela sugeriu.

Mordi o lábio, todas as preocupações desapareceram da minha mente, e eu assenti.

Caminhamos em silêncio, cada uma espiando a outra de soslaio pelo canto dos olhos, e depois de um tempo eu disse:

— Acho que tem uma estátua da Rainha Conavin depois daquela esquina. Foi ela que...

— ... doou o terreno para a faculdade dos magos — Nalia concluiu. Quando a olhei assustada, ela deu de ombros. — Fui bem instruída no convento, e aprendi ainda mais desde que cheguei aqui. Parece que eles querem que eu saiba tudo que você... tudo que uma princesa precisa saber, e acham que devo aprender o mais depressa possível.

Outro silêncio, esse mais pesado que o anterior.

— Há bancos — eu disse. — Podemos nos sentar lá.

— Indique o caminho — ela respondeu.

A estátua da Rainha Conavin ficava um pouco afastada da rua em um pequeno *cul-de-sac* arredondado. Era em tamanho natural, ou quase, com a Rainha olhando para a faculdade dos magos, as duas mãos estendidas num gesto de doação. Nalia parou quando nos dirigíamos aos bancos distribuídos em torno da estátua, e levantou o rosto para olhar para a face de pedra. Era difícil dizer se a estátua tinha mais de duzentos anos, mas eu achava que era possível ver uma semelhança, principalmente no ângulo dos ossos das faces. Eu suspirei.

O som serviu para lembrar Nalia que eu estava esperando, porque ela sorriu como se pedisse desculpas e sentou-se ao meu lado no banco mais afastado da rua. Mas, em vez de falar, evitávamos o contato visual e mantínhamos os olhos baixos. Ela usava um vestido azul-escuro, com mangas de comprimento médio terminando logo abaixo do cotovelo. Se ela se mexesse, eu poderia ver a marca de nascença, minha antiga marca de nascença, os três pequeninos pontos vermelhos localizados na parte interna do braço. Ela permanecia quieta, porém, e o silêncio entre nós foi se tornando cada vez mais desconfortável. Mas quando eu estava prestes a abrir a boca, Nalia disse:

— Estive pensando nisso durante semanas, e agora mal sei por onde começar.

A voz dela tremia, um tremor tão leve que eu não podia ter certeza de que realmente o ouvira, e quando olhei, vi que o espaço branco em torno de seus olhos era um pouco mais do que o normal, e uma tensão contida comprimia sua boca. Vulnerável, percebi. A princesa de Thorvaldor se sentia tão exposta e estranha quanto eu me sentia, também não sabia o que dizer. Isso me fez querer abraçá-la e, ao mesmo tempo, esbofetear aquelas faces elegantes.

— Comece pelo início — sugeri, soando um pouco ríspida. — Por que me procurou, alteza?

Ela se encolheu. O tratamento soou mais ácido do que eu pretendia.

— Não me chame desse jeito, por favor. Não vim aqui para isso.

— Veio para que, então? — perguntei, resistindo à urgência de esfregar as mãos em meus braços.

— Para ver você. Não pensei em outra coisa no caminho do convento até o palácio. Imaginava que talvez pudesse conhecê-la, que você ainda estaria lá, mas não estava. E quando ficava sozinha eu sentia saudade de minha casa, e me perguntava onde você estava e se sentia saudade de sua casa também.

— Bem, se é só o que quer saber, posso lhe falar sobre isso. — As palavras jorravam de mim como uma torrente, ferinas e ácidas. — Se quer saber como chorei até adormecer com saudade dos meus amigos, do meu quarto e do meu... de tudo, posso contar. Se quer saber sobre como não consegui nem construir uma via com a única verdadeira família que ainda tenho, posso contar. Posso falar sobre como o único amigo que pensei ter feito não era meu amigo, sobre como a faculdade de magia me recusou porque sou muito pobre. Vai se sentir melhor ouvindo sobre essas coisas?

Por um instante, Nalia parecia tão assustada quanto se eu a houvesse esbofeteado. Mas em seguida alinhou a coluna, seus ombros endureceram, e ela ergueu o queixo.

— Eu não pedi nada disso, você sabe. Não pedi para eles irem me dizer que eu era a princesa. Estava feliz com minha vida como era, não queria tomar a sua! E agora estou só... tentando entender, e pensei... — Ela deixou escapar o ar num sopro, olhando para o céu cinzento. — Achei que poderia entender tudo um pouco melhor se conhecesse você.

Outra saraivada de ataques invadiu minha cabeça, e quase falei tudo que estava pensando. Mas, nesse momento, notei como as mãos de Nalia seguravam com força o tecido rústico do manto, esfregando-o entre os dedos como se isso a confortasse um pouco. O manto tinha um cheiro doce, percebi. Não havia nele nenhum resquício do cheiro de ervas e umidade que impregnava todas as roupas que os criados do palácio guardavam em baús porque não eram muito usadas.

— Isso não é só um disfarce, é? — perguntei.

Ela estreitou os olhos, esperando outro comentário cáustico, mas eu não disse nada, e a princesa assentiu uma vez.

— Não deixei que levassem meu manto. Eles me deram roupas novas no convento para a viagem de carruagem, mas não mandaram um manto. Eu disse que estava com frio, e me deixaram ficar com este. Logo que cheguei eu o escondi, antes que pudessem levá-lo.

Eu me inclinei para a frente, apoiei os cotovelos sobre os joelhos e enterrei o rosto nas mãos. Seria fácil odiá-la. Encher-me de justificada indignação por ter sido surpreendida com tudo isso. Culpá-la pelo que a família dela havia feito comigo, por como me usaram e me deixaram de lado. Queria odiá-la por ter ficado com a vida que eu pensava ser minha.

Não conseguia.

Kiernan estava certo, pensei com uma risada infeliz e sufocada. Nenhuma de nós havia pedido nada disso. Tudo havia sido decidido por outras pessoas, o Rei e a Rainha, os magos a quem eles pediram ajuda, até o Deus Sem Nome, porque ele mandara a profecia de morte quando a princesa nascera. Nenhuma de nós duas tivera controle sobre isso. E eu estava cansada de ser um arbusto espinhoso, de gritar com todo mundo à minha volta. Talvez, se não odiasse Nalia, se a perdoasse pela vida que ela agora tinha, eu pudesse começar a ser realmente Sinda, não só a falsa princesa.

— Desculpe — falei, levantando a cabeça. — Ultimamente, parece que tudo que faço é discutir com as pessoas. Vamos começar de novo, está bem? Eu sou Sinda, e você é Nalia.

Nalia ainda parecia gelada quando comecei a falar, mas, no final, seu rosto era mais suave.

— Também peço desculpas. Eu sabia que você não ia querer me ver, e vim do mesmo jeito.

— Às vezes é necessário — respondi. Havia começado a garoar, e

pequenas gotas de água se prendiam aos cabelos dela. Eu sentia a umidade penetrando meu vestido, mas nenhuma de nós se moveu.

— Não tenho muito tempo — ela disse. — Tenho vindo aqui nos últimos dias e esperado, pensando que você poderia aparecer.

— Por quê? — perguntei.

— Você disse a Kiernan que trabalhava para Philantha. Então, tenho ido a cada uma das lojas que ele disse que a maga frequenta, enquanto isso Kiernan mente para todos que perguntam onde eu estou. — Nalia corou novamente. — Queria ir esperar na frente de sua casa, mas não tive coragem. Porém, acho que desse jeito demorou mais.

Uni os dedos e os retorci, depois os deixei relaxar.

— Ele contou que estou aqui na cidade? Foi assim que você soube?

Vi consideração nos olhos dela enquanto a princesa tentava decidir se me contava ou não. Esperei até ela deixar escapar um pequeno suspiro antes de dizer:

— Sim e não. Quero dizer, ele me contou onde achava que Philantha mandava você ir, mas deduzi sozinha que você estava na cidade.

— Como? — Imaginei uma rede de espões, todos prontos e dispostos para cumprir as ordens da princesa, mesmo sabendo como essa imagem era tola. Eu nunca tive espões, afinal, nem ouvira falar de príncipe ou princesa de dezesseis anos que os tivesse.

O rosto dela se tingiu de vermelho.

— Kiernan. Fomos apresentados logo depois que eu cheguei. E todo mundo parecia gostar dele, e ele parecia gostar de todo mundo. Menos de mim. — Devo ter parecido assustada, porque ela sorriu com ironia. — Oh, duvido que muita gente saiba disso. Notei que as pessoas que moram no palácio raramente olham além delas mesmas. São todas muito preocupadas com suas posições, e quem é preferido de quem, coisas assim.

Sorri para ela.

— É verdade. Mas sempre tive a impressão de que todo mundo percebia quando eu tropeçava e caía em cima das coisas ao entrar em um aposento.

— Ninguém comentou nada. Só me disseram que você era muito quieta, muito estudiosa. — Ela se interrompeu, e eu soube que estava omitindo alguma coisa. Talvez que eu fosse tão quieta e tão estudiosa que eles deviam saber que eu nunca poderia ser uma princesa. Mas eu não disse nada, e Nalia prosseguiu: — Então, Kiernan. Ele sempre aceitava meus convites, mas eu percebia que ele não queria gostar de mim. Eu sabia que ele era seu amigo, e disse a mim mesma que entendia como ele podia me odiar por eu ter ocupado seu lugar. Mas a verdade é que queria que ele gostasse de mim, queria tanto que até doía. Pensava que, já que ele gostava de você, se gostasse de mim também, eu poderia me sentir mais como se fosse realmente a princesa. Demorou muito tempo, mas finalmente ele passou a me tratar com um pouco mais de simpatia. Foi de uma hora para outra, quase que como se ele houvesse tomado uma decisão enquanto estava em sua cama.

Não falei nada, mas lembrei das palavras de Kiernan. *Eu esperava que alguém a tratasse com bondade, por isso pensei que, provavelmente, devia ser bom com ela.*

— Depois disso, percebi que o que o motivava era a saudade de você, não a antipatia por mim. Então, um dia, ele disse que ia visitar uma amiga fora da cidade. Kiernan deu um nome diferente, mas deduzi que era mentira, que ele ia visitar você, na verdade. — Nalia engoliu em seco, e havia uma nota de nervosismo na voz dela quando disse: — As coisas não correram muito bem, não é?

Lembrei como havia gritado com Kiernan, dera as costas para ele, e como sentira a umidade das lágrimas em meu rosto.

— Não, não mesmo — respondi.

— Eu imaginei. Ele estava ainda pior quando voltou. Não saiu do quarto por

dias, e de repente foi como se uma luz se acendesse dentro dele. E decidi que só havia uma coisa capaz de operar aquela mudança. Você.

Havia algo triste nos olhos dela, na linha de sua boca.

— Somos amigos desde a infância — contei. Soava como um pedido de desculpas, e talvez fosse. Ela também havia deixado uma amizade assim no convento? Não podia mais ver essa pessoa agora, porque era a princesa? O que mais ela deixara para trás?

Nalia se sacudiu delicadamente, tanto que eu nem teria notado, exceto pelo tremor que balançou os pingos de chuva em seus cabelos.

— Eu fiz Kiernan me contar — ela disse. — Não fique brava com ele.

Não respondi. A raiva que eu sentia dele havia diminuído um pouco durante a conversa com Nalia. Parte dela, percebi, havia nascido do medo de encontrá-la, e eu havia atribuído a culpa a Kiernan para não ter que encarar a realidade. Mas isso era algo que teria que resolver com ele, não com ela.

Nalia arrancou uma folha de grama do tufo que insistia em crescer entre as pedras que cercavam a estátua. Eu olhava para o palácio e estava perdida em pensamentos, e acho que a princesa interpretou mal minha expressão.

— Você amava aquilo tanto assim? — ela perguntou em voz baixa, enrolando a folha nos dedos.

— O quê? Morar lá?

— Ser a princesa.

Em parte eu queria rir, mas, ao mesmo tempo, também queria chorar. Desse conflito resultou um soluço, e eu ergui os ombros sem muita força.

— Sim. Não. Não sei. Quero dizer, era minha vida, e eu estava feliz na maior parte do tempo. Sabia quem eu era, sabia para que servia. Tentava aprender o suficiente para ser uma boa Rainha. Mas, na verdade, nunca... me ajustei, eu acho. Não gostava dos grandes jantares, de todo mundo olhando para

mim, porque tinha certeza de que derrubaria alguma coisa no vestido. Não gostava de ter que conversar com o filho de cada duque e com a filha do nobre estrangeiro, e nunca ter a chance de não dançar no baile. Eu conseguia fazer tudo isso, mas ficava muito nervosa. Então, sinto, sinto falta disso. Era tudo que eu conhecia. — Olhei para o rosto dela, tão parecido e, ao mesmo tempo, tão diferente do meu. — Mas, às vezes, também é um alívio. É mais fácil ser apenas a escriba de Philantha.

— Sim — ela sussurrou. — Eu sei.

Um sino soou em algum lugar distante, marcando a hora. Era mais tarde do que eu havia imaginado. Nalia olhou na direção do sino, os dedos afagando o manto outra vez. Logo ela teria que ir embora, ou correria o risco de ver todos os guardas do palácio vasculhando as ruas de Vivaskari atrás dela. A princesa já teria muito que explicar, porque a garoa se transformara em chuva, e ela estaria ensopada quando chegasse ao palácio.

Havia uma pergunta que eu queria fazer, mas ela ficava presa em minha garganta sempre que eu tentava falar. Finalmente, porém, com o sino ecoando em meus ouvidos, eu me forcei a formular a questão.

— Como vai minha... a Rainha. Como está a Rainha?

Nalia baixou os olhos.

— Ela sente sua falta, acho. Não fala sobre você, ninguém lá fala. Mas eu a vi chorando uma vez, quando ela pensava estar sozinha. Eu estava do lado de fora, ao lado da porta, onde ela não podia me ver. Pretendia entrar para falar com ela, mas então meu... o Rei apareceu. Ele a segurou pelos ombros e eu o ouvi dizer que ela tinha que suportar. Que sabia que seria assim, que não havia mais nada que eles pudessem ter feito. A Rainha parou de chorar, mas ainda parecia triste.

Minha garganta ardia, e eu tive que fechar os olhos para impedir as lágrimas de caírem. Pensava que ia gostar de saber que ela sentia minha falta, mas isso não fez com que eu me sentisse melhor.

— Sinto muito — disse Nalia. — Lamento, mas tenho que ir. Logo eles vão perceber minha ausência.

Assenti, ainda de olhos fechados. Quando ouvi o farfalhar de suas saias arrastando no chão, eu os abri e me levantei. Nós nos olhamos sem dizer nada, até Nalia finalmente sorrir um sorriso tenso, contido.

— Obrigada. Lamento tê-la surpreendido, mas foi necessário. Eu tinha que saber.

— Entendo. — Agora eu entendia. Foi doloroso conversar com ela, mas também foi curador, como se uma bolha dolorosa dentro de mim houvesse sido lancetada. — Se for pelo corredor que passa pelos aposentos de Lorde Trenbalm, provavelmente não será vista por ninguém. Raramente tem alguém por lá a essa hora do dia.

Ela sorriu.

— Obrigada.

Depois se virou, e estava quase chegando à rua quando eu pensei em alguma coisa.

— Espere! — gritei. Ela olhou para trás, rápida e suave como um cervo. — Como era seu nome antes?

Foi uma pergunta dolorosa. Eu podia ver a dor no rosto dela: a dor de lembrar, mas também o alívio, uma libertação, como água rompendo um dique.

— Orianne — ela falou. — Era Orianne.

Inclinei a cabeça. Orianne. Ela me olhou por mais um momento, e depois eu fiquei sozinha ao lado da estátua, com a chuva molhando meu rosto.

Já estava novamente na casa de Philantha quando percebi que não perguntara à princesa se ela havia enviado o homem vestido de marrom, nem pensei em checar se ele me seguia no caminho de volta para casa.

Capítulo Nove

Conversei com Philantha quando voltei para casa. Não contei tudo, sendo a maior omissão o trecho sobre meu possível seguidor. Disse apenas que havia encontrado Nalia na rua e que conversamos. Mas perguntei sobre aquela sensação que tive pouco antes de vê-la, como se fosse impelida na direção dela.

— Eu estava lá, na frente da loja, e então senti como se tivesse que olhar naquela direção. Não sabia nem que havia alguém ali, mas olhei do mesmo jeito. Foi como... — Balancei a cabeça, tentando encontrar uma comparação. — Como se houvesse um fio entre nós, algo que nos ligava.

Philantha parou, deixando o pilão apoiado na beirada da pequena bacia diante dela.

— A princesa também parecia ter essa sensação? Ela disse alguma coisa, ou você perguntou se ela também sentia essa atração?

— Não — eu admiti. — Fiquei chocada quando a vi, esqueci.

Philantha bateu com o pilão contra a lateral da bacia numa reação irritada, e o ruído me fez encolher.

— Um mago deve estar sempre atento aos fenômenos mágicos. Lembre-se da história de Engahar Yarren?

Eu assenti, e me encolhi novamente com a lembrança da história medonha.

— Bom. Mantenha isso em mente na próxima vez que se sentir afetada por um encantamento que não lançou.

Um arrepio subiu por minhas costas.

— Um encantamento? — perguntei. — Acha que foi isso?

Ela olhou para a bacia, depois a empurrou para mim.

— Acha que essas sementes podem ser moidas mais finas do que isso? Eu não... Elas me parecem absolutamente pulverizadas, mas não custa nada verificar, afinal.

Quando concordei, ela puxou a bacia de volta e deixou o pilão de lado.

— Sim, acho que foi um encantamento, ou melhor, os efeitos de um encantamento. O feitiço que fez você parecer ser a princesa foi, pelo que pude perceber, uma espécie de transferência de uma pequena parte da essência da princesa. Eles extraíram um pouco de sua alma, por falta de palavra melhor, e transferiram para você. Usaram essa transferência para mascarar sua essência, de forma que, para qualquer mago bisbilhoteiro, você parecesse ser a princesa. Tudo ficou mais fácil para eles, é claro, porque quem ia pensar em procurar outra pessoa escondida sob a pele da própria princesa? — Ela franziu a testa e cruzou os braços. — Agora, mesmo que tenham tirado apenas um pedaço pequeno da alma da princesa, o encantamento foi poderoso. Ele a fez parecer ser a princesa em todos os aspectos, e até sufocou a magia dentro de você de tal maneira que ela só se manifestou novamente muito tempo depois de o encantamento ter sido desfeito. É claro que posso estar enganada, mas acho que você sempre sentirá essa... corrente se estiver perto de Nalia.

— Havia parte dela em mim? — perguntei.

Philantha balançou a cabeça depressa, como uma ave. Não era nem um sim nem um não.

— Como eu disse, é só uma teoria. Tentei perguntar a Neomar sobre isso, disse que era curiosidade profissional, mas ele não me contou nada. De qualquer maneira, é só uma teoria, por isso pode não ser verdadeira, mas eu acho que é. O fato é que pode ser que eles não tenham conseguido remover completamente essa pequena porção de alma da princesa, já que você está se sentindo atraída pelo original. É como se, acidentalmente, houvessem deixado um pouco de Nalia em você. — Olhando para longe, ela assumiu uma expressão pensativa. — Um encantamento muito estranho, realmente. Eles teriam tido sérios problemas se a

princesa houvesse morrido na infância, enquanto vivia no convento. O encantamento teria se desfeito, e sua magia teria despertado, como aconteceu agora. Nesse caso, eles não teriam conseguido afirmar que você era a princesa. Mas imagino que não havia outro jeito de fazer o que fizeram. Agora preciso mesmo começar a trabalhar nisso. — Ela sacudiu a bacia com pó, fazendo-o girar pelas bordas e cair no fundo outra vez. — Ou o pó vai perder a potência. Sementes de figo de sangue são famosas por isso.

Depois disso, eu vaguei inquieta pela casa. Queria alguma coisa para ocupar a cabeça, algo além dos pensamentos sobre minha conversa com Nalia ou a perturbadora ideia de que partes de nós haviam sido trocadas no encantamento lançado sobre nós. Ou a ideia de que uma pessoa desconhecida me seguia. Eu sabia que devia usar o feitiço da mensagem para mandar notícias para Kiernan, contar que ele estava certo sobre Nalia, mas cada vez que começava o encantamento, eu parava. Ainda não estava preparada; era tudo muito novo, muito fresco, como um fermento aberto. Algumas feridas em mim podiam ter sido lancetadas pela conversa com Nalia, mas isso não significava que eu queria que alguém as cutucasse. Então, transformei-me em um incômodo dentro da casa, aborreci Gemalind, que me expulsou da cozinha envolta em uma nuvem de farinha, e Tarion, que tolerou minha presença no estábulo até que, acidentalmente, fiz levitar várias escovas, assustando a égua que pertencia a Philantha. Depois de ser expulsa do estábulo, voltei à casa, percorri corredores e entrei ocasionalmente em um ou outro cômodo, de onde saía depois de alguns momentos. Nem mesmo a biblioteca me interessava, e depois de um tempo me vi diante da porta de meu quarto. Suspirando e incapaz de pensar em outra coisa para fazer, abri a porta, entrei e me joguei sobre a cama, onde fiquei olhando para o teto.

O que Nalia estava fazendo? Ela havia voltado ao palácio? Queria saber se ela sentira os... resquícios do encantamento lançado sobre nós. Esfreguei os olhos, irritada comigo mesma. Não pensei em perguntar na hora, e agora não podia perguntar. Talvez pudesse pedir a Kiernan para falar com ela, se conseguisse mandar a notícia de que queria fazer as pazes.

Com um gemido, levantei-me e estudei o quarto, desesperada por alguma

coisa que me fizesse parar de *pensar* tanto. Estava cansada de ponderar minha situação, de me preocupar com quem eu era e quem não era. *Por favor*, pensei, fazendo um pedido ao Deus Sem Nome, mesmo sabendo que, em muitos aspectos, o pedido não era digno de atenção. Afinal, o Deus tinha coisas mais importantes com que se preocupar em vez de se ocupar de uma escriba insatisfeita. Ainda assim, fechei os olhos e rezei. *Por favor, me faça parar. Só quero ser eu, só quero ser útil e... contente. Quero parar de me perguntar se algum dia voltarei a me sentir inteira e simplesmente estar inteira. Quero ter um propósito, um objetivo para o qual eu possa olhar sem me sentir menos do que sou.*

Se eu esperava algum tipo de sinal — um estrondo e trovão no céu encoberto ou um tremor de aceitação em meu peito — estava esperando em vão. Nada aconteceu, nem mesmo uma brisa na janela. Sentindo-me tola, bati com os pés na lateral da cama algumas vezes até meus olhos caírem sobre a escrivaninha, que estava coberta de papéis e livros que eu havia tirado da biblioteca. Bem, pensei, se o Deus Sem Nome não ia parar tudo para atender às minhas necessidades, eu também podia me ocupar da limpeza.

Para dizer a verdade, meu quarto não era muito bagunçado, não precisei de muito tempo para organizar a mesa. Porém, quando estava fazendo a limpeza, encontrei um par de luvas que havia caído atrás da escrivaninha. Não era um dos pares gastos que eu usava para ajudar Philantha a colher plantas, mas um par de luvas de couro para montaria, aquele que eu levava comigo ao deixar o palácio. Recolhi as luvas, lembrando finalmente que as pegara semanas antes para uma excursão à cidade com Philantha. Porém, ela desistira de sair na última hora, e devo ter deixado cair as luvas em cima da mesa, de onde as derrubei sem perceber. Dando de ombros, abri o baú que ainda continha as coisas que eu havia levado comigo ao deixar o palácio. Quando estava guardando as luvas, vi um rolo de tecido repousando sobre um vestido dobrado.

O mapa da Porta do Rei Kelman. Eu não havia pensado nele desde que voltara à cidade. Ao pegá-lo cuidadosamente, senti uma pontada de culpa, resolvi abri-lo em cima da mesa limpa. Não era meu, nunca fora. Eu devia devolvê-lo ao palácio, onde ele poderia ser guardado em algum lugar mais seguro, outro lugar que não fosse um nicho sem uso na biblioteca, onde duas crianças

conseguiram encontrá-lo. A pontada tornou-se mais forte, pulsando em meu peito quando o pesar juntou-se à culpa. *Têria sido incrível, pensei, se houvéssemos conseguido encontrar a porta.* Deixei meus dedos deslizarem pela superfície do mapa, pensando em enrolá-lo, mas então alguma coisa aconteceu.

Eu li uma palavra, uma das runas intraduzíveis anotadas no rodapé do mapa.

Prendi a respiração por tanto tempo que, quando percebi, tive que aspirar muito ar e tossi violentamente. Só quando me controlei eu voltei a olhar para as runas.

Elas eram a linguagem dos magos. Alguma coisa que eu nunca havia estudado quando era princesa, algo que até os magos quase nem usavam mais. E essas não eram nem mesmo a mais recente encarnação da linguagem que Philanthia me fizera estudar, mas uma versão mais arcaica, com poucas voltas nas extremidades de alguns símbolos e o que pareciam ser formas abreviadas em algumas outras. Mesmo assim, eu conseguia ler uma de cada três palavras, pelo menos, debruçada sobre a escrivadinha em meu quarto.

Pegar... quem... Porta... Deixar... conhecido... um... sangue... Porta...

O que Kiernan havia deduzido naquele último dia no jardim? Que as runas podiam ser um código, ou uma linguagem mágica? Parecia que, contrariando todas as possibilidades, ele havia acertado.

Eu agarrava a beirada da mesa com as mãos, e fazia tanta força que meus dedos estavam brancos. Havia muitas palavras que eu não conhecia, ou palavras que eram muito diferentes de suas formas posteriores, tanto que eu não conseguia reconhecê-las. E havia várias palavras no final que eu jamais havia visto em nenhuma forma.

Porém, percebi quando um sorriso se estampou em meu rosto, eu tinha a biblioteca de uma maga lá embaixo, e ela estava lotada de livros sobre encantamentos e teoria sobre magia, e até tratados sobre várias encarnações da linguagem dos magos.

Palavras, pensei atordoadada. *Podem ser palavras*. Ou peixe. Olhei mais uma vez para a runa no mapa, depois desviei o olhar para o livro aberto que permanecia apoiado a uma pilha de volumes igualmente grossos. *Por que alguém criou runas tão semelhantes para palavras e para peixes? Para fazer uma brincadeira?*

Do lado de fora da biblioteca, o relógio no corredor bateu duas vezes, depois ficou em silêncio. Inclínada para a frente sobre os cotovelos, massageei as têmporas e pensei em descansar a cabeça sobre a mesa. Mas, não, eu estava perto, tão perto de ler as runas que quase podia imaginar-me em pé diante da Porta, vendo-a se abrir para mim. Eu tinha que continuar, mesmo que estivesse cansada o bastante para dormir nas desconfortáveis cadeiras de madeira da biblioteca.

Eu pesquisava havia horas, parando apenas para jantar rapidamente e voltar à biblioteca antes que meu estômago parasse de roncar. Era um trabalho lento o de tentar decifrar as runas arcaicas desenhadas no rodapé do mapa. Em alguns momentos eu havia considerado a ideia de ir conversar com Philantha, que eu pensava ser capaz de ler aqueles símbolos sem recorrer a meia dúzia de livros embolorados. Porém, cada vez que perdia a esperança de encontrar as respostas sozinha e pegava o mapa para ir procurá-la, eu imaginava a expressão de Kiernan quando eu contasse que havia revelado nosso segredo a mais alguém. E todas as vezes eu havia suspirado e prometido pesquisar mais um pouco o significado da runa que me causava dificuldades. E finalmente, tarde da noite, havia apenas quatro runas ainda por traduzir e me separando da resposta.

Palavras, decidi. *Deve ser palavras*. *Peixe não soa correto*. *Sangue real* — porque era essa a palavra anterior — *e peixe real? Não*. *Definitivamente, não*. Escrevi “palavras” em minha folha de anotações. Faltavam apenas três runas para traduzir, percebi com um arrepio.

Mas eu não conseguia. O relógio na parede bateu três vezes, depois quatro, e as últimas três runas ainda não haviam sido traduzidas. Eu não conseguia encontrar runas parecidas com aquelas do mapa em nenhum livro de Philantha. Cada vez que pensava ter conseguido, eu percebia que a inclinação de uma linha

estava errada, ou o arabesco no topo estava virado para o lado errado.

Talvez fossem mais velhas que as outras. Talvez fossem tão velhas que Philantha não tinha livros com referências a elas. Ou nem eram runas de magos; talvez fossem outra coisa completamente diferente. Balancei a cabeça para clarear os pensamentos. Havia traduzido tudo, menos as três últimas runas. Talvez não precisasse delas. Podia seguir em frente, montar uma tradução a partir de minhas notas e ver o que resultava.

Peguei uma folha de papel em branco, mergulhei a caneta em um pote de tinta e, devagar, transcrevi minhas anotações. Depois, com a respiração superficial por causa da excitação, li as palavras que Kiernan e eu tentamos entender por tanto tempo:

Cuidado, todo aquele que tentar usar a Porta do Rei. Saiba que só para alguém de sangue real e palavras reais a porta se abrirá.

As palavras, tão duras e formais, olhavam para mim do papel, minha caligrafia parecendo estranha e desconhecida. *Por isso a porta nunca serviu para nós*, pensei. *Havíamos procurado no lugar certo, mas eu não tinha sangue real, por isso ela nunca aparecera.* A decepção seguia a euforia da descoberta; eu havia imaginado que poderia abrir a porta, e agora, a menos que Nalia estivesse ao meu lado, eu nunca conseguiria. Um encantamento astuto, Philantha teria dito. Era realmente um segredo criado apenas para a família real, um que não teria utilidade sem ela.

Eu esfregava o lugar onde havia estado minha marca de nascença, percebi, e afastei a mão rapidamente. Queria saber quais eram as três últimas runas, porque a mensagem era clara o bastante sem elas. Talvez fossem só o nome do mago que havia criado a porta, uma espécie de assinatura. Magos, inclusive Philantha, eram vaidosos, eu havia percebido, e não seria estranho que um deles quisesse perpetuar o próprio nome em um documento como esse.

Minha mão havia se aproximado novamente do braço onde antes existira a marca. Dessa vez, belisquei a região com tanta força que ela ficou branca, depois rosada, e lágrimas brotaram em meus olhos. *Pare com isso*, disse a mim

mesma. *Você só está desapontada porque não vai poder ver a porta. Mas nunca a veria, mesmo. Nada mudou.* O que trazia à tona a questão com que eu me debatera naquela tarde. O que faria com o mapa?

Devia devolvê-lo. Essa era a atitude correta, o mais certo a fazer. Podia entregá-lo a Kiernan, e ele o poria de volta na biblioteca sem nenhuma dificuldade. Poderia até fingir que o encontrara, de forma que ele fosse preservado como deveria ter sido havia muitos anos. Ninguém saberia que ele havia me dado o mapa. Deixei meus dedos tocarem a beirada do mapa. Sim, o lugar dele era no palácio, com a família para quem ele havia sido criado. Mesmo que Kiernan tivesse me dado o mapa como um presente, alguma coisa para servir de ponte entre minhas duas vidas. Ainda assim, eu não o devolveria sem antes me gabar um pouco para Kiernan por ter resolvido o mistério.

Empurrei a cadeira para trás, decidida. Ler minha tradução havia afastado a exaustão da noite, e agora eu me sentia estranhamente lúcida e meus membros vibravam com energia acumulada. Deixei de lado os livros que havia tirado das estantes, recolhi meus papéis e anotações, e enrolei o mapa, amarrando-o com uma fita. E então, sem saber por que fiz isso, saí da casa de Philantha e fui para o palácio.

A manhã ainda não pintava o céu escuro, mas eu sentia uma promessa de calor enquanto andava pelas ruas fora de Goldhorn, levando o mapa do Rei Kelman. Caminhava depressa, sem saber por que tinha pressa e por que me sentia compelida a ir visitar o palácio agora. Podia ir procurar Kiernan quando o sol nascesse, afinal, e nesse momento era bem provável que os guardas do palácio me mandassem embora por ser cedo demais. Mesmo assim, eu seguia em frente, como se o próprio Deus Sem Nome me empurrasse.

Quando as muralhas do palácio surgiram, eu diminuí a velocidade. Não tinha nenhuma história para contar aos guardas, e sabia que minha aparência devia ser estranha, com os cabelos escapando da trança e o vestido amarrotado por ter passado tanto tempo sentada. Mas eu não parei, e quando me aproximei dos guardas, me ouvi falar:

— Trago uma mensagem para Kiernan Dulchessy da maga Philantha.

Estava escuro, e os guardas estavam cansados da longa noite de vigília. Nenhum deles me reconheceu, nem como a falsa princesa, nem como a escriba que às vezes procurava Kiernan.

— Não pode esperar por um horário mais apropriado? — perguntou o guarda do lado direito.

— Se pudesse, acha que eu estaria aqui agora? — devolvi a pergunta.

— Suponho que não. Magos — ele resmungou para o companheiro. — Felizmente não trabalho para um deles.

Eu me sentia feliz por trabalhar para uma, porém, assim que ele se afastou para o lado, depois de me dizer onde ficavam os aposentos de Kiernan, virou de costas para mim.

Agora que eu estava ali, sentia-me um pouco constrangida enquanto me dirigia à ala que abrigava a nobreza menor, escolhendo o caminho do jardim, em vez de ir por dentro do palácio. Por que eu havia pensado que era uma boa ideia ir até lá? Pareceria tola batendo à porta de Kiernan para dizer que... O quê? Que ele nunca poderia encontrar a porta? Por mais interessante que pudesse ser minha tradução, de repente eu não tinha mais certeza se valia a pena acordar Kiernan antes do amanhecer por causa disso. Especialmente porque eu não falava com ele havia dias.

Parei, dei um passo para trás, depois um passo para a frente, hesitando. Não, eu já estava lá, disse a mim mesma, seguiria adiante. Mas, mesmo depois desse pensamento, eu me sentia estranha, como se alguma coisa me puxasse de volta, devagar, mas inexoravelmente. Estava tão enredada em meus pensamentos que levei um momento para perceber que não era minha imaginação, que sentia realmente uma espécie de impulso no fundo do peito.

E levei mais um momento para perceber que havia experimentado essa sensação antes.

Nalia, pensei assustada. Ela estava por perto. Estranho que estivesse de pé tão tarde, ou tão cedo, dependendo de como se considerava a situação. Sem ter a

intenção, virei-me para o palácio. Uma fileira de arbustos altos cercava o edifício, suavizando a linha de pedras cinzentas, e eu estava à sombra dessa estrutura. Foi por sorte, porque quando uma luz suave transbordou da janela mais próxima de mim, sua claridade não me tocou. Continuei na escuridão, observando com curiosidade.

Era o quarto de um nobre, mas ninguém ocupava a cama, apesar do horário. Em vez disso, duas pessoas se encaravam no centro do quarto. Uma delas estava coberta por um manto, de forma que eu não conseguia ver seu rosto, e a outra era Nalia.

Ela vestia uma túnica longa, comprida o bastante para muita gente não ter notado a barra de renda abaixo da bainha, e seus cabelos desciam em ondas cobrindo suas costas. Fiquei intrigada quando percebi que a renda era de sua camisola. O que ela fazia em pé àquela hora, e vestida daquele jeito?

Porém eu não tive muito tempo para refletir sobre essa questão, porque vi Nalia levantar os braços, as palmas abertas voltadas para cima. Ela se movia devagar, como se fosse um sonho, e foi esse detalhe estranho que me fez dar dois passos à frente, até meus dedos dos pés chegarem ao limite da sombra dos arbustos, e tentar enxergar seu rosto. Atrás das marcas do sono e das sombras escuras embaixo de seus olhos, o rosto de Nalia era inexpressivo, imóvel e desprovido de compreensão como o de um sonâmbulo. A mão que não segurava o mapa tocou meu pescoço, e comprimi os lábios confusa quando a outra pessoa no quarto pôs as próprias mãos sobre as de Nalia. Isso me fez olhar para a segunda pessoa e, quando me virei, tive que esfregar os olhos e olhar outra vez.

Havia pensado que a outra pessoa usava um manto. Mas quando tentei enxergar melhor, meus olhos resvalaram pelo contorno da silhueta sem detectar nem mesmo a cor dos cabelos do indivíduo, ou o contorno de seu corpo. Um escudo que bloqueava a visão, percebi espantada. Philantha tinha se protegido com um escudo desses alguns dias antes, por isso eu tivera a oportunidade de ver como o encantamento tornava um objeto nebuloso, indistinguível, de forma que o observador não identificava nenhuma de suas características.

O quê? Pensei, ou comecei a pensar, porque naquele momento alguma

coisa aconteceu e fez meu coração se contrair dolorosamente e meus ouvidos zumbirem como um ninho de vespas.

Uma névoa dourada, fraca em princípio, começou a se formar em torno de Nalia, envolvendo-a. Senti na boca o gosto metálico de sangue.

Uma névoa dourada. O Salão de Thorvaldor. O Rei e a Rainha observando. Minha marca de nascença desaparecendo e alguma coisa que eu nem sabia que existia dentro de mim sumindo também.

A névoa dourada desaparecia. Mesmo com uma lamparina acesa, apenas, eu via os braços de Nalia nitidamente, estendidos como estavam. A marca de nascença em seu braço brilhava, três pontos vermelhos e cintilantes. Depois, diante dos meus olhos, eles retomaram a aparência normal, de forma que eu mal conseguia distingui-los.

A silhueta protegida pelo escudo dizia alguma coisa; eu podia quase ouvir as palavras pelas vidraças da janela, mas não as escutava claramente.

— Deixe-me ouvir — sussurrei, enviando um fio de encantamento para a janela. Era quase nada, a mais fraca das tentativas, porque eu temia que a pessoa atrás do escudo pudesse sentir o encantamento e detectar minha presença. Não ia dar certo, eu sabia que não. Consequira fazer o encantamento funcionar apenas duas vezes antes, e quase não o abastecia com nenhum poder agora. Porém, muito fraco, tão baixo que quase nem consegui escutar com aquele zumbido nos ouvidos, ouvi:

— Volte para o seu quarto. Se encontrar alguém no caminho, diga que se sentiu mal e foi procurar um dos médicos do palácio. Não vai se lembrar de nada disso.

A voz da pessoa também estava encantada, por isso não soava masculina ou feminina, jovem ou velha. Ao lado da silhueta, Nalia baixou as mãos e caminhou para a porta. Agora que eu sabia o que procurar, podia ver o abatimento em seus movimentos, a força do feitiço que a guiava. Ela abriu a porta e saiu, fechando-a sem fazer barulho depois de passar. Dentro do quarto, a outra pessoa balançou repentinamente com o esforço do encantamento,

segurando-se ao encosto de uma cadeira próxima. A pessoa ficou ali por longos momentos, segurando a cadeira, e eu esperei, o coração na garganta, torcendo para o escudo se desfazer.

Não aconteceu. A pessoa parecia ter recuperado um pouco das forças, porque ergueu o corpo e, depois de olhar em volta, dirigiu-se à porta.

Do lado de fora, eu estremeci, sofrendo vários espasmos enquanto a luz perolada do amanhecer ia se infiltrando nos jardins do palácio.

Nalia, ou pelo menos essa Nalia, a menina que um dia se chamara Orianne, não era a verdadeira princesa. Ela era tão falsa quanto eu havia sido.

Capítulo Dez

Fiquei ali parada, apoiada aos arbustos, e tentei pensar. Eu estava certa sobre aquilo? Não havia outra explicação para o que eu acabara de ver? Outro encantamento, talvez, um que precisava ser feito em um horário específico, para explicar a estranheza da hora. Ou algum resquício do encantamento que havia sido lançado sobre nós quando éramos crianças, algum engano imprevisto que precisava ser reparado. Mas eu sabia que o encantamento tinha que ser renovado com alguma frequência, porque o Rei me contara que havia sido assim comigo. Porém, a pessoa protegida pelo escudo havia ordenado que ela não se lembrasse de nada, tinha apagado sua memória do que havia acontecido. E ela estivera sob um encantamento de controle, um feitiço que a fizera incapaz de resistir.

Passei o braço livre em torno de mim mesma e balancei a cabeça. Não. Eu sabia, sabia com a mesma certeza que tinha do sangue correndo em minhas veias. Tinha vivido minha vida inteira sob aquele encantamento, e vira quando ele fora removido de mim no Salão de Thorvaldor. E sabia, eu sabia que era o mesmo encantamento, e que dessa vez ele apenas havia sido renovado, em vez de removido.

E ela não sabia de nada. Eu teria percebido, mesmo que não houvesse notado seus olhos vidrados, não houvesse escutado a ordem para esquecer o trabalho dessa noite. Havia conversado com ela na tarde anterior, mas agora parecia que tinha sido há uma vida. Ela não sabia de nada. Acreditava realmente que era Nalia, como eu também acreditara.

Houve um estalo entre os arbustos, e eu me virei. Uma ave espiava com a cabeça para fora da folhagem. O pássaro inclinou a cabeça olhando para mim, como se estivesse surpreso por ver um humano ali tão cedo. Depois ele voou. Respirei fundo, tentando acalmar meu coração disparado.

Alguém havia mentido para o Rei e a Rainha, entregara a eles uma segunda falsa princesa usando o mesmo encantamento que havia enganado todos

sobre mim durante tantos anos. Um som, alguma coisa entre uma risada e um soluço, brotou do meu peito. Philantha estava certa; era um encantamento astuto, de fato. Tanto que alguém o estava usando contra o Rei e a Rainha, alguém que sabia que eles nunca pensariam em se certificar de que a menina que lhes fora entregue era mesmo a princesa real. Quem mais seria, afinal, se tão poucas pessoas sabiam da história?

Apenas cinco pessoas, percebi sentindo a bile subir à minha garganta, cinco pessoas em toda Thorvaldor. O Rei e a Rainha haviam confiado em três magos: Flavian, que estava morto, Melaina e Neomar.

Eles podiam ter contado a alguém, pensei atordoada. Podia haver alguém além deles. Mas se Nalia — não, Orianne — não era a verdadeira princesa, isso sugeria a existência de uma trama concebida havia muito tempo, quando a princesa bebê fora trocada por outros dois bebês, em vez de um. Se não fossem culpados, eles não teriam contado a mais ninguém, não naquele momento. Não cedo o bastante para esse outro alguém imaginário fazer alguma coisa sobre isso. Não, devia ser um deles... Neomar ou Melaina.

Melaina, com toda sua beleza e magia, pronta para ocupar uma posição de poder na faculdade logo depois da aposentadoria de Neomar. Uma baronesa, uma das conselheiras mais próximas do Rei e da Rainha. Eu me sentia enojada pensando nisso.

E Neomar, eu percebi, sentindo a repulsa se fortalecer, outro conselheiro próximo. Um homem que se recusara a contar a Philantha os detalhes do encantamento, mesmo depois de a princesa ter sido supostamente restaurada ao seu lugar, quando não haveria mais nenhum mal em divulgar para outros magos a mecânica do que eles haviam feito.

Eu tremia, estava tremendo havia muito tempo, se a fadiga que se apoderava de meus músculos servia de indicação. Estava claro agora, a luz amarela e pálida do verdadeiro amanhecer. O que eu devia fazer? Imaginei-me entrando no palácio como uma tempestade procurando pelo Rei e a Rainha, gritando minha descoberta para todos os cantos, mas essa imagem desapareceu rapidamente quando pensei nas pessoas da corte cochichando, murmurando

entre elas que eu estava inventando para me vingar, que havia enlouquecido ao perder minha posição privilegiada. Podia ver o Rei e a Rainha balançando a cabeça, ordenando que eu fosse expulsa da cidade — ou pior, trancafiando-me por ter difamado o nome de sua filha perdida. Eu não *sabia* se eles fariam tal coisa, mas pensar na possibilidade era suficiente para me deixar nervosa. Pensei em contar a Philantha, mas ela era muito estranha, muito rejeitada por seus métodos excêntricos para ter credibilidade, caso denunciasse uma história tão espantosa. Tentei pensar em mais alguém, mas agora meu mundo era pequeno, reduzido demais para alguma coisa assim.

Kiernan, pensei finalmente. Ele podia não ser um mago nem um membro da família real, mas era meu amigo. E era alguém que, eu esperava, acreditaria em mim. Por enquanto, isso tinha que ser suficiente.

Sentindo-me fraca como um animal recém-nascido, saí do esconderijo entre os arbustos e voltei a uma das inúmeras alamedas que cortavam os jardins do palácio. Mas os jardins, normalmente tão lindos aos meus olhos, pareciam cheios de lugares escuros onde qualquer um ou qualquer coisa poderia se esconder com sucesso. Eu me sentia exposta caminhando rumo aos aposentos da família Dulchessy. A pessoa protegida pelo escudo, quem quer que fosse, fazia um jogo poderoso, e eu não tinha motivo para acreditar que aquela pessoa não faria mal a alguém que a descobrisse. Meu pescoço arrepiou quando passei por vários jardineiros que cuidavam de seu serviço, e eu abaixei a cabeça e os ombros, tentando não ser notada. Queria ter o poder — e o controle — para me cercar com um escudo de proteção, mas não tinha.

Finalmente, depois do que pareciam ter sido horas, entrei na ala adequada e segui para os aposentos de *Kiernan*. Ele agora tinha os próprios aposentos, não mais junto com os da família, mas conectados a eles. Olhei em volta, não vi ninguém e bati na porta quatro vezes com força. Também agradeci rapidamente ao Deus Sem Nome por *Kiernan* relutar em aceitar a companhia dos criados da família à noite, porque, com os serviços por perto, ele não poderia fazer suas travessuras. Pelo menos eu não tinha que me preocupar com a necessidade de passar por alguém antes de encontrá-lo.

Kiernan demorou a responder, tanto que eu me mexia ansiosa transferindo o peso de um pé para o outro quando ele abriu a porta.

— Sinda? — ele perguntou sonolento, piscando ao me ver.

— Deixe-me entrar — pedi arfante, e passei por ele sem esperar que se afastasse para o lado. — Feche a porta! — insisti quando me virei e o vi no mesmo lugar, ainda com a porta entreaberta.

Vi a irritação passar por seu rosto, mas ele fechou a porta. Kiernan ainda vestia uma longa camisa de dormir, e os dedos dos pés descalços se encolhiam sobre o chão frio de pedra.

— Pensei que não estivéssemos nos falando — ele disse. — Veio pedir desculpas por ter se comportado como uma... — Ele deu de ombros, procurando a palavra ideal. — Uma princesa?

Meu queixo caiu. No meio de toda a agitação, esqueci completamente que Kiernan poderia não gostar de me ver.

— Eu... sim, não... eu... — gaguejei, sentindo a língua grossa e inútil. — O que quero dizer é...

— O que é isso? — Kiernan interrompeu, apontando o mapa em minha mão.

Eu havia esquecido isso também.

— O mapa do Rei Kelman. Eu o traduzi, aquela parte que não conseguimos ler antes, mas não...

— Traduziu? — A irritação diminuiu e uma luz conhecida, travessa, iluminou os olhos de Kiernan.

— Sim, mas...

— Não acredito! O que descobriu?

— Kiernan, por favor, escute...

— Isso quer dizer que vamos encontrar a porta?

— Talvez, mas...

— Podemos ir agora! Vou me vestir..

— Ela não é a princesa! — gritei.

Ele já pegava uma calça pendurada no encosto de uma cadeira, mas interrompeu o movimento e me olhou com ar confuso.

— O quê?

Eu respirava com dificuldade, e a escuridão começava a invadir a periferia do meu campo de visão. Deixei o mapa sobre a cama de Kiernan e cruzei os braços para tentar conter o tremor que os sacudia.

— Eu a vi agora mesmo, com alguém. A pessoa fez um encantamento, o mesmo que fizeram comigo, porém ao contrário. Para mantê-lo, em vez de retirá-lo. Ela não é a princesa verdadeira, Kiernan. Ela não é Nalia.

Kiernan soltou o braço ao lado do corpo.

— Vamos começar novamente — ele falou com a voz repentinamente rouca. — Comece pelo princípio.

Foi o que fiz. Conte-i sobre o encontro com Nalia e a sensação que me havia levado até ela, sobre perceber que eu podia traduzir as runas no mapa do Rei Kelman, sobre como apenas alguém da realeza poderia abrir a porta, sobre ter ido ao palácio e visto a pessoa cercada por um escudo mágico colocando um encantamento em Nalia. Ele não falava, não disse nada enquanto eu contava a história. Quando terminei, ele continuou em silêncio, depois se aproximou de uma mesinha ao lado da cama, onde havia um copo e uma jarra com água. Kiernan encheu o copo com água e o entregou a mim, e eu bebi com gratidão. Só depois que esvaziei o copo ele falou.

— Sinda — disse. Sua voz era muito gentil, diferente do normal, e eu me

encolhi como se ele me houvesse agredido.

— Você não acredita em mim — murmurei.

— Eu... — Ele passou a mão pelo cabelo despenteado e soltou o ar com um sopro prolongado. — Não *quero* acreditar em você. Sou bom com... brincadeiras, jogos, coisas sem importância. E se você estiver certa, isso não é uma coisa sem importância. Não quero acreditar em uma conspiração de dezesseis anos para colocar a menina errada no trono. Quero pensar que isso é só uma alucinação que você teve por estar infeliz.

— Mas eu não estou infeliz, ou estou tentando não estar. — Segurando com força um pedaço do lençol, porque tive que me sentar no meio da minha história, baixei os olhos. — Sei que não sou a princesa, que nunca fui. Não estou fazendo tudo isso por... vingança ou alguma coisa assim. Não inventei essa história, Kiernan.

— Mas o encantamento, aquele que a atraiu para ela, Philantha disse que era porque parte da sua... essência havia sido trocada por parte da dela. Isso não significa que ela é a princesa?

Kiernan soava esperançoso, como se eu fosse uma professora de história que havia feito uma pergunta particularmente difícil para a qual ele finalmente encontrara uma resposta.

— Não sei. Talvez signifique apenas que eles tiveram que pôr parte da essência da verdadeira princesa em nós duas, e é isso que estou sentindo.

Ele franziu a testa, intrigado por um breve instante, mas outra onda de esperança modulou sua voz quando perguntou:

— Não, espere! Eu tenho um plano. Podemos pedir a ela para ir conosco àquele lugar da muralha onde fica a Porta de Kelman. Se ela for a princesa, a porta vai se abrir para ela, e se não for...

— Ela vai saber que não é — concluí. — E, provavelmente, vai correndo contar tudo ao Rei e à Rainha.

— Bem, e o que há de errado nisso? — Kiernan balançou a cabeça para mim. — Se ela não for a princesa, eles terão que saber, não?

Levantei-me com um pulo, cerrei os punhos e comecei a andar de um lado para o outro.

— Não percebe? — perguntei. — A pessoa que vi cercada por aquele escudo, que fez isso, é poderosa, tão poderosa que se prepara para dar um golpe embaixo do nariz do Rei e da Rainha sem que ninguém saiba. E isso não é nenhum... jogo. Eles planejam isso há anos, provavelmente desde antes de sermos trocadas. E isso os torna perigosos. Se eles perceberem que seus planos correm perigo, farão alguma coisa para protegê-los. Podem matar o Rei ou a Rainha. Certamente tentarão eliminar quem os expôs, quem descobriu o que eles fizeram.

Kiernan empalideceu.

— Você. Eles vão atrás de você.

— Nós — corrigi. — Agora você também sabe. Eles virão atrás de nós, da nossa família, e não há como saber de quem mais. Eles apostaram alto, e vão ficar com medo de perder.

Girei sobre os calcanhares quando cheguei ao fim do caminho, e parei. Ergui os ombros e olhei para Kiernan. Eu o queria comigo, queria tanto que era como um fogo em meu peito. Não queria me enredar sozinha naquela teia de intriga e poder; eu iria, se fosse inevitável, mas não queria. Queria Kiernan, meu amigo, aquele que sempre havia conseguido nos livrar das consequências antes, rindo o tempo todo.

— Não estou inventando — falei. — Queria... Deus Sem Nome, queria estar. Mas não estou. E tenho medo. Por favor, você precisa acreditar em mim.

Kiernan abaixou a cabeça e fechou os olhos, como alguém que fecha as janelas de uma casa contra uma tempestade que se aproxima.

— Acredito em você — ele disse em voz baixa. Depois ergueu a cabeça,

me encarou e repetiu com mais determinação. — Acredito.

Não havia percebido quanta tensão eu estava armazenando entre os ombros, mas ela desapareceu como água escorrendo, e eu me senti fraca e com as pernas bambas. Por um momento, não consegui falar, mas depois pigarreei e disse:

— Bem, que bom. Agora que só temos que pensar no que vamos fazer com isso.

— Por favor, fale outra vez onde fica o aposento — pediu Kiernan, olhando para mim do chão do meu quarto na casa de Philantha. Havíamos deixado o palácio o mais depressa possível, porque eu não podia deixar de pensar que havia encantamentos plantados em seus cômodos, todos eles com o propósito de informar quem eu havia visto, quem quer que fosse, sobre qualquer pessoa que falasse como nós havíamos falado. Devia ser bobagem, mas eu não podia evitar. Felizmente, Philantha havia me deixado um bilhete avisando que ia visitar uma amiga em Flower Basket e não voltaria até a noite, então, ninguém se incomodaria se eu passasse o dia com Kiernan.

— Eu estava a caminho dos seus aposentos e seguia pela alameda perto daqueles arbustos altos. Sabe quais são, aqueles sob os quais você escondeu a boneca de Laureli Montage quanto tinha oito anos.

Kiernan assentiu, e sorriu com a lembrança.

— Acho que está falando do quarto de Berend Yai.

— O estudioso?

Ele assentiu.

— Mas ele não está aqui agora. Partiu há semanas. Viajou para pesquisar as propriedades do líquen de Farvasee. — Ele bufou. — Ouvi um dos bibliotecários dizer que havia recebido uma carta dele alguns dias atrás, e ele planejava estar de volta antes do outono. Além do mais, o homem é... pálido. Você quase não o vê quando está conversando com ele. Duvido que tenha

estômago para uma rebelião.

Eu estava séria. Sabia que não ia ser fácil. Quem havia criado o encantamento de Orianne não trabalhava nos próprios aposentos.

— Acha que ele deixaria outras pessoas usarem seu quarto? Se elas o ameaçassem, talvez?

— Acho que ele se molharia e desmaiaria se alguém sequer mencionasse um golpe diante dele — Kiernan respondeu sem se alterar. — O mais provável é que a pessoa tenha simplesmente usado o quarto, de forma que ninguém visse Nalia, ou Orianne, indo aos aposentos dessa pessoa. O que nos deixa com...

— Melaina e Neomar — concluí. — Eu sei.

— Magos. Magos realmente poderosos. O diretor da faculdade e sua provável substituta — Kiernan gemeu, depois apoiou a cabeça na lateral da minha cama. — Bem, você conhece os dois melhor do que eu. Qual deles acha que é?

Eu também me perguntava a mesma coisa. Infelizmente, porém, as palavras de Kiernan eram um pouco otimistas. Eu não conhecia nenhum deles, de fato. Melaina era uma baronesa cujo marido, o Barão de Saremarch, havia morrido anos atrás, por isso ela participava das funções da corte e das reuniões de conselho. Ela sempre havia sido polida comigo, embora eu a visse quase sempre de longe. E no entanto, ela sempre me fizera sentir... estranha quando olhava para mim, como se pudesse enxergar meus pensamentos. Ela era bonita, fria como água escura, tão linda que me fazia sentir ainda mais desajeitada e acanhada sempre que eu a via. Eu nunca tinha ido procurá-la e, com exceção daqueles olhares penetrantes, ela nunca havia demonstrado muito interesse em mim. E Neomar, apesar de aconselhar o Rei e a Rainha para assuntos de magia, passava a maior parte do tempo na faculdade. Sempre havia estado ocupado demais para fazer mais do que me cumprimentar com um aceno de cabeça, sem perder tempo me olhando nos olhos. Nenhum dos dois parecia, até agora, um provável autor de um golpe.

Mas, pensei com um arrepio, Neomar se recusara a contar a Philantha sobre o encantamento. Por quê? Porque ele temia que, ao entender o que era feito, ela deduzisse seus planos? Talvez. E ele queria que Philantha o informasse sobre meus progressos com a magia, queria ficar de olho em mim. Tudo isso tinha alguma coisa a ver com o plano? De qualquer maneira, nada explicava por que ele queria colocar Orianne no trono no lugar da verdadeira Nalia.

Suspirei e massageei as têmporas. Estava cansada depois de ter passado a noite traduzindo, e tinha a sensação de que meus pensamentos se moviam por um lodo grosso.

— Não sei — falei. — Mas temos que fazer alguma coisa. Não vou conseguir encontrar Melaina, porque ela não tem aposentos comuns na faculdade. Mas você poderia... observá-la, segui-la talvez. E talvez devêssemos ir à faculdade, seguir Neomar, invadir os aposentos dele, alguma coisa assim.

— Invadir — Kiernan falou com ironia. Ele me observava massageando a cabeça e tinha no rosto uma expressão preocupada. — Não sei se é esse tipo de aventura que meus pais querem que eu tenha, mas é o que temos no momento.

Eu ri, e acho que era isso que ele queria, mas quando parei de rir, ele falou:

— Mas tem certeza de que não podemos ir procurar o Rei e a Rainha? Eles poderiam... fazer tudo isso adequadamente. Prender e interrogar pessoas, revistar abertamente os aposentos de Neomar e Melaina.

— Não podemos. Eles vão pensar que estou maluca, que quero me vingar, e que... Não sei, que usei artifícios para fazer você acreditar em mim.

Kiernan levantou as sobrancelhas.

— Artifícios?

Eu corei, mas continuei.

— O que interessa é que não vão acreditar em nós. Isso tudo parece loucura. E podemos acabar ajudando o traidor, revelando o que já sabemos.

Kiernan ainda insistiu:

— E quanto a Philantha? Ela gosta realmente de você. Eu sei. Talvez ela possa nos ajudar.

Eu achava que Philantha era muito afastada da comunidade dos magos para ter alguma utilidade nesse caso, mas Kiernan me fez repensar. Talvez ele estivesse certo. Seria um alívio ter mais alguém do nosso lado, e até Philantha teria mais credibilidade do que eu. Estava começando a assentir, quando ele continuou:

— Afinal, ela é maga. Conhece os dois, sabe coisas sobre...

Mas não ouvi mais nada. Senti frio e calor ao mesmo tempo ao me lembrar de Philantha em seu estúdio, com Neomar sentado a seu lado, os dois estudando um antigo pergaminho. O que ela havia dito? *Começamos a faculdade no mesmo ano, e nem o prestígio dele impediu nossa amizade.*

Philantha fazia parte disso tudo?

Não. Empurrei o pensamento para longe assim que ele surgiu. A tola, distraída Philantha, que nem queria o prestígio que teria simplesmente por usar as vestes de mago, tentando dominar um reino? Era como tentar acreditar que uma borboleta desejava o trono. Não, eu estava cansada demais e muito atordoada, ou nem teria cogitado essa possibilidade.

Mas ela era amiga de Neomar, por mais improvável que pudesse parecer essa amizade. Quando ia à faculdade, eu sabia, ela quase sempre o via, nem que fosse só para dizer olá. Era muito mais provável que ela acreditasse nele, não em mim, especialmente por eu não ter nenhuma evidência do que vira. Philantha contaria a Neomar? Por causa dessa amizade, ela o preveniria sobre a possibilidade de eu fazer acusações contra ele?

Eu podia contar apenas parte da história? Fazer parecer que eu pensava que só podia ser Melaina, e conseguir sua ajuda com essa investigação, pelo menos? Não, decidi. Porque era preciso um pequeno passo para ir de Melaina a Neomar, e Philantha certamente daria esse passo. O que me levava de volta ao começo:

ela acabaria nos delatando.

Kiernan havia percebido que eu estava pensando e esperava sentado que eu divulgasse minhas conclusões, percebi. Então, expliquei a ele minhas reflexões. Ele não gostou muito, mas acabou assentindo relutante.

— Então não podemos contar nada a ninguém até termos certeza de quem é essa pessoa, até termos provas — concluí. — Quem fez isso é muito ardiloso. Se não tivermos provas concretas, essas pessoas provavelmente encontrarão um jeito de escapar. E falando em provas, devemos começar visitando a faculdade...

— Não. — Kiernan se levantou com a rapidez de um raio, segurando meus ombros e me impedindo de deixar a cadeira. — Você está exausta. Mal consegue manter os olhos abertos.

— Estou bem — insisti, apesar da exaustão que me invadia como uma onda do mar.

— Não está. Escute, não vai ser tão simples quanto entrar no escritório de Neomar, um lugar público. Ele não deixaria provas de um regicídio por aí para que alguém pudesse encontrá-las. Você precisa descansar, depois iremos juntos.

Mas alguma coisa que Kiernan disse me impediu de ouvir o restante da frase.

— Regicídio? — repeti.

Kiernan assentiu.

— Sim, matar um monarca. Sei que ela não era monarca ainda, mas teria sido, então...

Devagar, apesar da confusão que reinava em minha cabeça, isso fez sentido.

— Acha que a verdadeira Nalia está morta.

Ele deixou as mãos caírem dos meus ombros.

— Não está? Se trocaram você por Orianne, em vez de trazer a verdadeira Nalia, é razoável pensar que tenham matado a princesa, então. Assim ninguém notaria uma terceira criança na troca. E se vão pôr Orianne no trono, não vão querer a verdadeira princesa viva em algum lugar.

Balancei a cabeça.

— Ela não está morta, Kiernan. Eles precisam dela para manter o encantamento. Se a verdadeira princesa não estiver viva em algum lugar, o encantamento não funciona. Philantha me falou que tem quase certeza disso. Seja quem for o autor, ou os autores desse plano, eles sabem onde está a princesa. E a mantêm viva porque, sem ela, o plano não vai dar certo.

Levantei da cadeira e dei dois passos para me jogar sobre a cama. Sentia os efeitos de tudo, de todos os eventos daquele longo dia; não conseguia passar muito mais tempo acordada. Consegui erguer meus olhos pesados para Kiernan, que me observava.

— Não é só uma questão de encontrar quem planejou tudo isso e expor os envolvidos — consegui dizer enquanto sentia a fadiga me dominar. — Nalia está viva. A verdadeira princesa está por aí, Kiernan, e vamos ter que encontrá-la.

Capítulo Onze

Dormi o dia todo, e só acordei na manhã seguinte quando uma das criadas bateu na minha porta e disse que Philantha esperava por mim lá embaixo.

— Uma palestra, ela disse, ah, não, alguma coisa mágica — Briath falou quando voltou para a porta. — Não consigo lembrar as palavras que ela usou. Mas ela disse que você deve acompanhá-la, e agora.

Saí da cama me arrastando, tentando alisar minhas roupas amarrotadas. Quando peguei a escova em cima da mesa — meus cabelos davam a impressão de que vários pássaros haviam feito o penteado com o bico — vi um pedaço de papel dobrado formando um pequeno quadrado e selado com uma gota de cera da vela ao lado de minha cama. Rompi o lacre e reconheci a caligrafia de Kiernan.

Não se atreva a levantar antes de estar descansada! Quando estiver, mande uma daquelas mensagens luminosas e eu virei. Até lá, vou conversar com O., ver se ela se lembra de alguma coisa da noite passada. E vou descobrir se alguém viu M. ou N. perambulando pelo palácio à noite. Não faça essa cara preocupada! Serei discreto.

Eu estava mesmo com uma ruga de preocupação na testa, percebi, e isso me fez bufar irritada. Ele me conhecia muito bem. Mesmo assim, nem sua promessa fez meus medos irem embora. Kiernan podia pensar que era sutil o bastante para interrogar Orianne, mas eu temia que sua exuberância natural o delatasse. E se o traidor desconfiasse que Kiernan sabia sobre a segunda falsa princesa... Estremeci, deixando o bilhete sobre a mesa.

— Tenha cuidado — murmurei, depois escovei meus cabelos.

Finalmente apresentável, desci a escada correndo e encontrei Philantha com seu manto negro de maga sobre um vestido que eu sabia ter uma grande mancha de tinta na frente.

— Vai haver uma palestra. Hemmel, aquele velho chato, vai falar sobre transferência de energias de, bem, você vai ver. Duvido que Hemmel tenha alguma coisa realmente útil para dizer. Eu lembro quando ele era estudante, lembro que era muito... apegado às regras, e isso é muito limitador, nunca se esqueça. Mas nunca se sabe. A palestra pode ser útil para você, por isso decidi que devemos comparecer. — Ela abriu a porta e saiu, e eu a segui.

Era um dia claro, bonito, sem uma nuvem à vista, e senti que meus pensamentos também clareavam enquanto íamos andando. Eu parecia ter me recuperado da noite em claro, e o choque que havia testemunhado ia perdendo força aos poucos, reduzido pelo tempo e a distância. Ainda estava abalada, mas aos poucos eu me acostumava à ideia de que Orianne não era a verdadeira princesa. Se ao menos eu soubesse o que fazer com isso... Bem, começaria tentando sair da palestra para ir visitar os aposentos de Neomar. Assim, quando Kiernan e eu voltássemos, saberíamos que tipo de fortificações teríamos que enfrentar.

Chegamos rapidamente à faculdade, parando apenas para Philantha poder examinar um ninho de pássaros que havia sido jogado pelo vento de uma árvore de jardim para a rua. Ela anunciou que o ninho havia sido danificado demais para ainda ter alguma utilidade, e o deixou ali mesmo. Uma vez na faculdade, seguimos apressadas para uma das grandes salas de palestra. Eu havia estado ali para várias cerimônias durante meus anos como princesa, e essa não era diferente. Uma sala em forma de bacia com arquibancadas convergindo para um pequeno palco onde o magoalaria. Magos se sentavam espalhados pela sala, a maioria composta por noviços de vestes verdes, mas notei alguns poucos em trajes azuis e roxos, também. Escolhemos lugares no meio da sala, perto de um homem calvo que reconheci como um dos poucos magos que iam visitar Philantha.

— Neomar não está aqui? — ela perguntou ao homem quando nos acomodamos. Despreparada para ouvir o nome dele, quase caí do banco com o sobressalto de surpresa. — Pensei que ele estivesse de acordo com Hemmel, infelizmente. Um de seus únicos fracassos, pobre homem. Enfim, pensei que ele viria apoiá-lo.

— Não soube? — o homem respondeu, e lembrei que seu nome era Sarcen Balveer. — Neomar partiu. Deixou a cidade hoje de manhã, foi para o campo em busca de ar puro. Disse que vai ficar lá até o outono, pelo menos. — Sarcen balançou a cabeça. — Eu disse a ele ainda outro dia que estava pálido. E agora escuto esse boato sobre febre escarlatina...

Parei de ouvir, porque minha cabeça girava. Neomar havia viajado esta manhã?

Philantha balançava a cabeça, e vi em seu rosto uma expressão chocada.

— Mal posso acreditar nisso — ela falou. — Homem teimoso, não me disse nada, e eu o vi há poucos dias. Tenho várias poções em que estou trabalhando, e elas poderiam ser úteis.

Sarcen assentiu, mas nesse momento um homem sentou-se a seu lado, e ele se virou para cumprimentar o recém-chegado. Notando que ele estava distraído, perguntei tentando limpar a voz da nota perturbada:

— Mas e sobre seus experimentos?

Philantha parecia confusa, por isso continuei:

— Quero dizer, Neomar não tem experiências em andamento em seus aposentos, como você? Alguém vai cuidar delas, ou ele teve que abandoná-las?

Philantha bufou:

— Experimentos? Neomar? Ele não faz uma experiência prática há anos. Deveres administrativos o impedem, suponho, e ele sempre foi mais um pensador, de qualquer maneira. Suas descobertas sempre foram... menos tangíveis, mais teóricas. Ele não deixou caldeirões borbulhando nem penas queimando.

— Isso é bom, realmente — consegui responder. — Quero dizer, alguém poderia entrar em seus aposentos enquanto ele estiver fora e estragar tudo. Acidentalmente, quero dizer.

Ela fez um gesto de desdém.

— Ah, os aposentos dele são protegidos por feitiços poderosos. Nenhum mago razoável deixaria seus aposentos abertos em uma faculdade cheia de juvenzinhos curiosos. Ninguém vai entrar naquele quarto. Mesmo que ele estivesse mais doente que um gato molhado, lançaria encantamentos que um Mestre teria dificuldades para quebrar. De qualquer forma, queria que ele tivesse me contado. Talvez eu deva ir vê-lo, levar algumas das minhas novas poções, se pudermos... reparar os pequenos defeitos nelas...

Hemmel, o mago que faria a palestra, subia no palco lá embaixo. A plateia silenciou, e eu senti o desânimo me invadir. Jamais entraríamos nos aposentos de Neomar. Se ele estivesse por ali, indo e vindo, poderíamos ter tido uma chance. Ele poderia esquecer-se de cercar o lugar com seus habituais encantamentos de proteção uma tarde qualquer, ou simplesmente deixar a porta destrancada um dia, quando saísse apressado. Mas agora os aposentos estavam lacrados, e assim permaneceriam até sua volta no outono.

Apoiei o queixo na mão, o cotovelo sobre o joelho. Teríamos que procurar em outro lugar as pistas para identificar a pessoa protegida pelo escudo.

— Ele viajou, tem certeza? E não há como entrar em seus aposentos?

Passei um dedo na mancha que meu copo deixou sobre a mesa e assenti.

— Sai da sala depois da palestra, disse a Philantha que precisava de um pouco de ar puro enquanto ela conversava com seu amigo. Atravessei toda a faculdade correndo para ir aos aposentos dele. Disse ao secretário que precisava entregar uma mensagem a Neomar, mas ele me mandou embora. A mesma história, exatamente como Sarcen havia dito.

Girei os ombros e arredondei as costas para aliviar a tensão. Dois dias se passaram desde a palestra, e eu não dormia bem. Tinha sonhos nos quais uma menina sem rosto me chamava, e, apesar de eu correr cambaleando por campos, ruas e montanhas para alcançá-la, eu nunca conseguia.

Kiernan deixou a caneca sobre a mesa com um baque, expressando

desgosto.

— Tem certeza de que ele dizia a verdade? Ele pode ter mentido para você.

— Duvido que toda faculdade esteja envolvida nisso. Se é Neomar, ele não contou nada a ninguém.

— Bem, é suspeito, não acha? — Kiernan perguntou. — Ele ter partido logo depois de você ter visto aquela cena. Talvez ele tenha usado magia demais renovando o encantamento, e agora quer se esconder de todo mundo. Ou teme que alguém o tenha visto, e quer ficar fora de circulação por um tempo.

— Pode ser. — Eu nem imaginava quanta energia seria necessária para renovar aquele encantamento, especialmente por uma pessoa só. Kiernan estava certo, parecia suspeito.

Kiernan se recostou na cadeira, tirando do chão os pés dianteiros dela, e olhou para o teto.

— Outono. Qualquer coisa pode acontecer até lá. — Os pés da cadeira bateram no chão quando ele se inclinou para a frente. — E eu não descobri nada com Orianne. Ela não se lembra de nenhum sonho estranho de ontem à noite.

— Mais alguém viu alguma coisa?

— Ninguém. Nada. Você tem razão. Seja quem for, Neomar ou Melaina, eles estão tomando todas as precauções. — Ele entrelaçou os dedos e os estalou. — Bem, se não podemos revistar os aposentos de Neomar, que tal os de Melaina?

Mordi o lábio, pensei, e balancei a cabeça.

— Pelo menos na faculdade eu poderia levar alguma coisa de Philantha, dizer que ia entregar uma encomenda para ele, se alguém me visse. Sabe como é, me fazer de boba, como se eu não soubesse que não podia entrar em seus aposentos. Ele poderia acreditar em minha desculpa, especialmente se eu esperasse até Philantha realmente ter alguma coisa para mandar. Mas o que diríamos se alguém nos surpreendesse nos aposentos de Melaina? Você nunca trocou mais que três palavras com ela fora das funções da corte. Além do mais,

Melaina tem toda a Casa Sare para deixar as evidências de alguma trama. Ela não as levaria ao palácio, onde criados desconhecidos limpam seus aposentos todos os dias.

Kiernan fez uma careta.

— Então, o que vamos fazer?

Deixei cair os ombros. A hospedaria era barulhenta e iluminada, a luz amarela das lamparinas tremulava projetada nas paredes, as pessoas estavam cansadas e felizes depois de mais um dia. Aquilo me fazia sentir vontade de entrar embaixo da mesa. Eu não sabia o que dizer a Kiernan. Era demais; eu devia procurar Philantha, ou o Rei e a Rainha, ou qualquer adulto que pudesse ouvir minha história. Mas não acreditava que o Rei e a Rainha aceitassem me ouvir, e Philantha já estava pensando em ir visitar Neomar no campo. Queria confiar nela incondicionalmente, mas uma voz fraca dentro de mim insistia em me encher de dúvidas sempre que eu pensava em recorrer a ela. Portanto, estávamos sozinhos. E eu não sabia como salvar o país. Princesa substituta, tintureira fracassada, escriba — nenhum desses papéis me preparara para isso. Eu não tinha mais ideias, e depois de apenas três dias.

Fechei os olhos, tentando me defender contra o desespero que me invadia. Ah, se o oráculo em Isidros nunca houvesse feito aquela profecia! Ela não se realizara, não é? Ninguém havia tentado me matar antes do meu décimo sexto aniversário, então nunca existira a necessidade de uma falsa princesa. E se não houvessem decidido que era preciso me colocar no lugar da princesa, quem fez a segunda troca também não teria tido essa chance. O trono não estaria em perigo, e eu não estaria tentando protegê-lo. Por que, por que aquela visão? O oráculo não devia ter visto que ela não se concretizaria?

Alguna coisa percorreu minha espinha, se abrindo em leque na base como ondas de formigamento. Isidros. Tudo havia começado lá.

— Sinda? — Kiernan percebera que eu não estava prestando atenção nele, e senti sua mão tocando meu braço.

Abri os olhos e encontrei os dele.

— Isidros — falei. — Nós vamos a Isidros.

Capítulo Doze

Levamos seis dias para chegar ao nosso destino. Era de esperar que nesse período meu nervosismo diminuísse, mas quando olhei pela estrada para o templo em Isidros, tive de segurar com força as rédeas do cavalo que montava para me manter ereta. Meu coração parecia bater nos ouvidos, e a visão era turva.

— E se eles não quiserem nos ajudar? — perguntei com voz fraca.

— Não pense desse jeito — Kiernan respondeu. — Afinal, quem poderia resistir a nobres finos e de aparência impecável? São monges e freiras, e um oráculo. Não devem ver nada como nós há muito tempo. Vão ficar fascinados.

— Ou irritados por atrapalharmos suas contemplações — resmunguei.

Kiernan puxou as rédeas do cavalo, que tentava pastar a vegetação que crescia na lateral da estrada, e olhou para mim.

— Está esquecendo, *Lady Valri*. Como minha irmã, você é uma menina encantadora, com aspirações acadêmicas e um interesse bizarro por profecias dos últimos oráculos. Não fosse por isso, eu provavelmente teria ficado na corte, em vez de acompanhá-la nesta jornada.

Suspirei.

— É claro, *irmão*.

Kiernan comprimiu os lábios ao ouvir a tensão na minha voz, mas pôs o cavalo em movimento e disse:

— Vamos, esperar é inútil.

Ele estava certo, é claro. Então, bati com os calcanhares nos flancos da montaria, seguindo Kiernan pela estrada para os portões do templo.

Levamos seis dias para chegar a Isidros. A viagem poderia ter sido mais curta, se tivéssemos melhores montarias. Mas eu rejeitara a ideia de usar um cavalo da família de Kiernan — era muita evidência apontando o envolvimento dele —, por isso ele havia alugado nossas montarias em um estábulo em Flower Basket, onde era improvável que alguém reconhecesse o rosto de um jovem nobre. Os cavalos não eram ruins, mas também não estavam habituados a longas jornadas, por isso tendiam a perder a força perto do meio da tarde.

Eu não me incomodava, realmente. A estrada seguira para o sul a partir de Vivaskari, cortando sinuosa uma área cultivada e depois seguindo pela floresta que cercava a cidade. A maior parte da floresta se estendia ao norte da cidade, porém, de forma que logo a estrada prosseguira por mais um trecho de campo aberto, coberto por plantações que, no terceiro dia, deram lugar a colinas suaves. A região montanhosa de Thorvaldor era o lar de pastores, cabras e ovelhas, que eram atraídos pela grama e pelo espaço para os rebanhos. Eu nunca havia estado lá; quando a família real deixava a cidade, íamos para o norte, para os lagos frescos e para as florestas profundas. Isso era diferente, mais esparsa e escarpada, mas não desprovido de beleza. A amplitude, a escassez de pessoas me agradava em minha atual disposição. Estava uma pilha de nervos, mas pensar que poderíamos ver alguém se aproximando a quilômetros de distância me confortava.

Eu também tinha outro consolo: Kiernan. Ele havia assumido o controle do lado prático da nossa jornada, escolhendo onde e quando devíamos parar, certificando-se de que tínhamos bastante água e comida para chegarmos à próxima cidade, verificando os cascos dos cavalos a cada parada para ter certeza de que não havia pedras neles. Ele pediu um bálsamo ao dono da hospedaria na primeira noite, quando desmontei e quase nem consegui andar por causa das dores nas pernas, agora desacostumadas a longos dias de cavalgada. Não que ele deixasse essas responsabilidades diminuir seu entusiasmo natural. Kiernan cantava enquanto cavalgava, flertava com as filhas dos donos de hospedarias para conseguir quartos mais baratos para nós, e se exibia de maneira geral. Ele me disse, quando me senti culpada, que mentir para Philantha era necessário pelo bem do país. (Eu havia dito a ela que tia Varil caíra doente de repente, uma enfermidade potencialmente perigosa, e que eu sentia que era meu dever ir

ajudá-la, como sua única parenta viva. Philantha estava no meio de um experimento quando falei com ela, por isso apenas acenou e me disse para voltar quando tia Varil estivesse recuperada ou morta. Ele também inventou a história que contaríamos em Isidros. Dois irmãos, éramos os ligeiramente empobrecidos Lorde Aldarich e Lady Valri. Eu diria estar escrevendo um livro sobre a história dos oráculos de Isidros, e ele diria que me acompanhava para garantir minha segurança na estrada.)

Agora que nos aproximávamos das muralhas de Isidros, eu me perguntava se alguém acreditaria em tudo isso. Sentia-me suja, embora houvesse tomado um banho na hospedaria na noite anterior, e sabia que o vento da planície havia embaraçado meus cabelos. Não me sentia como uma lady estudiosa, mas ergui os ombros e segui em frente.

A estrada passava pelo templo e continuava sinuosa pelas colinas. Uma muralha cercava Isidros, e na frente do perímetro havia duas portas grandes e simples. Elas estavam abertas deixando ver um pátio calçado com pedras, e guiamos nossos cavalos para o interior. Logo percebi que Isidros não era uma estrutura, mas uma comunidade feita de muitos edifícios, como um pequeno vilarejo. No fundo do pátio havia o que deduzi ser o templo propriamente dito. Degraus compridos e rasos levavam a um pavilhão sustentado por colunas, que por sua vez se abria para um prédio abobadado, semelhante aos templos na cidade. À nossa direita havia diversos prédios mais baixos com muitas janelas, provavelmente as acomodações das freiras e dos monges que ali viviam, e outro edifício quase tão grande quanto o templo. À esquerda e atrás ficavam as instalações práticas existentes em qualquer comunidade — a cozinha cercada de hortas, a lavanderia, o estábulo, coisas assim. Ali eles não faziam cerimônia, eu sabia, e todos os habitantes, com exceção do oráculo, deviam cozinhar, lavar e costurar. Depois dessa área funcional havia mais um trecho de jardim, e então — eu podia ver que aquele era um trecho de descida em direção ao sul — um cemitério cercado por uma cerca baixa de ferro. Um mausoléu de linhas simples e graciosas se erguia no fundo do cemitério, mais perto da muralha.

Eu estava registrando tudo isso, quando um rapaz vestindo uma longa túnica marrom aproximou-se com uma expressão solene no rosto.

— Sejam bem-vindos à presença do Deus Sem Nome — ele disse, unindo as mãos e se curvando. Quando se ergueu, um sorriso fácil distendia seus lábios.
— Sou o Irmão Paxson. Como posso ajudá-los?

Kiernan desmontou e entregou as rédeas a um noviço que usava vestes claras, em vez de marrom. Depois ele estendeu a mão para ajudar-me a descer do cavalo, e só então olhou para o Irmão Paxson e disse:

— Sou Lorde Aldarich, e esta é minha irmã, Lady Valri. — Uma pausa para olhar rapidamente em minha direção. Havíamos combinado que eu explicaria nossa “cruzada”.

Eu sorri, torcendo para o Irmão Paxson não perceber como minhas mãos estavam tremendo.

— Estou escrevendo um livro — comecei, esperando que minha voz soasse leve e despreocupada. — Um tratado acadêmico sobre a história dos oráculos de Isidros. Esperava falar com o oráculo, e talvez consultar os registros deixados por seus predecessores mais recentes. A biblioteca do palácio tem registros muito bons até o vigésimo quinto oráculo, mas não há muita coisa sobre os últimos cinco. Acho que os bibliotecários relutam em deixar os confortos da cidade para obter os registros. — Tentei piscar com ar conspirador, embora, provavelmente, deva ter dado a impressão de que havia alguma coisa em meu olho.

O monge inclinou a cabeça.

— É claro. Não sei se o oráculo vai poder recebê-la pessoalmente — há muitos peregrinos aqui em busca de orientação, e ele não tem muito tempo para receber todas essas pessoas. Mas vou ver o que posso fazer, e você certamente poderá conversar com o Irmão Seldin, nosso abade. Ele será muito útil para a sua pesquisa.

Com isso, o Irmão Paxson nos levou a um edifício dividido em vários quartos, cada um com uma cama estreita, e uma sala comunal vazia nesse momento. Deduzi que peregrinos e visitantes ficavam ali enquanto esperavam uma audiência com o oráculo. Foi lá que ele nos deixou, e depois de um tempo uma freira entrou com uma jarra de água, duas maçãs e meio pão preto. Ela

deixou a comida sobre uma mesa baixa e saiu.

— Acha que vão nos deixar falar com o oráculo? — perguntei depois de me certificar de que não havia peregrinos nos pequenos quartos.

Kiernan deu de ombros e mordeu a maçã.

— Se deixarem, o que vai fazer? Perguntar sobre a profecia?

Torci as mãos sobre o colo. Na verdade, eu não havia pensado em um plano, mesmo tendo passado horas em cima de um cavalo sem nada para fazer, olhando para a estrada.

— Não sei — admiti. — Talvez. Depende.

— Do quê?

— Não sei. Estou seguindo um... pressentimento. Tudo começou aqui. Tem que haver alguma coisa, algum sinal. Mas eu nem sei se é o mesmo oráculo que fez a profecia sobre Nalia.

Não pude continuar, porque nesse momento o Irmão Paxson abriu a porta e nos chamou.

— Vocês têm sorte por terem vindo em um dia tão tranquilo — ele disse.
— O Irmão Seldin vai recebê-los agora.

O Irmão Paxson nos levou a outro grande edifício que não reconheci, murmurando cumprimentos para homens e mulheres que passavam vestindo túnicas. Todos tinham uma qualidade serena no rosto, uma expressão que destoava da tensão que eu sentia em mim.

Kiernan conversava com o Irmão Paxson, mas eu não prestava atenção à conversa. Quando Kiernan me cutucou discretamente com o cotovelo, porém, eu o ouvi dizer:

— Precisa me ajudar a lembrar. Sei que minha irmã me falou uma vez, provavelmente cinco vezes, mas não consigo recordar há quanto tempo o oráculo

atual está em serviço.

— Quinze anos — disse com simpatia o Irmão Paxson.

— É claro, é claro — Kiernan respondeu, e eu fiquei um passo para trás.

Quinze anos. Então, não era o oráculo que havia feito a profecia. O que significava que qualquer informação que eu obtivesse teria que vir de outro lugar. Mas de onde?

— Relaxe — Kiernan sussurrou no meu ouvido quando entramos no edifício. O Irmão Paxson deu um passo para o lado para nos deixar passar. Quando olhei para ele, vi um sorriso distendendo sua boca. — Como pode estar tão nervosa? Não vê que estamos em uma biblioteca?

Para meu espanto, o nó em meu estômago afrouxou um pouco quando respirei fundo, sentindo o cheiro de papel e poeira. Esse cheiro de muitos livros juntos era tão familiar que me confortava. Quando o Irmão Paxson nos levou por várias salas amplas com prateleiras cheias de livros cobrindo as paredes até o teto, não pude deixar de reduzir a velocidade dos passos para olhar dentro de cada uma delas. Muitas salas também continham mesas, às quais estavam sentados irmãos e irmãs com livros e pergaminhos abertos diante deles. Todas as portas estavam abertas, exceto uma no fim do longo corredor que percorríamos. Havia um símbolo pintado nela: um olho aberto, o sinal do oráculo. Outro homem estava ali, esperando por nós, e o Irmão Paxson assentiu para ele com simpatia antes de nos deixar.

O abade, Irmão Seldin, era um homem mais velho, com cabelos grisalhos cobrindo as orelhas e linhas marcando seu rosto. Mesmo assim, ele se mantinha ereto, e pude notar que os músculos em seus braços não haviam se tornado flácidos com a idade.

— Sejam bem-vindos — ele disse sorrindo para nós. — O Irmão Paxson me disse que você está escrevendo um livro sobre os oráculos, e que deseja ver o registro de suas vidas. — Eu assenti, e ele parecia satisfeito. — É bom, eu acho, alguém tão jovem quanto você se interessar pelos oráculos. Fique à vontade para pesquisar as outras coleções, mas suponho que o que terá mais utilidade para

você está aqui.

Uma das mãos dele desapareceu dentro das vestes, e delas ele tirou um molho de chaves grossas e barulhentas. Introduzindo uma delas na fechadura da porta, ele a girou e nos deixou entrar.

Essa sala não tinha a amplitude arejada dos outros cômodos da biblioteca. Era pequena e um pouco escura, com luzes espalhadas que o Irmão Seldin se apressou em acender. Só havia livros em uma das paredes, eu notei, e eram todos volumes pequenos, todos com o mesmo dorso vermelho. No meio dessa parede havia um armário de madeira preta com uma fechadura prateada.

— Aqui você vai encontrar os diários dos oráculos — o Irmão Seldin me falou. — Todos os oráculos mantinham diários das visões enviadas pelo Deus Sem Nome, e também com alguns detalhes de suas vidas. Você pode ler esse material, mas pedimos que tenha muito cuidado e não tire os livros desta sala. Alguns são muito frágeis.

— Não há nomes neles — eu disse, enquanto pegava com delicadeza um exemplar da última prateleira e o abria na primeira página. Isso era exatamente o que eu precisava. Com certeza a profecia seria mencionada, ou mais que mencionada; talvez o oráculo tenha escrito sobre ela com detalhes.

O Irmão Seldin balançou a cabeça.

— Os oráculos abdicam de seus nomes. Isso os aproxima do Deus, que também não tem nome.

Eu sabia disso, havia estudado essas coisas quando era princesa, e como uma “acadêmica”, certamente devia ter esse conhecimento. Senti que corava. Esse tipo de deslize tolo não ajudaria em nada meu disfarce.

— É claro — falei apressada. — Só pensei que eles poderiam estar relacionados aqui, em seus diários. — Devolvi o livro à prateleira e olhei para o fim dela, para uma parte vazia. — Não devia haver mais livros? — perguntei.

— Há mais, porém, infelizmente, não posso oferecê-los para ajudar na sua

pesquisa. — O Irmão Seldin apontou o armário preto. — Os diários das últimas três décadas estão ali. Nós os mantemos separados, e ninguém além do próprio oráculo tem permissão para ler esses volumes.

Kiernan fez um ruído estrangulado que, no último instante, conseguiu transformar em tosse.

— Não podemos ler esses diários? — ele perguntou.

— Ninguém pode. — A voz do monge era gentil, mas firme. — Algumas profecias contidas neles podem não ter se realizado ainda, e ninguém além do oráculo que fez a previsão, e do peregrino que fez a pergunta, devem ter conhecimento dela até que se realize. A única exceção é o oráculo atual. Lamento, mas são as regras.

Virei o rosto, esperando que ele interpretasse minha reação como mero desapontamento. A palavra não expressava como eu me sentia. O brilho da minha excitação havia desaparecido como uma vela apagada com um sopro. Não estava interessada no que os outros oráculos diziam; eles não haviam feito a profecia para Nalia. Se não podíamos ler os diários do oráculo mais recente, a viagem havia sido em vão.

— Nós entendemos, é claro — consegui dizer. — Obrigada. O restante vai ser muito útil.

Ele deixou a porta aberta, e eu tirei lentamente outro diário da prateleira, o levei para uma mesa e sentei-me, abrindo o livro sobre a mesa como se fosse ler. Depois de um momento, a cadeira ao meu lado foi arrastada para trás por Kiernan.

— Não se preocupe — ele falou perto do meu ouvido. — Vamos encontrar outro jeito. Podemos voltar à noite, arrombar o armário e ler os diários.

Balancei a cabeça, tentando ignorar o ardor em meus olhos.

— Tem um encantamento nele. Eu posso sentir. Philantha me mostrou esse tipo de encantamento. Só a chave pode abrir o armário. Não se pode nem

queimá-lo, ou arreventá-lo com um machado.

— Então, vamos conseguir a chave.

— Não sabemos onde ela está.

— Vamos encontrá-la. Ou talvez possamos pular tudo isso e simplesmente perguntar ao oráculo onde Nalia, a verdadeira Nalia está, já que tem certeza de que ela está viva.

Era uma ideia que eu também considerava, embora não a tivesse mencionado a Kiernan. Podia simplesmente pedir ao oráculo para me mostrar onde estava Nalia, me dar o nome da cidade, da rua onde ela vivia? De algum jeito, eu não acreditava que isso seria fácil. Profecias normalmente não eram tão específicas; havia espaço, geralmente, para interpretação.

— Talvez — respondi, sem acreditar nisso.

Ficamos na sala até o fim da tarde, fingindo ler os diários e fazendo falsas anotações. Porém, nem os livros me encantavam agora. Eu me sentia mergulhando em um lugar escuro, apesar do esforço de Kiernan para me animar. Não tinha nenhuma ideia do que estava fazendo. Tinha que admitir agora. Fora a Isidros correndo porque não tinha ideias reais sobre como encontrar Nalia ou decifrar a identidade da pessoa protegida pelo encantamento do escudo. Com que eu estava me envolvendo? Não tinha capacidade para isso. Era apenas uma escriba com uma magia que mal podia controlar, não uma salvadora de Thorvaldor.

Meus pensamentos pareciam estar presos no mesmo lugar, girando em torno deles mesmos sem chegar a nada de novo. Eu me sentia pesada, esmagada pelas esperanças devastadas. Era a isso que minha tia se referia quando disse que eu desistia fácil demais? Talvez houvesse mais alguma coisa que eu pudesse fazer, mas, na minha infelicidade, não conseguia enxergar nada. Finalmente, porém, meus pensamentos sombrios foram interrompidos pelo barulho de alguém entrando na sala. Depois de um momento percebi que era o Irmão Paxson.

— O oráculo vai recebê-la, se quiser — ele falou com simplicidade.

Como não tinha outra ideia, eu assenti e tentei parecer animada.

Atravessamos novamente a biblioteca e saímos do prédio. A muralha projetava sombras longas sob o sol vespertino, e vários irmãos e irmãs se sentavam em bancos à sombra, limpando vegetais para a refeição da noite.

Quando subimos os degraus rasos que levavam ao templo, tentei pensar no que diria ao oráculo, principalmente para me distrair da repentina fraqueza nas pernas. O oráculo se manifestaria caso eu revelasse que não era uma estudiosa, mas uma menina em uma busca mais desesperada? E se eu contasse, ele teria alguma informação que poderia me ajudar? Apesar do mal-estar que me dominava, senti um entusiasmo genuíno ao entrar no templo.

O interior do templo era frio e pouco iluminado, com um teto abobadado e alto. Nossos passos ecoavam no piso de pedra, porque todo o espaço era vazio, exceto por um pequeno palco circular exatamente no centro do lugar. Um buraco havia sido recortado no centro da abóbada, de forma que um raio de luz penetrava na sala, única iluminação além das poucas lâmparinas penduradas nas paredes. Ao meio-dia, a luz devia se derramar diretamente sobre o palco, mas agora se movera com o sol e iluminava apenas vagamente a figura imóvel sentada sobre um tapete fino na plataforma.

O Irmão Paxson parou poucos passos antes da porta.

— Vou deixá-los agora. Querem entrar juntos, ou você vai sozinha?

— K... Aldarich pode ir comigo — murmurei.

— Você vai se aproximar e ajoelhar — ele falou. — Não fale até o oráculo falar com você.

Movi a cabeça para cima e para baixo, e um momento depois ele se foi, fechando a porta sem fazer barulho ao sair.

Kiernan e eu nos olhamos, ambos imóveis, e tive uma urgência repentina de segurar a mão dele. Corei ao pensar nessa ideia, certamente provocada pela

estranheza do lugar, pela quietude sinistra e pela figura imóvel sobre a plataforma. Não segurava a mão de Kiernan desde que tinha oito anos de idade. Mesmo assim, pensar nisso me abalou o suficiente para romper o transe que se apoderara de mim, e dei o primeiro passo em direção ao oráculo.

Era uma mulher, e ela não era velha, percebi ao me aproximar. Esperava alguém com mãos deformadas e cabelos grisalhos, mas essa mulher não parecia ter mais que trinta anos, com a pele do rosto e das mãos lisa e clara. Ela se sentava sobre as pernas cruzadas, com um vestido muito branco se abrindo em torno dela. Seus cabelos também eram claros, de uma coloração suave que lembrava mel ralo, e caíam soltos até o chão. Os olhos eram azul-claros, quase sem cor.

Umedeci os lábios com a língua e me ajoelhei, repousando o corpo sobre as panturrilhas e sentindo a nuca arrepiar. Ouvi Kiernan fazer a mesma coisa, mas não consegui desviar os olhos do rosto do oráculo. Era quieto, tão imóvel quanto o restante dela, e eu sabia que ela não me via.

Ela piscou lentamente e senti que focava em mim de repente, voltando de onde estivera.

— Saudações, Princesa-que-foi — ela disse.

Capítulo Treze

— *O quê?* — *Minha voz* soou como um grasnado. Ao meu lado, Kiernan ficou tenso. — Sabe quem eu sou?

Ela assentiu.

— Eu a vi há três dias. Você cavalgava pelas colinas com uma coroa quebrada sobre a cabeça. Não se preocupe. Não vou contar. — Ela sorriu, mas de um jeito estranho, como uma criança distraída.

— Sabe por que viemos? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— O Deus manda o que manda, e nada mais. Posso pedir determinadas visões, às vezes, mas nem sempre elas são enviadas. Vi você chegando, mas ele não me disse por quê. — E inclinou a cabeça para mim. — Ainda vejo a coroa. Você não a deixou de lado. Mas não a usa mais. Ela está em suas mãos, como se a guardasse para outra pessoa.

Devia ser assustador a maneira como ela me via, como via minhas motivações com tanta clareza. Mas não era; era como olhar um espelho muito limpo pela primeira vez.

— Por isso eu vim. Queria... — Engoli em seco. — Queria saber sobre a profecia que foi feita sobre a princesa quando ela nasceu. Mas você não fez a profecia, e o Irmão Seldin não permite que vejamos os registros do oráculo que a fez. A família real... — minha voz, já baixa, transformou-se em um sussurro. Meus temores desapareceram; de alguma maneira, eu sabia que era seguro contar a ela. — Eles foram traídos. Tive a impressão de que a profecia tem alguma coisa a ver com isso, mas preciso lê-la, descobrir tudo que puder sobre ela.

O oráculo inclinou a cabeça, depois a balançou com pesar.

— Não posso pedir ao abade para mudar as regras que governam este lugar há séculos.

— Mas, por favor, você não entende...

Ela levantou um dedo, depois levou a mão ao pescoço. De debaixo do vestido, puxou uma longa corrente prateada com uma chave prateada pendurada nela. Diante do meu olhar incrédulo, ela sorriu.

— Não posso pedir a eles para mudar. Sou só um oráculo, houve outros antes de mim e vai haver outros depois. Mas eu me vi dando essa chave a você, antes mesmo de você chegar. — Ela sorriu outra vez, e alguma coisa um pouco mais humana cintilou em seus olhos. — Se esperar até a noite, a biblioteca estará vazia. Eles não trancam as portas externas. Você pode deixar a chave na sala, e eu direi que a deixei lá por engano.

Com dedos trêmulos, estendi a mão e esperei que ela depositasse a chave nela.

— Se está me ajudando, então deve saber — falei. — O que aconteceu. Você pode nos dizer quem fez isso, quem traiu o Rei e a Rainha.

Mais uma vez ela balançou a cabeça.

— Não tenho o dom de ver o passado.

Franzi a testa, confusa.

— Então, por que está fazendo isso, por que me deu a chave?

Aquele sorriso sereno.

— Porque me vi entregando a chave a você.

— Então — perguntei ofegante —, então o Deus Sem Nome... quer que eu tenha sucesso?

Uma ruga surgiu entre seus olhos claros, e ela piscou pesarosa.

— Não. Ou melhor, o Deus não se importa com essas coisas mundanas como tronos, e quem se senta neles. As visões que ele me envia não são imagens de sua vontade. São apenas vislumbres do que pode acontecer, mas até elas raramente são certas. Eu lhe dou a chave porque me vi fazendo isso, mas não posso dizer que essa é a vontade do Deus.

Engoli minha decepção.

— Consegue ver o que vai acontecer? O que devo fazer?

O oráculo me olhou por um bom tempo antes de dizer com suavidade:

— Quando olho para você, o caminho do futuro é ramificado. Há muitos braços, muitas chances. Escolhas demais. Nem mesmo o Deus pode ver.

Isso me fez sentir pequena e assustada, mais sozinha do que jamais me sentira antes. Nem mesmo o Deus Sem Nome, em sua infinita sabedoria, podia ver meu caminho. O que significava que eu não tinha chance de vê-lo.

Alguma coisa morna tocou minha mão, envolvendo os dedos e depois os apertando com firmeza. Assustada, olhei para baixo e vi a mão de Kiernan segurando a minha. Ele sorriu para mim, tão claramente quanto se houvesse escutado meus pensamentos. Não, eu não estava sozinha.

Aparentemente, não havia mais nada a perguntar.

— Obrigada — eu disse, e o oráculo inclinou a cabeça.

— Que você possa ser guiada pelo seu conhecimento — ela falou, e senti que essa era a frase de encerramento.

Tudo aconteceu muito depressa. Eu me levantei, sentindo-me tola quando a saia enroscou em meu pé e eu tropecei, tocando de raspão o joelho do oráculo com a mão ao me segurar. Meu rosto corou, e quando olhei constrangida para o oráculo, encontrei seus olhos fixos em mim. Seu corpo, antes tão lânguido, agora estava estranhamente rígido, e as pupilas dilataram tanto que eu mal conseguia ver o anel azul em torno delas.

— Você... está tudo bem? — perguntei.

Como se minhas palavras a tivessem atingido fisicamente, ela sofreu um sobressalto, depois se encolheu um pouco e abaixou a cabeça. No instante seguinte ela levantou a cabeça para olhar para mim.

— Parece que a chave não é tudo que vou lhe dar — disse, e parou, baixando novamente os olhos.

— O que viu? — indaguei.

— Um triângulo — ela revelou finalmente — em uma tempestade. Um de seus lados desmoronou e caiu, deixando apenas dois.

Um triângulo. Uma ruga surgiu entre meus olhos e sufoquei uma exclamação quando percebi o que ela queria dizer.

— Foi só isso que viu? — Kiernan perguntou.

O oráculo assentiu.

— Não comando as visões — ela falou com tom triste. — Elas me comandam. Não posso dizer o que isso significa.

Um triângulo. Três meninas, todas unidas. Um lado caindo, desmoronando.

Morrendo?

— Não se preocupe — murmurei. — Acho que eu sei.

O oráculo inclinou a cabeça, a luz que penetrava pelo buraco no teto abobadado tocando seus membros longos, e não respondeu.

— Você não vai morrer — Kiernan sussurrou na escuridão.

Estávamos sentados em um dos dormitórios para peregrinos, eu na cama e Kiernan no chão. Ele se sentava com os joelhos flexionados, os cotovelos apoiados sobre os joelhos. Se olhasse para ele, eu sabia que veria seus olhos brilhando na escuridão. Então apoiei a cabeça à parede de pedra e não disse

nada.

— Ela podia estar falando de alguém além de você — ele continuou. — Pode ser Orianne, ou até a verdadeira Nalia.

Isso me fez encará-lo.

— Ótimo — falei com sarcasmo. — Então, encontramos a verdadeira Nalia e, de algum jeito, ela morre. Isso certamente seria favorável ao reino.

Kiernan bufou irritado, depois respirou fundo.

— Não foi isso que eu quis dizer. Além do mais, nem todas as visões se realizam. A que começou toda essa confusão não se concretizou.

Não respondi. Sentia-me entorpecida, uma sensação que persistia desde que eu tinha saído do templo com passos trôpegos. Nem a chave em minha mão havia sido suficiente para me recuperar. Eu me deixei levar por Kiernan aos alojamentos para peregrinos, ouvi ele dizer ao Irmão Paxson que eu estava cansada demais para partir esta noite. Comi a comida que foi levada para nós, agradecendo com movimentos mecânicos de cabeça, depois me sentei na cama e deixei a mente vagar.

Um triângulo. Um lado desmoronou, deixando apenas dois. Por mais que eu tentasse, não conseguia pensar em nenhum outro possível significado. Só que, se eu encontrasse a verdadeira princesa, uma de nós — Nalia, Orianne ou eu — morreria.

— E mesmo que essa fosse uma profecia verdadeira, podemos combatê-la. Sabemos sobre ela agora, então podemos ficar... atentos, cautelosos. Podemos mantê-las em segurança. Nós vamos mantê-las em segurança. Eu vou manter você segura. — Kiernan veio se sentar perto de mim. — Vamos lá — disse, levantando um braço hesitante e envolvendo meus ombros com ele. — Acabei de ter você de volta. Não vou deixar que morra.

Fechei os olhos e me deixei recostar contra ele. Kiernan tinha um cheiro bom, mesmo depois de passar dias viajando em cima de um cavalo. E ele era

quente e sólido, e era meu amigo.

Ficamos assim até eu sentir um pouco do torpor desaparecer, derretido pelo calor e Kiernan.

— Desculpe — pedi finalmente. Minha voz soava um pouco sufocada, o que fez me afastar constrangida. — É uma coisa estranha de ouvir, só isso.

Kiernan deixou o braço cair de cima de meus ombros, mas seus dedos agora roçavam meu braço, o que estava mais próximo dele.

— Tenho certeza disso — ele disse. Estava olhando nos meus olhos quando falou, e era um olhar mais profundo do que parecia ser necessário.

Meu coração de repente pulsava nos ouvidos, e percebi que estávamos muito próximos.

— Já deve ser quase meia-noite — gaguejei. — Devíamos... Provavelmente tentar... visitar a biblioteca.

Kiernan piscou, depois ergueu o corpo, mordendo um canto da boca.

— É claro — ele disse. Depois um sorriso travesso iluminou seu rosto. — Agora isso, *isso* deve ser divertido.

Só precisei me esgueirar pelo pátio cheio de sombras projetadas pela lua para decidir que minha definição de diversão era muito diferente da de Kiernan. Quase pulei fora do corpo quando um animal qualquer — uma ave noturna ou um morcego — aterrisou em uma árvore próxima com um farfalhar de folhas. Porém, pelo menos o terror que acompanhava a ideia de ser pega bania da minha mente todos os pensamentos sobre a última profecia do oráculo. Felizmente, chegamos à biblioteca sem ver ninguém. Kiernan empurrou a porta com delicadeza e, como dissera o oráculo, ela se abriu sem oferecer resistência.

O interior da biblioteca era quieto, e nossos passos pareciam tropejar em meus ouvidos. Não havia mais lâmparinas acesas no salão, e tivemos que progredir devagar, um passo por vez. Houve um momento tenso quando consegui

tropeçar em minha saia e bati em uma porta fechada, mas não apareceu ninguém para investigar. Finalmente, chegamos à porta pintada com o símbolo do oráculo, entramos e a fechamos depressa atrás de nós.

— Temos que acender ao menos uma lamparina — sussurrou Kiernan.

Assenti, esperando que ele pudesse me ver. Felizmente, sem janelas na sala, só um raio de luz escapando por baixo da porta poderia nos delatar. Sentindo que aquilo poderia ser uma blasfêmia, sussurrei uma prece de perdão para o Deus Sem Nome e me aproximei do armário preto. A chave de prata do oráculo se encaixou silenciosamente na fechadura, e a porta se abriu rapidamente quando a girei.

Havia seis diários no armário — pelo menos um dos oráculos devia escrever muito. Peguei o último e o levei com cuidado para perto da única lamparina que Kiernan acendera. Tentando não entortar o dorso nem dobrar uma página, eu o abri.

*Vigésimo terceiro dia de Outono, ano de 1145, reinado do Rei Antaine II.
Hoje os ritos foram concluídos. Parece estranho, de alguma forma, pensar que agora sou o novo oráculo. Só queria que minha família tivesse podido comparecer, mesmo sabendo que esse é um ritual sagrado, e que só pode ser presenciado por meus irmãos e irmãs religiosos e não por...*

— É isso — falei, tão entusiasmada que me esqueci de manter a voz baixa. Kiernan tocou meu ombro e levantou as sobrancelhas de maneira significativa. — Desculpe — pedi baixando a voz. — Mas este é o diário certo. Começa em 1145... — Virei as páginas, parando mais ou menos na metade do livro. — Ela não foi oráculo por muito tempo — murmurei examinando as páginas em busca da data que eu queria. — Só sete anos. Olha aqui!

Fui virando as páginas mais devagar quando as datas se aproximaram da do meu aniversário, e parei finalmente quando meus olhos encontraram as

palavras que eu queria.

O Rei e a Rainha chegaram hoje em busca da profecia para o filho que vai nascer. A Rainha parece ter feito uma boa viagem, considerando sua condição. Eles vieram ao templo, mas quando pedi ao Deus para enviar a profecia, fui assolada por visões de horror. Uma sala alta com tronos ao fundo, e diante deles, caída em uma poça de sangue, uma menina pálida de morte. Uma coroa dourada estava caída ao seu lado, no caminho do sangue que se espalhava. Atrás dela, quinze lamparinas se apagaram. Eles pediram mais, porém o Deus não respondeu. Só posso pensar que aquela era a princesa que vai nascer, e que ela pode morrer no palácio antes de completar dezesseis anos, vítima de assassinato.

Virei a página, mas não havia mais nada sobre a princesa. Em vez disso, seguia um relato sobre a esposa de um mercador e sua petição. Reclinei-me na cadeira, deixando o livro fechar, mantendo a mão entre as páginas.

— Mas sabíamos de tudo isso — Kiernan disse zangado por cima do meu ombro. — Ela não podia ter escrito um pouco mais? Alguma coisa útil? Deus Sem Nome, era sobre a princesa!

— O Deus não se incomoda com quem se senta no trono. Foi o que o oráculo disse, lembra? Acho que não era mais importante para ela do que outra profecia qualquer. — Percebi que lutava contra as lágrimas. Eu tinha razão. Essa viagem não havia ajudado em nada.

— Deixe-me ver isso — Kiernan exigiu, e entreguei o livro a ele sem dizer uma palavra. Podia ver seus olhos se movendo enquanto ele lia, mas depois ele suspirou, deixando o livro com as páginas voltadas para baixo sobre a mesa e dando de ombros. — Alguém precisa ensinar a eles como serem mais minuciosos.

Levantei a capa de trás, abrindo e fechando em seguida, desapontada o bastante para não me preocupar com a possibilidade de causar algum dano. Tive

que me esforçar para afastar um soluço da voz, e acabei soando como se estivesse muito resfriada.

— Só pensei que havia alguém aqui que pudesse nos ajudar... — Nesse momento, porém, alguma coisa atraiu meus olhos. Olhei para a última página do livro. A caligrafia, diferente da precisão do início, se tornara variável e difícil de ler, como se o oráculo estivesse fraco e trêmulo ao escrever aquele trecho.

A doença progrediu rapidamente. Provavelmente, não viverei por muito mais tempo, não com esta febre que me tem em seu poder. As profecias desapareceram há quatro dias, e não consigo ver meu próprio fim. Talvez seja apropriado à justiça do Deus.

Sobre o que não escrevi, escreverei agora — temo a ira de Deus se não o fizer, embora já a tema pelo que fiz. Ordenei que o registro fosse enterrado comigo, selado em um recipiente. Os monges não vão questionar essa decisão, porque essa é a minha vontade. E talvez, se a reconhecer em algum lugar, o Deus terá piedade de sua serva quando eu o encontrar.

Com uma linha entre as sobrancelhas, li novamente aquele trecho. Ele não fazia nenhum sentido.

— Tem alguma coisa que ela não fez, ou não disse — murmurei, tentando entender. — O que quer que tenha sido, isso a assustava. Acho que o oráculo registrou tudo isso quando estava morrendo e enterrou o registro com ela.

— Acha que tem alguma coisa a ver com a princesa? — Kiernan perguntou.

Dei de ombros.

— Não sei. Mas o que quer que tenha sido, ela se sentia culpada por isso. Estava amedrontada. Devíamos tentar descobrir o que era... Não temos mais

nada para tentar.

Ele balançou a cabeça com desgosto, depois devolveu o diário à prateleira.

— Se o registro foi enterrado com ela, não tem utilidade para nós, a menos que você planeje desenterrar um corpo decomposto, e mesmo assim... — Kiernan fez uma careta de desgosto.

Franzi a testa e umedeceu os lábios, e uma imagem se formou em minha mente.

— Acho que não vai ser preciso — respondi lentamente.

— Eu me sentiria muito melhor sobre isso se aquele encantamento houvesse funcionado — Kiernan sussurrou.

— Não me diga que vou ser obrigada a arrastá-lo comigo — cochichei de volta. — Essa é uma verdadeira aventura, Kiernan. Pense bem, se conseguirmos sair dessa sem sermos mortos ou presos, você vai ter muitas histórias para contar às moças na corte.

— Tem certeza de que isso não é blasfêmia? Vamos profanar o túmulo das escolhidas do Deus Sem Nome.

— Não vamos profanar — insisti. — Só vamos dar uma olhada. Além do mais, desde quando você se preocupa com blasfêmia?

Ele bufou, mas foi um som baixo.

— Vamos, então.

Assenti, esperando que ele pudesse me ver na escuridão. Havia uma fina fatia de lua flutuando no céu esta noite, projetando pouca luminosidade, e embora eu estivesse agradecida pela cobertura da escuridão, ela também dificultava a visão. E também queria ter conseguido produzir uma versão mais fraca de um escudo de proteção para nós — uma espécie de encantamento de “não me veja”. Mas não consegui, então teríamos que atravessar a propriedade de Isidros da maneira antiga.

Íamos devagar, nos movendo de sombra em sombra, rezando para ninguém decidir ir à cozinha para um lanche noturno, para ninguém escolher uma caminhada como forma de lutar contra a insônia. Meu coração martelava dentro do peito, e eu me sentia meio tonta. Isso era maior do que invadir a biblioteca. Teríamos problemas por causa disso, eu tinha certeza, mas também sabia que não seria nada comparado ao que ia acontecer se fôssemos pegos violando os restos dos oráculos.

O portão na cerca de ferro que delimitava o cemitério do templo rangeu quando o abrimos, empurrando-o apenas o suficiente para podermos passar pela fresta. Olhei apressada para trás, certa de que alguém escutara o rangido, mas não havia ninguém. Mas isso não me fez sentir melhor, e sim pior, como se o destino esperasse apenas até estarmos completamente comprometidos com essa atitude antes de cair sobre nós. O suor escorria por minhas costas quando chegamos ao mausoléu que eu vira naquela manhã, suas paredes de pedras claras se erguendo acima de nós. Abaixamos do outro lado do mausoléu, depois de virar na primeira esquina além da porta, e então Kiernan contornou o prédio para examiná-lo.

— Está trancado — ele murmurou ao voltar. — Realmente trancado. Se tentarmos arrombar a porta, vamos fazer barulho suficiente para acordar toda Vivaskari. Tem certeza de que ela está aí dentro?

— Em um dos diários que li hoje havia um trecho falando sobre oráculos serem sepultados aqui. — Sentei-me sobre os calcanhares e mordi o lábio. — Vou ter que tentar um encantamento, então.

O que, pensei quando encolhi os ombros diante da porta do mausoléu um momento depois, podia ser tão barulhento quanto tentar abrir a porta com um ariete. Kiernan transferia o peso de um pé para o outro, atento à aproximação de monges ou freiras. Fechei os olhos, tentando ignorar o arrepio provocado por estar em um cemitério tarde da noite, me forçando a pensar no que Philantha faria. Mas Philantha saberia um encantamento de verdade para abrir a porta, e poderia fazê-lo dar certo. Quando olhava para dentro de mim, tudo que via era poder em movimento e sem controle.

Bem, muito bem, pensei. Se é assim que vai ser...

Levantei as mãos e as apoiei sobre a enorme fechadura instalada na porta de madeira. Depois relaxei, removendo as muralhas internas que continham minha magia. A energia pulsou em minhas mãos e me jogou para trás, contra Kiernan. Caímos no chão enroscados, com um pavoroso estouro e um chiado brotando de dentro da fechadura.

Kiernan havia caído em cima de mim, com o cotovelo nas minhas costelas. Mas nenhum de nós levantou, porque estávamos ambos parados, ouvindo com atenção para tentar descobrir se alguém nos escutara. Ninguém se aproximou, e eu me mexi para tirar o cotovelo de Kiernan das minhas costelas.

— Desculpe — Kiernan pediu sorrindo. — Você está bem?

— Sim — respondi, mas minha voz soou mais fraca do que eu pretendia. Senti o calor invadindo meu rosto, e me arrastei para sair de debaixo dele antes que Kiernan pudesse ver meu rosto. Cheguei perto da porta me perguntando qual era o problema comigo.

Kiernan estava bem atrás de mim e empurrou a porta com um grunhido, abrindo-a.

— A fechadura está... bem, eles vão saber que alguém esteve aqui. Está completamente quebrada. Vamos ter que partir antes que percebam.

Ele olhou para mim com aquele sorrisinho no rosto, e meu estômago deu um salto sem nenhum motivo.

— Primeiro as damas — Kiernan disse com uma careta.

Peguei a tocha presa a um dos dois braceletes, um de cada lado da porta, e Kiernan pegou a outra. Depois, engolindo em seco, consegui concluir o encantamento para acendê-las, e então nós entramos na tumba.

Capítulo Quatorze

O mausoléu havia sido construído com os séculos em mente. Era um edifício grande, erigido para receber os restos dos oráculos ao longo dos anos, e ainda não estava cheio. Pelo menos, pensei agradecida, quem o havia projetado não tivera a ideia de acomodar cada corpo em seu próprio caixão de pedra. Em vez disso, nichos abertos se enfileiravam nas paredes, cada um deles com desenhos complexos entalhados em torno dos dados da vida do oráculo. A luz das tochas tremulava à nossa volta enquanto espiávamos dentro dos nichos, procurando o mais recente. Restava pouco nos mais próximos, apenas pedaços de tecido envolvendo ossos. As imagens, associadas ao frio e ao ar estagnado da tumba, me fizeram arrepiar. Não encontramos o oráculo de que precisávamos e penetramos ainda mais na tumba sombria.

— O que eles vão fazer quando não houver mais espaço? — Kiernan perguntou quando examinava os números sobre um nicho. — Não é esse.

— Construir outro mausoléu? — sugeri. Os oráculos não haviam sido sepultados em sequência, descobri, o que significava que teríamos que examinar cada nicho individualmente. Minha pele arrepiava enquanto eu tentava não pensar que corpos de verdade eram envoltos por aquelas mortalhas.

Estávamos perto do fundo dos nichos ocupados quando Kiernan me chamou:

— Sinda! Acho que a encontrei!

Corri até lá e levantei a tocha para ver o ano da morte, e então estremeci com um misto de entusiasmo e medo. A mortalha que envolvia o corpo do oráculo da cabeça aos pés era branca. Um pouco de poeira e teias de aranha maculavam a pureza do branco, mas o tecido estava intacto.

— É isso. Ela disse que havia um recipiente, então, vamos procurá-lo. — Um momento examinando o interior do nicho, porém, não resultou em nada. —

Acho que vamos ter que remover a mortalha — falei relutante.

Os ombros de Kiernan tremiam, mas ele segurou o tecido e puxou. A mortalha de quinze anos de idade se abriu para revelar o último oráculo.

Ela não se decompusera tanto quanto eu imaginava, e percebi um pouco tarde que os monges deviam embalsamar os corpos, ou pedir a um mago para lançar encantamentos sobre eles antes de levá-los à sepultura. Cabelos escuros aderiam ao crânio, notei antes de me obrigar a desviar os olhos daquele rosto. Parecia rude, de alguma forma, encará-la. Em vez disso, concentrei-me nas outras partes do corpo, uma tarefa dificultada pela luz fraca da tocha. As mãos haviam sido cruzadas sobre o ventre numa pose serena, mas não havia nada nelas. Finalmente, porém, notei um pequeno recipiente de metal apoiado na curva de seu braço direito. Prendendo a respiração, estendi a mão para pegá-lo tentando não tocar no oráculo, e o puxei.

Era de cobre, com uma tampa hermética que me obrigaria a bater com a caixa na parede para soltá-la. Depois de um tempo, removi a tampa e enfiei a mão no recipiente, de onde tirei um pedaço de papel enrolado. Minha voz tremia levemente com o nervosismo quando li as palavras em voz alta.

Descubro nessas últimas horas nebulosas que não posso ir ao encontro do Deus sem ter revelado isso. Mantive o segredo durante todos esses anos, mas o Deus o conhece, e preciso reconhecê-lo antes de ir encontrá-lo. Todas as profecias que fiz, fiz pelo Deus. Eu as fiz com verdade. Exceto uma. Esta que vou escrever agora, e espero que o Deus me perdoe.

No ano do nascimento da princesa da coroa, o Deus mandou sua profecia para ela. Eu não a revelei ao Rei e à Rainha. Em vez disso, dei a eles uma falsa profecia, uma que os faria pensar que a princesa morreria, a menos que a escondessem. Não estava sozinha nisso, mas, mesmo agora, com o julgamento de Deus se aproximando, não consigo encontrar em mim a força para nomear o outro.

A verdadeira profecia, desconhecida até agora, é a que vou revelar. Vi uma menina, sozinha, que não se conhecia. Ela estava diante das muralhas de um palácio, olhando para elas de fora, com a mão escondida em suas sombras.

Era só isso. Virei o papel do outro lado esperando encontrar mais alguma coisa, mas não havia nada. Devagar, ergui os olhos para o rosto de Kiernan, e nesse instante uma voz cortou a escuridão na tumba.

— Quem está aí?

Ficamos paralisados, olhando um para o outro. Kiernan fez uma cara de “e agora?”, mas só consegui responder balançando a cabeça. Não tínhamos motivo para estar ali, nenhuma desculpa que nos tirasse dessa encrenca.

— Quem está aí? — a voz insistiu. Passos ecoaram no ar seco do mausoléu, mas soavam hesitantes, como se a pessoa não soubesse se queria ou não continuar sozinha com a investigação.

Uma onda de horror e alívio me invadiu quando Kiernan me entregou a tocha e, em silêncio, soltou a espada que levava presa à cintura. Já o vira nos campos de treinamento, por isso sabia que ele era capaz de usá-la. Porém, balancei a cabeça com mais veemência, e ele assentiu. Não machucaria o intruso, só o assustaria, se fosse necessário.

Não tivemos mais tempo para pensar em um plano, porque nesse momento alguém vestindo a túnica longa dos monges chegou à beirada do círculo de luz da tocha. Era um homem barrigudo com um rosto de aparência flácida. E apesar de ter soado como se não quisesse entrar sozinho na tumba, ele carregava um cajado na mão direita, e parecia pronto para usá-lo.

— Quem são vocês? — perguntou. — O que estão fazendo aqui? — Ele olhava para nós, mas logo notou a mortalha aberta e desarrumada sobre o corpo do último oráculo. Seu rosto ficou vermelho quando a fúria o dominou. — Ladrões de tumbas! Perturbaram o oráculo! Venham comigo, ou eu...

Kiernan gritou e deu um salto para a frente com a espada em punho. O monge pulou para trás, levantando o cajado para defender-se do golpe. Mas Kiernan não tentou atingir o monge. Em vez disso, ele deixou o corpo cair para o lado e o empurrou com a mão livre. O cajado do monge cortou o ar quando caiu, mas não acertou Kiernan. O monge caiu contra a parede, e Kiernan se jogou sobre ele e o desarmou, jogando o cajado para o lado com sua espada. Ele rolou pelo chão e parou aos meus pés, e eu o chutei para longe na escuridão.

O monge estava abaixado junto da parede, imóvel, olhando para a espada de Kiernan.

— Sinto muito — Kiernan falou, e bateu com o cabo da espada na cabeça do homem.

O monge revirou os olhos e caiu inconsciente.

— Você está bem? — Kiernan perguntou enquanto guardava a espada.

— Sim — respondi com a garganta seca. Meus pensamentos se atropelavam. Atacamos um monge do Deus Sem Nome... O oráculo havia dado uma falsa profecia para o Rei e a Rainha... Se um monge ouvira algo estranho, o suficiente para ter ido ao cemitério verificar o mausoléu, outros podiam ter ouvido também... O oráculo se havia aliado a Neomar ou Melaina, mas não havia como saber qual deles... Tínhamos que ir embora antes que o monge acordasse.

— Sinda. — Kiernan segurava meu braço. — Pode fazer alguma coisa, um encantamento para fazê-lo esquecer de que éramos nós aqui?

Percebi que estava tremendo como uma árvore nova batida por um vento forte. Mas respirei fundo e tentei me concentrar em Kiernan.

— Talvez — disse finalmente. — Philantha estava tentando me ensinar um feitiço de confusão. Mas nunca consegui acertar, toda hora eu a induzia a esquecer de tudo que estávamos fazendo, em vez de ficar apenas confusa.

— Pode tentar agora?

Assenti, entreguei o papel e o recipiente a Kiernan, e me abaixei na frente do monge para pôr as mãos dos dois lados de sua cabeça. Sentia a magia em mim como havia sentido lá fora; uma força querendo transbordar, explodir, correr livre através de mim. Mas eu não podia simplesmente libertá-la como havia feito antes, ou correria o risco de causar ao monge um dano irreparável. Então me concentrei, deixando sair de mim apenas um pequeno fluxo de magia. *Você não sabe o que veio fazer aqui*, comandeí em pensamento. *Olhou em volta e viu que a mortalha estava aberta, mas não havia mais nada de errado. Estava cansado, então se sentou por um momento e adormeceu.*

Eu não tinha como saber se o encantamento havia funcionado, mas finalmente removi as mãos quando a pressão de uma dor de cabeça fez pontos negros dançarem no meu campo de visão. Não fazia diferença o que o monge ia dizer, ele não enganaria o templo para sempre; em algum momento alguém ia perceber que a fechadura havia sido estourada. O próprio monge poderia notar quando saísse dali. Mas isso poderia nos dar tempo suficiente para partir, e os nomes falsos que havíamos dado confundiriam qualquer um que fosse procurar os culpados.

Peguei a confissão do oráculo da mão de Kiernan, enrolei o papel e o guardei de volta no recipiente de metal. Depois, guardei a caixa em um bolso do vestido e disse:

— Vamos sair daqui.

Um dia mais tarde, nós nos sentamos na sala comunitária quase vazia do Brown Cat's Tail, uma hospedaria mais suja do que as outras em que havíamos ficado a caminho de Isidros. Mas decidimos evitar os lugares que um nobre e sua irmã poderiam escolher, caso meu encantamento falhasse e Isidros decidisse mandar cavaleiros para tentar encontrar os ladrões de tumba.

— Então — Kiernan falou depois de pôr na boca um pedaço de sua duvidosa torta de carne —, o que descobrimos em nossa grande aventura?

A animação natural não havia demorado a voltar depois que chegamos à estrada e tivemos certeza de que não havia nenhum sinal de perseguição. Ele se

sentia seguro de que o bilhete que deixamos, onde afirmamos meu repentino desejo de pesquisar a caverna onde o oráculo original tivera sua primeira visão como justificativa para nossa partida noturna, não atrairia nenhuma atenção indesejada.

— Acadêmicos são assim — ele havia dito. — Não vão estranhar nada disso.

Eu, por outro lado, estava apavorada na estrada, olhando para trás com frequência suficiente para Kiernan perguntar se eu tinha algum problema no pescoço. Preocupava-me com os efeitos do encantamento sobre o monge e com a possibilidade de ser pega por religiosos em nosso encalço. Preocupava-me com o significado do que havíamos descoberto, e com a profecia que me havia sido dada pelo atual oráculo.

Agora, porém, abri a mão sobre a mesa para contar os tópicos.

— Sabemos que o oráculo deu uma falsa profecia para o Rei e a Rainha, que os fez desejar esconder a verdadeira Nalia e pôr alguém no lugar dela. Nunca houve nenhuma possibilidade de a princesa ser morta no Salão de Thorvaldor. Isso significa que o oráculo estava aliado a Neomar ou Melaina, ou que foi coagido por um deles. A culpa que senti me faz pensar que ela se aliou ao traidor. Ela sabia que o que estava fazendo era errado, e isso a atormentou até a morte. Sabemos que uma de nós três, Nalia, Orianne, ou eu, provavelmente vai morrer se tentarmos encontrar a princesa verdadeira.

— Isso ainda é discutível — Kiernan interrompeu. — Nem todas as profecias se realizam.

Dei de ombros. Tinha conseguido não pensar nessa parte das nossas descobertas, mesmo que fosse apenas por estar muito preocupada tentando descobrir qual dos dois magos tinha mais probabilidade de ter convencido o oráculo a ajudá-lo. Mas tudo isso ainda persistia na periferia dos meus pensamentos, pronto para entrar em cena, se eu deixasse a mente vagar.

— De qualquer maneira — prossegui —, não temos que nos preocupar

com isso até *encontrarmos* a princesa. E para isso, acho que precisamos saber se estamos lidando com Neomar ou Melaina. Ela disse que queria que a família tivesse podido comparecer à sua investidura. Então, talvez tivesse laços de parentesco com um deles.

— Mas como podemos descobrir? Abordamos um deles e perguntamos: “Então, sua irmã por acaso era o oráculo que traiu Thorvaldor?”. Não sei, acho que isso poderia deixá-los desconfiados.

Bebi um gole da minha cerveja e sorri.

— A biblioteca do palácio guarda os registros de todas as famílias nobres de Thorvaldor — todas as mortes e todos os nascimentos, inclusive das linhagens mais baixas. Portanto, isso certamente inclui os Harandron de Saremarch.

— Mas e quanto a Neomar?

— Ele é um Ostralus. Eles receberam o título quando Neomar tornou-se diretor da faculdade. O nome dele também está nesses registros.

Capítulo Quinze

Seis dias depois, no início da tarde, cavalgamos de volta a Vivaskari. Eu me encolhi sobre a sela quando nos aproximamos do Portão Sul, mas os guardas nas muralhas da cidade apenas olharam para nós rapidamente antes de permitir nossa entrada. Esperava ser recebida por guardas prontos para nos levar presos pelo que fizemos em Isidros, por isso suspirei aliviada quando passamos pelo portão e seguimos adiante.

— Preciso voltar à casa de Philantha — disse a Kiernan depois de devolvermos nossos cavalos ao estábulo em Flower Basket. — Talvez demore alguns dias até eu poder voltar ao palácio.

Ele assentiu.

— Eu irei estudar os registros, mas não sei nem por onde começar. Quando quiser vir, mande uma mensagem.

— Espere por ela em alguns dias — falei, e parei por um instante. Queria abraçá-lo, agradecer por ter ido comigo a Isidros. Alguns meses atrás, eu teria feito isso sem hesitar. Mas alguma coisa mudara entre nós, algo que eu não conseguia nomear. Ele também estava pouco à vontade, era evidente; uma linha fina marcara a região entre suas sobrancelhas, e ele balançava de um pé para o outro.

— Obrigada, Kiernan — falei finalmente, passando os braços em torno de mim mesma.

A linha se aprofundou por um momento, e meu estômago deu um salto mortal. Mas em seguida a ruga desapareceu, e Kiernan falou animado:

— Você poderia ter feito tudo sozinha. Só tornei a empreitada um pouco mais divertida.

Antigamente, eu teria dado um tapa em seu braço ou puxado seu cabelo

pela mentira. Agora, permaneci séria e disse em voz baixa:

— Não é verdade, e você sabe disso. Eu não teria conseguido sem sua ajuda. Você é meu melhor amigo, Kiernan.

Ele engoliu em seco e ficou sério de repente.

— Eu sei. Escute, Sinda, eu...

Kiernan não teve a chance de concluir o que ia dizer.

Uma carroça de galinhas que passava por ali perdeu uma roda, derrubando a carga na rua. Vários engradados se abriram, espalhando galinhas barulhentas e penas brancas em todas as direções. Nós dois cobrimos as orelhas com as mãos, e Kiernan finalmente gritou:

— Quer que eu a acompanhe?

— Não — gritei no meio da confusão. — Eu disse a Philantha que iria a Treb. Ela vai saber que menti, se o vir comigo.

— Então, até breve, quando mandar notícias — ele se despediu, e nós dois nos afastamos sozinhos.

Philantha perguntou de passagem pelo estado de saúde de tia Varil antes de me levar ao estúdio para examinar seus últimos experimentos. Eu estava cansada da jornada, mas, de algum jeito, estar entre os frascos e as poções borbulhantes de Philantha me ajudou a relaxar, em vez de aumentar a exaustão. A casa de Philantha se tornara minha casa, percebi, alguma coisa semelhante a um lar.

Por várias horas fiquei mexendo o conteúdo de caldeirões, cortando ervas, e tentando não explodir tudo. Quando Philantha finalmente concluiu que as misturas ferviam no ponto ideal de consistência, ela olhou para mim e perguntou:

— Então, teve chance de treinar sua magia?

— Sim — respondi. Depois pensei na fechadura que não conseguira abrir sem explodir, no fracasso do encantamento que teria nos tornado mais discretos.

Talvez o monge não houvesse ido procurar invasores, se eu houvesse acertado os feitiços.

Meus ombros caíram. Se eu pudesse contar com minha magia... Ia precisar dela para encontrar Nalia e levá-la de volta ao trono. Estava certa disso. Mas ela só funcionava em surtos e aos trancos, não era nada com que eu pudesse contar.

E se ela falhasse, se eu falhasse, alguém poderia morrer.

— Mas nem sempre deu certo — admiti com tristeza. — Nunca funciona.

Philantha ergueu os olhos da pilha e caules descartados que estava recolhendo. Deixando-os no chão, ela se aproximou de mim.

— Escute — começou, ajeitando os cabelos atrás das orelhas —, porque eu provavelmente não vou me lembrar de dizer isso de novo por um bom tempo, o Deus Sem Nome sabe que mal consigo recordar as aulas que já te dei, muito menos que devo elogiá-la. Você tem poder, Sinda, e não é culpa sua se ele esteve adormecido por tantos anos. Se fosse como qualquer mago normal e houvesse descoberto seu talento na infância, não tenho dúvida de que agora já estaria subindo na hierarquia.

Esperei em silêncio por um momento enquanto ela se virava e mexia o conteúdo de um caldeirão. Havia quase decidido perguntar se ela precisava de mim para alguma coisa, quando a vi balançar a cabeça daquele jeito rápido, como uma ave, e cravar os olhos em mim.

— Não sei se já lhe disse, mas a última vez que tive um aprendiz foi há quinze anos. Ele era um bom rapaz, simpático e firme, mas a família tinha sangue farvaseeano, e eu nunca conheci um farvaseeano atrevido. Eles são aborrecidos, na verdade. Mas ele fazia qualquer encantamento que fosse solicitado, como um bom cão, era muito bem treinado.

— Acho que não sou assim — deduzi.

— Eu o mandei embora — contou Philantha. — No dia seguinte, nada

menos que quatro magos da faculdade vieram bater em minha porta pedindo para eu mudar de ideia. Mas eu mantive minha decisão. Não havia potencial naquele rapaz, nenhum espaço para imaginação. Não me interessa quanto tempo vai levar para controlar sua magia, Sinda. — Ela sorriu e inclinou a cabeça, olhando para um ponto distante. — Porque quero estar por perto quando isso acontecer. Acho, e raramente me engano sobre essas coisas, que vai ser algo digno de ser visto.

Quatro dias depois, eu me senti recuperada o bastante para mandar um feitiço de mensagem para Kiernan. Na minha ausência, Philantha havia comprado uma caixa de livros velhos de um vendedor ambulante, que havia garantido que eles continham encantamentos raros e esquecidos. Até então, eu só encontrara neles algumas receitas, uma história sobre a fundação da capital Wenthí, e o que parecia ser metade de uma peça muito dramática, que poderia ter me feito rir, não fosse pelo meu nervosismo. Por um lado, queria correr para o palácio imediatamente, descobrir finalmente o nome da pessoa contra quem estava lutando. Por outro lado, porém, só queria ficar na casa de Philantha para sempre, manter todas nós — Orianne, Nalia e eu — vivas.

Mas nunca havia sido de procrastinar o cumprimento do dever por muito tempo; essa responsabilidade havia sido gravada em mim como princesa, e não desaparecera agora que eu era escriba. Então, quando terminei de olhar todos os livros novos e decidi que era improvável algum deles conter poderosos encantamentos, pedi a Philantha uma tarde de folga e mandei minha mensagem a Kiernan.

Ele me encontrou fora dos portões, e levou um manto longo.

— Achei que seria melhor se não fosse vista andando por aqui — ele disse dando de ombros. — Se for Melaina, ela provavelmente está na corte, e se for Neomar, ele pode ter deixado um espião.

Peguei o manto e o ajeitei sobre os ombros, puxando o capuz para cobrir a cabeça e esconder meu rosto. Fazia calor, e o manto era quente demais para o clima, e pensei que eu devia parecer muito peculiar. Mas os guardas praticamente nem olharam para mim quando segui Kiernan — uma vantagem

de passar pelos portões na companhia do filho do Conde de Rithia.

A biblioteca ficava na área principal do palácio, não nas alas reservadas à pequena nobreza. Eu não tinha estado ali desde o dia em que minha verdadeira identidade fora revelada. Era estranho percorrer os corredores rumo à biblioteca, como se eu me movesse em um sonho ou por um palácio fantasmagórico. Ou mesmo como se eu fosse o fantasma, a irreal. Sentia-me leve, sem substância, como se um vento forte pudesse me levar para longe.

E também devia ter essa aparência, porque, na metade do caminho para a biblioteca, Kiernan entrelaçou o braço no meu. Era comum andarmos assim antes, mas nunca meu coração havia disparado como agora. O contato também me confortava, e foi assim que entramos na biblioteca.

Olhamos em volta e, constatando que ninguém notara nossa presença, seguimos depressa para uma mesa em um canto por onde eu sabia que poucas pessoas passavam.

— Vai ter que pedir as genealogias a um dos bibliotecários — cochichei. — Aqui, fiz uma lista dos anos que me interessam. — Empurrei a relação para ele por cima da mesa. Havia aumentado em pelo menos vinte anos o período que considerava realmente necessário, só por medida de segurança. — Se perguntarem para que você quer os registros, diga que está pesquisando as linhagens de uma jovem por quem se interessou, ou alguma coisa assim.

Kiernan corou ao ouvir minha sugestão, e parecia pronto para argumentar, mas eu movi a mão e insisti:

— Vá!

Não demorou muito para ele voltar com os grossos volumes. Eram altos e largos, grandes o bastante para um escriba ter desenhado árvores genealógicas em cada página.

— Vamos começar por Neomar — falei.

O livro tinha capa verde-escura, e a caligrafia contida nele ainda não fora

enfraquecida pelo tempo. A família de Neomar, como todas as outras famílias no livro, era de novos nobres, com títulos agraciados recentemente. Fui virando as páginas com cuidado até o nome Ostralus atrair meu olhar.

— Aqui está. — Bati com a ponta do dedo sobre o nome, depois fiz uma pausa. — Mas não há nada... — Balancei a cabeça. — Veja, aqui diz que ele era filho único, e que os pais estavam mortos. E o único irmão do pai dele morreu sem deixar herdeiros, e tudo isso antes de Neomar completar trinta anos. Ele não tem familiares próximos há muitos anos, desde muito antes de o oráculo ter sido investido. Mas eu pensei... Quero dizer, pensei que pudesse ser ele. Ele não contou a Philantha sobre o encantamento que lançaram sobre mim, não queria que ela me ensinasse magia. E pediu para ela relatar meus progressos, como se ele não soubesse que eu era uma ameaça. E deixou a cidade logo depois daquilo que vi no jardim.

— O oráculo pode ter se aliado a ele mesmo sem ter sido da família — Kiernan sugeriu. — Essa foi só uma suposição que fizemos. Ela pode ter sido coagida, ou podia ser só uma amiga.

— Talvez — concordei, mas sem muita convicção. E se perseguíamos raios de luar? E se não fosse esse o caminho para descobrir com quem o oráculo havia trabalhado? Eu não tinha outras ideias, nenhuma que fosse segura, pelo menos.

Deixando de lado o livro de capa verde, sentindo o estômago comprimido, peguei o mais recente dentre os outros volumes. Os registros da nobreza mais antiga ocupavam muito mais espaço, e Kiernan trouxera três livros de capas vermelhas.

A relação dos Harandron ocupava quatro páginas. Li os nomes, e finalmente encontrei aquele que queria.

— Veja — disse apontando —, ela não era nobre. Casou-se com Isidor Harandron, o Barão de Saremarch. Ele morreu antes de eu ter nascido.

— Pouco antes — disse Kiernan. — Vê aqui? Só cinco meses.

Mas eu mal olhei para a data.

— Mesmo assim, deve haver uma página sobre a família dela, se era casada com um nobre. Ah, aqui está — falei ao virar uma página. Kiernan a segurou e manteve bem ereta entre nós, porque queria terminar de ler o registro anterior. — Kiernan — falei com o coração batendo mais depressa —, ela tinha uma irmã. Alethea. Ela morreu de... febre escarlatina. E morreu... Kiernan, a data é a mesma que está gravada sobre o oráculo.

Ele olhou para mim.

— Tem mais alguma coisa — disse com voz estrangulada. — Talvez você não tenha notado, mas Melaina teve um bebê.

Balancei a cabeça.

— Não, não teve. Ela não tem nenhum herdeiro.

— Ela morreu. De acordo com o que está registrado, ela teve uma menina que morreu no dia em que nasceu. E isso aconteceu apenas cinco dias antes de Nalia nascer. — De repente ele ficou pálido, tanto que até a boca perdeu a cor. — Mas e se o bebê não morreu? E se ela apenas fingiu que a criança havia morrido? E em vez de mandar a princesa para aquele convento, ela mandou a própria filha?

— Orianne — sussurrei. Senti um frio tão intenso que tive que fechar o pesado manto em torno do corpo. — Orianne é filha de Melaina.

Tudo se encaixava — a irmã que tinha sido o oráculo, que talvez possa ter ajudado sua própria irmã a subverter o trono se preciso. O bebê nascido poucos dias antes da verdadeira princesa.

Lembrei de repente as palavras do Rei, e elas ecoaram em meus ouvidos. *Nalia foi criada em um convento longe daqui. Melaina a levou para lá alguns dias depois do nascimento.* Teria sido o momento perfeito para trocar os bebês. Muito fácil, sem ninguém tomar conhecimento de nada.

Imaginei a cena. Melaina, a confiável conselheira, abatida pelo parto e pela suposta morte do bebê, sentada diante do Rei e da Rainha. “Não, por favor”, ela teria dito. “Ainda posso levar a princesa. Vai me confortar saber que estou garantindo a sobrevivência do trono thorvaldiano. Usei feitiços de cura em mim mesma, estou bem o bastante para viajar, apesar da dor no coração.”

Sim, eu pensei. Sim. Isso teria funcionado com um Rei e uma Rainha desesperados para esconder a filha.

— Mas por quê? — A pergunta de Kiernan me arrancou da reflexão. — Só para colocar a própria filha no trono?

— É um motivo suficiente — comecei, depois parei. Kiernan havia deixado a página cair aberta na da família de Melaina, mas eu a virei com a mão gelada. A árvore preenchia a outra página, com os registros de Melaina e Alethea na parte de baixo. Mas foi o topo que me fez fechar os olhos com medo.

— Melaina é uma Feidhelm — falei. — Isso não se trata apenas de pôr a filha dela no trono. Isso é uma vingança.

— Não entendo — Kiernan sussurrou.

Comprimi os lábios e balancei a cabeça.

— Você nunca prestou muita atenção ao professor de história. Há quatro gerações, um casal de gêmeos nasceu na linha e sucessão ao trono, Aisling e Angar. Aisling era a mais velha, mas só por poucos minutos. Quando o velho Rei morreu, ela herdou o trono. Mas seu irmão, Angar, acreditava ser a melhor escolha, e liderou uma rebelião contra a irmã. Eles lutaram durante quase um ano, mas, finalmente, ele foi capturado e executado como traidor. A esposa dele também foi morta quando recusou sua rendição a Aisling, mesmo depois da morte de Angar.

Fiz uma careta; essa não era minha parte favorita da história thorvaldiana, especialmente porque eu me preocupara com o fantasma de Angar durante meses depois de ouvi-la.

— Mas havia uma filha — continuei. — Ela era só uma garotinha, e Aisling não queria nem ouvir falar na possibilidade de ela também ser morta. Assim, ela a tomou da família real, de forma que não tivesse nenhum direito ao trono. Acho que, quando cresceu, a filha se sentiu grata por ter sobrevivido, e ela se casou com um rico mercador chamado Feidhelm. Os Feidhelm nunca causaram problemas, duvido até que muita gente se lembre de quem eles foram.

— Mas Melaina lembra — concluiu Kiernan. — E acha que sua família devia estar no trono.

Nesse momento uma bibliotecária passou por nós lendo um documento enquanto andava. Ela não olhou em nossa direção, mas sua presença me fez perceber que muita gente poderia ouvir nossa conversa. Levantei-me de repente e arranquei as páginas dos volumes, ignorando a expressão chocada de Kiernan diante da minha falta de consideração com uma propriedade da biblioteca.

— Vamos levar isto conosco. Quem saberá? São os registros oficiais, e ela pode vir destruí-los se desconfiar que alguém descobriu alguma coisa. Vamos à casa de Philantha. Lá poderemos conversar.

Esperei em um canto enquanto Kiernan devolvia os livros, e então, depois de espiar por entre as estantes para ter certeza de que ninguém nos observava, saímos da biblioteca. Puxei o capuz para esconder meu rosto quando chegamos ao corredor. Minha cabeça girava tão depressa que mal registrei nosso percurso, mas isso não era importante. Meus pés conheciam o caminho. Melaina era mãe de Orianne. Usara a posição da irmã como oráculo para divulgar uma falsa profecia, forjara a morte da filha, e a trocara pela princesa real, trocando-me por Orianne. Eu tinha provas suficientes para procurar o Rei e a Rainha? Queria muito contar tudo a eles, deixar para outras pessoas a preocupação com a salvação do reino. Mas tudo que tínhamos como prova eram alguns pedaços de papel, e ela era amiga dos governantes, aquela que eles pensavam ter salvado sua filha...

Bati de frente com alguém quando virei uma esquina, e as genealogias caíram de minha mão enquanto eu tentava me manter em pé.

— Desculpe — pedi, já me abaixando para recolher tudo.

Senti-me congelar, porém, quando a pessoa em que eu havia trombado disse com uma voz fria e sombria como uma noite de inverno:

— Sinda Azaway. Que surpresa vê-la aqui.

Ouvi Kiernan inspirar bruscamente, e, de repente, a mão dele segurava meu braço, puxando-me para perto dele. Quando levantei a cabeça, meus olhos encontraram os de Melaina Harandron.

Capítulo Dezesseis

— *Melaina* — *falei* atordoad. Por um momento, senti-me como se estivesse enrolada em um grosso cobertor, e depois meus nervos explodiram e ficaram à flor da pele.. *Corra! Pegue os papéis! Fique quieta! Não a deixe perceber que tem algo errado!* Tudo muito contraditório, e nada de útil.

— Quero dizer... Baronesa. Eu peço desculpas.

Ela riu, um som que lembrava sinos baixos, e balançou a cabeça. Os longos cabelos negros estavam penteados para trás e presos por um clipe de prata que ainda deixava metade deles solta sobre suas costas. Os olhos verdes eram penetrantes como agulhas de pinheiros e emoldurados por cílios pesados. Sua pele era acetinada e de aparência macia, os lábios eram cheios. Ela não usava as vestes dos magos, mas um longo vestido de seda vermelha. Ainda assim, ninguém a tomaria por outra coisa que não fosse uma maga. O poder emanava dela; era impossível não olhar para ela sem desejar que sorrisse para você.

Mas eu não queria o seu sorriso. Só queria fugir.

— Por favor, não — ela disse. — Já nos conhecemos há tempo demais para essas formalidades. Por favor, chame-me de Melaina, e eu a chamarei de Sinda. Porém, devo dizer que não esperava vê-la no palácio outra vez. — Ela olhou para Kiernan atrás de mim. — Mas noto que nem mesmo as manobras de reis e magos foram suficientes para mantê-la longe de seus amigos.

— Sim — respondi com uma voz que esperava ser leve, embora ela soasse estrangulada aos meus ouvidos. — Há poucas coisas que poderiam me manter longe de Kiernan.

Por favor, eu rezava, não a deixe perceber as páginas. Elas ainda estavam no chão aos meus pés. Kiernan não podia pegá-las sem deixá-la ver o que estava escrito nas folhas?

Melaina tocou o queixo e inclinou a cabeça, e uma expressão intrigada surgiu em seu rosto.

— Ah, sim. Suponho que ser a escriba de Philantha permita que você tenha tempo livre para andar por aí. Ela não é a mais exigente das mestras, suponho.

Isso me surpreendeu. Não esperava que ela soubesse onde eu morava ou o que estava fazendo. Mas apenas sorri meio tensa e respondi:

— Tenho algum tempo para mim, sim.

Melaina não assentiu. Em vez disso, ela olhou para o chão e, antes que um de nós pudesse impedi-la, se abaixou e levantou com as páginas na mão. O rosto, tão suave e frio há um momento, agora era duro como gelo em um lago.

— Muito tempo, pelo que vejo. Desenterrando o passado, Sinda? — perguntou. Sua voz ainda era calma e leve, mas com uma qualidade cortante por trás da serenidade, como uma faca envolta em veludo. — Mais uma vez, estou surpresa.

— É um projeto — esgancei. — Para Philantha.

— É mesmo? Parece muito revolucionário. — Ela segurou diante de si a página onde havia o registro do nascimento de sua filha, o polegar um pouco abaixo do dia de nascimento e morte. — Talvez possa pedir a ela para me contar sobre isso, na próxima vez que eu a vir.

— Eu... — comecei, mas dei um passo para trás. Uma força emanava de Melaina e ia invadindo o corredor. Olhei para baixo e vi sua mão livre desenhando símbolos, projetando sua magia, e engoli em seco quando reconheci um daqueles sinais. Era um feitiço de esquecimento poderoso o bastante para fazer uma pessoa esquecer o próprio nome.

— Não... — arfei. — Kiernan...

— Lorde Cavish — Kiernan falou, acenando freneticamente para o fundo do corredor. Melaina se virou e viu um lorde da nobreza menor saindo de um dos quartos. Ele sorriu e se aproximou de nós, sem perceber a magia que pairava no

ar à nossa volta. A mão livre de Melaina caiu e o poder evaporou, apesar de ela segurar as folhas de papel com tanta força que elas estalaram.

— Kiernan — Lorde Cavish fez um cumprimento jovial ao se aproximar.
— Espero que tenha me chamado para pagar aquela pequena dívida de jogo que ainda tem comigo.

— Sim, sim, é exatamente isso — Kiernan resmungou. Depois tirou várias moedas de ouro do bolso e disse: — Desculpe, não posso ficar e conversar, Cavish, tenho um compromisso. Foi bom ver você, Baronesa.

Ele estendeu a mão, e Melaina não teve escolha senão entregar as folhas de papel.

— É claro — ela disse, sem demonstrar nada além de simpatia na voz. — Logo voltaremos a conversar. Não se envolva em problemas, Sinda.

Tive que fazer um grande esforço para me manter ereta quando seguimos pelo corredor e nos dirigimos ao portão. Assim que chegamos às ruas da cidade, porém, minha coragem desapareceu e comecei a correr, com Kiernan logo atrás de mim.

— Ela sabe — eu disse quando finalmente chegamos à casa de Philantha. Entramos pelo jardim atrás da casa, e de lá fomos para o meu quarto. — Ela sabe, Kiernan.

Ele começou a andar de um lado para o outro assim que fechamos a porta, mas parou ao me ouvir.

— Então temos que contar ao Rei e à Rainha. Não podemos mais guardar esse segredo, Sinda.

Queria concordar com ele. Queria assentir e dizer que sim, podíamos ir imediatamente. Mas olhei para minha cama, onde as duas páginas arrancadas do livro na biblioteca estavam ao lado do pedaço de papel com a última confissão do oráculo, e lembrei o rosto bonito de Melaina. Um rosto que inspirava confiança. O rosto de uma mulher em quem o Rei e a Rainha confiavam acima de todos.

— Não é o bastante — falei. — Isso não é prova. Eles não vão acreditar em nós, e mesmo que acreditem, ainda não sabemos onde está a princesa. Acha que ela vai contar a eles, depois de todo esse tempo, depois de todos os planos?

— Existem maneiras de fazer uma pessoa contar segredos — Kiernan respondeu com tom sombrio, mas eu balancei a cabeça.

— Nada que eles façam com ela a fará falar. Melaina trabalhou muito tempo por isso. Ela é forte, Kiernan. E é astuta. Talvez tenha até um plano para matar a princesa, caso desconfie de que o Rei e a Rainha sabem o que aconteceu.

— Pensei ter ouvido você dizer que ela precisava da princesa viva — Kiernan respondeu.

— Ela precisa, desde que ninguém saiba que Orianne não é a verdadeira princesa. Mas, se alguém souber, ela pode matar Nalia, de forma que não haja nenhuma herdeira além de Orianne. Ela é real, Kiernan, ou é descendente de alguém que foi herdeiro do trono. Ela é a melhor alternativa, se Nalia morrer.

— Então, por que não matar Nalia agora?

Massageei a nuca. Sentia o começo de uma dor que se espalhava dali por todo meu corpo.

— É melhor que isso não seja necessário. Assim não há ninguém pedindo a deposição de Orianne, ninguém dizendo que ela não é digna de ser a herdeira. Ela é só a princesa, sem perguntas. Mas se ela pensar que tudo está desmoronando à sua volta...

Eu estava sentada na cama, e Kiernan caiu de joelhos na minha frente e segurou minhas mãos.

— Por favor, Sinda. Sei que é perigoso, mas temos que contar a alguém. Eu... — Ele mordeu os lábios por um instante. — Estou preocupado com a possibilidade de ela tentar machucar você. Ela quase nos explodiu no meio de um corredor público. Não vai se furtar a ir atrás de alguém como você.

Como um relâmpago brilhando em um quarto escuro, as palavras dele iluminaram de repente alguma coisa que eu tinha esquecido. Senti um arrepio gelado e inspirei profundamente antes de conseguir me controlar.

— O que é? — Kiernan perguntou.

A náusea dominava meu estômago.

— Acho que ela já matou alguém.

Kiernan apertava minhas mãos com tanta força que as teria puxado, se pudesse.

— Do que está falando? Quando?

— No dia em que conheci Orianne. Havia um homem me seguindo. Ele me esperava do lado de fora da casa.

Uma veia pulsava na testa de Kiernan.

— E você não me contou?

— Eu ia contar, mas esqueci, com toda essa história do encontro com Orianne, o mapa, ver Melaina renovando o encantamento e nossa viagem a Isidros. Não lembrei até agora!

— Ele está lá fora nesse momento? — Kiernan perguntou.

Balancei a cabeça com insegurança. Nós nos levantamos juntos, e fomos ao corredor onde havia uma janela que se abria para a rua. De início não vi ninguém, mas depois notei um homem cortando a cerca viva na frente da segunda casa ao lado da nossa. Estreitei os olhos — o céu havia escurecido desde que chegamos, e havia nuvens cinzentas se formando sobre a cidade — mas, finalmente, tive que assentir.

— Acho que é ele — anunciei.

Kiernan olhava para o homem atentamente, os traços normalmente alegres dominados pela tensão. Depois ele voltou ao meu quarto e, quando eu

também entrei, fechou a porta.

— Você não percebe? Agora *temos* que contar a alguém. Se ela colocou esse homem para segui-la antes de saber que havia descoberto alguma coisa, se já estava preocupada com você antes...

— Isso é mais importante do que eu! — gritei. Um relâmpago estalou lá fora, e o trovão encobriu meu grito. A tempestade desabou de repente, a chuva lavando a janela. — Não percebe, Kiernan? O que importa aqui é Thorvaldor, é fazer o que for preciso para a pessoa certa subir ao trono. Se eu não puder fazer isso... — minha voz falhou, eu tremia. — Tudo isso terá sido em vão. Preciso encontrá-la.

Kiernan olhava para mim com os olhos apertados.

— Você acha que sabe onde ela está.

Assenti. Naquela manhã, eu teria dito que não fazia a menor ideia de onde começar a procurar Nalia. Mas agora, agora sabia quem a tinha escondido, e onde procurar.

— Onde você guardaria alguma coisa, se quisesse poder pegá-la a qualquer momento, mas não quisesse que ninguém mais a encontrasse?

Ele ficou quieto, e seu rosto tornou-se repentinamente ainda mais pálido.

— Oh, não — sussurrou. — Você não vai a Saremarch. Isso seria como... como caminhar para uma armadilha. Melaina pode pegá-la quando estiver lá e ninguém jamais a veria outra vez.

— É lá que ela está — argumentei. — Melaina deve mantê-la em algum lugar. Em sua própria terra, onde pode ter acesso fácil a ela, se for necessário.

— Você não vai. É muito perigoso. Não vou perder você de novo.

— A decisão não é sua!

— Eu mesmo vou contar a eles — Kiernan ameaçou. — Ao Rei e à

Rainha. Se você não contar, Sinda, eu contarei.

— Kiernan — comecei —, por favor...

Não consegui continuar, porque nesse momento o mundo explodiu.

— Sinda, abaixe! — Kiernan gritou, mas eu mal tive tempo de me virar quando a janela, aquela que se abria para o jardim, explodiu em mil pedaços voadores. O vidro estourou para o lado de dentro, caindo sobre nós numa chuva de estilhaços. Senti alguns cacos cortando minha pele pouco antes de Kiernan se atirar sobre mim e me jogar no chão, embaixo da cama. Um segundo depois, galhos da árvore que fazia sombra no jardim voaram para dentro do quarto. Eles bateram contra as paredes, e senti Kiernan envolvendo minha cabeça com os braços. O vento uivava do lado de fora e a chuva entrou pela janela quebrada como uma onda.

Isso não é uma tempestade real, pensei quando alguma coisa pesada bateu no meu baú. Havia se formado depressa demais, e muito forte. Chuva, vidro e galhos giravam no ar, caindo sobre tudo, mas eu não conseguia ver nada disso. Tudo que via era o rosto de Kiernan sobre o meu, o pensamento que eu acabara de ter refletido em sua expressão.

Tive a impressão de que aquilo durou horas, mas sabia que ela só havia se mantido por alguns poucos minutos. Lentamente, o vento cedeu e a chuva começou a cair mais mansa. Quando alguns segundos passaram sem nenhum outro objeto ser jogado dentro do quarto, Kiernan finalmente se levantou e saiu de cima de mim. No início tudo parecia muito quieto depois do barulho do temporal, e depois ouvi o som dos passos pela casa, as vozes das criadas nervosas, tentando encontrar todo mundo.

— Você se machucou? — Kiernan perguntou.

Mexi a cabeça de um jeito que podia ser um sim ou um não. O próprio Kiernan estava coberto de pequenos cortes onde a pele estava exposta, e eu sabia que não podia estar muito melhor.

— Arranhões — consegui falar. — E com dor nas costas por causa do

tombo. Mas acho que não é nada sério.

Agora a voz de Philantha soou mais alta que as outras.

— Temos que ir falar com ela — eu disse.

Kiernan assentiu antes de ficar em pé e estender a mão para me ajudar a levantar. Vidros rangiam sob nossos pés quando olhamos em volta, estudando o quarto.

Minha janela havia sido completamente destruída, e agora havia um enorme buraco em uma das paredes. Galhos, folhas e o que parecia ser o pedaço da janela de uma casa próxima haviam sido jogados dentro do quarto. Alguma coisa derrubara meu baú de lado; o conteúdo estava espalhado diante dele. A chuva encharcara tudo na metade mais próxima da janela, incluindo a cama. Percebi que meu cabelo estava pingando, e Kiernan passou a mão pelo rosto para remover a água, deixando uma trilha de sangue.

Passei a língua pelos lábios e senti um gosto ferroso.

— Acho que tivemos sorte.

— Sorte. — Kiernan repetiu, mas seus olhos eram sombrios.

Saímos do quarto cambaleando e descemos a escada para a entrada principal da casa. Lá se reunia a criadagem de Philantha, todos tremendo e juntos. Philantha estava ajoelhada no chão, as mãos trabalhando depressa para colocar um curativo no braço de Tarion. Ela resmungou algumas palavras e uma luz brotou de suas mãos, recobrando o curativo.

— Pronto — Philantha falou apressada. — Isso vai dar um jeito até eu poder dar outra olhada. — Ela se levantou quando nos viu descer a escada, e seus olhos ficaram maiores. — Sinda! — exclamou. — Venha cá! Está machucada?

Apontei para meu rosto e os braços.

— Só o que você vê. A janela explodiu. Acho que um galho pode ter entrado. — Eu não ia mencionar que a janela havia explodido *antes* de o

primeiro galho voar para dentro do quarto. — Mas estamos bem.

Ela balançou a cabeça, os lábios apertados.

— Nunca vi isso em minha vida. Que tempestade. Sorte que só uma vidraça do meu estúdio quebrou, ou poderia haver uma cratera no lugar que ocupa a casa.

Oscilei e me apoiei em Kiernan, depois olhei para ele quando senti suas mãos em meu ombro, me amparando. Não havia considerado o que teria acontecido se a tempestade atingisse o estúdio de Philantha como atingira meu quarto. *Uma cratera, pensei, teria sido uma solução fácil.*

— Philantha — Kiernan começou —, acha que a tempestade...

Dei uma cotovelada tão forte em Kiernan, que ele bufou.

— Foi a pior que já viu? — terminei por ele.

— Com certeza foi uma das piores, embora eu tenha visto uma vez um furacão no litoral, e aquilo supera de longe o que acabamos de ver aqui — ela respondeu.

Kiernan olhou para mim, mas não fez mais perguntas. Eu sabia o que ele ia dizer. Mas se Philantha pensava que a tempestade havia sido natural, eu não permitiria que ele a convencesse do contrário.

— Bem, estamos todos aqui. — Philantha nos estudou com as mãos na cintura. — Devíamos sair e ver se alguém mais está machucado na rua. Gemalind, venha comigo. Vamos comprar suprimentos, Kiernan. Sinda, fique aqui e se arrume antes de ir me ajudar. Não queremos assustar a vizinhança mais do que já devem estar assustados, e vocês dois parecem ter rolado no vidro.

Várias horas depois, Kiernan e eu nos sentamos em um dos quartos vazios, um dos que haviam sido poupados pela tempestade. Nós dois tínhamos vários curativos; Kiernan puxava os dele o tempo todo. Minhas coisas formavam pilhas no chão ou estavam espalhadas para secar; eu me sentia cansada demais para

organizar tudo no novo quarto. As duas páginas que tiramos da biblioteca, e que haviam sido carregadas pelo vento e molhadas pela chuva, estavam sobre uma mesa baixa com quatro livros sobre seus cantos para tentar trazê-las de volta à forma anterior.

— Foi Melaina — Kiernan grunhiu. — Você sabe disso, eu sei disso. Esta foi a única casa na rua atingida dessa maneira, e seu quarto foi o que ficou pior. Devíamos contar a Philantha.

— Não. — Cruzei os braços, tentando não me encolher quando o movimento repuxou os cortes em minha pele. — Ela não parecia pensar que era estranho, e ninguém mais na rua estranhou.

— Aquilo não foi uma tempestade normal!

— Eu sei. Mas não temos nenhuma prova, e se dissermos a ela que achamos que foi Melaina, vamos ter que contar todo o resto, também.

— O que acho que devemos fazer — disse Kiernan. — Agora não há mais motivo para não contarmos. Sabemos que não foi Neomar, Philantha não vai escolher o amigo e ficar contra nós. Você nunca disse que ela é próxima de Melaina.

— Eu sei, mas... — Balancei a cabeça me sentindo confusa. Ele estava certo, devíamos contar a Philantha, mas alguma coisa que eu não conseguia identificar me impedia. — Isso pode colocá-la em perigo — falei finalmente. — Se Melaina descobre que ela também sabe, pode tentar... alguma coisa contra ela.

— Da mesma forma que tentou alguma coisa com você? — Ele se inclinou para a frente na cadeira e deixou escapar o ar. — Deus Sem Nome, Sinda! Ela tentou matar você.

— Talvez não estivesse tentando me matar — insisti teimosa, mesmo sabendo que era improvável. — Ela pode ter tentado apenas me assustar. Talvez quisesse me convencer a abandonar esse assunto.

Kiernan soprou o ar para cima, empurrando para trás o cabelo que caía sobre a testa.

— Isso não é realmente importante. Hoje você a assustou, e ela agiu de maneira precipitada. Se ficar com medo ela será ainda mais perigosa. Quando perceber que não a fez desistir, ela vai tentar de novo. E não vai falhar na próxima vez. A mulher está no fim de um plano para roubar o trono e devolvê-lo à sua família. Não vai deixar uma garota atrapalhar tudo agora.

Lá estávamos nós. De volta ao ponto onde estivemos antes de a tempestade virar meu quarto de cabeça para baixo. Olhei para Kiernan. Seu rosto era totalmente franco; eu via nele as linhas de preocupação e medo. Ele não ia desistir.

— Podemos contar agora — Kiernan persistiu. — O Rei e a Rainha. Philantha. *Alguém* que possa nos ajudar. Por que acha que não podemos?

Balancei a cabeça.

— Por favor, Kiernan, ainda não temos provas suficientes. Eles não vão acreditar em nós; não vão *querer* acreditar. É melhor ficarmos quietos, fazê-la pensar que ficamos com medo e desistimos, e depois, quando ela não estiver esperando, vamos a Saremarch escondidos e encontramos...

Mas Kiernan estava irredutível; ele me encarava à luz pálida do anoitecer, o rosto muito sério.

— É muito arriscado. Ela agora vai manter você sob vigilância ainda mais intensa, isso se não tentar machucá-la novamente. Ou contamos a alguém, ou desistimos de verdade, Sinda.

Tive a sensação de que ele havia me dado um chute violento no estômago; cheguei a me dobrar e abraçar a região central do corpo.

— Desistir? — arfei. — Do que está falando?

— Que importa se Orianne ou Nalia vão se sentar no trono? As duas são da

realeza, não são? E Orianne é... boa. Ela não sabe nada disso. Seria uma boa rainha.

Balancei a cabeça e me levantei da cadeira. Eu não podia acreditar nisso, não conseguia acreditar no que ele estava dizendo.

— Não podemos... Melaina... Elas são renegadas! A família dela tentou depor a verdadeira rainha.

— Há mais de cem anos! — Kiernan disparou. — Há tanto tempo que ninguém lembra.

— Não! É importante! — Agora eu andava de um lado para o outro, com os braços apertando a cintura. Como ele podia dizer tal coisa? Como podia pensar que eu seria capaz de abandonar tudo isso? — É importante! Se não a encontrarmos, tudo isso... minha vida... — minha voz falhou. Eu mal podia respirar; meus pulmões pareciam ser pequenos demais para absorver todo o ar de que eu precisava.

Mas Kiernan havia fechado os olhos e comprimia os lábios.

— É isso que significa, não é? Por isso não podemos contar. Não se trata de não termos provas suficientes, ou mesmo de Philantha correr algum perigo. Você tem que encontrá-la, tem que ser você. Não tem nada a ver com o país, nem com o trono. Você tem que provar que não é ninguém. Se você não pode ser a princesa, então será a salvadora da princesa.

Outra vez senti que era chutada, mas dessa vez com mais força, e bem no lugar que eu tentava proteger.

— Não — sussurrei, mas a resposta soou muito baixa.

— Você não pode ser só uma escriba ou maga. Deus Sem Nome — ele gritou, passando a mão pelos cabelos. — Queria que nunca houvessem encontrado você, que nunca a tivessem feito pensar que era a princesa. Nada mais será bom o bastante, não agora. Você nunca vai ser feliz. Vai se expor ao perigo, assumir todos os riscos, só para provar que todos estavam errados sobre

você. E eu só... eu só...

E sem dizer mais nada, ele se colocou na minha frente, me segurou pelos ombros para me fazer parar de andar de um lado para o outro, e me beijou.

Se eu achava que ser beijada por Tyr havia me mostrado o que era um beijo, estava enganada. Esse beijo matava o beijo de Tyr, o jogava no chão e sapateava em cima de seu túmulo. Era como ser beijada pela luz do sol, ou pela alegria. Os braços de Kiernan me envolveram, me segurando com tanta força que pensei que as mãos dele poderiam deixar marcas em minhas costas. Mas os lábios eram gentis, movendo-se com os meus como se houvessem feito isso havia anos, e eram mornos e macios. Pequenos arrepios de prazer lambiam meu corpo, iam dos lábios até a ponta dos pés. Senti meus braços envolverem o pescoço de Kiernan, e pensei que poderia me afogar na sensação.

E então senti frio quando o ar ocupou o espaço entre nossos corpos. Kiernan roçou os lábios nos meus pela última vez e se afastou. Eu arquejei, como uma mulher que se afogava e tinha o ar roubado pelas ondas.

— Eu amo você, Sinda — ele disse sem nenhuma hesitação, com certeza. — Amo você há... anos, antes mesmo de saber que a amava. Amava você quando era a princesa e a amo agora. Só quero que seja feliz. E quero que esteja segura. Não me importa se você é a Rainha de Thorvaldor ou uma criada de porcos em Mossfeld. — Ele tocou meu rosto. E o polegar deslizou sobre meus lábios. — Mas você se importa com isso, não é?

Kiernan olhava para mim, seu rosto sempre risonho agora tão sério quanto o meu. Queria mais que tudo abraçá-lo novamente, deixar que ele, meu melhor amigo, me beijasse até o mundo acabar.

Mas eu não podia.

— Preciso encontrá-la — falei. — Eu preciso.

Dei um passo para trás, levantando minhas mãos trêmulas. A pele em torno dos olhos dele era marcada por linhas de profunda confusão. Lágrimas inundavam meus olhos e eu invocava meu poder, sentindo que ele despertava

dentro de mim. Sabia sem nenhuma dúvida que esse encantamento funcionaria.

— Sinto muito — murmurei.

Uma luz branca brotou da palma de minha mão, banhando Kiernan em sua claridade. Ele se encolheu e fechou os olhos, levantou as mãos para proteger o rosto, e então acabou. Abaixei as mãos e deixei cair os ombros.

— O que foi isso? — ele perguntou com a voz entrecortada.

— Um feitiço. — Mal conseguia olhar para ele. — Para impedir que você fale com alguém sobre Nalia. Não vai conseguir falar sobre isso, ou escrever, ou mesmo contar a alguém sobre o encantamento. É um bloqueio, mas só para esse assunto.

Ele engoliu em seco, os olhos brilhando como vidro.

— E não vai remover o feitiço?

Balancei a cabeça.

— Não até encontrá-la. E quando a encontrar, o encantamento se desfará sozinho.

Ele fechou os olhos. Parecia um homem faminto recusando um banquete, ou alguém que havia traído seu maior desejo.

— Não posso ajudá-la — Kiernan falou finalmente. — Com Melaina atrás de você, e a profecia... Não posso... não posso ver você ser machucada, Sinda.

Não ter Kiernan comigo? Não tê-lo ali para me proteger, para me fazer rir quando eu me sentir derrotada? Era amargo, como uma mistura de cinzas e sangue em minha boca.

Ele deu um passo na minha direção e me abraçou. Eu tinha a sensação de que ele tentava me decorar, gravar na mente a sensação do meu corpo contra o dele. Os lábios se moveram sobre minha orelha.

— Amo você. Sinto muito. Por favor, tome cuidado.

E então ele desapareceu, fechou a porta ao sair, e meu coração — rebelde e cruel — foi com ele.

Capítulo Dezessete

Os dias seguintes foram confusos. Eu sabia que devia estar preparada, alerta para outro atentado de Melaina ou, no mínimo, de seus espiões. Talvez, entretanto, ela se sentisse exposta a um perigo grande demais, ou achasse que era muito cedo para outro ataque em grande escala, porque nada de ruim aconteceu comigo. Mesmo sem essa preocupação, no entanto, eu devia estar pensando em Nalia. Teria que sair de Vivaskari sem Melaina perceber e ir procurá-la bem no centro do perigo: em Saremarch, na propriedade de Melaina. Devia estar pensando em proteger minha pele e salvar o reino.

Não conseguia pensar em nada além de Kiernan. Às vezes era com raiva por ele ter me abandonado. Em outros momentos eu me sentia traída. Mas, na maior parte do tempo, eu entendia. Estava decidida a seguir por esse caminho, a tentar uma empreitada com poucas chances de sucesso. Até o oráculo me dera apenas uma chance de sobrevivência em três. Eu era capaz de entender que ele não queria me ver morrer. Então, estava dividida entre sentimentos de traição e o desejo de me atirar nos seus braços e exigir que me amasse para sempre.

Havia sido diferente quando eu era princesa. Naquele tempo eu o via flertar com outras garotas e dizia a mim mesma que, pelo menos, o coração dele estava lá. Havia sido fácil pensar que, apesar de ele sempre voltar para mim depois de cada paixão, ele queria apenas minha amizade. Ele deve ter se contido, guardado os sentimentos em segredo, pois sabia que nunca teriam permitido que eu me casasse com um lorde menor de Rithia, quaisquer que fossem as esperanças dos pais dele. Eu me casaria por motivos políticos; nós dois sabíamos disso. Não havia razão para pensar que algum dia poderíamos ser mais que amigos. Mesmo assim, havia sido uma fachada fina, e eu poderia ter enxergado através dela, se quisesse.

E quando deixei de ser a princesa? Eu sabia? Honestamente, eu sabia? Sim, tinha que admitir que sim. Mas era como saber que você precisa de ar para respirar ou água quando está com sede. Eu sabia de alguma coisa, mas sem

nunca pensar nisso, sem nunca realmente considerar o assunto. Tinha o coração de Kiernan por tanto tempo que me esquecera de que estava ali, guardado embaixo do meu próprio coração.

Então, sim, eu sabia. O rosto dele não se havia introduzido entre mim e Tyr, por mais que eu tentasse esquecê-lo? Eu não me sentira culpada por beijar Tyr, como se estivesse traindo Kiernan? E ele não havia ido me procurar em Treb, não estivera comigo todos os dias que pudera desde que eu havia voltado à cidade? Eu havia falado o contrário para Philantha, mas não me sentira estranha com ele por semanas, desconfortável, consciente de que, em algum lugar dentro de mim, as coisas entre nós estavam mudando?

Ou talvez não estivessem mudando. Talvez apenas se tornassem o que sempre haviam desejado ser.

O que eu queria que fossem.

Porque eu queria. Sentira naquele beijo como as coisas poderiam ser. E queria. Ah, como eu queria.

Mas havia jogado tudo fora lançando aquele encantamento sobre Kiernan contra a vontade dele, impedindo-o de fazer o que ele achava que devia fazer para me proteger. Havia visto a expressão chocada em seu rosto quando usara a magia nele. Não sabia como ele poderia me perdoar depois disso.

Destrui minha chance de felicidade com a única pessoa que sempre me entendeu.

Tudo para salvar o reino que me abandonou, ou talvez só para provar para mim mesma que eu tinha algum valor.

Mas se eu pensava que poderia me dedicar aos problemas pessoais por muito tempo, estava enganada. Percebi meu engano cinco dias depois da tempestade, quando estava na fila na loja do boticário.

— É o Rei — a mulher na minha frente dizia ao boticário. — Ele está doente. Seus médicos estão todos no palácio, e metade dos magos da faculdade

também. Eles não revelam muita coisa, mas ouvi um boato sobre febre escarlatina.

O boticário se debruçou sobre o balcão.

— Febre escarlatina? — exclamou balançando a cabeça. — Quando ela vem muito depressa, o paciente provavelmente morre. Eu... — Ele parou, olhando para mim por cima do ombro da mulher. — Mocinha, você está bem?

Porque eu balançava sem perceber, estendendo a mão às cegas para me segurar à parede. Febre escarlatina. Fechei os olhos e estremeci. Neomar. Ele havia ido para o campo por causa da febre. E o oráculo também morrera em consequência dessa doença. Um havia ameaçado os planos de Melaina, o outro também tinha conhecimento deles, e eu me sentia culpada. Muito estranho que tivessem contraído a mesma doença. Era uma enfermidade rara, afinal. Mais estranho ainda que o Rei também a tivesse contraído.

Muito estranho.

Sacudi a cabeça.

— Bem, estou bem — respondi. — Mas o Rei... Alguém disse se é grave?

A mulher parecia perturbada.

— Sim, criança. Dizem que ele já entrou em sonhos febris, e ninguém consegue trazê-lo de volta. A Rainha e a princesa estão ao lado dele dia e noite.

Comprei as ervas que Philantha queria sem sequer olhar para elas. No caminho para casa, era como se em todas as esquinas houvesse pessoas falando sobre o Rei. Cochichavam que os médicos não podiam fazer nada, nem os magos. Murmuravam que a princesa parecia muito compenetrada e linda e, nesse momento de dor, muito mais velha do que realmente era. E a cada passo eu tinha mais certeza.

Melaina estava por trás disso. Ela tinha trazido a enfermidade por meio de magia, matando a própria irmã no passado, de forma que ela não pudesse mudar de ideia e contar o segredo. Ela havia provocado a doença de Neomar para que

ele tivesse que sair da cidade e ir para o campo, onde nunca poderia notar o encantamento que eles haviam criado ainda ativo em Orianne. Talvez ele também estivesse morrendo agora. E agora ela ia matar o Rei, de forma que Orianne pudesse se tornar Rainha, intensificando dessa maneira sua ligação com o trono.

Eu não havia sido rápida o bastante.

Kiernan, pensei de repente, *queria que você estivesse aqui*. Aqui, andando ao meu lado, me dizendo que não é tarde demais, que encontraremos Nalia e consertaremos tudo. Aqui para me abraçar, para eu poder apoiar o rosto em sua camisa e tremer de preocupação com o homem que eu pensava ser meu pai. Para sorrir seu sorriso despreocupado e dizer que, juntos, vamos encontrar uma solução.

O desejo era tão forte em mim que olhei para cima, quase acreditando que ele estaria ali na minha frente. Mas ele não estava lá. Só me restava baixar os ombros e abrir caminho em meio à multidão de pessoas cochichando, sentindo-me pequena e completamente só.

Assim, enquanto a cidade prendia a respiração, esperando o Rei viver ou morrer, eu me preparava para destronar a menina que pensava ser a princesa. Agia com cuidado, sorrateiramente, sempre olhando por cima do ombro procurando Melaina ou seus espiões. Isso me atrasava, e o que devia ter demorado pouco mais que um dia levou quatro. Fiz um estoque de comida fingindo estar ajudando a cozinheira de Philantha e convenci Philantha de que todos na casa precisavam de botas novas, porque assim eu também poderia ter um par. Tomei providências para alugar um cavalo em um estábulo que visitei com Taron, valendo-me do pretexto de ajudá-lo a levar para casa várias sacolas de alimentos. Durante uma visita que fiz com Philantha à biblioteca da faculdade, encontrei um mapa do norte de Thorvaldor, e nele Saremarch era mostrada com detalhes. Não senti nenhum pudor em esconder o mapa embaixo do manto e levá-lo comigo. Havia escondido as folhas arrancadas do registro de genealogia embaixo de uma tábua solta do chão sob a cama em meu novo quarto, e lá

também guardei o recipiente de metal que continha a confissão do oráculo. Pensei bem e guardei o mapa do Rei Kelman lá também, só para mantê-lo seguro. Havia praticado encantamentos que me fariam parecer mais velha ou mais jovem, loura ou ruiva. Mesmo assim, porém, com tantos riscos e apostas tão altas diante de mim, eu podia sentir a magia espremida dentro de mim, atrofiada, quase inútil, e eu só deixava transbordar uma gota de cada vez.

Finalmente, porém, decidi que havia feito tudo que era possível, menos montar em um cavalo e sair pelos portões de Vivaskari. A única coisa que eu não fizera havia sido dizer a Philantha que ia partir.

Se pudesse, teria adiado o máximo possível o momento de dar a notícia a ela. Dessa vez não tinha mentiras prontas; não havia inventado nada porque sentia, de alguma forma, que isso poderia afetar minha busca. Mas também não podia contar a ela a verdade. Porém, quando todas as minhas coisas estavam prontas para a viagem, finalmente me forcei a percorrer o corredor até o estúdio de Philantha e bati na porta.

— Entre, entre! Veja isto — ela disse assim que fechei a porta. E mostrou uma longa pele de cobra muito fina e seca como papel. — Acho que, se aplicarmos a lei de Tabitha, vamos conseguir... bem, é difícil explicar, mas eu mostro quando...

— Estou de partida, Philantha — eu a interrompi com voz suave.

Ela parou, piscou uma vez, depois continuou apressada.

— Bem, devo dizer que o momento não é bom, seria preferível que ficasse para me ajudar com isso. Na verdade, eu insisto. Pode ir ver Kiernan hoje à noite. Agora...

Balancei a cabeça e toquei seu braço magro.

— Não. Quero dizer que estou deixando a cidade. Tenho... tenho algo que preciso fazer. Gostaria de poder ficar, mas não posso mais ignorar isso. Tenho que ir, e não sei quando volto.

Sentia-me infeliz, assustada e sozinha, e ainda estava abandonando Philantha.

Deixando a pele sobre uma mesa, Philantha olhou para mim com aqueles olhos brilhantes de pássaro. Eles estudavam meu rosto, e me perguntei se ela seria capaz de ver a verdade ali. Melaina seria capaz de arrancar os fatos de minha mente com magia, mas Philantha só assentiu.

— Estou vendo — ela disse. — Mas não tema. Tudo isso — e abriu as mãos mostrando o estúdio — estará aqui quando você voltar.

Sem julgamento, sem perguntas, apenas aceitação. Isso me fazia ter tanta vontade de contar tudo a ela que quase despejei a história inteira aos seus pés, só para ter mais alguém atrás de mim, para mais alguém *saber*.

Hesitei insegura, oscilando entre contar e não contar. Mas, finalmente, quando eu devia ter aberto a boca, não abri. Fosse por medo verdadeiro ou segurança, ou pelo que Kiernan havia dito — que eu queria encontrar a princesa sozinha —, ou as duas coisas, eu não podia contar. Se era força ou fraqueza de minha parte, eu não sabia dizer. Então, sorri um sorriso trêmulo, movi a cabeça para concordar, e deixei o estúdio em silêncio como havia chegado. Peguei minha bolsa no quarto e saí da casa de Philantha, dirigindo-me ao estábulo onde já havia deixado tudo arranjado para alugar um cavalo. Não olhei para trás, para a casa, ou além dela, para o palácio onde o Rei estava morrendo e onde a segunda falsa princesa se preocupava com ele, e onde Kiernan certamente andava pelos corredores e se perguntava aonde eu teria ido. Não olhei para trás. Se olhasse, temia não ter coragem para seguir em frente.

Saremarch ficava a apenas dois dias de Vivaskari. Eu queria voar pela estrada, mas temia que uma jovem sozinha e apressada pudesse atrair atenção indesejada. Também tinha uma saudável noção de minha vulnerabilidade; as estradas perto de Vivaskari eram seguras, geralmente, mas viajantes solitários ainda eram uma tentação para ladrões e outros tipos desesperados. Então eu viajava com moderação, tentando ficar atrás de carroças de fazendeiros ou de caravanas de mercadores, pessoas que poderiam me ajudar, se eu gritasse. Sabia que, se fosse atacada de verdade, minha magia poderia despertar em minha

defesa, mas não contava com isso.

Na maior parte do primeiro dia, cavaleguei com os ombros inclinados, me assustando sempre que ouvia alguém se aproximando por trás de mim. Sentia que era quase ridículo pensar que eu poderia escapar da cidade sem que Melaina fosse alertada por seus espiões, mas ninguém me seguia, e comecei a achar que, pela primeira vez, a sorte estava ao meu lado, que eu conseguira fugir. Passei a primeira noite em uma hospedaria de beira de estrada depois de dizer ao proprietário que ia visitar meu pai enfermo em uma cidade bem afastada das fronteiras de Saremarch. Na noite seguinte, a escuridão chegou antes que eu tivesse chegado a um vilarejo de verdade, por isso pedi abrigo na casa de um fazendeiro e sua esposa, perto da estrada. Eles não tinham um quarto disponível, mas fizeram uma cama com cobertores na frente da lareira e eu dormi bem, deixando uma moeda para eles ao partir.

No terceiro dia cheguei ao limite das terras de Melaina.

O território de Saremarch não era grande. Uma grande terra cultivada, o suficiente para gerar mais dinheiro para os Harandron. Mas a maior parte de Saremarch era coberta por florestas. Analisando o mapa que havia tirado da faculdade de magos, vi que três pequenas clareiras interrompiam a área cultivada, formando um semicírculo no início da floresta ao norte de Thorvaldor. O vilarejo havia crescido em torno da Casa Sare, local onde se assentaram os Harandron, e era lá que eu planejava ir primeiro.

Alancei March Holdings no meio do dia. Havia fumaça saindo das chaminés, e as finas colunas transparentes faziam minhas mãos tremerem tanto que meu cavalo sacudiu a cabeça, dando alguns passos para o lado numa resposta confusa.

O que eu ia fazer? Não tinha um plano, finalmente era forçada a admitir, nada além de cavalgar até a cidade e procurar uma garota da minha idade com um triângulo de pontos vermelhos no braço. Precisava de uma história, mas era Kiernan quem conseguia inventar justificativas elaboradas para estar onde não deveria estar.

Meu coração ficou apertado quando pensei nele, e tive que me forçar a respirar, inspirar e exalar devagar. *Ele não está aqui*, disse a mim mesma. *Vai ter que fazer isso sozinha. Se não a encontrar, ninguém a encontrará.*

Não era o chamado à luta mais animador que eu já ouvira. Mas foi o suficiente, de alguma maneira, para me fazer bater com os calcanhares nos flancos do cavalo e seguir em frente para March Holdings.

Quando entrei no vilarejo, pensei que devia parecer um fantasma a cavalo: pálida e abatida, com braços e pernas trêmulos. Estranha o bastante para despertar suspeitas nas pessoas. Mesmo assim, apesar de atrair alguns olhares, ninguém olhava para mim duas vezes. Havia um latoeiro ambulante que, ao parar sua carroça no centro do vilarejo, atraiu a atenção da maioria dos habitantes. Mulheres se aproximavam para examinar painéis e potes, enquanto crianças corriam entre os adultos ou esperavam na fila pelos objetos que levavam para consertar.

Encontrei um pequeno estábulo e paguei uma moeda de cobre para deixar meu cavalo ali, e suspirei aliviada quando o cavaleiro me deu uma história para contar.

— Você é de Hol's Landing? Veio por causa do latoeiro? — ele perguntou.

Assenti cautelosa.

O menino sorriu exibindo algumas falhas entre os dentes.

— Contei à minha tia que mora lá que ele viria esta semana. Ela avisou você?

Movi a cabeça para cima e para baixo outra vez, mas, por sorte, não precisei fornecer detalhes sobre a tia dele, porque a entrada do responsável pelo estábulo interrompeu a conversa. Voltei à rua ensolarada, pensando. Era como se a maior parte da população do vilarejo estivesse por ali, reunida em torno do latoeiro ou conversando em grupos. E se a notícia da chegada do ambulante se espalhara, havia uma chance de Nalia também aparecer por ali para vê-lo. Talvez eu só precisasse esperar para encontrá-la.

Então, esperei. Havia um banco ao lado da única taverna do lugar, e eu me sentei lá, tentando dar a impressão de que estava apenas esperando minha vez de solicitar os serviços do latoeiro. Olhava para trás e para a frente devagar, tentando parecer apenas curiosa cada vez que uma nova pessoa atravessava a rua, mas estudava cada uma e todas atentamente. Uma vez meu coração pulou e subiu à garganta, só para despencar quando percebi que a menina que eu via era velha demais para ser Nalia. O sol seguia em seu trajeto pelo céu, e eu tive que mudar de lugar no banco para continuar à sombra, mas não vi ninguém que pudesse parecer com a princesa perdida.

Por um tempo, tentei me ocupar pensando sobre como Nalia seria. Imaginei que ela parecia com Orianne, com aquela mesma graça e segurança de movimentos, anunciadas até nas roupas simples que ela certamente estaria vestindo. Afinal, elas tinham um parentesco, por isso deduzi que deveria procurar alguém semelhante.

Imaginar como seria a aparência de Nalia não me ocupou por muito tempo, porém, e acabei pensando no que faria quando — e se — Nalia aparecesse. Havia dedicado muito tempo à preocupação de como sairia da cidade sem ser vista e como chegaria a Saremarch sem me perder, por isso não havia dado muita atenção a como eu convenceria Nalia a vir comigo.

Devia simplesmente contar toda a verdade? Mas e se ela não acreditasse em mim? Havia passado tanto tempo com receio de não acreditarem em mim que parecia totalmente provável que, depois de ouvir minha história, ela me considerasse louca ou estúpida. Ou não. Que menina não gostaria de ouvir alguém dizer que ela era uma princesa de verdade? Mesmo assim, pensar em contar toda a verdade a Nalia me causava desconforto. Talvez uma... versão modificada da verdade fosse melhor. Eu poderia dizer que era representante de um parente dela em Vivaskari, alguém que ela não conhecia e que morrera recentemente, deixando para ela uma herança. Havia documentos a serem assinados, mas isso só podia ser feito na capital. Isso deveria convencê-la a me acompanhar, pelo menos. Depois, na viagem de volta, quando começássemos a nos conhecer melhor, eu poderia ir contando a verdade.

Com esse plano em mente, recostei-me no banco e continuei na vigília.

Mas se eu pensava que ter um plano faria Nalia aparecer, estava enganada.

Isso não está funcionando, pensei quando as sombras projetadas pelos edifícios começaram a ficar mais longas sobre o vilarejo. O grupo em busca dos serviços do latoeiro havia diminuído, e as pessoas começavam a voltar para casa para jantar. Uma das minhas pernas havia adormecido, e meu estômago pedia comida com insistência vigorosa. *O que devia fazer?* Levantei-me pensando nisso e, por nenhuma outra razão além de curiosidade, aproximei-me da carroça do latoeiro. *Devia ir de porta em porta perguntando se alguém conhecia uma jovem da minha idade, que podia ou não ter alguma semelhança comigo?* Não gostava da ideia de chamar atenção; esse era o vilarejo de Melaina, afinal, e não era possível saber que tipo de espiões ela mantinha ali. Mas não tinha tempo para esperar, para ficar apenas torcendo para Nalia aparecer na minha frente.

A carroça do latoeiro não tinha nada que me interessasse, e eu me afastei dela, tentando imaginar quanto poderia custar uma refeição na taverna. Foi então que tive a impressão de que alguma coisa me agarrava e puxava. Balancei para o lado, e um homem que conversava com o latoeiro estendeu a mão para me amparar.

— Moça? Moça, está se sentindo bem?

Assenti sem olhar para ele. Não poderia ter olhado, mesmo que tentasse. Porque ali, olhando para mim do meio da rua, sua expressão chocada certamente refletindo a minha, estava a princesa.

Capítulo Dezoito

Ela olhava para mim, uma das mãos sobre o peito e o desconforto estampado no rosto. Uma panela amassada pendia da outra mão; era evidente que ela fora procurar o latoeiro. Mas estava sentindo a mesma coisa que eu, estava claro pela maneira confusa que ela me encarava.

Agora que eu olhava para a verdadeira Nália, a sensação era muito mais forte do que aquela que eu havia experimentado com Orianne; em vez de um pequeno pedaço de alma chamando outra pequena porção que havia restado em mim, eu estava diante do todo. Mas a sensação diminuía lentamente enquanto eu olhava para ela, como se a magia do encantamento estivesse satisfeita por eu ter notado a presença de Nália e se aquietasse. Soltei-me do homem que me amparava e levantei a mão para a princesa.

No mesmo instante, a desconfiança estampou-se em seu rosto. Ela me encarou estreitando os olhos, depois girou sobre os calcanhares de volta ao lugar de onde viera.

Fiquei atordoada por um instante.

— Moça? — o homem me chamou novamente.

— Obrigada — murmurei. — Foi só uma vertigem. — Depois segurei a saia e fui atrás da princesa fugitiva, sem me importar com os sussurros que deixava para trás.

Ela passou por entre duas casas e começou a correr quando saiu da rua principal. Uma pequena trilha de terra levava para longe do vilarejo e para dentro da floresta, e eu não conseguia ver bem sua silhueta pequena na penumbra crescente. Fui atrás dela, porém mais devagar agora, até a trilha terminar em uma casa pequenina. Quando alcançou a porta, ela olhou para trás, me viu e girou, pondo as mãos na cintura.

— Bem, o que você quer? — perguntou.

Ela era pequena, menor que eu, notei quando me aproximei. De ossos naturalmente delicados, não era alta como Orianne. Porém, mesmo na penumbra da floresta, eu podia notar que era magra demais, mesmo para uma pessoa de porte tão pequeno. Havia um ângulo agudo, um ar faminto na boca e nos olhos, o que a fazia parecer uma raposa.

Mesmo assim, um observador atento podia notar que ela era parecida com a Rainha. E eu, tendo passado toda a infância pensando que a Rainha era minha mãe, notei a semelhança.

— Eu... estava procurando você — gaguejei. De repente as palavras pareciam fugir de mim; não sabia por onde começar, o que dizer. Tinha certeza de que havia encontrado a princesa, e não conseguia juntar duas palavras.

— Você fez isso, não é? — Ela apontou para o próprio peito, onde ainda devia sentir o encantamento nos aproximando. — É algum tipo de truque? Se Porter Handover meteu você nisso, pelos dentes do Deus Sem Nome, eu vou... eu vou... — Seu rosto corou e ela moveu a cabeça, jogando os cabelos para trás com raiva. — Diga a ele que sei o que ele pensa sobre mim, o que pensava sobre meu avô, mas que não tem o direito de mandar uma bruxa para me enfeitiçar e me levar até a cidade.

— Não fiz nada disso — respondi, balançando a cabeça com veemência. — É um encantamento, mas não fui eu que o lancei.

— Certo. E por isso não senti nada até ver você olhando para mim na rua. Por isso me seguiu até aqui pela floresta. — Os punhos estavam cerrados junto do corpo, os nós dos dedos brancos. — Não esqueci o que Porter fez na última vez que me viu. Minha casa ainda tem cheiro de lodo do lago. E se agora ele tem uma encantadora de sapos trabalhando para ele...

— *Não fui eu* — insisti. — Juro que não lancei o encantamento. Mas talvez, talvez possa protegê-la do feitiço.

Ela me olhou com o queixo erguido. Parecia prestes a bater com a porta na

minha cara ou me agredir com as próprias mãos. Eu me sentia trêmula e insegura, completamente despreparada para criar um feitiço. A magia rugia dentro de mim, instigada pelo encantamento que nos unia e por meu nervosismo.

Fique calma, pensei desesperada. Eu conseguia vislumbrar o encantamento que poderia nos proteger da sensação de atração — um escudo simples, de proteção moderada. Mas se eu o implementasse, se atribuísse muito poder a ele, o escudo poderia nos jogar do outro lado da floresta com sua força. *Por favor, fique calma*. Levantei minhas mãos trêmulas, mas foi inútil. Estava muito ansiosa, com muito medo de perder o controle e machucá-la. Ergui o rosto para o céu, tentando conter as lágrimas.

Você é capaz disso, alguém parecia sussurrar no meu ouvido. Aquela voz, tão familiar quanto se fosse minha. Virei-me sobressaltada, esperando ver Kiernan sair do meio das árvores. Mas foi minha cabeça que produziu a voz. Mesmo assim, aquela calma momentânea, o sentimento de correção que havia acompanhado a lembrança, era suficiente. Na minha cabeça, imaginei um cobertor delicado cobrindo Nalia e eu, bloqueando a percepção do feitiço que nos atraía uma para a outra.

Ouvi sua inspiração profunda quando o encantamento se instalou. Os olhos dela se estreitaram cravados em mim quando a encarei, mas a expressão era mais de consideração do que de desconfiança.

— Você fez isso? — ela perguntou.

Eu assenti.

— Jura?

— Juro — respondi.

A menina pressionou os lábios, depois disse:

— Sou Mika Varish.

— Sinda Azaway. E como disse, estava procurando você.

Era uma casa pequena, muito menor que a de tia Varil, apenas um cômodo com chão de terra, uma cama estreita e alguns móveis muito usados. Lá dentro, Mika esquentou água na lareira e acrescentou algumas folhas à fervura, e me serviu uma caneca de chá fraco. Depois, com uma caneca nas mãos, ela se sentou em uma das duas cadeiras e apontou a outra. Mika me olhava por cima da borda da xícara quando me sentei, e falou sem rodeios:

— Você fala como uma dama. E já ouvi seu nome. Falaram sobre você quando encontraram a verdadeira princesa. Todo mundo se esqueceu disso, mas eu não. Por que veio me procurar?

Eu sentia a língua grossa e seca, por isso bebi um gole de chá, mas quase cuspi a infusão quando ela queimou minha língua.

— Posso ver seu braço esquerdo? — pedi quando consegui falar.

— Por quê?

— Posso ver?

Mais um olhar desconfiado, porém Mika finalmente levantou o braço. Cuidadosa, como se me aproximasse de um animal ferido, eu o virei de forma que a palma da mão estivesse voltada para cima. Ela usava um vestido marrom remendado, com as mangas um pouco curtas demais. Quase sem respirar, empurrei a manga que cobria parte de seu braço esquerdo.

Três pequenos pontos vermelhos formando um triângulo marcavam a pele logo abaixo da dobra do cotovelo.

Deixei seu braço cair, resistindo ao impulso de tocar o mesmo local em meu braço, e pensei com desespero.

Meu plano, concebido enquanto eu estava sentada no banco do lado de fora da taverna, esperando ver uma menina parecida com Orianne, agora parecia ridículo. Pior que isso, eu sabia sem dúvida que, se mentisse para Mika, se dissesse a ela alguma coisa que não fosse a mais absoluta verdade, jamais teríamos uma chance. Se contasse minha história sobre um parente e uma

herança em Vivaskari, no momento em que tomasse conhecimento da verdade, ela deixaria de confiar em mim para sempre. Estava com Mika havia poucos momentos, mas já sabia que essa menina havia sido mais mal-tratada do que eu jamais tinha imaginado. Os olhos dela contavam essa história, os pequenos movimentos bruscos que ela fazia quando se assustava, a maneira como reagira ao se sentir encurralada. Ela havia sido enganada e atormentada muitas vezes na vida, e se mentisse para ela, eu a perderia.

Eu havia treinado naquele tempo desde que vira Orianne sendo enfeitiçada pela janela do palácio, me preparando para ficar em silêncio. Só duas outras pessoas vivas sabiam alguma coisa próxima da verdade sobre o que havia acontecido há dezesseis anos — Kiernan, em quem eu confiava mais do que confiava em mim mesma, e o oráculo do Deus Sem Nome, que tinha feito um juramento de silêncio. Aqueles longos dias de segredo me faziam tremer quando eu pensava em contar tudo a mais alguém, inclusive à verdadeira princesa, em torno de quem tudo girava.

Mas não havia outro jeito. Não se eu queria conquistar sua confiança, não se queria salvar Thorvaldor.

— Mika — falei devagar —, o que vou lhe dizer vai soar como loucura. Mas você tem que acreditar em mim. — Ela esperava sem falar nada, e eu engoli em seco. Não havia um jeito fácil de contar a história; eu só precisava falar. — Até completar dezesseis anos, eu tinha essa mesma marca de nascença. Ou parecia ter. Na verdade, o sinal era parte do encantamento que me fazia parecer ser a princesa. — Mais uma vez, ela esperou. — No momento, a jovem que está no palácio tem essas mesmas marcas, mas as dela também não são reais. Porque ela não é a princesa verdadeira, como eu também não era. Alguém enganou o Rei e a Rainha, trocando a princesa não só uma vez, mas duas.

Deixei a xícara de chá na mesa bamba ao meu lado.

— Mika, só uma menina tem a verdadeira marca de nascença. Você. Você é a verdadeira princesa. Você é Nalia.

Ela ficou em silêncio por tanto tempo que cheguei a pensar que não tinha me ouvido. Quando eu já me preparava para repetir a história, porém, ela se levantou.

— Você tem razão — disse com voz neutra. — Acho que é maluca. Melhor ainda, acho que está fazendo alguma brincadeira comigo, a neta da louca da floresta. Tão estranha, tão pobre naquela choupana. Não seria engraçado fazê-la pensar que é a princesa?

Não sou idiota! — ela se irritou, aproximando-se de mim tão depressa que me inclinei para trás na cadeira. — E pode ir dizer isso a Porter Handover! Saia!

— Estou dizendo a verdade — insisti. Obriguei-me a não recuar mais, embora quisesse me encolher e fugir de sua fúria. Mesmo sendo tão pequena, tão arisca, ela irradiava uma espécie de poder furioso em sua indignação. — Por favor, você precisa me ouvir! Não conheço Porter Handover... Não conheço ninguém em March Holdings. Sou quem eu digo que sou.

Ela balançou a cabeça, o rosto fechado.

— Não acredito em você.

— Então, como eu sabia sobre sua marca de nascença, a menos que ande por aí exibindo o sinal para todo mundo? Aposto que quase ninguém sabe sobre isso. E o encantamento que senti, eu posso explicar. Quando nos trocaram, nós três, eles puseram um pouco da sua... essência, da sua alma, em Orianne e em mim para fazer perdurar o feitiço que nos faria parecer ser você. Foi isso que nos atraiu, porque há um pouco de mim em você. — Ela havia parado de se aproximar de mim, mas mantinha a expressão ameaçadora. Olhei em volta procurando com desespero alguma coisa que pudesse convencê-la a ouvir minha história. — Aposto que seus pais morreram, ou você pensa que eles estão mortos. E aposto que eles não eram daqui, que alguém a trouxe para cá quando você era só um bebê. Você disse que morava com sua avó...

Queria que ela me ouvisse, mas não estava preparada para o ar de sofrimento que minhas palavras causaram. Seus braços caíram ao longo do corpo e ela abaixou a cabeça, os cabelos escuros caindo em torno do rosto.

— Morava — ela disse em voz baixa. — Morava com minha avó. Ela morreu.

Uma imagem do Rei morrendo no palácio passou por minha cabeça, e eu me envolvi com os braços.

— Sinto muito.

Mika deu de ombros, um movimento acanhado.

— Ela ficou doente por muito tempo. Tossia muito, uma tosse que parecia estar presa no peito, não saía. Tentamos todos os remédios que ela conhecia, mas eram só coisas da floresta, não medicina de verdade. Não tínhamos dinheiro para isso. Sabe, Sinda — ela disse, deixando-se cair sobre a cadeira e movendo as mãos para mostrar a casa —, é isso que me faz duvidar de você. Olhe em volta. Não sou princesa. Mal tenho o que comer, estou sempre com fome. Metade das pessoas da cidade não fala comigo, por causa da nossa estranheza e pobreza. Penso em ir embora, mas não consigo juntar o suficiente nem para me mudar para Hol's Landing. Como posso ser a princesa?

— É a pessoa que fez tudo isso — insisti. — Ela deve ter mandado você para cá, onde saberia que a encontraria. Mas não ia querer que você tivesse algum poder, nem mesmo só um pouco, então ela... não sei... disse aos aldeões para não ajudar sua avó e você, ou os enfeitiçou para impedir que gostassem de vocês. Alguma coisa a mantém aqui, por isso nunca conseguiu ir embora.

Mika fez uma careta e balançou a cabeça.

— E quem teria esse tipo de poder?

Alguma coisa me fez não querer dizer o nome dela; era como se eu tivesse medo de, ao nomeá-la, invocar sua presença ali. Mas para fazer Mika acreditar em mim, eu tinha que contar.

— Melaina Harandron — cochichei.

O nome fez Mika se sobressaltar surpresa.

— A Baronesa? Está dizendo que foi ela quem fez isso?

Assenti com sinceridade.

— Por favor, deixe-me contar a história.

Por um momento pensei que ela se recusaria a me ouvir. Mas, em seguida, ela estendeu as pernas diante do corpo.

— Vá em frente — falou desconfiada. — Estou precisando de uma boa história.

A noite havia caído por completo quando eu terminei, e eu havia tomado outra caneca de chá fraco com folhas da floresta. Mika remexia as brasas de um pequeno fogo. Finalmente, ela falou sem olhar para mim:

— Você é uma boa contadora de histórias, mas pedir para eu acreditar em você... é demais. Quero dizer, uma trama de dezesseis anos sobre a qual só você e seu amigo sabem... Encantamentos, troca de bebês e assassinato do Rei... Para mim, tudo isso soa como invenção, poemas de bardos.

— É verdade — insisti cansada. — Eu vi a confissão do oráculo. Com uma tempestade, Melaina tentou me impedir de falar ou pelo menos me assustar para me fazer ficar em silêncio. O Rei está doente e ninguém, nem todos os magos e médicos de Vivaskari, pode curá-lo. Ele vai morrer em breve, e então Orianne será coroada Rainha. Em seu trono. Pelo Deus Sem Nome, Mika, juro que estou dizendo a verdade.

Um canto de sua boca se ergueu.

— Queria que estivesse. Seria incrível pensar que eu não nasci realmente para ser um nada. Mas não entendo o que é ser princesa. Mesmo que me levasse de volta ao palácio e me mostrasse a eles, se ninguém nos matasse no caminho, não acreditariam em você.

— Acreditariam. Você é a última peça do quebra-cabeça — insisti, embora a dúvida houvesse se esgueirado para dentro do meu coração quando ouvi suas palavras. E se ela estiver certa? E se, mesmo com a princesa real ao

meu lado, ninguém acreditar em mim? Afinal, quem era eu? Só a falsa princesa, filha de um tintureiro morto e escriba de uma bruxa excêntrica.

— Eles acreditarão em nós — sussurrei. — Precisam acreditar.

— Não posso... — Mika começou, mas parou de repente. — Ouvi alguma coisa?

— O quê? — perguntei.

Ela se levantou com o ferro de revirar as brasas na mão.

— Acho que ouvi alguma coisa lá fora.

— Eu não ouvi nada — comecei, mas nesse momento, sim, eu ouvi. Tilintar de metal e o resfolegar de um cavalo. Depois o som baixo de uma voz masculina, seguido pelo arrastar suave de uma dúzia de pés se movendo.

— Mika — sussurrei —, acho que são homens... muitos deles.

— Talvez não estejam aqui para nos ferir — ela disse com os olhos fixos na porta. Mas notei que ela não acreditava nisso. Mika tinha aquela expressão de animal acuado, aquele ar de quem está preparado para lutar ou tentar fugir. Pela linguagem corporal, eu podia dizer que não era a primeira vez que ela se sentia desse jeito, embora os olhos muito abertos pudessem sugerir que dessa vez era pior.

Não podíamos simplesmente esperar que eles chegassem e nos capturassem. E não havia outra saída, nem mesmo uma pequena janela nos fundos.

— Talvez ainda não estejam preparados. Podemos sair correndo pela porta da frente, tentar fugir. Talvez seja possível surpreendê-los.

— Ou eles podem nos espetar com a espada como se fôssemos o jantar — Mika sibilou.

Balancei a cabeça.

— Se você morrer, o encantamento sobre Orianne pode se quebrar. Ela precisa de você viva.

— E você?

Lembrei o que o oráculo havia dito: *Eu vi um triângulo em uma tempestade. Um dos lados desmoronava e caía, deixando apenas dois.*

— Se ficarmos aqui eles nos pegarão, com certeza — persisti. — No três nós corremos. Um, dois três!

Saímos correndo juntas pela porta para um círculo de homens armados.

Nós os surpreendemos, e sem isso jamais teríamos tido uma chance. Eram dez homens, talvez, formando um semicírculo perto da porta da casa de Mika, metade a pé, metade sobre cavalos, dois deles segurando tochas. Dois cavalos se ergueram nas patas traseiras, obrigando os homens que estavam a pé a saírem do caminho, abrindo um corredor na muralha.

— Corra — gritei para Mika, que ainda segurava o ferro da lareira. Ela correu para o espaço aberto pelos cavalos e teve que atacar com o ferro o primeiro homem que se aproximou dela. Talvez eles tivessem recebido ordens para não machucá-la, porque em vez de sacar a espada, ele apenas se esquivou do golpe. O movimento brusco custou caro, porque o homem escorregou na escuridão e caiu sobre um joelho.

Eu tentava fugir pelo outro lado, dividir as forças, mas os homens daquela parte do semicírculo se reagruparam mais depressa que os companheiros. Dois avançavam para mim com ar determinado. A magia queimou dentro de mim, mas era muito forte, e eu a contive instintivamente antes de tentar um encantamento fraco, pequenino. O sopro de poder que devia tê-los paralisado só os retardou, reduzido demais para resolver alguma coisa.

Eu girei, pronta para seguir Mika, e vi quando ela foi agarrada por um dos homens e deixou cair o ferro de revirar brasas. Ele a tirou do chão, apesar de Mika se contorcer e lutar como uma gata selvagem, arrancando sangue do rosto do atacante com as unhas e mordendo sua mão. Ainda assim ele a segurava, mas

deixou escapar um grito quando um raio de prata brotou da floresta e cortou o ar vindo em sua direção. Um segundo depois o homem soltou Mika. Uma adaga estava cravada em seu ombro esquerdo. Mika rolou ao cair, depois se levantou e correu em direção ao local de onde a adaga partira, na floresta. Ouvi uma voz chamar da escuridão:

— Por aqui!

Eu poderia ter conseguido, mas o som daquela voz me surpreendeu. *Kiernan*? Eu ainda pensava atordoada quando alguma coisa me *empurrou* e jogou no chão. Depois um segundo encantamento me atingiu, a versão real daquele que eu havia tentado com os soldados. Meus músculos ficaram paralisados, tanto que eu não conseguia nem virar a cabeça.

— Vá — arquejei, sem saber se Mika me ouvia, emitindo o som um segundo antes de minha boca se fechar e paralisar.

— Encontre-as — ordenou outra voz familiar, uma voz que eu ouvira em meus pesadelos com muita frequência nos últimos dias. — Ela conhece a floresta, por isso corram, antes que se afastem demais.

No momento seguinte, cascos de cavalo surgiram em minha linha de visão. Eu não podia olhar para cima, mas não precisava; mesmo com a cabeça girando e a escuridão cercando meus olhos, sabia quem estava montada naquele cavalo.

— Olá, Sinda — disse Melaina Harandron.

Capítulo Dezenove

Acordei sobre uma esteira em um quarto pequeno e escuro, com dores em cada centímetro de meu corpo. Levantei a cabeça e tive que ranger os dentes para sufocar um gemido. Alguma coisa havia acontecido, algo ruim que eu não conseguia lembrar...

Em minha cabeça, uma voz escura como a noite disse: *Olá, Sinda.*

Sentei-me tão depressa que o sangue subiu à minha cabeça, e precisei de um momento para voltar a enxergar. Quando consegui, senti o suor escorrendo por minhas costas enquanto olhava em volta.

Um quarto de cinco passos, no máximo. Paredes de pedra. Não havia janelas, só uma porta com um visor protegido por grades, e por essa abertura penetrava a luz de uma tocha, desenhando no chão um quadrado luminoso.

— Alô? — falei hesitante.

Ninguém respondeu.

— Alô? — chamei mais alto. — Por favor, alguém... Estou presa! Alguém, por favor, me ajude!

Mais uma vez, nada. Eu me levantei cambaleante, me aproximei da porta e descobri que não havia tranca na parte interna. Apoiei as mãos nela, recorrendo a um encantamento semelhante ao que usara para abrir a porta do mausoléu em Isidros. Mas a magia estava presa dentro de mim, bloqueada por alguma coisa que estava além do meu controle. Tentei novamente, trêmula, mas não consegui trazê-la à tona. Então bati na porta até minhas mãos doerem, mas não consegui nada. O visor fechado por grades não ajudava em nada. Erguendo o corpo na ponta dos pés, eu conseguia pressionar o lado do rosto à grade e enxergar uma pequena fatia do corredor, mas era só isso.

Meu coração, que batia mais depressa que as asas de um beija-flor, despencou. Uma linha de suor descia por minha face, mas eu sentia tanto frio que estava tremendo. Não havia como sair, ninguém ali me ouvia.

— Por favor — sussurrei, escorrendo pela porta até chegar ao chão. — Por favor.

Nem um rato respondeu.

Eu não tinha ideia de quanto tempo havia esperado naquele quarto apertado. Homens vestindo uniformes cinzentos e levando espadas presas ao cinto abriram a porta e entraram seis vezes. Todas as vezes eles deixaram uma bandeja com comida, e esvaziaram o penico no canto. Mas eles não falavam comigo, nem mesmo quando eu os cobria de perguntas, e no final eu simplesmente me encolhi na esteira, observando-os. Nem tentei fazer nenhum encantamento; minha magia estava bloqueada, tão inacessível para mim quanto o outro lado da porta.

No início, minha mente girava sem parar. Eu havia realmente escutado Kiernan chamando da floresta? A voz era a dele, e eu teria conhecido aquela voz em qualquer lugar. Mas ele havia dito que não me ajudaria, temia que alguma coisa assim acontecesse comigo, e não queria testemunhar. E certamente estava zangado comigo por causa do encantamento, bravo demais para me perdoar tão facilmente. Havia notado a expressão em seus olhos quando ele percebeu o que eu havia feito, e era uma expressão de traição. No entanto, mesmo com tudo isso, ele havia mudado de ideia e ido me procurar, afinal?

Mika conseguira escapar, com ou sem Kiernan? Ela conhecia a floresta, podia saber de algum lugar onde se esconder de Melaina e seus homens. Se Kiernan estava com ela, tentaria levá-la à cidade? O encantamento que criei deve ter se rompido no momento em que encontrei Mika, e assim ele poderia contar ao Rei e à Rainha o que havia acontecido. Ou os dois estavam presos como eu? Eu devia bater nas paredes, como as pessoas faziam nas histórias, e esperar que um deles batesse de volta?

O Rei estava vivo ou morto? Orianne ainda era princesa, ou estava a

poucos dias de se tornar Rainha?

Explorei o espaço reduzido do quarto, procurando alguma saída. Mas o lugar era tão hermético quanto uma cela de masmorra. Não haveria possibilidade de fuga dali, exceto por magia, e, por mais que eu tentasse, não conseguia acessar a minha. Talvez o próprio quarto fosse encantado, ou talvez Melaina houvesse posto um feitiço em mim depois que desmaiei perto da casa de Mika.

Nos primeiros dois dias — ou o que pareceu ser dois dias — vivi em estado de medo constante. Temia por mim, por Kiernan e por Mika. Esse medo me fazia vibrar, me envolvia do momento em que eu acordava até a hora em que adormecia. Ela me mataria, ou me torturaria, ou simplesmente me manteria nessa cela até eu ser uma velha? Eu não sabia, e não saber era pior que tudo.

Mas até o medo tem seus limites. Pouco a pouco, quando nada aconteceu, eu me preparei para esperar. Melaina poderia ter me matado quando caí no chão perto da casa de Mika. Ela havia feito Neomar adoecer, havia matado a própria irmã. Não me deixaria viva, se pudesse escolher. Ela era uma estrategista cuidadosa, preocupada em não deixar nenhum vestígio de sua insubordinação. Em dezesseis anos, a única vez que ela agira de maneira impetuosa havia sido quando enviara a tempestade contra mim. Melaina havia planejado esse golpe até o último detalhe. Mas nem sua cautela a impediria de me matar agora, porque eu sabia demais.

Isto é, a menos que ela quisesse alguma coisa. Como eu ainda estava viva, decidi, ela devia precisar de mim por alguma razão. E isso me dava um fio de esperança a que me agarrar, a única coisa que me impedia de mergulhar no desespero.

Então, eu esperei.

E finalmente, depois de dois ou quatro dias, Melaina Harandron foi me ver.

— Peço desculpas pela maneira como a mantive, Sinda — ela falou. — Imagino que até a casa de sua tia em Treb é mais luxuosa que isso.

Eu não disse nada de onde estava, sentada sobre a esteira. Ela entrou sozinha, embora eu não duvidasse de que havia uma tropa inteira de guardas no corredor, pronta para abrir a porta se ela alterasse a voz.

Melaina usava um vestido simples de um azul profundo, e os cabelos negros estavam presos no topo da cabeça como uma coroa. Mas nem o vestido parecia tão deslocado naquela cela quanto sua voz. Era como veludo, tão escura e melodiosa que dava vontade de mergulhar nela e nunca mais sair de lá. Eu me continha, tentava não cair vítima do encantamento.

Ela deu de ombros, um movimento delicado que contrariava o aço sob sua pele.

— No entanto, este é o único quarto na Casa Sare que pode impedir você de usar a magia para escapar, então, o que podemos fazer?

Expirei de maneira intensa.

— Casa Sare? Não devia chamar de Casa Feidhelm?

Vi sua garganta se mover quando ela engoliu, mas, além disso, foi como se nem me ouvisse. Ela me encarava e eu, sabendo que devia estar horrível depois de dias e noites trancafiada, tive que resistir ao impulso de me sentar mais ereta.

— Sinda, não precisa ser assim.

— Assim como? — devolvi. Enquanto esperava, eu havia imaginado o que diria quando ela fosse me ver, mas todas as palavras que preparei com cuidado pareciam nebulosas e distantes. Eu me sentia um pouco tonta, mas ousada, sem nada a perder. — Você traiu Thorvaldor, traiu o Rei e a Rainha!

Mais uma vez aquele movimento com os ombros, um leve abaixar da cabeça.

— Traição é uma palavra dura. Prefiro pensar que estou consertando velhos erros.

— Não, está apenas fazendo aquilo em que sua família é boa. Seu ancestral

traíu a própria irmã no passado. Tentou tirar seu trono, como você está fazendo agora.

— Mas ele estava errado? — respondeu Melaina. — Eles eram gêmeos, afinal. E de acordo com os relatos, Aisling era uma Rainha fraca, um pouco estúpida, na verdade.

— O trono era *dela* — insisti. — Se ele pensava que a irmã não governaria bem, poderia ter se oferecido para ser conselheiro, ajudado a fazê-la uma Rainha melhor. Não devia ter tentado depô-la.

— E eu devia ter feito a mesma coisa? Devia oferecer meus conselhos ao Rei e deixar minha filha herdar um pequeno baronato, se ela tem sangue tão real quanto sua Nalia?

— Sim — rosnei, cerrando as mãos sobre o colo. — Sim, devia ter feito isso, não o que fez. — Senti meu rosto se retorcer enquanto olhava para ela. — Você subverteu o oráculo em Isidros, e mais tarde matou a irmã que a ajudou. Mandou a mesma enfermidade para Neomar e o Rei para matá-los também. Pode ter matado seu marido, não sei. Desistiu da própria filha, a trocou por mim e pela princesa. Deixou Mika na miséria e sozinha. E me fez pensar que eu era a princesa. Arruinou todas essas vidas, e nada disso a afetou.

— Você acha? — ela perguntou, e pela primeira vez ouvi uma nota áspera em seu tom de voz. — Como disse, desisti de minha irmã, minha amiga na faculdade. Desisti de minha filha. Só a vi três vezes antes de ela ir morar no palácio, quando fui renovar o encantamento. Você jamais saberá o que tudo isso me custou. — Seu rosto estava tão pálido que se destacava no quarto escuro, e a mão dela tremia quando ela tocou a nuca. — Não diga que nada disso me afetou.

Melaina ficou em silêncio por um tempo, seus olhos fixos em um ponto distante que só ela podia ver. Finalmente, ela se virou para olhar para mim.

— Mas custou caro a você também. Não é verdade, Sinda?

Eu a observava desconfiada, com os nervos formigando em minhas costas. Ela tinha ido me ver, mas eu não sabia o que queria de mim. Agora, porém,

sentia que estávamos nos aproximando disso.

— Custou seu lugar no mundo, a própria noção de quem você era. Toda sua vida foi uma mentira. As pessoas que você amava, tão ansiosas para se livrar de você quando deixou de ser necessária. E o que tinha para esperar quando deixou o palácio? Uma tia que não a queria e que a deixou partir sem uma palavra de protesto? Uma velha bruxa maluca quando a faculdade a recusou? O amor de Kiernan, cuja família nunca permitirá que você o tenha agora?

Eu ficava mais tensa a cada frase, a porção de verdade em cada uma delas cortando meu coração como um pedaço de vidro.

— Tenho observado você, Sinda, especialmente depois que voltou à cidade. Acompanho seus passos. Mas o que tenho visto não é animador, é?

— Por sua causa — consegui falar, embora com voz mais fraca do que pretendia. As palavras dela eram armadilhas, espinhos que só existiam para me ferir, e eu os sentia penetrando minha pele.

Ela balançou a cabeça, e a luz da janela incidiu sobre os grampos em seus cabelos, fazendo-os brilhar como estrelas.

— Por causa deles. A coroa usou você e a jogou fora quando não precisava mais da sua presença. Mas eles não precisavam ter feito isso. Podiam ter ajudado você, em vez de mandá-la para um vilarejo no fim do mundo no mesmo dia em que lhe disseram quem você era. É por isso que quer restaurar o trono de Nalia? Por todo o bem que a família dela fez a você?

Minha ousadia desapareceu enquanto eu tentava acompanhar seu raciocínio, refutá-la.

— Não, eles estavam certos. Eu podia representar um perigo...

— Um perigo? — Melaina riu. — Você? Pobre, desajeitada Sinda, tão diferente de tudo que todos pensam sobre uma verdadeira princesa. Sinda, que partiu sem lutar, sem pedir nada em troca pela vida que lhe roubaram? Tão tímida, tão submissa às regras. — O rosto dela endureceu. — Eles a queriam fora

do caminho, e nunca mais voltaram a pensar em você depois que deixou o palácio.

Eu não respondi. Tentei balançar a cabeça, mas tudo que queria era abraçar os joelhos e me encolher numa bola de infelicidade. *Era verdade o suficiente*, parte de mim reconhecia. *O que ela dizia era verdade o bastante.*

Não, falei a mim mesma. *Nem tudo.*

Mas o suficiente. O suficiente era verdade.

Ela me olhava enquanto os pensamentos giravam em minha cabeça, e me olhou por um bom tempo. Depois, devagar, o rosto de Melaina relaxou, e um sorriso encurvou sua boca.

— Eles erraram, Sinda — ela disse.

— O quê? — Quase sufoquei.

— Erraram quando a mandaram embora. Você tinha poder, não tinha? Ele só estava escondido pelo encantamento que a fez parecer ser a princesa. Agora você o tem, e todo esse poder está aí, encolhido dentro de você. Posso ensinar como usar esse poder, muito melhor do que a pobre Philantha é capaz. Você poderia ser poderosa, Sinda, uma força do bem em Thorvaldor. Era isso que queria quando era a princesa, não era? Fazer o que é certo?

Ela se aproximou um passo de mim, e senti o cheiro doce de sua pele.

— Quero pessoas como você em torno de Orianne. Pessoas que possam fazer dela uma Rainha forte, uma Rainha boa. E você, com toda a magia que tem aí dentro, com todas as coisas que uma princesa deve saber dentro de sua cabeça, pode ser sua maior aliada. Maga, conselheira. — Ela sorriu com gentileza. — Alguém que até o Conde de Rithia julgaria boa o bastante para seu filho.

Melaina pintava uma imagem em minha cabeça, e era tão nítida que eu podia vê-la. Eu, não mais desajeitada e indesejada, mas forte, andando pelo

palácio nas vestes dos magos. Contente, com um lugar no mundo, enfim. Sem mais conflitos entre Kiernan e mim, porque eu estaria segura, protegida de todo mal. Era o que eu queria, não era?

Sim, no fundo do meu coração, sim. Queria ser respeitada, queria ser útil, ser amada. Fechei os olhos e vi tudo de novo.

E depois me forcei a abri-los, desmanchando as imagens em minha cabeça.

— Não consegue encontrá-la, não é? — perguntei.

Os olhos de Melaina cintilaram à luz pálida.

— Não consegue encontrá-la — repeti. — Ela está em algum lugar com Kiernan, e você não consegue encontrá-los. É isso, não é? Quer que eu diga onde eles estão. Bem, eu não sei. Kiernan provavelmente a está levando de volta à cidade agora. Já deve estar lá. Eles vão contar ao Rei e à Rainha e...

— O Rei está morto — Melaina anunciou, cortante como uma lâmina. — Morreu um dia depois de eu sair da cidade.

Se eu estivesse em pé, teria balançado. Sentada, segurei o ventre com as mãos.

— Não. — Balancei a cabeça. — Está mentindo.

— Não estou — ela falou com tranquilidade. — A coroação vai acontecer em quatro horas. Consegui convencer a Rainha antes de partir. Afinal, a filha dela pode ter sobrevivido à profecia feita quando ela nasceu, mas como saber se quem a queria morta antes não pode tentar agora, enquanto ela está vulnerável e não foi coroada? Ninguém vai poder vê-la até a coroação. Nem você, nem Kiernan, ninguém além da mãe dela e de seus mais confiáveis conselheiros. — Melaina sorriu de novo. — Depois disso, ela estará no comando de todo o exército, e todos os nobres terão jurado lealdade. Ela terá sido abençoada e sancionada por um sacerdote do Deus Sem Nome, será a Rainha, a personificação de Thorvaldor. — Melaina inclinou a cabeça, e seus olhos

brilharam fixos em mim. — Você sabe que é muito mais difícil eliminar um monarca do que uma simples princesa. Sua preciosa Aisling foi prova disso há cem anos. Quando Orianne for a Rainha, suas palavras não terão nenhum significado, mesmo que consiga encontrar alguém para ouvi-las. E depois, depois terei tempo para encontrar Mika e levá-la para algum lugar onde ninguém nunca mais a encontrará de novo.

— Eu a encontrei — respondi —, mesmo com todo seu planejamento.

Ela assentiu séria.

— Sim. E gostaria de saber como.

— Seu encantamento. — Mas o escárnio parecia vazio. Eu me sentia vazia. Melaina havia planejado muito bem. Kiernan não conseguiria levar Mika à presença da Rainha, e qualquer história que ele contasse poderia ser vista como uma trama. Astuta, Philantha teria dito, muito astuta. — Quando estou perto dela, sinto-me atraída. E acontece o mesmo com Orianne. Você não tirou toda a alma dela de mim quando removeu o feitiço.

— Ah. — Melaina comprimiu os lábios. — Eu cheguei a me perguntar se havíamos conseguido tirar toda a essência de Nalia que pusemos em você. Imaginava que não. Isso me preocupava um pouco, mas eu não tinha ideia de que eram ligadas dessa maneira. Bem, é uma pena que eu não tenha feito a remoção completa. Mesmo assim, não era importante, era? Eu vigiava você antes de vê-la no palácio naquele dia, e a vigio desde então.

— Mas demorou um pouco para me deter — respondi. — Cheguei aqui, não? Eu a encontrei.

Seus olhos frios ficaram ainda mais gelados.

— Eu tinha que me certificar de que a doença do Rei estava suficientemente avançada antes de vir atrás de você. Mas foi muito útil eu não estar na cidade quando ele morreu. Assim, há menos indícios do meu relacionamento com tudo aquilo. E graças a você.

— Nós vamos fazer você parar — falei sem rodeios. — De algum jeito.

Melaina havia se virado para a porta, mas olhou para trás quando ouviu minhas palavras. Sua voz perdeu o toque aveludado, tornou-se tensa como a corda de um arco.

— Você já perdeu. Não percebe, Sinda? Você é nada, uma ninguém. Uma farsa cujo único objetivo era ser substituída pela coisa verdadeira.

Exalando ruidosamente, ela ajeitou o vestido com deliberação, removendo dele um pouco de poeira imaginária.

— Não voltarei a vê-la — Melaina disse com mais calma. — Hoje mesmo volto à cidade. — Ela riu e soou como sinos.

— Vai haver uma coroação, sabe?

Capítulo Vinte

Mais refeições foram servidas. Isso significava que havia passado um dia, ou dois? Eu não tinha ideia, não sabia quantas vezes Melaina havia escolhido me alimentar. Ou mesmo se continuaria me alimentando por muito mais tempo. Eu tinha pouco apetite, mas me forçava a comer de qualquer jeito, sem saber se mais comida seria servida.

O que fazer agora? Eu não conseguia deixar de pensar nisso, mesmo sabendo que todos os meus pensamentos não fariam nenhuma diferença. O Rei estava morto, morrera havia dias. Normalmente, semanas transcorreriam antes da coroação de um novo monarca, o que só acontecia depois de o país ter tido tempo para chorar a morte do antigo. Mas agora, com Melaina insuflando os antigos temores da Rainha pela segurança de sua filha, provavelmente ninguém estranharia uma coroação apressada. Talvez ninguém nem questionasse como Rainha e princesa estavam isoladas de todos, exceto alguns poucos conselheiros. O país ainda estava apaixonado pela ideia de Nalia, a princesa que havia sido escondida e reencontrada. Ninguém haveria de querer correr o risco de perdê-la.

O que significava que Melaina estava certa. Mesmo que Kiernan conseguisse levar Mika a Vivaskari, ele não encontraria ninguém para ouvir nossa história.

Havíamos fracassado, percebi infeliz. Orianne seria coroada, e Melaina então teria tempo para caçar Mika e trancá-la em uma cela como essa em que eu estava. E eu, bem... de que serviria me manter viva? Provavelmente, ela adiaria minha morte até encontrar Mika, contando com a frágil esperança de ter minha ajuda para localizar a verdadeira princesa. Mas depois disso... Um triângulo, um lado caindo.

Talvez eu devesse aceitar a proposta de Melaina. Podia fingir que havia mudado de ideia e jurar que protegeria Orianne, em vez de Mika. Ela me manteria vigiada, é claro, e tão bem vigiada que seriam mínimas as chances de

eu encontrar um meio de subvertê-la. Mas haveria uma chance. Pelo menos assim eu ficaria viva, não presa ou morta. Os pensamentos giraram em minha cabeça até eu ter que sacudi-la para me livrar deles. Francamente, eu não acreditava que poderia convencer Melaina de que cederia a sua vontade. Ela já testemunhara a veemência em mim, e eu nunca havia sido boa com mentiras. Sempre contei com Kiernan para isso.

Kiernan.

Acho que fui tola naqueles poucos dias depois de ele ter dito que me amava. Havia sido tolice até me permitir lembrar aquelas palavras. Melaina estava certa; a família dele nunca o deixaria se casar comigo. Philantha me dissera como eles procuravam uma noiva para o filho, agora que não havia nem a menor possibilidade de a princesa do reino escolher o melhor amigo. Eu nunca havia perguntado a ele sobre isso; alguma coisa em mim, desconhecida na época, sempre me fizera recuar, não queria saber. Não, jamais permitiriam que eu me casasse com Kiernan. Nem mesmo em alguns anos, quando eu tivesse idade suficiente para casar, mesmo que eu conseguisse aprender o suficiente até lá para conquistar o título de maga Noviça. Ainda seria pobre, plebeia e insuficiente.

Se ele ainda me amasse até lá. Eu não o afastara de mim, não lançara sobre ele um feitiço que poderia ter arrancado dele todo o amor? Mesmo que tivesse ido me procurar, teria sido por piedade, por causa da velha amizade entre nós. Provavelmente, ele já não me amava mais, já tinha percebido como era perigoso amar alguém como eu.

Tentei afastar todos os pensamentos, mas eles me sugavam como um pântano. Eu tinha que ser forte. Tinha que pensar em um jeito de sair dessa.

Mas ali na cela de Melaina, por mais que tentasse, eu não conseguia ver nenhuma saída.

Estava cochilando quando foram me chamar. Passos pesados no chão de pedra do corredor e o som de uma corrente tilintando me acordaram.

Eu me levantei da esteira, sentindo lábios e garganta secos. Talvez tivesse

me enganado sobre Melaina me manter viva até encontrar Mika.

Os passos pararam, e ouvi uma voz dizer com firmeza:

— A Baronesa disse que ela não devia ser tirada daqui.

— Ela também disse que devia ser mantida viva. Se o incêndio chegar aqui embaixo...

— Eles o terão apagado antes disso — argumentou a voz teimosa.

— Não vou correr o risco. Você pode estar disposto a encará-la como a menina queimada e transformada em cinzas, mas eu não. Ela é só uma menina, Kev. Uma ladra, ou alguma coisa assim. O que pode fazer?

Um incêndio? A Casa Sare estava pegando fogo? Farejei o ar e não senti nenhum cheiro. Mas a Casa Sare era grande, e a fumaça talvez não tivesse atingido... o lugar onde eu estava, qualquer que fosse ele.

As vozes silenciaram, e então a porta da cela se abriu, batendo contra a parede. Um dos homens entrou e apontou para mim.

— Mostre-me as mãos — ordenou. Levantei as mãos devagar. — Vamos mudá-la de lugar. Não tente nada. Venha conosco, apenas, e não vai se machucar.

Assenti e não reagi quando ele me segurou pelo braço e puxou para a frente. O outro homem, Kev, olhava feio para mim quando passamos ao corredor, depois segurou meu outro braço. Juntos, eles me levaram por um corredor estreito para uma escada. Por uma porta aberta eu vi garrafas empilhadas até o teto, e balancei a cabeça. Tinha sido mantida em um aposento convertido em cela na adega de Melaina.

Terminamos de subir a escada e percorremos mais corredores. Os homens não falavam; a força com que seguravam meus braços dizia tudo. Eu tinha que dar dois passos para cada um deles para conseguir acompanhá-los, por isso não tive chance de tentar me localizar. Finalmente, eles me empurraram por uma porta que se abria para o pátio de um estábulo e para o caos.

Havia fogo. Ele queimava no telhado dos edifícios do outro lado do pátio, iluminando a noite e me permitindo ver tudo. Uma fila de pessoas com baldes já se formara, mas parecia ser tarde demais para o plano dar certo. Várias criadas tentavam organizar um grupo de garotas que ajudavam na cozinha e rapazes que trabalhavam no estábulo, conduzindo-os para o portão que se abria para o gramado e para a floresta atrás da casa. Homens dos estábulos, onde o fogo parecia estar mais fora de controle, levavam animais assustados para os portões. Todos os moradores da casa pareciam estar no estábulo ou fugindo dele.

— Para onde vamos levá-la? — perguntou Kev.

— Para além do portão — disse o outro homem. — Vamos amarrá-la a uma árvore, vigiá-la.

Com isso, eles me puxaram para a confusão.

O pátio do estábulo era um quadrado amplo, limitado em três lados pela casa e pelo estábulo, e no último lado pelos portões para os quais eu era arrastada. O fogo rugia furioso para o céu da noite, progredindo mais depressa do que as pessoas que tentavam extingui-lo, e o calor das chamas era como um vento do deserto. Havia uma chuva de faíscas brilhantes, e nós tínhamos que desviar das pessoas que corriam por ali com cobertores para abafá-las. Uma delas caiu sobre meu braço, queimando, e eu gritei, mas os homens que me arrastavam nem reduziram a velocidade dos passos.

De repente, gritos soaram no ar, seguidos pelo som do desmoronamento de uma parte do estábulo. As brasas voaram mais alto, caindo como chuva sobre o pátio, e depois uma pilha de feno poucos passos à nossa frente explodiu em chamas. Tropecei quando os dois homens me puxaram para trás e caí aos pés deles. O fogaréu que antes era a pilha de feno subia como uma coluna de fogo para o céu, cuspidor labaredas e fumaça. Eu estava atordoada com o barulho, com a fumaça e o calor, com a ameaça crepitante do fogo, mas os homens que me seguravam não tinham misericórdia. Eles me puseram em pé e, me puxando, deram mais alguns passos na direção do portão e da muralha.

Mas eu deixava os pés arrastarem no chão, como se o tombo me tivesse

deixado ainda mais atordoada do que já estava. Porque lá, na extremidade do pátio, onde ninguém as via na confusão, havia duas silhuetas cobertas por mantos, duas pessoas que não tentavam fugir nem corriam para combater o fogo. Uma delas cobria a cabeça com o capuz do manto e escondia o rosto, mas a outra havia empurrado o capuz para trás e estudava a multidão tão intensamente que parecia querer memorizá-la. O vento, que soprava o fogo e o tornava cada vez mais forte, soprou uma mecha de cabelos louros sobre os olhos dessa pessoa, e meu coração quase parou quando, apressado, ele os empurrou para trás.

Nesse momento os olhos de Kiernan encontraram os meus.

Não pensei, não me preocupei nem hesitei. Pela primeira vez, a magia estava lá quando recorri a ela; talvez comemorasse a libertação dos encantamentos que a haviam bloqueado na cela da casa de Melaina, ou eu estava tão desesperada que meus temores não interferiram. O que quer que fosse, os guardas que seguravam meus braços voaram repentinamente para a frente, empurrados pelo vento que Philantha tinha me ensinado a invocar para fazer penas flutuarem pelo estúdio. Eles foram jogados contra a parede na nossa frente e, antes que alguém notasse, segurei a saia e corri.

Kiernan não falou quando me aproximei dele. Apenas segurou minha mão, apertando-a tanto que pensei que os ossos iam se partir. Nós corremos, a silhueta pequenina de Mika do outro lado dele, coberta pelo manto. Passamos por um batalhão de criados correndo na mesma direção, mas eles nem pareciam notar mais três pessoas fugindo do incêndio.

Atrás de nós, o fogo envolvendo a Casa Sare queimava cada vez mais alto enquanto desaparecíamos na noite.

Corremos por um quarto de hora, talvez, e agora Mika indicava o caminho. Ela passava entre árvores e por cima de pedras com tanta facilidade que parecia ter nascido na floresta. Podia ser capaz de correr para sempre como uma criatura da noite, mas eu tinha permanecido trancada em uma sala de cinco passos de largura por vários dias, e nem sabia quantas refeições fazia diariamente. Finalmente, tive que puxar minha mão da de Kiernan, me inclinando para a frente e arfando quando, cambaleante, parei e me apoiei a

uma árvore.

Os dois pararam sem dizer nada, mas Mika olhou para trás, para a Casa Sare, com os ombros tensos. Foram necessários alguns minutos, mas finalmente consegui respirar normalmente. Levantei a cabeça e vi Kiernan olhando para mim com um sorriso no rosto.

— Você conseguiu — ele sussurrou com entusiasmo. — Fez o trabalho mágico. Jogou os guardas longe como se fossem travesseiros!

Eu me sentia capaz de rir até cair, ou chorar até não poder enxergar nada.

— Você me salvou, e a primeira coisa que fala é sobre minha magia? — consegui responder.

Kiernan nem parecia me ouvir.

— Estava pensando se devia enfrentá-los, e provavelmente morrer no confronto, e de repente eles simplesmente voaram para longe de você. Consegui, invocou sua magia exatamente quando precisava dela. — Ele riu encantado, e percebi que eu também ria. — Então, não salvamos você. A verdade é que apenas ateamos o fogo, criamos a distração. Você mesma se salvou, Sinda.

Quase dei um passo para eliminar a distância que nos separava e o abracei, mas antes que pudesse me mover, as palavras de Melaina naquela cela ecoaram em minha memória.

Você é nada, uma ninguém. Uma farsa cujo único objetivo era ser substituída pela coisa verdadeira.

Mesmo suado depois da corrida, com a túnica suja pela incursão na floresta, ele parecia tão lindo, tão... nobre. Melaina me oferecera a chance de estar em posição de igualdade com ele, ser poderosa o bastante para criar a possibilidade de tê-lo. Não só para alguns beijos roubados aqui e ali, mas para sempre. E eu tinha recusado essa chance.

Bani os pensamentos da minha cabeça, mas esse instante de dúvida me fez hesitar, e vi o rosto de Kiernan ficar sério quando eu não disse nada.

— Pensei que não ia me ajudar — disparei. Os ombros dele caíram, mas eu continuei: — Pensei que tivesse dito que eu estaria sozinha.

Notei o rubor de Kiernan mesmo na escuridão.

— Eu sei o que disse. Mas foi só um blefe. Eu queria... desanimá-la. Pensei que, se acreditasse estar sozinha, você hesitaria. Eu poderia voltar alguns dias depois e convencê-la a desistir disso. Estúpido, na verdade, porque sabia quanto isso era importante para você. Mas, francamente, não imaginei que iria sozinha. Só queria detê-la, garantir sua segurança. Eu nem pretendia abandonar você de verdade. Teria ido com você, se houvesse percebido que ia mesmo partir. Mas então, antes que eu notasse, o Rei adoeceu, ouvi alguém comentando que Melaina planejava uma viagem a Saremarch. Havia algum tipo de emergência em sua propriedade, alguma coisa grave o bastante para ela ter que se ausentar, mesmo com o Rei tão doente. Presumi que ela sabia de sua partida, que ia atrás de você, e compreendi quanto eu havia sido estúpido. Pensei que a estava protegendo, mas só a expus a um perigo ainda maior. Então, escapei antes dela, deixei um bilhete para meus pais dizendo que tinha negócios urgentes fora da cidade e precisava me ausentar. Imagino que eles estejam em pânico agora, vasculhando o campo procurando por mim. Enfim, peguei um cavalo e cavalguei mais rápido que o sopro do Deus Sem Nome para encontrar você. Imaginei que viria para cá primeiro. Parei na taverna em March Holdings, e alguns frequentadores falavam sobre uma menina que eles nunca viram antes e que assustara outra garota, que havia corrido para fora da cidade. Deduzi que era você e arrisquei. Mas estava atrasado de novo. — Ele me segurou pelos ombros, as mãos quentes. — Sinto muito, Sinda. Realmente. Não devia ter deixado você sozinha.

Ele não havia me abandonado, não realmente. Talvez tivesse subestimado minha força de vontade, mas não me abandonara. Doces, as palavras deviam ser doces. Mas eu podia ouvir a voz de Melaina em meus ouvidos dizendo que não tinha importância, que eu nunca seria boa o bastante para ele, nunca seria boa o bastante para a família dele.

Balancei a cabeça, me afastando das mãos dele.

— Você está certo, pelo menos sobre o que aconteceu. Ela me pegou... podia ter me matado. Você provavelmente estava certo quando quis ameaçar me abandonar, mesmo que tenha sido só um blefe.

— Não, eu...

Afastei-me dele, baixei a cabeça, mas podia ver a dor nas linhas de seu corpo.

— Não vamos falar sobre isso agora, Kiernan. Por favor, estou feliz por você ter vindo. Não tem ideia de quanto estou feliz. Mas temos outras coisas com que nos preocupar.

Olhei para Mika, que durante todo esse tempo estivera olhando na direção da Casa Sare, como se nem ouvisse nada.

— O que fez você acreditar em mim?

Mika bufou.

— Os soldados. Por que mais eles teriam ido nos capturar, se você não dizia a verdade? E a Baronesa estava com eles, eu a vi pouco antes de fugirmos. Já tinha visto Melaina antes de longe, mas ela nunca estivera em minha casa. Por isso deduzi que você não era tão louca quanto parecia. — Mika sorriu e inclinou a cabeça para Kiernan. — Seu amigo também é bem convincente.

Kiernan também bufou, balançou a cabeça, mas eu senti uma onda de alívio por saber que o encantamento que pusera nele se quebrara, como eu pretendia, depois de eu ter encontrado a verdadeira princesa. Porém, meu alívio foi rapidamente substituído por outra revelação. Eles eram amigos, percebi surpresa. Mas não devia ser surpreendente. Afinal, ele também era amigo de Orianne.

— Então todos nós entendemos — eu disse. — Melaina me disse que o Rei está morto, e que Orianne será coroada em quatro dias.

— Três dias agora — Kiernan interrompeu. Eu ainda podia ver em seus olhos o sofrimento que tinha causado, mas, como era característico, ele o sufocou até só eu mesma poder perceber.

Então, haviam sido apenas duas refeições por dia, contei com pesar antes de continuar.

— Ela disse que Orianne era mantida isolada de quase todo mundo. Alguma coisa sobre como quem planejava fazer mal a ela antes, como anunciava a profecia, podia tentar de novo agora, antes da coroação. O que significa que só temos uma ocasião na qual eu vou poder tentar vê-la e a velha Rainha.

— A própria coroação — disse Kiernan. — Eles vão ter que deixar as pessoas entrarem para a cerimônia.

Eu assenti.

— Mas Melaina deve ter tomado precauções até para esse momento. Seus aliados chegarão à cidade antes de nós. Ela estará nos vigiando.

— Então, como vamos chegar à coroação? — Mika perguntou. — Não vai haver guardas e soldados?

— Sim, muitos — respondi com tom sombrio. E mordi o lábio. — Não sei como vamos entrar. Vou pensar em alguma coisa no caminho para lá. Talvez Philantha tenha uma ideia; podemos ir até a casa dela antes.

— Temos cavalos amarrados um pouco mais adiante — disse Kiernan.

— Não que eu consiga cavalgar o meu, nem pelas unhas do Deus Sem Nome — Mika anunciou.

Ele fez um gesto para silenciá-la.

— Acha que consegue? — Kiernan me perguntou.

Eu sorri. Estava cansada e com fome, quase morta de medo do que

tínhamos que fazer. Mas, por ora, eu estava com ele outra vez, com meu melhor amigo, e isso era suficiente para me dar força.

— Vamos lá — falei.

Capítulo Vinte e Um

Teríamos que correr para chegar à cidade antes da coroação, mas também tínhamos que nos manter fora da estrada. Seguimos pela floresta até onde foi possível, depois atravessamos terras cultivadas, percorrendo as trilhas que os próprios fazendeiros usavam para cuidar de suas plantações. Não havia tempo para longas conferências, e à noite quase caímos no chão de exaustão. Por isso eu ouvia a história de Kiernan e Mika aos poucos, nos momentos em que tínhamos de desmontar ou quando parávamos para comer ou aliviar nossas necessidades.

Eles tinham fugido para a floresta naquela primeira noite, com Mika escolhendo trilhas conhecidas e usadas por animais e Kiernan atrás dela. Havia uma caverna a alguma distância da casa, e eles se esconderam lá por mais de um dia, temendo que os guardas de Melaina ainda estivessem procurando na floresta. Depois disso, foi Kiernan quem se aventurou em March Holdings para comprar comida e conhecer a configuração do terreno. Sua esperança era de que os soldados não o vissem nitidamente à noite, mas, mesmo assim, ele passara pouco tempo na cidade, caso ainda estivessem procurando forasteiros. Contudo ele havia conseguido descobrir que um morador do vilarejo, cuja casa ficava mais perto da estrada que levava à Casa Sare, havia visto uma tropa de homens marchando na direção da propriedade, e a Baronesa estava com eles.

Como eu, eles não tinham muita esperança de que eu escapasse sozinha. Por isso se aproximaram mais da casa em uma noite, e juntos formularam o plano para provocar um incêndio e tentar me tirar de lá.

— Quase desisti — Kiernan me contou. — E se Melaina a mantivesse acorrentada e acabássemos matando você? Mas depois pensei que, se ela a quisesse morta, a teria matado ali mesmo na casa de Mika, por isso ela a protegeria do fogo. Então, pusemos o plano em prática. Fui à cidade e comprei o estoque de comida para a viagem, e um pouco de óleo, supostamente para uma lamparina. Enrolamos meu manto formando uma bola e o encharcamos com

óleo, ateamos fogo e jogamos por cima do muro na direção do estábulo. — Ele balançou a cabeça. — Não imaginei que o fogo se alastraria tanto e com tanta força. Mas eles abriram os portões assim que viram a gravidade do incêndio, e nós entramos. O resto você sabe.

Nem perguntei onde eles conseguiram os cavalos que Mika e eu montávamos.

A viagem de volta à cidade foi estranha. Em alguns sentidos, eu não pensava em nada além do que aconteceria quando chegássemos a Vivaskari. Precisava de dois planos: um para entrar na coroação e outro para convencer as pessoas lá presentes de que estavam prestes a coroar a menina errada. Mas não tinha nenhum plano. Isso me preocupava, porque eu tinha apenas dois dias até chegarmos à cidade. E, no terceiro dia, a coroação começaria. Eu pensava nisso constantemente, criando e rejeitando ideias com tanta concentração que me sentia feliz por meu cavalo só ter que seguir o de Kiernan.

Mas, em outro sentido, adorei aqueles dois dias. Cavalgava com Kiernan, que havia ido me procurar. Quando isso acabasse, eu teria que dizer a ele que seria preciso esquecer que ele me amava, que eu o amava. O mundo não permitiria que ficássemos juntos. Melaina estava certa sobre isso. Mas, por enquanto, poderia fingir que esse dia nunca ia chegar, que viveríamos sempre como estávamos agora.

E havia Mika. A princesa de Thorvaldor, que eu tinha encontrado.

Minhas primeiras impressões dela se confirmaram completamente. Mika era arisca como uma raposa, desconfiava de quase todo mundo e estava sempre pronta para atacar com sua língua afiada, frequentemente rude. Ela também podia ser espinhosa como uma cerca viva e deixar você cheio de espinhos depois do que havia começado como uma simples conversa. No entanto, ela cuidava de seu cavalo com surpreendente ternura, dando a ele pequenas porções do próprio jantar nas duas noites que passamos acampados. Suportava estoicamente as dores nas pernas. Minhas dores também eram fortes, mas eu cavalgava regularmente antes, então, podia imaginar como Mika, que nunca havia montado, devia se sentir. Mesmo assim, com exceção das caretas que fazia sempre que

montava ou desmontava, ela não se queixava. E ela gostava de Kiernan, brincando com ele mesmo no meio da nossa fuga. Mas Mika não parecia se sentir muito segura comigo. Ajudara a me resgatar, é claro, mas parecia me ver como um vento que a soprara para longe de casa, para um lugar do qual ela não tinha certeza de gostar.

Não era de estranhar, disse a mim mesma. Ela tivera uma vida dura, pelas poucas histórias que havia contado quando paramos na primeira noite, e não conseguimos dormir. Tinha sido tão desanimador, na verdade, que me causava certa vergonha pensar em como eu lamentava minha própria mudança de circunstâncias. Pelo menos eu tinha Philantha, e Kiernan, e até tia Varil, enquanto a única pessoa que realmente se importara com Mika havia sido aquela a quem Melaina a entregara. Queria saber como Melaina havia levado o bebê para aquela mulher, e o que dissera a ela. Mika não sabia. A mulher disse ser sua avó, e Mika deduzira que ela realmente acreditava ser. As duas viveram juntas na casa pequenina, extraíndo a sobrevivência da floresta e fazendo remédios com madeira, preparados que às vezes conseguiam vender na cidade. Os moradores as desprezavam, em sua maioria, e Mika tinha poucos amigos. Isso a tornara dura, inflexível, sempre pronta a olhar para uma situação e falar a verdade sobre ela, por mais que isso fosse doloroso.

O que significava que ela cavalgava para Vivaskari com uma espécie de fatalismo resignado. Eu a prevenira sobre a profecia do oráculo, e ela respondera bufando com desprezo e dizendo que nunca havia esperado viver muito além de vinte anos mesmo. Em alguns sentidos, eu estava surpresa por ela ter concordado em ir conosco. Quando falei com ela sobre isso, porém, Mika apenas deu de ombros.

— O que espera por mim em casa, além de um bangalô que Melaina vai vigiar para sempre? Pelo menos assim, se vencermos, vai haver alguma coisa digna de ser feita até o fim de minha vida. — Um lado de sua boca se torceu. — Tive tempo de pensar nisso enquanto esperávamos para tentar libertar você. Deve haver outras pessoas como eu por aí, pessoas sobre as quais o Rei e a Rainha nunca pensaram. Trabalhadores esforçados, mas sem nenhuma sorte. Se puder me fazer Rainha, eu vou poder ajudar essa gente. — Ela me olhou com os

olhos estreitados. — Eles lhe ensinaram sobre como ser uma Rainha, não é?

Levantei as sobrancelhas com ironia.

— Durante dezesseis anos. Aprendi tudo, e era boa nisso. Não que tenha me servido de alguma coisa desde que saí de lá.

Ela deixou cair os ombros.

— Deve estar pensando que é tolice minha, seguir vocês desse jeito.

Pensei em como a faculdade dos magos só aceitava nobres e pessoas com dinheiro. Pensei em como o Rei e a Rainha haviam escolhido uma plebeia para substituir a princesa, prontos para sacrificá-la sem seu consentimento, se fosse necessário. Pensei no presente que deram a tia Varil, que havia sido uma ideia simpática, mas nada útil, sem nenhuma compreensão clara de sua situação. Eu nunca havia notado essas coisas quando era princesa. Oh, eu havia feito caridade com os pobres em dias de banquete, acreditava me importar com as dificuldades daqueles que viviam no distrito Copper. Mas a verdade é que nada me tocava. E eu certamente não me preocupava com as pessoas que talvez não estivessem morrendo de fome, mas ainda assim não viviam de verdade. Agora, porém, eu vira a divisão entre a coroa e as pessoas que ela devia servir. Havia, em uma pequena medida, vivido na fenda que ela criara.

Balancei a cabeça.

— Não. Não acho que é bobagem.

Nós nos olhamos em silêncio, tão quietas quanto uma pessoa e sua sombra. Finalmente, Mika jogou a cabeça para trás e riu.

— Não que os diamantes, as camas macias e os banquetes não sejam razões suficientes.

— É claro — concordei rindo.

Depois disso, o clima ficou mais relaxado entre nós. Estávamos na mesma missão e, eu sentia, talvez aprendendo a gostar uma da outra nesse processo.

Mesmo evitando as estradas, chegamos a Vivaskari no fim do segundo dia, quando o sol pintava de laranja e amarelo as muralhas distantes da cidade. Kiernan seguiu na frente para providenciar uma hospedaria e um estábulo logo além das muralhas, enquanto Mika e eu esperávamos em um celeiro de feno na fronteira de uma das últimas fazendas. Mesmo que Melaina soubesse que ele tinha vindo por mim, Kiernan era o único com que ela teria mais problemas se prendesse, já que ele era filho de um Conde.

— Não se preocupe com ele — Mika disse depois que já tínhamos esperado um pouco. Ela sentou e abraçou as pernas, suas costas estavam do lado contrário do celeiro.

Os cavalos estavam parados à sombra, cansados, nenhum dos dois inclinados a se afastar.

— Ele vai estudar o terreno, depois vai voltar.

Peguei uma folha de grama, dividindo-a com a unha.

— Não consigo evitar. Acho que, se sobrevivermos a isso, vou dormir por dois anos, só para não ter mais que me preocupar.

Os olhos de Mika escureceram à luz pálida do entardecer.

— Por dois anos, é? E na cama de quem vai passar todo esse tempo?

Meu rosto ficou quente. Ela era observadora, percebi, tinha facilidade para notar coisas enquanto você pensava que ela estava olhando em outra direção. Boa qualidade para uma Rainha.

— Não é nada disso — resmunguei.

Mika levantou as sobrancelhas.

— Por que não? Ele cuida de você, Sinda. Como se fosse seu maior tesouro, mas ele não pode carregá-la no bolso. O atirador de facas não foi corajoso o bastante para falar sobre o que sente?

— Ele falou — respondi. — Uma vez. Logo depois de Melaina mandar uma tempestade para tentar me matar. Ele não queria que eu fosse procurar você. Estava com medo... bem, com medo de que eu fosse capturada, ou ferida. Disse a ele que precisava tentar, e o encantei para impedir que traísse nosso segredo. Ele me beijou, depois foi embora. Então o Rei adoeceu, e eu vim procurar você. — Apoiei a cabeça na lateral do celeiro. — E agora tudo é... estranho. E ele não... não disse nada sobre o assunto desde que me encontrou... — Parei de falar e mordi o lábio. Havia passado muito tempo preocupada em ter que dizer a ele que não podia mais me amar, mas não deixava de notar que ele não mencionara o assunto desde que havia me encontrado. Talvez as coisas com que eu me preocupava na cela de Melaina fossem verdade. Talvez eu o tivesse magoado muito quando o enfeitiçara. Talvez ele tivesse ido me procurar só porque éramos amigos, porque ele se sentia culpado por ter me deixado partir sozinha.

— Ele não disse nada — Mika repetiu com tom neutro. — Enquanto fugíamos atravessando a área rural, com os guardas de Melaina atrás de nós ou na nossa frente, e comigo dormindo ao lado de vocês todas as noites. — E balançou a cabeça com desgosto. — Para uma garota que teve supostamente todo esse aprendizado, você consegue ser bem estúpida, Sinda.

— Como disse? — perguntei tensa.

Mika se inclinou para a frente até aproximar o rosto do meu, e depois falou devagar, como se lidasse com uma criança:

— Ele ama você. É claro, todo mundo pode ver. Foi procurá-la, não foi? Admitiu que estava errado quando a abandonou?

Dei de ombros.

— Somos amigos desde que eu nasci, ou quase isso.

— Ele não olha para você como se a considerasse só uma amiga.

— Não importa — insisti. As dúvidas que Melaina plantara em mim, e que eu tivera tanto tempo para considerar naquela cela, voltavam a ganhar corpo. —

O que pode resultar desse amor? Ele ainda é filho de um Conde, e eu sou... uma escriva. A família dele nunca permitiria esse casamento. Antes de partirmos, eles estavam analisando jovens na corte para que ele pudesse escolher uma delas. Jovens com títulos e terra... moças nobres. Não faz nenhuma diferença se ele me ama. Não podemos ficar juntos.

Mika levantou-se e soprou para cima, afastando uma mecha de cabelos da testa.

— Por que acha que ele vai pedir permissão à família?

Eu a encarei boquiaberta. Kiernan, recusar um casamento com alguém que a família queria? Isso não era possível, não nas famílias nobres de Thorvaldor. Casamentos serviam para criar laços com outros nobres, fortalecer a posição de sua família. Às vezes o amor vinha junto, mas isso era uma questão de sorte.

— E você. Dispôs-se a lutar uma batalha impossível para me levar ao trono, mas não vai lutar por ele?

— Eu nunca disse isso — falei, sentindo a agulhada. — Eu só... — Mas não pude continuar, porque nesse momento ouvi o ruído dos arreios de um cavalo, e no instante seguinte Kiernan apareceu.

Ele desmontou depois de olhar em volta para se certificar de que não havia ninguém por perto.

— Acho que ninguém me viu — disse. — Tomei uma bebida na taverna e consegui algumas informações com as pessoas que lá estavam. O Rei foi sepultado apenas dois dias depois de sua morte. — E parou olhando para mim.

Ele não era meu pai, mas havia sido o que eu tivera de mais próximo disso. Doía saber que nunca mais o veria. Mas não tinha tempo para chorar sua morte, então respirei fundo para aliviar o aperto no peito, gesticulando para Kiernan continuar.

— Eles praticamente nem o velaram. Alguma coisa sobre impedir que a

febre se espalhasse. E a coroação será amanhã, como Melaina falou. Não vão nem mesmo esperar as delegações de Wenth e Farvasee. Quando chegarem, dentro de algumas semanas, eles simplesmente prestarão suas homenagens à Rainha. E a coroação não será aberta a todos. Cada pessoa que passar pelos portões do palácio terá que ser revistada por um guarda e por um mago da faculdade, para garantir a segurança da princesa.

Ele se sentou no chão, as pernas estendidas para a frente enquanto tirava as botas.

— Isso é tudo que sabemos. Mas tem mais. Os portões da cidade também são vigiados para garantir que “elementos perigosos” não entrem. Acho — ele continuou, passando a mão pelos cabelos — que o pessoal de Melaina chegou aqui antes de nós, e já contou sobre sua escapada. Se um mensageiro usasse dois cavalos e cavalgasse sem descanso, poderia nos ultrapassar. Então, ela provavelmente está nos procurando nos portões da cidade. — Kiernan parou olhando para mim. Parecia tão cansado quanto eu me sentia de repente, tão esgotado quanto uma vela rasgada ao vento.

Por um bom tempo, nenhum dos dois disse nada. Minha mente girava outra vez, mas sem resultados. Finalmente, porém, Mika falou:

— Mas você é maga. Poderia... nos disfarçar, nos tornar invisíveis. Alguma coisa para nos levar à cidade e ao palácio.

— Minha magia é imprevisível — respondi com um suspiro. — Não sei se Kiernan contou, mas não tenho controle sobre ela. É muita magia, e ela foi sufocada por um encantamento durante muito tempo. Quando tento usá-la, quase sempre ela transborda e acabo explodindo alguma coisa. — Mudei de posição, tentando sem sucesso ficar mais confortável no chão. — Talvez consiga criar um encantamento para nos levar além dos portões da cidade — admiti finalmente. — Mas a magia não funciona nos portões do palácio. O mago estará atento, esperando para sentir a presença do menor feitiço. Eles nos notariam se tentássemos entrar sob disfarces mágicos, e os guardas nos pegariam se tentássemos sem esse disfarce.

— Bem, você passou sua vida inteira naquele palácio. Vai me dizer que não encontrou passagens secretas ou túneis? Alguma coisa sobre a qual ninguém mais sabia.

Balancei a cabeça.

— Não tem nada...

Olhei de repente para Kiernan e senti uma camada de gelo se formando repentinamente sob minha pele. Ele me olhava com a mesma intensidade.

— Deus Sem Nome, somos estúpidos — cochichou. — A Porta do Rei Kelman.

— Abre dos dois lados — eu disse apressada. — E agora nos a temos. A porta estará lá, se ela estiver. “Sangue real”. Mas precisamos do mapa. Sem ele, não sei se consigo encontrar o local exato da porta do outro lado da muralha do palácio.

Sorriamos um para o outro, um sorriso tão largo que devíamos parecer malucos.

— Desculpe interromper — Mika falou na escuridão —, mas que porta é essa de que estão falando?

Capítulo Vinte e Dois

Acordei antes do amanhecer, com estrelas ainda cintilando no céu enquanto os outros ainda dormiam. Era cedo demais para tentar criar o encantamento de disfarce e passar pelos portões da cidade. Fechei os olhos com força e tentei dormir de novo, mas foi inútil. Finalmente me levantei e, andando com cuidado para não acordar Kiernan e Mika no celeiro de feno, saí para ver o dia chegar.

Já estava quente, pensei ao me sentar com as costas apoiadas à parede do celeiro, puxando os joelhos contra o peito. Se o Rei não tivesse adoecido, toda a corte poderia ter se mudado para a região do lago, onde passaria algumas semanas longe da cidade e do calor do verão que já se aproximava. Imaginei o que estaria acontecendo no palácio. Os salões mais baixos já deviam estar tomados pela movimentação de um exército de cozinheiros, criados e mordomos, correndo para arranjar os últimos detalhes para a coroação. Os nobres ainda deviam estar dormindo, mas não permaneceriam na cama por muito tempo, e logo criados iriam ajudá-los a se arrumar para o dia.

Kiernan teria estado entre eles, se não tivesse ido me procurar. Olhei para a porta do celeiro, como se pudesse enxergá-lo através dela. Não sabia o que fazer com relação a ele. Um beijo, uma declaração de amor. Talvez não o bastante para sobreviver a como eu o afastara de mim, usara magia contra ele, escolhera Thorvaldor a ele. Kiernan tinha ido me procurar, sim, dissera que estava errado. Mas não fizera mais nada, apesar do que Mika dissera. Talvez tivesse percebido quanto teria sido fútil me amar. Eu havia tentado tirá-lo da cabeça, mas pulsava em mim a noção de que poderia morrer hoje. Ele não havia esquecido. O medo de me perder era tanto, que ele havia fechado o coração para protegê-lo.

É claro, mesmo que eu vivesse, Kiernan devia saber que não poderíamos nos casar, devia saber o que eu teria que dizer a ele. O Conde de Rithia nunca deixaria o filho se casar com uma plebeia, e eu não seria capaz de conviver comigo mesma se o deixasse abrir mão de seus títulos e afastar-se da família por

mim. Até Melaina sabia disso e jogara essa certeza na minha cara.

Imaginei se Melaina estava dormindo no palácio. Duvidava disso. Não tinha nenhuma esperança de que ela não soubesse sobre minha fuga. De algum jeito ela devia saber, fosse por uma mensagem levada por um portador ou por um encantamento que a informara no instante em que eu havia passado pelo portão da Casa Sare. Devia estar planejando, vigiando, esperando. Esse era o momento de seu triunfo, e ela não me deixaria roubá-lo com facilidade. Minha única chance era, estranhamente, a força do desejo de Melaina de colocar Orianne no trono. Ela teria que agir com cautela; seria inconveniente deixar qualquer suspeita recair sobre Orianne agora. Talvez essa fosse sua fraqueza. Ou talvez, no desespero, ela pudesse abandonar as medidas de precaução, desistir e cobrir suas pistas.

Orianne. Ela dormia? Mais uma vez, eu duvidava disso. Havia perdido o homem que pensava ser seu pai, um pai descoberto recentemente. E em poucas horas seria coroada Rainha. Ela dispunha de poucos meses para acostumar-se à ideia de ser a princesa. Eu a imaginei em pé ao lado da janela de um de meus antigos aposentos, alta e serena, vendo o mesmo amanhecer que eu via. Nós duas, as falsas princesas. O que seria de nós depois de hoje?

Mika. O que seria dela? Mesmo presumindo nosso triunfo, o caminho para ela seria difícil, talvez mais do que o de Orianne ou o meu. Seu mundo estava prestes a mudar, expandir-se além das fronteiras do que ela conhecia. Ela não demonstrava, mas devia estar com medo.

Eu estava com medo. Escapara de morrer pelas mãos de Melaina, mas não conseguia esquecer a profecia do oráculo. Se continuasse com meus planos, era provável que alguém perdesse a vida. Hoje, talvez. Arranquei um matinho que crescia no meio da grama. Se ao menos eu soubesse qual de nós corria perigo, que lado do triângulo precisava de mais proteção! Poderia me preparar melhor, adotar precauções. Mas, como estávamos, não havia precauções a tomar, nada a fazer além de agir.

Mas eu estava fazendo o que era certo? Acreditava estar agindo pelo bem do país, mas talvez Kiernan tivesse razão. Talvez fosse realmente só por mim, só

para provar a mim mesma que eu não era uma ninguém. Era a noção do dever que me impelia, ou minha vaidade?

O oráculo vira meu caminho bifurcado em escolhas e oportunidades. Eu seguia pelo caminho certo? Se Mika morresse, tudo isso teria sido em vão. Mas teria valido a pena, se eu morresse? Se sangrasse até a morte, sabendo que a pusera no trono, eu me sentiria pagando um preço justo?

Deus Sem Nome, orei, sei que para você não importa quem senta no trono. Mas foi seu oráculo que me ajudou nesse caminho. Então, você deve estar olhando por nós, nem que seja apenas com o canto do olho. Por favor, segure-nos em suas mãos hoje.

Mal ouvi seus passos antes de ela se sentar ao meu lado, e me assustei tanto que dei um pulo.

— Desculpe — pediu Mika. — Vivia na floresta, sabe como é. Vovó sempre dizia que eu devia fingir que era um cervo, porque assim ninguém me ouviria chegar.

A voz dela soava leve, mas quando me virei para fitá-la, vi que seu rosto estava tenso e mais pálido do que o normal.

— Kiernan ainda está dormindo? — perguntei.

— Roncando como um urso. Acho que poderia ter dançado sobre a cabeça dele e ele não teria acordado.

Nós nos sentamos em silêncio por um tempo, e depois ela falou:

— Então, essa sua profecia. Ela diz que uma de nós vai morrer hoje.

O céu se tingia de cinza ao leste, e havia nele leves nuances rosadas.

— Às vezes elas não se realizam.

— Não está ajudando muito, no meu ponto de vista.

— Não — concordei. — Não muito. Mas pelo menos ela não prevê nossa derrota.

— Vencer não significa muito para quem está morto, Sinda.

Logo não haveria mais estrelas.

— Dessa vez pode ser importante — falei em voz baixa.

Mika não respondeu. Ficamos sentadas em silêncio, com o queixo apoiado nas mãos e os joelhos puxados contra o peito, esperando pelo amanhecer.

Algumas horas mais tarde, cavalguei rumo à cidade com as costas eretas como uma espada, o estômago embrulhado como uma velha rede de pesca. A estrada que levava ao portão do Distrito de Guildhall estava cheia de gente tentando ir à cidade. Poucos poderiam entrar para assistir à coroação propriamente dita, mas todos queriam poder dizer que estavam em Vivaskari quando a princesa se tornara Rainha. Então, tive que me esforçar para manter o cavalo sob controle enquanto pessoas — montadas e a pé — passavam por ele. Tentava não perder de vista Kiernan, que cavalgava na frente, mas toda hora o perdia na multidão. Mika estava um pouco atrás de mim; havíamos pensado que seria melhor entrarmos um de cada vez, caso os guardas estivessem procurando um grupo formado por duas garotas e um rapaz.

Eu havia conseguido concluir três encantamentos que, embora não nos houvessem transformado completamente, alteravam nossos traços o suficiente para enganar quem não nos conhecesse bem. Fazer os feitiços me deixara nervosa, porém; acidentalmente, havia queimado um trecho da grama em torno dos meus pés antes de controlar a magia. *Mas conseguiríamos entrar na cidade sem sermos detectados, pensei, e chegaríamos à casa de Philantha para pegar o mapa.*

Não importava que eu não tivesse um plano para depois disso quando chegássemos ao palácio.

Bani esse pensamento da mente — só servia para fazer meu estômago comprimir-se ainda mais — quando Kiernan se aproximou do guarda no portão.

O homem, um sujeito alto e encorpado, parecia atordoado com o grande número de pessoas tentando entrar na cidade, e apesar da espada que Kiernan levava pendurada na cintura, ele apenas olhou de soslaio em sua direção antes de autorizar sua entrada.

Um já foi, pensei, resistindo ao impulso de olhar para trás, para Mika.

Tinha certeza de que o guarda notaria alguma coisa errada em mim. Sentia-me tão fraca e nervosa que tive que agarrar a sela com uma das mãos enquanto uma família na minha frente era examinada. Mas o guarda só olhou rapidamente para mim. Ele via uma menina com cabelos louros e um vestido com o emblema de guilda de sapateiro nele, se o encantamento ainda estivesse funcionando. Não tinha habilidade para sustentá-los por muito tempo. Uma hora, talvez, a partir do momento em que os criava. E o meu ainda devia se manter, porque ele me deixou passar.

Lá dentro, Kiernan esperava por mim não muito longe do portão, a uma distância que nos permitiria chegar lá rapidamente, se fosse necessário. Nós dois vimos os cavalos para ver, as mãos agarrando as rédeas com força, Mika se aproximando do portão.

Ela tinha alguma dificuldade para controlar sua montaria; um bebê chorando atrás dela deixava o animal nervoso, mas ela conseguiu acalmá-lo quando se aproximou do guarda. Ele a olhou, assentiu, e eu ouvi Kiernan suspirar aliviado.

O cavalo de Mika havia dado poucos passos depois de passar pelo portão quando o guarda virou a cabeça e levantou a mão.

— Você aí! — gritou. — Pare!

Kiernan incitou o cavalo a se mover no mesmo instante em que eu desmontei. Se teria que recorrer à magia, melhor seria que não tivesse que controlar a montaria ao mesmo tempo. Pisei no chão e ouvi Kiernan praguejar, enquanto uma carroça parava diante ele, o condutor olhando confuso para a rua como se não soubesse para onde ir. Ele não conseguiria alcançar Mika em tempo.

Mika virou-se devagar, com o rosto inexpressivo. O guarda se aproximava dela com a mão estendida, e segurou as rédeas de sua montaria. Ele falou alguma coisa, depois entregou um objeto na mão dela. Mika assentiu, e o homem voltou ao portão.

— Uma maçã — ela disse quando se juntou a nós. Uma fina camada de suor cobria sua testa. — Caiu do meu alforje.

— Uma maçã — Kiernan repetiu, e deixou escapar o ar que se transformou em uma gargalhada frenética.

— Chega — interrompi. — A coroação começa em duas horas. Temos que chegar à casa de Philantha.

Levamos mais tempo que o habitual para atravessar Guildhall e entrar em Goldhorn. A cidade estava cheia de forasteiros, e parecia que cada habitante tinha decidido ir para as ruas. Pensei em abandonar os cavalos e continuar a pé, mas a montaria de Kiernan era dele mesmo, e eu duvidava que ele quisesse deixá-la na rua. Quando chegamos ao estábulo de Philantha, porém, quase me joguei de cima da sela na pressa de desmontar.

Dera alguns passos em direção à porta da casa, quando diminuí a velocidade tomada pela confusão. Tudo estava quieto no pátio atrás da casa, mesmo que se considerasse o barulho da rua. Onde estava o ruído de Gemalind cantarolando na cozinha, além da janela? Onde estava Tarion, que normalmente teria saído para receber nossos cavalos?

Ouvi Mika e Kiernan desmontarem e correrem para mim.

— Onde estão todos? — perguntei.

Kiernan estudou a casa silenciosa.

— Ela não pode ter dado folga aos empregados? Não pode ter ido à coroação?

Umedeci os lábios.

— A primeira opção, sim. A segunda... — Dei de ombros. — Ela não gosta de espetáculos. Poderia ir, como maga da faculdade, mas não tão cedo. Esperaria até o último minuto, depois ficaria no fundo da sala. Kiernan... — Parei. Não havia necessidade de traduzir minha preocupação com palavras; podia ver a mesma apreensão no rosto deles.

— Precisamos do mapa — lembrou Kiernan. — E algumas roupas diferentes poderiam ser úteis. Alguma coisa que desse a impressão de que vocês têm mais a ver com a coroação. — Ele mesmo, embora não estivesse com seus trajes habituais para a coroação, pelo menos pusera roupas limpas que havia tirado do alforje naquela manhã. Eu havia perdido minha muda de roupas, bem como o cavalo que alugara, em March Holdings. — Mika é menor que você, mas não muito.

— Eles ficaram com todos os vestidos melhores, mas qualquer coisa é melhor que isto — respondi, exibindo minhas roupas imundas da viagem e da prisão. Não nos igualaríamos à maioria, nem mesmo em minhas melhores roupas, mas também não pareceríamos mendigas da rua.

Meu pescoço arrepiou quando comecei a me aproximar da casa, mas balancei a cabeça. Não podíamos perder mais tempo.

— Temos que ir.

A casa estava ainda mais silenciosa lá dentro. Senti um arrepio quando nos dirigimos à escada principal sem encontrar ninguém. Meus ombros doíam com a tensão, mas tentei me convencer de que não havia nada errado, de que a sensação de olhos fixos em minhas costas era fruto da minha imaginação. Havia quase me convencido quando chegamos ao segundo andar, e eu ouvi o gemido.

Nós três paramos por um instante, e em seguida eu corri para a silhueta amontoada no chão duas portas além daquela do estúdio de Philantha.

Era Gemalind, a cozinheira. Engolindo em seco, eu a virei com toda delicadeza possível, e vi o enorme hematoma se espalhando em tons de preto e roxo de um lado de seu rosto. Levantei a mão trêmula e a aproximei de seu nariz, e senti o ar morno e fraco roçar meus dedos.

— Philantha — murmurei enquanto me levantava. — O estúdio. — Aproximei-me da porta cambaleando, sentindo o sangue pulsar em meus ouvidos. A porta estava encostada, e eu a abri com um empurrão tão violento que ela se chocou contra a parede.

A sala estava como sempre. A mesa coberta por frascos abertos contendo líquido, nenhum deles tombado, ainda estava perto da porta. As peles de cobra, penas, os ninhos de pássaros e as garras de animais continuavam no canto onde Philantha os deixara. Havia livros espalhados pelo aposento, mas de um jeito que sugeria apenas que alguém os estivera lendo. À primeira vista, não havia nada errado.

Dei mais um passo para o interior, e meu pé esmagou cacos de vidro. Olhei para baixo e vi uma fileira deles, como se houvessem arremessado várias bolas de vidência contra alguém perto da porta. Meus olhos seguiram a trilha, e vi uma das mesas caída de lado, cercada por uma poça de uma substância azul misturada a areia molhada.

Corri até lá, e do outro lado da mesa tombada eu vi Philantha.

Ela estava pálida, tão pálida que os fios de sangue que escorreram do nariz e da boca se destacavam como teias de aranha vermelhas. Estava caída de lado, com um braço dobrado sob o corpo, como se alguém a houvesse empurrado e abandonado. Eram visíveis as marcas escuras que mãos haviam deixado em torno de seu pescoço.

— Não — sussurrei me deixando cair a seu lado. Segurei seus ombros, soltei o braço que estava preso sob o corpo. Não tinha coragem de verificar sua respiração, como havia feito com Gemalind.

— Eu devia ter contado. — Tinha estado naquela mesma sala antes de partir, e quase dissera a ela aonde ia. Mas estava cega por minhas justificativas de que não havia provas, e convenci-me de que a colocaria em perigo se contasse. Mas essa não era a razão verdadeira, final. Como Kiernan havia dito, no fundo, secretamente, eu mesma queria encontrar Mika. Por isso parti em silêncio. Em vez de protegê-la, eu a deixara vulnerável, exposta justamente

àquilo que temia. Ela não fora avisada, não imaginava que alguém poderia ir à sua casa para atacá-la.

Lágrimas se formavam em meus olhos, e meus ombros começaram a tremer.

— Isso é tudo minha culpa — murmurei. — Eu devia ter contado.

Afastei uma mecha de cabelos de cima de sua testa, e quando toquei seu rosto, ela tossiu.

— Philantha — sussurrei. Depois, por cima do ombro: — Kiernan, Mika! Aqui! — Olhando novamente para ela, segurei sua mão. — Philantha, está me ouvindo?

Suas pálpebras tremeram, depois se abriram com esforço.

— Sinda? — ela arquejou.

— Sim, sou eu — confirmei. — Você está...? — Era absurdo perguntar se ela estava bem. — O que aconteceu?

— Homens — ela falou com voz fraca. — Dois deles. Tinham... proteção. Meus encantamentos não os atingiam. — Ela fechou os olhos como se uma onda de dor a invadissem. — Gemalind? — perguntou por entre os dentes. — Eu a ouvi... no corredor.

— Viva — respondi. — Ferida, não tanto quanto você, mas viva. E os outros?

— Dei folga a eles. Todos saíram cedo. Todos menos ela. — Philantha abriu os olhos com esforço. — Estavam procurando você, Sinda. Perguntaram muitas vezes onde estava, se voltaria.

— Eu sei — disse. — Sinto muito. Eu devia... — Ouvi Kiernan e Mika atrás de mim. — Precisamos chamar um curador — disse a eles.

— Vou encontrar alguém e mandar aqui — Kiernan falou antes de sair.

— Não tenho muito tempo — falei para Philantha. — Não posso explicar agora, mas temos que chegar ao palácio antes da coroação.

Os olhos de Philantha, mesmo vidrados com o choque e a dor, se moviam entre mim e Mika.

— Feitiço. Eu sinto... em vocês duas. Forte. Alguma coisa que as conecta.

Assenti.

— Ela é a princesa, Philantha. A verdadeira princesa. E estão prestes a coroar a menina errada. Temos que impedi-los, mas, antes, precisamos chegar lá, e depois... — Parei novamente, ainda sem saber o que faria quando chegasse lá.

Philantha descansou a cabeça no chão.

— Como eu pensei — ela murmurou. — A essência dela, ainda em você. Quase vejo. Essa é... a conexão.

— Você estava certa — falei. A porta rangeu quando Kiernan entrou.

— Paguei um menino para correr à faculdade — ele disse. — Ainda deve haver curadores por lá.

Afaguei a mão de Philantha.

— Tenho que ir. Precisamos pegar algumas coisas no meu quarto, e depois temos que ir. Sinto muito.

Os olhos dela estavam fechados; ela parecia estar adormecendo.

— Em vocês duas — murmurou, e ficou quieta.

— Pode ficar com ela por um momento? — pedi a Kiernan, que contornou a mesa e se ajoelhou ao lado de Philantha. — Vamos — chamei Mika. — Vamos trocar de roupa no meu quarto e pegar o mapa.

Kiernan e Mika haviam deixado Gemalind em uma posição mais

confortável, notei quando percorri apressada o corredor. Não parei para olhar para ela de novo; o curador a ajudaria quando chegasse. Em meu quarto, Mika e eu nos despimos sem pensar em modéstia, e vestimos dois de meus melhores vestidos. O de Mika ficou um pouco largo, e nenhum dos dois era elegante o bastante para uma coroação, mas teriam que servir.

— Que tábua era? — murmurei assim que nos vestimos. Mika me olhava intrigada, e eu expliquei: — Antes de sair, escondi o mapa do Rei Kelman embaixo de uma das tábuas do piso. Não queria que ninguém o encontrasse, mas não consegui pensar em lugar melhor. Ah! — Era aquela embaixo da cama, meio escondida, com um nó escuro na ponta. — Tem um pente em cima da mesa — falei. — Jogue-o para mim.

O cabo do pente era fino o bastante para se encaixar entre as tábuas, que rangeram quando fiz força para desencaixá-las. A tábua solta se desprende e, embaixo dela, seguro e inteiro, encontrei o mapa enrolado. Guardei no bolso do vestido as genealogias e a confissão do oráculo, que também havia guardado sob a tábua.

— Vamos — falei. — A coroação vai começar logo.

Mika assentiu e me seguiu pela porta, e descemos a escada do terceiro andar. Quando chegamos ao corredor do segundo andar, porém, eu encontrei Kiernan, que me segurou pelos ombros para não me deixar cair com a trombada.

— Shh! — ele pediu com um dedo sobre os lábios. — Ouvi alguma coisa lá embaixo.

Andando sem fazer barulho, nós nos aproximamos do corredor de onde era possível ver o *hall* de entrada. Dois homens armados com longas adagas subiam a escada devagar. Os homens de Melaina podiam ter deixado Philantha para morrer no estúdio, mas eles vigiavam a casa do lado de fora, esperando alguém voltar.

Colamos as costas à parede para que eles não nos vissem.

— Tem outra saída? — Mika sussurrou.

Apontei.

— Pela escada de serviço. Podemos chegar à porta para o jardim, e sair por lá. A menos que tenham deixado mais homens lá fora.

— Temos que tentar — Kiernan concordou, a mão bem próxima da espada. — Mas temos que ir agora.

— Mas Philantha... — falei. — E Gemalind. Eles podem machucá-las mais. E o curador está a caminho.

Kiernan parecia arrasado, e Mika mantinha os punhos cerrados com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Mas ele balançou a cabeça.

— Se nos pegarem, vai ser o fim, Sinda. Não teremos mais nenhuma chance. Orianne será coroada Rainha.

— Não posso deixá-la! Ela foi atacada por minha culpa! — Sabia que devia ir. Logo a coroação estaria começando, e se queríamos estar presentes para chamar a atenção de todos de algum jeito, tínhamos que ir agora. Mas eu não conseguia me mover; sentia minhas pernas presas ao chão.

Havia sacrificado muita coisa para encontrar Mika, enfrentara perigos que não imaginava que pudesse encarar. Eu a pusera em perigo, e Kiernan, e só escapamos por pouco. Ser capturada agora, deixar que tudo isso fosse em vão... a ideia era insuportável. Mas Philantha me acolhera quando eu estava sozinha. Ela acreditara em mim quando os magos da faculdade me rejeitaram. Ela era minha amiga, e estava ferida, e eu não podia ir.

— Ela ia querer que fôssemos! — Kiernan argumentou.

— Não posso... — gritei, mas era tarde demais. Os homens chegaram ao segundo andar e nos viram.

— Parece que estava certo — o mais alto disse para o outro. — Dois pardaizinhos, e um papagaio com uma espada para protegê-las.

O segundo homem sorriu, um sorriso feio, torto.

— Venham, pardaizinhos — ele chamou. — Não vamos machucar vocês... muito.

— Afastem-se! — gritei, e recorri à magia, tentando criar um encantamento que me permitisse jogar uma bola de fogo aos pés deles.

Não consegui. A bola crepitou em minha mão e morreu.

— Não é muito boa nisso, pardal? — O primeiro homem apontava sua faca para nós e continuava se aproximando.

Respirando fundo, tentei novamente, e dessa vez a bola de fogo brilhou em minhas mãos. Eu a arremessei contra eles, depois abri os braços, tentando empurrar Kiernan e Mika para trás, protegê-los da explosão.

Ela devia ter explodido; eu tinha visto Philantha incendiar uma boneca de palha em segundos. Mas a bola pareceu ricochetear, escorregando para longe como se uma parede de vidro os cercasse, e depois desaparecendo no ar.

O segundo homem sorriu novamente.

— Escudos, minha querida — ele disse. — Poderosos. A outra bruxa... — Ele inclinou a cabeça na direção do estúdio de Philantha — os encantamentos dela também não funcionaram.

— Corram — sussurrei. E repeti mais alto. — Corram!

Mika e eu nos viramos no mesmo instante, correndo na direção da escada de serviço. Ouvi uma exclamação abafada, o som de uma faca caindo no chão, e olhei para trás para ver um dos homens segurando o braço, enquanto o outro o encarava horrorizado. Kiernan sorria quando se virou para nos seguir.

Ele os surpreendera; os homens pareciam ser lutadores de rua, e não esperavam que um nobre como Kiernan soubesse lutar. Mas eles eram profissionais, e quando alcançamos a escada, ouvi os passos se aproximando. Quase caímos da escada, seguimos pelo corredor e passamos correndo pela

porta para o jardim cercado por muros. Kiernan bateu a porta atrás de nós quando saiu, e ouvi um dos homens se chocar contra ela. Corremos pela alameda para a rua.

— O muro a noroeste — falei para Kiernan. — Qual é o caminho mais rápido para lá?

— Sigam-me — ele gritou, e corremos pela multidão que se movia rumo ao palácio para esperar o anúncio da coroação da princesa.

Não sabia a que distância de nós estavam os homens que nos perseguiram, por isso corríamos como se estivessem a poucos passos. Senti a dor na lateral do corpo depois de percorrermos alguns quarteirões, e ouvia Mika arfando ao meu lado. O suor escorria por meu rosto, e eu ouvi a bainha de meu vestido se rasgando uma vez, pelo menos. A multidão nos retardava, mas também nos escondia, disfarçando-nos em meio àquela massa humana que ocupava as ruas. Mas precisávamos de uma boa vantagem porque, embora eu tivesse uma ideia geral de onde deveríamos ir, precisaria de um momento com o mapa para localizar o ponto exato.

Havíamos chegado a Sapphite quando estendi o braço para puxar Kiernan. Ali a multidão era menor; muitos residentes de Sapphire compareceriam à coroação. Por isso nos encolhemos à sombra de uma grande árvore, com Mika atenta à aproximação de nossos perseguidores, enquanto Kiernan e eu estudávamos o mapa.

— Veja — falei, apontando um ponto. — É exatamente onde pensávamos que fosse.

— Vamos conseguir ver aquela árvore grande do outro lado do muro, aquela que fica perto dos bancos onde estávamos sentados quando... quando foram buscar você — Kiernan concordou. — Tem certeza de que vai dar certo?

Assenti, ignorando a dúvida dentro de mim.

— Tem que dar certo.

— Bem, está na hora de descobrir — Mika falou de repente. — Eles estão ao pé da colina.

Eles nos viram, mas, pensando que havia poucos lugares para nos escondermos, os homens se aproximavam devagar, obviamente cansados, como nós. Fiz uma careta quando pensei em correr mais, mas quando Mika e Kiernan saíram correndo de trás da árvore, eu os segui com o mapa na mão.

Subimos pela estrada e viramos uma esquina, e lá estávamos. A muralha do palácio se estendia nas duas direções, para o oeste na direção do portão do palácio, e para leste rumo ao local onde encontrava as muralhas da cidade. Corremos, Kiernan e eu olhando para cima em busca da árvore do outro lado do muro, a árvore que marcava a porta. Tropecei por estar olhando para cima e quase caí de joelhos, mas Mika segurou meu braço e me puxou para continuar em frente. E então, de repente, eu vi. Folhas verdes balançando ao vento, visíveis por cima do muro.

— Ali — arfei, e nós paramos. Os homens de Melaina nos alcançariam a qualquer minuto.

— Onde está? — Mika perguntou.

— Devia estar aqui — gritei, abrindo o mapa. Sim, estávamos do lado de fora do lugar que Kiernan e eu encontramos meses atrás. — Devia estar aqui!

— Talvez ela tenha que tocar o muro — disse Kiernan. Mika deslizou as mãos pela muralha, ofegando como um cavalo, mas nada aconteceu.

— Ela está aqui! A porta devia aparecer para ela — gemi, temendo olhar para trás e ver os homens. — Estão vendo? — Deslizei os dedos sob as runas. “Cuidado, todo aquele que tentar usar a Porta do Rei. Saiba que só para alguém de sangue real e palavras reais a porta se abrirá.”

— E aquela parte no final? — Kiernan perguntou.

Balancei a cabeça.

— São só rabiscos. O nome de quem fez o mapa, ou alguma coisa assim.

— Não, não são — Mika falou por cima do meu ombro com tom tenso.

— O quê? — reagi junto com Kiernan. — Sabe ler isso?

Ela assentiu com os olhos muito abertos.

— Mas eu não consegui traduzir — revelei. — Sabe ler runas antigas?

Mika balançou a cabeça.

— Não, mas consigo ler o que está escrito aí.

Sangue real, pensei. Sangue real e... palavras reais. Palavras escritas de forma que só alguém de sangue nobre poderá ler.

— Depressa! O que dizem?

Mika olhou para mim com uma expressão indecifrável no rosto.

— Eu sou Thorvaldor — sussurrou.

Uma luz se acendeu na muralha do palácio, tão brilhante que tive que proteger os olhos com a mão até ela se apagar.

Quando a luz desapareceu, senti Kiernan segurar minha mão e afagá-la com força. Porque ali, onde antes existia apenas uma parede de tijolos, víamos uma pequena porta de madeira.

Capítulo Vinte e Três

Passos pesados de pés calçados com botas ecoaram na rua quando os homens de Melaina nos viram ali, e correram.

— Passem, passem — gritei, e cada um de nós se abaixou para passar pela porta.

Kiernan a fechou atrás de nós e eu olhei em volta aflita, certa de que alguém nos veria surgir no jardim do palácio e chamaria os guardas. Mas não havia ninguém caminhando por ali; todos estavam lá dentro, esperando o início da coroação.

— Eles também vão conseguir passar pela porta — Kiernan falou desembainhando a espada. — Vão, vocês duas! Eu os impedirei de...

Mas Mika só havia se afastado um passo da porta e, sem seu sangue real e o som das palavras, a porta desapareceu, deixando apenas a muralha em seu lugar.

Soltei o ar que havia prendido no peito e ouvi Kiernan e Mika fazendo a mesma coisa. Nossos olhos se encontraram e ali, no meio do jardim do palácio, começamos a rir.

Mas não podíamos rir por muito tempo. Quando as risadas silenciaram, olhei em volta e estudei o jardim mordendo o lábio, pensativa.

— Eles vão conseguir entrar? — Mika perguntou a Kiernan, que balançou a cabeça.

— Acho que não. Logo a coroação vai começar, se já não começou, e Melaina tomou providências para impedir a entrada de pessoas estranhas. Infelizmente para ela, isso inclui seus capangas. Acho que estaremos seguros.

Mika bufou.

— É claro. Perfeitamente seguros.

Eu os ignorava. Mentalmente, atravessava as paredes do palácio, decidindo quais delas nos levariam ao Salão de Thorvaldor chamando o mínimo possível de atenção. Tinha que sufocar as lembranças que ameaçavam me dominar: o cheiro dos jardins no verão, a maneira como o sol brilhava nos edifícios do palácio. Não podia voltar a esses sentimentos, à saudade de coisas que pertenciam ao passado. Tinha que manter o foco, mas era difícil, porque me sentia muito cansada e amedrontada...

Em algum lugar do palácio, sinos começaram a soar. A coroação estava começando.

Arrancando-me das lembranças, segurei a mão de Mika.

— Venha comigo — falei. — Aconteça o que acontecer, mesmo que alguém tente nos deter, venha atrás de mim. Se eu for capturada, siga Kiernan. Vocês dois conhecem a história, podem contá-la a eles.

— Então é esse o nosso plano? — ela perguntou. — Vamos entrar lá e contar tudo?

Assenti e dei de ombros.

— Não consigo pensar em mais nada. Temos que entrar no Salão e chegar à frente. Acho que vamos conseguir falar o bastante para que queiram nos ouvir.

— Quando estiver contando tudo — Kiernan interferiu —, certifique-se de deixar claro que Orianne não teve nada a ver com isso. Explique que ela não sabia. A última coisa de que precisamos é uma multidão tentando atacá-la, ou alguma coisa assim.

— De acordo. — Respirei fundo, mas a inspiração não me acalmou como eu teria gostado. — Vamos.

Por causa dos sinos, seguimos a rota mais direta possível. A mesma rota, percebi, que eu seguira com Cornalus no dia em que me contaram quem eu realmente era. Agora, porém, não havia nobres nos corredores, nem criados

apressados cuidando de suas obrigações. Todos estavam no Salão de Thorvaldor ou nas salas de banquete, preparando-se para as celebrações que aconteceriam depois da coroação.

Mesmo assim, dois guardas vigiavam a porta do Salão, como sempre. Um deles estendeu o braço quando nos aproximamos, mas Kiernan passou à frente do grupo.

— Não vai contar a meu pai que nos atrasamos, vai? — ele perguntou com um sorriso arrependido. — Ele ameaçou mandar-me de volta a Rithia se eu não chegasse na hora hoje. Mas foram minhas primas, na verdade. Elas se encantaram com a cidade... e tiveram dificuldades para se vestir hoje de manhã.

O guarda olhou por cima do ombro de Kiernan para nós. Mika e eu sorrimos o mesmo sorriso tenso. Ele vai saber, pensei. *Vai me reconhecer, ou vai perceber como somos parecidas. Vai saber que tem algo errado.*

Mas o guarda apenas sorriu para Kiernan, prometendo não dizer nada ao Conde de Rithia. Eu ouvia vozes lá dentro, e o murmúrio de centenas de pessoas quando ele empurrou a porta e abriu uma fresta para nos deixar entrar.

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo na frente do Salão, porque, embora cadeiras tivessem sido dispostas em fileiras que cobriam todo o espaço do local, a multidão presente ainda estava em pé, bloqueando minha visão; só as colunas brancas eram visíveis se erguendo para sustentar o teto. Podia ouvir passos na galeria sobre o Salão e deduzi que devia estar cheia. Um corredor havia sido criado no centro do Salão, e eu fui passando com dificuldade entre as cadeiras para chegar lá, seguida por Mika e Kiernan. Resmungos ofendidos se erguiam quando passávamos empurrando as pessoas, mas eu não me incomodava. Praticamente caí no corredor aberto, empurrada para a frente de novo quando os outros pararam atrás de mim.

Ninguém notou. Todos os olhos estavam voltados para a frente da sala, onde Orianne se ajoelhava sobre uma pequena plataforma na frente do palanque do trono. Seus cabelos escuros caíam em ondas brilhantes por suas costas, e ela vestia uma longa túnica vermelha com acabamento de pele, que se abria em

torno de onde ela estava ajoelhada. Um sacerdote do Deus Sem Nome mantinha as mãos sobre a cabeça dela, abençoando-a. Mesmo de trás, ela parecia altiva, elegante, tudo que uma princesa — uma Rainha — devia ser.

Houve um momento, um segundo quando eu poderia ter hesitado, quando poderia ter me virado e ido embora. Ela havia sido treinada, afinal, quase tão bem quanto eu nas coisas que um governante precisava saber. E tinha a aparência apropriada, muito mais que Mika e eu. Ninguém havia nos visto até então; podíamos ter saído sem ninguém notar sequer que havíamos estado ali.

Eu não hesitei.

— Parem! — gritei, seguindo em frente com a cabeça erguida.

Nunca havia caminhado tão ereta, com tanta determinação, nem quando era a princesa. A velha Rainha sentada em uma cadeira ao lado do trono sobre o palanque parecia, ao mesmo tempo, triste e orgulhosa. E foi ela quem me viu primeiro. Sua mão tocou o peito como se fosse desmaiar.

— Parem! — repeti quando cabeças se viraram para olhar para mim e as mãos do sacerdote tremeram sobre a cabeça de Orianne. — Ela não é quem vocês pensam que é.

Havia chegado à frente da sala, poucos passos distante do local onde agora Orianne estava em pé, olhando para mim. Os olhos dela se abriram muito, e vi sua garganta se mover antes de alguém se levantar de uma cadeira na primeira fileira, onde estavam acomodados Cornalus e os outros membros do conselho.

Melaina surgiu na minha frente, me obrigando a parar.

Seus cabelos escuros, da mesma cor dos de Orianne, eu agora via, estavam presos em tranças que contornavam sua cabeça como uma coroa. Ela usava um vestido vermelho adornado pelo preto de um Mestre de Magia. Era bonita, altiva, e seus olhos brilharam quando ela me viu, depois se abriram um pouco mais quando, ao olhar atrás de mim, ela viu Kiernan e Mika.

— O que é isso? — ela perguntou com aquela voz aveludada que, mesmo

assim, podia ser ouvida até no fundo da galeria superior.

— Você sabe o que é, Melaina — respondi em voz baixa. Depois, olhando para Orianne, acrescentei em voz baixa: — Sinto muito.

Então, virei-me para encarar os nobres de Thorvaldor e gritei:

— Vocês foram enganados! Milordes e miladies, foram traídos por um dos seus.

Ouvi uma comoção atrás de mim, depois a voz da Rainha.

— Na!... Sinda Azaway, o que significa isso?

Olhei para ela e senti meu coração bater dolorosamente. Não importava o que Melaina havia dito, ou como a Rainha os deixara me tratar, um dia ela havia sido minha mãe.

— Vocês foram enganados — repeti com voz mais suave. — Todos nós fomos. Por Melaina Harandron.

— Isso é ridículo — Melaina começou, mas Orianne levantou a mão.

— Deixe-a falar — ela disse, e Melaina se calou com uma expressão perigosa no rosto.

— Ela conspirou contra vocês, Majestade — continuei. — Trabalhou com o oráculo de Isidros — então sua irmã — para criar uma falsa profecia, uma que a faria pensar que Nalia estava em perigo. Ela a convenceu a trocar sua filha por outra menina para protegê-la, mas, quando a troca foi feita, ela a trocou novamente, dessa vez pela própria filha. — Levantei a mão para apontar Orianne, que permanecia tão alta e rígida sobre a pequena plataforma. — Ela deu Nalia a uma mulher pobre em Saremarch, onde saberia sempre onde encontrá-la. Matou a própria irmã para impedir que ela mudasse de ideia e revelasse o segredo. Mandou a febre escarlatina que acometeu Neomar para que ele tivesse que sair da cidade, e assim não percebesse que Orianne também tinha o encantamento. E ela matou o Rei com essa mesma enfermidade!

Uma exclamação sufocada atrás de mim, e de repente a Rainha estava em pé.

— O quê? — ela gritou. — O que disse? — Seu rosto, já pálido e cansado, ficava ainda mais branco, e as mãos agarravam as saias do vestido.

— Ela matou o Rei — falei sem me alterar. — Ela mesma me contou.

A Rainha comprimiu os lábios em um sorriso fino, apertado.

— Por que ela faria isso? Melaina tem sido leal à nossa família, uma de nossas melhores conselheiras. Por que ela faria isso?

Eu queria me aproximar da Rainha, segurar sua mão, mas me contive e continuei onde estava.

— Não foi só por ela. Foi uma vingança. Ela escondeu, mas é uma Feidhelm, e queria o trono para sua família.

A Rainha conhecia a velha história dos Feidhelms; notei que ela olhou para Melaina, considerando o que ouvira. Um murmúrio se ergueu na multidão enquanto as poucas pessoas que se lembravam dos Feidhelms cochichavam com os vizinhos, e seus vizinhos com outros.

— Uma bela história — a voz de Melaina interrompeu o tumulto, clara e incisiva, e eu me virei e vi que ela estava de frente para a multidão. — Mas é só isso, uma história inventada pela menina que foi usada para substituir a verdadeira princesa, que cresceu protegida do perigo. — O murmúrio recomeçou quando as pessoas perceberam quem eu era. Melaina balançou a cabeça, um movimento suave e gracioso. — Tem sido difícil para você, não é, Sinda? Acostumar-se à sua vida real? Tão difícil que veio até aqui com essa história absurda, esperando derrubar a verdadeira princesa?

— Isso não é verdade — gritei, mas Melaina estava falando de novo com aquela voz sedutoramente calma.

— Majestade — ela disse, inclinando a cabeça para a velha Rainha. Um breve olhar para Orianne: — Minha princesa. Meus amigos thorvaldianos. Quem

merece mais credibilidade? Uma trama de dezesseis anos criada por mim? Matei minha própria irmã, forjei a morte de minha filha. Um plano que pus em prática sozinha, sem o conhecimento de ninguém. — Ela sorriu. — Meus colegas magos da faculdade podem confirmar que sou inteligente. Mas nem tanto. Então, o que é mais crível? Essa história estranha, ou outra resposta? A de que essa menina, meio enlouquecida pela reviravolta em seu mundo, uma coisa triste, é verdade, mas que foi feita pelo bem deste país, veio até aqui para tentar perturbar a coroação?

Os murmúrios se tornaram mais altos com as pessoas esticando o pescoço para me enxergar melhor.

— Estive em Isidros — gritei para ser ouvida no meio da comoção. — Vi o que escreveu o oráculo. Tenho a confissão dela aqui comigo. — Foi inútil. Ninguém parecia me ouvir. — Entramos pela Porta do Rei Kelman. Só a verdadeira princesa poderia ter feito isso!

— Mais fantasias — Melaina gritou de volta. — Você veio com Kiernan Dulchessy, que, aparentemente, faz tudo por você, já que é vítima de seus ardis há anos.

— Ela tem a marca de nascença — gritei, pulando para puxar Mika para a frente; segurei seu braço e o levantei. — A marca da princesa.

— Um truque — Melaina disse com tranquilidade. — *Você* criou essa marca, Sinda.

— É verdade — insisti, mas minha voz tremia com a tensão e o esforço e ninguém me ouvia. Os conselheiros na primeira fileira olhavam para mim e balançavam a cabeça com o barulho da multidão aumentando. Dedos apontavam no ar enquanto o som crescia; pessoas me encaravam e olhavam para Kiernan e Mika de seus lugares. Soltei o braço de Mika, dei um passo na direção da Rainha, pensando que talvez devesse convencê-la, mas ela voltara à sua cadeira. Kiernan tentava se aproximar de Cornalus, mas dois nobres o seguraram pelos braços; ele se debateu, tentando argumentar com os dois homens. Mika estava sozinha, poucos passos distante da plataforma onde Orianne

se envolvia com os braços. Melaina deu um passo em direção a Mika, que recuou e tropeçou na plataforma. Eu me virei e vi a Rainha ainda em pé ao lado da cadeira, olhando para mim com uma expressão de sofrimento. Mas ela não me ajudou.

Não querem acreditar, pensei com desespero. É demais, muito difícil, e ela é muito eficiente.

Percebi que havíamos fracassado. Mais um momento, e alguém chamaria o guarda, que nos prenderia por traição. Eu tinha que fazer alguma coisa, mas o quê? Ninguém podia me ouvir com toda aquela gritaria, ninguém queria me ouvir. Eu estava sem opções.

Olhei para Mika, que se arrastava pelos degraus da plataforma para fugir do avanço de Melaina, e vi Orianne, que parecia estar paralisada. Agora três homens seguravam Kiernan, e ele não conseguia se libertar, apesar do esforço, seus olhos passando frenéticos de Mika para Orianne e dela para mim. Kiernan, que deveria estar entre os nobres, vestindo suas melhores roupas, pronto para fazer travessuras no banquete que aconteceria em seguida. E ele estaria lá, não fosse por mim. Mas, em vez disso, estava do meu lado, dentro do triângulo formado por Orianne, Mika e eu. Lutava contra Orianne, que era sua amiga. Lutava por mim, sua melhor amiga, e por uma menina chamada Mika, alguém que ele acabara de conhecer, mas de quem gostava muito.

Uma risada sem humor escapou de meus lábios. Ele havia amado todas nós de maneiras diferentes, apesar de todo prejuízo que sofrera por isso.

E de repente, alguma coisa dentro de mim se moveu, como se um pedaço de telhado se soltasse e caísse, deixando entrar a luz em um quarto escuro.

Kiernan nos amara. Todas nós, de maneiras diferentes. Vira em cada uma de nós alguma coisa a que podia se apegar, que podia amar. Seria o fragmento de alma que todas nós compartilhávamos? Embora pertencesse a Mika por direito, essa porção dela vivia em Orianne, e a menor porção ainda persistia em algum lugar bem escondido dentro de mim.

Havia sido isso que Philantha dissera? *Feitiço. Eu sinto... em vocês duas. Alguma coisa ligando vocês...*

O encantamento ainda nos unia, três lados de um triângulo, mantendo nossas almas juntas. Era o encantamento que ainda fazia Orianne parecer ser a princesa. Se houvesse algum jeito de fazer Melaina removê-lo, ou chamar Neomar de volta à cidade! Mas isso era tolice, mais que tolice, era absurdo. Melaina jamais removeria o encantamento, e Neomar estava doente ou morrendo, e muito longe dali para poder ajudar. Não havia ninguém, ninguém que pudesse...

Parei. Meu coração batia tão depressa que doía. Em minha cabeça, a voz ingênua e atrapalhada de Philantha disse: *É mais fácil, é claro, lançar um encantamento sobre você mesma. Você se conhece por dentro e por fora, mesmo que não saiba disso. São outras pessoas, é claro, sempre outras pessoas que tornam isso mais difícil, porque você não as conhece, não como conhece você mesma.*

A alma de Mika ainda estava dentro de mim, era parte de mim. E estava dentro dela também, e de Orianne. Um verdadeiro triângulo, aqueles fragmentos de alma formando os lados que nos conectavam. Era um feitiço poderoso, criado para enganar qualquer um que pensasse em procurar tudo isso, feito pelos mais poderosos magos dessa era. Mas ele estava dentro de mim. Eu podia não ter o poder de Melaina, mas tinha poder, um poder que nunca havia libertado completamente. E eu sabia, enfim, quem eu era. Estava descobrindo desde que deixara para trás minha identidade naquela primavera, mesmo que houvesse resistido e, às vezes, praguejado contra isso. Nas últimas semanas, havia sido testada e examinada, e havia sido aprovada, não sem custo. Finalmente conseguia me ver como realmente era, o bom e o mau, as partes que eram fortes e as que eram fracas. Eu sabia quem era.

Eu era Sinda Azaway, e podia fazer isso.

Kiernan gritou; Mika gritou quando Melaina estendeu a mão para ela. Eu não tive tempo para pensar, considerar ou me preocupar.

Encontre-a, pensei. Encontre a alma dela em mim e em Orianne, e devolva-a a Mika.

Joguei a cabeça para trás, levantei os braços e libertei a magia.

Controle. Eu havia perdido o controle completamente, e precisava muito dele. Nunca havia desejado libertar minha magia, sentia que não poderia, a menos que tivesse controle total sobre ela. Temia que ela me dominasse, que me queimasse de dentro para fora, e que queimasse tudo à minha volta.

Agora a magia saía de forma avassaladora, correndo de mim para Orianne e para Mika. Controle, pensei enquanto tentava conter a magia, direcioná-la como queria. Mas não havia controle; a magia fluía para elas, e as envolvia em seu poder como me envolvera. Ouvi Orianne gritar; minhas entranhas pareciam estar em fogo, mas não conseguia interromper o processo. Controle, meu corpo gritava.

Senti a magia oscilar enquanto tentava recuperar o domínio sobre ela, senti que ela se tornava mais fraca e começava a morrer. O encantamento falharia; eu sabia, podia senti-lo desmoronando dentro de mim. Mas se eu não fizesse isso agora, talvez não tivesse outra chance.

Encontre-a, pensei, e desisti de controlar.

De repente tudo ficou mais lento. Era como se a magia, que transbordava de mim, parasse e olhasse para trás, refletindo. Como se me perguntasse o que fazer. Como se, quando parei de tentar desesperadamente dominá-la, ela passasse a trabalhar comigo.

A alma dela, pensei. A alma dela está em nós e não deveria estar. Devolva-a a ela.

Uma névoa dourada surgiu à minha volta, obscurecendo o Salão e as pessoas que nele estavam, mas não antes de eu ver uma nebulosidade semelhante envolvendo Mika e Orianne. Tinha vaga consciência de que o barulho

da multidão cessara com as pessoas percebendo que algum encantamento acontecia ali, e ouvi algumas exclamações sufocadas de onde estava a Rainha. *Bom*, pensou uma parte de mim. *Ela já viu isso antes. Vai saber o que significa.* Mas a maior parte de mim não se importava com a Rainha, nem com a multidão, nem com Melaina em pé a poucos passos de Mika. Eu só via a névoa, só me concentrava na magia que circulava dentro de mim, procurando a parte que não devia estar ali.

Senti quando ela foi removida. Não tão grande quanto da última vez, mas ainda assim um vazio, um lugar onde antes houvera alguma coisa, e agora não havia. Antes eu sentira um impulso de pegar de volta aquele pedaço de alma, devolvê-lo ao buraco que deixara aberto dentro de mim. *Pegue*, pensei dessa vez. *Nunca foi meu, na verdade. Além do mais, não preciso disso agora.*

Lentamente, a névoa dourada desapareceu, e eu fiquei piscando e trêmula no Salão. O desgaste da magia — mais do que jamais havia realizado antes —, associado à tomada da alma de Mika, me afetaria em poucos momentos, eu sabia. Mesmo assim, não conseguia dizer nada; só conseguia olhar para Orianne e Mika.

Mika estava dobrada ao meio segurando o estômago, dominada pela sensação do retorno de sua alma. Orianne permanecia mais ereta, mas com uma das mãos sobre o coração, o rosto pálido e sereno, os olhos fixos em mim. Com um esforço que parecia ser grande, ela abaixou a mão e tocou uma área logo abaixo da dobra do cotovelo com a outra mão.

— Sumiu — disse em voz baixa. — Eu senti. Senti que ela saía de mim. Alguma coisa...

— Sua alma — falei olhando para Mika. Era a segunda vez que Orianne descobria ser alguém diferente de quem pensava que era, a segunda vez que tinha a vida roubada. Para mim, a primeira vez havia sido quase insuportável; não conseguia imaginar como seria repetir a experiência pela segunda vez.

— Sinto muito — disse a ela, sabendo que não era o suficiente.

Sussurros começaram nas primeiras fileiras, onde estavam sentados muitos magos da faculdade. Nesse momento eles já deviam ter lançado feitiços de análise sobre nós três. Já deviam saber quem era a princesa, e quem não era.

Não senti a magia se manifestando antes de o golpe me atingir. Em um minuto estava ali em pé, no outro estava caída no chão, sentindo-me como se um ariete tivesse me acertado. Um segundo depois, mãos invisíveis agarraram meu pescoço e eu sufoquei, arranhando o pescoço e tentando, sem sucesso, inspirar o ar antes que mais magia me dominasse, me imobilizasse.

— Menina estúpida, intrometida — Melaina sussurrou. Da minha posição no chão ela podia ver a altura do teto, e o ar em torno dela estalava carregado de magia. Os nobres que seguravam Kiernan cambalearam para trás, e ele se libertou e sacou a espada. Um movimento da mão dela foi suficiente para encantá-lo, impedir seus movimentos, apesar do esforço que ele fazia para se soltar.

Ouvi movimentos na área onde estavam os magos da faculdade, mas Melaina moveu a mão para eles e gritou:

— Um feitiço, e faço desmoronar o Salão.

Os sons cessaram enquanto os magos hesitavam, sem saber se corriam o risco de Melaina enviar um raio mágico para as fundações do edifício antes de eles conseguirem imobilizá-la.

— Você podia ter sido poderosa — ela me dizia. Seu rosto bonito estava contorcido pela raiva. — Eu lhe dei a chance. Agora, vai ter que vê-la morrer antes de morrer também.

Ela girou com os braços estendidos, e o que parecia ser um raio de luz brotou de seus dedos para Mika. Eu não conseguia me mexer; não conseguia gritar. Não podia nem fechar os olhos.

Um triângulo em uma tempestade. Um dos lados desmoronou, deixando apenas dois.

Não, tentei gritar. Não!

Orianne pulou.

Ela se jogou na frente do raio, a túnica com acabamento de pele flutuando atrás de seu corpo. O raio a atingiu no peito, e ela caiu como uma pedra aos pés de Mika, onde ficou imóvel.

Silêncio, depois uma exclamação coletiva. Melaina cambaleou agarrando os próprios braços. O feitiço em mim perdeu força, e eu já conseguia respirar, me mover.

— Não — ela sussurrou.

Então Kiernan a atacou pelas costas, enfiando a espada em seu corpo até cravá-la no coração. Melaina nem gritou. Apenas estendeu um braço para Orianne e caiu.

Com sua morte, os últimos vestígios de magia desapareceram de mim. Levantei-me com dificuldade, dei alguns passos trôpegos e caí de joelhos ao lado de Orianne. Mika havia feito a mesma coisa; ela segurava a cabeça de Orianne em seu colo. Uma fina linha de sangue escorria do canto da boca de Orianne, mas ela piscou quando me viu.

— Sinto muito. — Minhas lágrimas caíram na gola de seu vestido, e tentei em vão secá-las. — Orianne, eu sinto muito.

Um sorriso fraco distendeu seus lábios.

— Orianne — ela sussurrou. — Ninguém mais me chama assim. Você lembrou.

Ela inspirou uma vez, uma inspiração ruidosa, depois seus olhos se desviaram para um lado e ficaram parados, e o peito parou de se mover.

Olhei do corpo imóvel de Orianne para o de Melaina, depois para o rosto angustiado de Mika. Kiernan havia arrancado a espada do corpo sem vida, mas não se aproximava de nós. Pessoas se movimentavam à nossa volta, falando e se

retirando, mas eu mal as ouvia. Mika e eu continuávamos paradas, Orianne ainda no colo de Mika — as três princesas, o que antes era um triângulo, e agora se rompera.

Capítulo Vinte e Quatro

Quando tudo acabou, fui para casa ver Philantha.

Eles teriam me acomodado no palácio, preparado uma ala inteira para mim, se eu pedisse, mas senti que não seria certo ficar. Queria ter certeza de que o curador tinha ido cuidar de Philantha, explicar à minha professora o que havia acontecido. Além do mais, na confusão que seguiu à quase coroação, só algumas pessoas realmente notaram que eu havia me retirado. A Rainha, que segurou minha mão enquanto falava. Mika, que se afastou dos magos, nobres e conselheiros para se colocar na minha frente.

— Não disse que ia me enfeitiçar — ela resmungou.

— Eu não sabia que ia. Não sabia que era capaz disso, até acontecer.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Magia poderosa, para alguém que hoje de manhã mal conseguia nos disfarçar.

Dei de ombros cansada. Depois de dedicar tanta energia à magia, eu sentia que poderia cair a qualquer momento.

— Estava em mim. Aquela porção da sua alma. Então, *era* eu. E isso significa que, em alguns sentidos, você é... — Engoli em seco. — Você e Orianne, vocês duas também eram eu. Éramos todas a mesma coisa. Teria sido quase impossível para qualquer outra pessoa, qualquer um além de Melaina e Neomar. Mas é sempre mais fácil trabalhar um encantamento em você mesma. E eu pensei, bem, pensei que não tinha nada a perder.

Nós duas nos encaramos, evitando deliberadamente olhar para a plataforma sobre a qual Orianne havia caído. Nenhuma de nós disse que eu estava enganada, que, sim, tinha algo a perder.

— Eu vou procurar você — ela disse antes de ser chamada. — Não pense que não vou.

Ninguém mais me viu sair. Só Kiernan, que me abraçou com força e em silêncio, e depois me soltou. Ele sempre soubera de que eu precisava, mais até do que eu.

De volta à casa de Philantha, eu a encontrei na cama, coberta de bálsamos curativos e encantamentos. Gemalind havia recebido tratamento semelhante, porém menos intensivo, e relatava os acontecimentos para as criadas e o mordomo, que tinham voltado para casa. Vi como as duas estavam, disse ao mordomo para alertar os guardas da cidade sobre a presença de dois bandidos que ainda podiam estar vigiando a casa, e fui para a cama.

Um dia passou. Dois. Vários. Ninguém do palácio foi me procurar. Eu havia contado a história, dera a eles as genealogias e a confissão do oráculo que levava no bolso, e disse onde deviam procurar para encontrar mais evidências. Não que alguém realmente sentisse que era necessário procurar, não depois do que havia acontecido. Depois alguém havia falado sobre recompensas por meu serviço, mas eu apenas balançara a cabeça. Era como aceitar dinheiro sujo de sangue, e eu havia sentido gosto de sangue em quantidade suficiente para durar até o fim da vida.

Philantha, coerente com sua teimosia, levantou-se no segundo dia e, enrolada em cobertas em uma das cadeiras do estúdio, supervisionou a limpeza do lugar. Ela farejou o ar ao me ver, depois sorriu.

— Alguma coisa mudou — disse. — Eu sinto, e nunca me engano com essas coisas, você sabe.

— Eu sei — respondi com um sorriso contido. — E mudou.

— Bom — foi tudo que ela disse. Depois me fez ajudar na limpeza do estúdio com magia, não com minhas mãos.

Ela estava certa. Alguma coisa havia mudado. Eu me sentia... mais solta, mais à vontade comigo mesma. A magia que tentara sufocar por tanto tempo, só

para deixá-la sair descontroladamente, parecia ter se acomodado dentro de mim. Estava lá, e às vezes insistia em ser usada, mas era mais pacífica. Ou talvez eu estivesse mais tranquila, pelo menos com relação a isso. Não sentia mais medo antes de começar um encantamento; apenas tentava, e se funcionava, ótimo, se não, pelo menos nada explodia. O controle que antes buscava agora eu havia trocado por uma espécie de união, uma aceitação entre mim e a magia.

Mas outras coisas não eram tão fáceis.

Eu passava muito tempo vagando pela cidade. Durante dias, só se falava do que tinha acontecido na coroação, embora cada vez menos os relatos coincidissem com a verdade do que realmente aconteceu. As pessoas também comentavam o que acontecera depois, e essa parte eu ouvia com algum ceticismo. Algumas coisas, porém, eu sabia serem verdadeiras.

Orianne foi sepultada na tumba dos Harandron em Saremarch. Afinal, ela tinha sido filha do Barão, e fora inocente nisso tudo, apesar da mãe. O cortejo que acompanhara o corpo fora despachado pela Rainha e pela nova princesa, que ficara nos portões do palácio até ele não poder mais ser visto ao longe.

Melaina havia sido enterrada em uma encosta de colina fora da cidade, um local chamado Fim do Traidor. Ninguém além do coveiro a vira ser baixada à terra.

A faculdade de magia vivia um momento de tumulto, aparentemente, porque um de seus membros se voltara com tamanha violência contra a coroa. Felizmente, eles já tinham um líder. A febre que havia acometido Neomar cederia no dia da coroação, e ele voltara, mais fraco, mas ainda lúcido, e retomara seus deveres.

Ouvi histórias sobre mim, também. Dessa vez, meu nome não desaparecera em uma lembrança distante, mantendo-se claro na cabeça das pessoas. Eu era descrita como uma jovem inteligente, corajosa, altruísta e até bonita. Com sorte, com essas palavras circulando por ali, ninguém prestaria atenção a uma escriba perambulando pelas ruas de Vivaskari a qualquer hora.

Eu tinha muito em que pensar.

Tinha valido a pena? Em pé do lado de fora do palácio, eu pensava parada exatamente naquele ponto onde, caso Mika decidisse escapar, uma porta se abriria para ela. Háviamos triunfado, sim, mas a que preço? Philantha mancaria pelo resto de sua vida, porque eu havia sido arrogante demais para contar a ela o que sabia, e Gemalind ainda se assustava quando alguém entrava de repente na cozinha. A casa de Harandron caíra sem herdeiro para assumir seu comando. O Rei tinha morrido prematuramente, deixando a Rainha sozinha e, se os boatos tinham fundamento, frágil.

Orianne morrera, exatamente como o oráculo profetizara.

Abria mão da própria vida, eu tentava me convencer enquanto andava pelas ruas ou praticava os encantamentos com Philantha. Naquela fração de segundo, ela havia escolhido. Dizia isso a mim mesma, mas era inútil. Ela havia sido bondosa, generosa, e não tinha conhecimento dos mecanismos que ordenavam sua vida. Como Kiernan havia dito certa vez, ela teria sido uma boa Rainha. Mas não tinha direito ao trono.

Sem mim, ela ainda estaria viva.

Esse era um peso que tornava meus passos mais lentos, um pensamento que me atormentava quando eu tentava dormir à noite. Quando pensava na profecia do oráculo, de alguma forma, eu sempre havia deduzido que eu morreria, ou Mika. Havia considerado Orianne apenas como uma possibilidade remota. Mas ela pagara o preço dos eventos que desencadeei.

As coisas teriam sido diferentes se eu tivesse agido de outra forma? Se houvesse contado a alguém, como Kiernan queria que eu fizesse? Philantha teria estado preparada para o ataque? Os magos e curadores que cuidavam do Rei teriam percebido que a febre havia sido provocada por magia e teriam conseguido salvá-lo? Orianne estaria viva? Eu não sabia, jamais saberia. Talvez tudo tivesse acontecido como tinha que acontecer, talvez não. De qualquer maneira, dizia a mim mesma, eu havia ajudado a desencadear todos esses acontecimentos, e eu tinha que aceitar as consequências dos meus atos.

Mas valera a pena? Eu não tinha certeza.

Estava sentada no jardim no dia em que ela apareceu, molhando os dedos na pequena fonte. Era um dia claro, e eu estava quase decidindo entrar quando o portão dos fundos se abriu e Mika passou por ele.

— Eu disse que viria procurá-la — ela falou diante do meu olhar surpreso.
— Pensou que eu esqueceria?

Mika sentou-se ao meu lado na beirada da fonte. Ela usava um vestido longo de um tom escuro de verde, e os cabelos pareciam ter sido presos com precisão no alto da cabeça aquela manhã. Mas ela puxava com insistência a gola do vestido, afastando-a da pele, e várias mechas de cabelo haviam se soltado em torno do rosto. Os olhos se moveram de um lado para o outro algumas vezes, analisando o jardim, ainda os de uma raposa.

— Eles me chamam de Nalia — ela falou finalmente. — Não consigo me acostumar com isso.

— Talvez não se acostume — respondi.

Ela deu de ombros.

— Pelo menos Kiernan não me chama assim. E eles têm tantas coisas que devo aprender, e tenho que aprender duas vezes depressa, como minha avó costumava dizer. Lugares e pessoas e tratados e... tudo. Durmo com essas coisas correndo dentro de minha cabeça.

— Tenho certeza de que vai conseguir aprender tudo — comecei, mas ela levantou a mão para me interromper.

— O que vai fazer, Sinda?

Eu olhei para ela confusa. — Como assim? Quando?

— Com sua vida. O que está planejando fazer?

Engoli em seco, sentindo um gosto estranho na boca.

— Eu... não sei, exatamente. Vou continuar aprendendo com Philantha. Quero ir visitar minha tia em Treb, ver se... se podemos nos entender melhor. Acho que vou... — hesitei insegura. Havia passado tanto tempo pensando em levar Mika ao trono que nunca pensara em nada além disso. Apesar de ter tido tempo para pensar em minha própria vida nos dias que seguiram à coroação abortada, minha cabeça estivera ocupada com outras coisas. Agora, porém, a realidade parecia me pressionar trazida pelas palavras de Mika. O que eu ia fazer, agora que não tinha mais um país para salvar? Agora que me conhecia um pouco mais, sabia do que era capaz. Minha vida, percebi, havia estagnado, como uma tela inacabada. Era como se eu ficasse diante dela com um pincel, sem saber para onde seguir. Atingira meu objetivo, completara minha empreitada, e não sabia o que fazer comigo mesma.

— Pensei que não devia ter um grande plano. O que é bom, porque preciso de você — Mika falou sem rodeios.

Não era o que eu esperava ouvir.

— O quê?

Ela me encarou, e uma linha de tensão surgiu entre suas sobrancelhas.

— Você sabe tudo, Sinda. Todas as coisas que eles querem que eu aprenda. Poderia ser minha... conselheira chefe. Poderia ir morar no palácio, ou ficar aqui, continuar aprendendo com Philantha. Seria bom ter alguém em quem eu confio. Eu só... — Por um momento vi desaparecer aquela expressão cautelosa que ela exibia sempre. Agora parecia jovem e assustada. — Eles me chamam de princesa, querem me coroar Rainha em breve — ela respirou fundo — bem, grande parte deles. Outros ficam brincando com os meus modos e cochichando sobre se estou ou não pronta. Eu acho que eles não têm certeza se alguém que cresceu numa casinha na floresta, como eu, poderá ser realmente uma Rainha.

Eu olhei para ela surpresa. Mesmo depois de tudo que tinham passado, ainda não era suficiente para os nobres? Quem mais eles imaginavam que seria boa suficiente para a função? Eu perguntei confusa: — Seus parentes mais próximos são dois primos, o que significa que eles também têm uma

reivindicação para a corte. Seria uma loucura se você tivesse que escolher entre eles e a corte, não seja ridícula. Você é a verdadeira princesa!

Mika levantou os ombros em dúvida. — É o que a Rainha, quero dizer, o que a minha mãe vive dizendo. Que eles virão atrás de mim, porque eu sou a verdadeira princesa e futura Rainha. Honestamente, não me sinto dessa forma, mas talvez eu pense, um dia, se você me ajudar.

— E depois? — perguntei com tristeza. — Não vai precisar de mim para sempre. Então, eu ainda estarei aqui, sem um plano.

Uma expressão astuta passou por seu rosto.

— Estive pensando. É como falávamos na estrada. Tem alguma coisa errada aqui em Thorvaldor, por baixo de todas as coisas que são certas. Muitas pessoas que não têm a menor chance de mudar de vida. Pessoas como minha avó, e nós. E estive pensando que isso, talvez, tudo isso, bem, talvez tenha acontecido para eu saber dessas coisas. Porque eu não saberia de nada, se houvesse crescido como princesa. Talvez tenha acontecido para eu poder começar a mudar essa situação. — Ela olhou para mim, o rosto dividido entre uma atitude defensiva e a honestidade da pergunta. — Acha que isso é tolice? Que estou só tentando dar algum sentido ao que aconteceu?

O Deus não se importa com coisas mundanas como tronos e quem se senta neles. As palavras do oráculo dançavam no fundo de minha garganta, mas ficaram presas ali. Talvez, pela primeira vez, o Deus houvesse se importado um pouco, pelo menos.

— Não — respondi, como já havia falado na estrada. — Não acho que é tolice.

Mika suspirou como se um fardo fosse tirado de cima de seus ombros, depois disse:

— Enfim, estive pensando nisso. Quanto ao futuro, quando eu souber o que devo saber, imagino que deve haver mais gente como você. Pessoas pobres demais para serem aceitas na faculdade de magia, mas dotadas dessa magia.

Elas precisam de uma escola. E é claro que é preciso alguém para dirigir essa escola. Se aprender o suficiente com Philantha...

Um sorriso se espalhava por meu rosto. *Sim*, uma voz sussurrou dentro de mim. Eu não sabia se era minha ou de outra pessoa. Olhei para Mika, que olhava para um ponto distante contemplando o futuro que se desenhava dentro de sua cabeça.

O preço havia sido alto, e mais alto ainda para algumas pessoas além de mim. Mas, olhando para Mika, eu tinha certeza de uma coisa.

Independentemente do custo, eu havia feito a escolha certa.

— Tudo bem — respondi. — Aceito.

Mika sorriu para mim e se levantou.

— Ótimo. Agora tenho que ir. Tive que ameaçar rebaixar os guardas para eles me deixarem passar sozinha pelos portões. Você vai amanhã, então?

Senti uma leve vertigem. Estranho como as coisas podiam mudar rapidamente. Naquela manhã eu estava em conflito, insegura sobre o que fazer. Mas agora tinha um caminho, um jeito de colocar em prática o que eu havia sido treinada para fazer, ajudar Thorvaldor.

— Posso ir agora — respondi. — Philantha não vai precisar de mim. Posso contar a ela sobre nossa conversa e...

Mas Mika balançou a cabeça.

— Não. Você tem outra coisa para fazer agora.

Eu também balancei a minha cabeça, perplexa.

— Não, não tenho.

Mika olhava para mim com uma expressão que dizia que, apesar de saber tudo que uma princesa tinha que saber, eu era bem estúpida.

— Ele está esperando por você — a princesa falou.

Meu coração deu um pulo.

— Kiernan?

— Quem mais? — Mika bufou.

Pensava nele constantemente; ele invadia cada pensamento, até minha tristeza pela morte de Orianne. Mas não o vira mais desde a coroação. Talvez eu tivesse acertado, havia começado a pensar quando ele nunca mais fora me procurar na casa de Philantha: ele havia desistido de mim.

— Ainda está preocupada com o que os pais dele vão pensar? Você agora é a conselheira chefe da princesa — Mika lembrou. — Pode manter a cabeça erguida em qualquer salão do país. Mas se está preocupada com isso, suponho que possa lhe dar um título...

Eu ri sem querer, balançando a cabeça.

— Não, não... — falei, e depois prossegui com mais seriedade. — Acho que não estou mais preocupada com isso. Salvei o país, não foi? Certamente, isso conta para alguma coisa. — Mas a dúvida retornou. — Mas ele não veio me procurar — lembrei chorosa.

Mika segurou o portão como se fosse sair, mas se virou e suspirou.

— Ele está deixando a decisão em suas mãos, porque só assim vai realmente deixá-lo entrar. Dessa vez, você vai ter que ir procurá-lo — disse.

Eu o encontrei, com uma dica de Mika, nos jardins onde nos vimos quando voltei à cidade pela primeira vez.

— Ele vai lá todos os dias — a princesa havia contado. — Fica esperando.

Kiernan estava de costas para mim, como se apreciasse um canteiro de flores particularmente elaborado. Mas não se moveu quando meus passos fizeram barulho sobre o cascalho do solo, e percebi que ele nem estava vendo as

flores.

Mesmo assim, Kiernan não se assustou quando bati em seu ombro e falei:

— Estou aqui.

Ele se virou devagar, com um braço tremendo como se quisesse me abraçar. Mas não se moveu.

— Lamento que tenha demorado tanto — falei. — Mas tinha muito em que pensar, e eu não, não sabia...

Kiernan esperava em silêncio.

Soprei o ar com impaciência.

— Ela me fez sua conselheira, você sabe. Vou ajudá-la a aprender como ser Rainha, serei a voz cochichando conselhos de trás do trono. E depois ela vai me ajudar a abrir uma escola de magia.

Ele apenas olhava para mim, não me ajudava em nada.

Franzi a testa, movendo o peso do corpo de um pé para o outro sem sair do lugar. Houve um tempo em que teria cedido às preocupações que me atormentavam desde aquele primeiro beijo. Que ele podia me amar naquele tempo, mas havia decidido que era complicado demais. Que estava muito zangado com o feitiço que eu havia lançado, por isso não me perdoaria. Que nossas posições eram muito diferentes, por isso sua família nunca permitiria nossa união. Poderia ter hesitado e sucumbido à dúvida que me incomodava enquanto ele me olhava daquele jeito implacável. Podia ter ficado vermelha e ido embora, em vez de permanecer firme diante dele. Podia ter sido assim no passado, quando eu deixara minha vida para trás sem lutar. Mas não agora. Agora eu era mais forte, mais corajosa. Havia enfrentado meus piores medos, e sobrevivido a eles.

— Então, acho que seus pais deviam deixar você casar comigo. Não agora, porque tenho muito que fazer com Mika, Philantha e a magia, mas um dia. Um dia não muito distante. Eu salvei Thorvaldor, afinal, e espero que Mika me

recompense bem por meus anos de conhecimento. Ela até ameaçou me dar um título. Seria bem típico dela querer esfregar minha condição de plebeia na cara de todo mundo. E acho que, se eles tiverem alguma objeção, você deveria simplesmente...

— Romper com eles? — Kiernan me interrompeu. Tentava ficar sério, mas um canto de sua boca se erguia.

— Bem, sim — confirmei.

— Já rompi.

Eu o encarei boquiaberta.

— Ou ameacei romper, pelo menos, se eles não me dessem sua bênção. — Uma linha fina surgiu entre suas sobrancelhas, e o sorriso perdeu um pouco da luminosidade. — Creio que eles sabiam que isso ia acontecer, mas nem por isso meu pai ficou mais feliz. Ele gritou muito sobre dever, e por um momento cheguei a pensar que teria que cumprir a ameaça.

A linha se aprofundou, e ele desviou os olhos dos meus.

— Aquilo foi assustador. Era minha escolha... É minha escolha, mas, na prática, teria sido muito difícil. Você não é a única pessoa que foi treinada para fazer uma coisa só; acho que não sei ser outra coisa além de futuro Conde de Rithia. Eu continuava dizendo a mim mesmo que podia ir em frente, ser outra coisa se eles me deserdassem, mas não queria romper com eles. Teria rompido, mas não era o que eu queria.

Meu coração ficou apertado quando vi a tensão em torno de seus olhos.

De repente o sorriso distendeu seus lábios outra vez.

— Mas então meu pai começou a pensar nas vantagens de me casar com alguém que prestara tão grande serviço à futura Rainha. E depois disso, ele me deu sua bênção com alegria.

Balancei a cabeça como se quisesse me livrar da confusão. Havia ido até

ali justamente para pedir isso a ele, mas ouvir a história contada em voz alta era como viver um sonho.

— Disse a eles que quer se casar comigo? De verdade? — perguntei.

Agora o sorriso dominava toda sua boca.

— Já disse antes: me encantei com você antes mesmo de saber que tinha magia, antes de salvar o reino, em um tempo quando não havia a menor oportunidade de permitirem nosso casamento. Nada mudou desde então, exceto que agora os filhos que teremos podem ser magos também, e nesse caso eu serei vencido pelos números. Então, sim, eu quero me casar com você. Algum dia. Se você me quiser — ele disse com modéstia.

— É claro que quero, seu idiota — gritei, e me atirei nos braços dele. Mas algumas coisas nunca mudam, mesmo que você salve alguns países. No último momento, tropecei e nós dois caímos rindo, enroscados um no outro. Isso não me impediu de beijá-lo, um beijo tão longo que nós dois estávamos sem ar quando acabou.

— Então, como devo chamar você agora? — ele perguntou quando recuperamos o fôlego. — Salvadora de Thorvaldor? Futura Mestre de Magia? Conselheira Chefe de Palavras Sábias? Meu único amor?

— Sinda — respondi, sem nenhuma nota emprestada por velhas lembranças, perda ou pesar. — Apenas Sinda. Embora goste muito da última sugestão.

Kiernan prendeu uma mecha de cabelos atrás de minha orelha.

— Acho que também gosto mais de Sinda — ele disse.

Nós levantamos e, ainda rindo, limpamos grama e gravetos das roupas. Depois, abraçados, começamos a caminhar para a casa de Philantha para contar a ela que a escriba tinha um novo emprego e havia ficado noiva, tudo na mesma tarde. Olhei para a colina uma vez, para o palácio, e depois me virei. Iria até lá amanhã, mas agora isso não tinha importância. Hoje eu só precisava caminhar

com Kiernan, visitar Philantha, finalmente ser só eu mesma.

Pela primeira vez, isso era o suficiente.